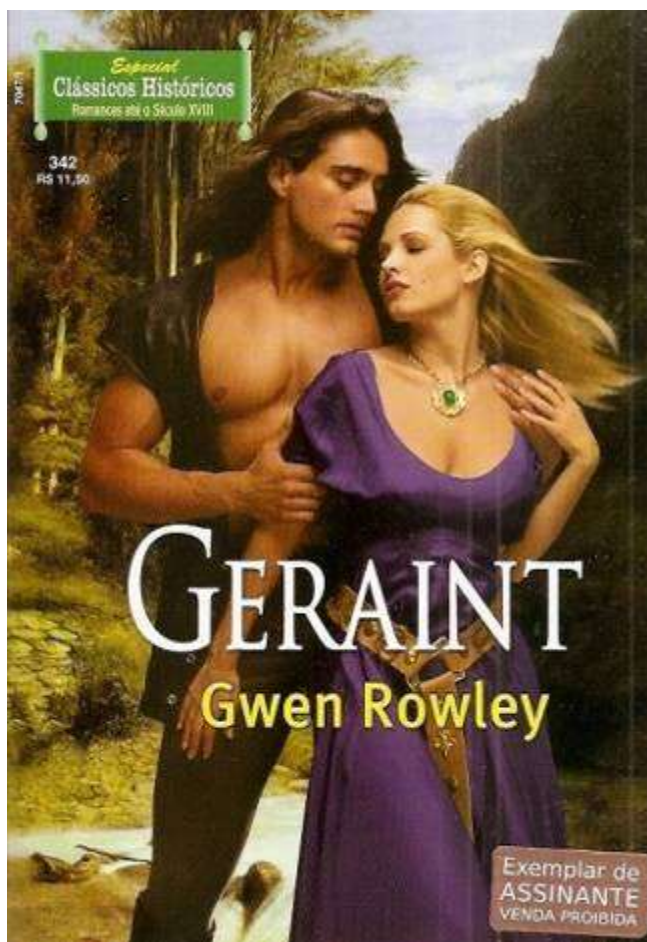


GERAINT

Knights of the Round Table – Geraint

GWEN ROWLEY



2º livro da série "Os Cavaleiros da Távola Redonda"

"Bênção ou maldição?..."

Acostumado às damas submissas de Camelot, Geraint, a princípio, se vê encantado, e também desconfiado, de sua noiva, uma guerreira forte e independente, dotada de poderes mágicos que lhe foram concedidos pela Dama do Lago. Enid foi a Camelot para aprender secretamente as técnicas de combate que podem ajudar seu pequeno e pacífico clã a resistir a uma provável invasão. Quando se dá conta de que Geraint não confia nela, Enid fica dividida entre a sólida lealdade a seu povo e o amor intenso que sente pelo marido, e que nenhuma magia tem o poder de curar.

Temendo que Enid o esteja enganando, Geraint a leva numa perigosa viagem, que servirá não só para testar os verdadeiros sentimentos dela, como também para determinar se as diferenças que os atraíram se fundirão num amor verdadeiro e duradouro, ou se irão separá-los e provocar uma guerra entre os dois reinos...

Digitalização e Revisão:
Crysty





Querida leitora,

Quando sir Geraint, o príncipe da Cornualha, decide se casar por impulso com a bela Enid, ele desconhece muitas coisas a respeito dela, mas se encanta com a perspectiva de passar a vida descobrindo o que não sabe. Ele não imaginava, porém, que a esposa guerreira guardasse tantos segredos. Em uma jornada pelo reino, durante a qual enfrentam as mais diversas situações, precisam descobrir se o amor que sentem um pelo outro é forte o suficiente para superar as diferenças e as desconfianças...

Leonice Pompônio Editora

Copyright ©2007 by Berkley Publishing Group
Originalmente publicado em 2007 pela Penguin Group Inc.
PUBLICADO SOB ACORDO COM PENGUIN GROUP INC.
NY,NY-USA

Todos os direitos reservados.
Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: KNIGHTS OF THE ROUND TABLE - GERAINT

EDITORA Leonice Pomponio

ASSISTENTES EDITORIAIS

Patrícia Chaves

Vânia Canto Buchala

EDIÇÃO/TEXTO

Tradução: Gabriela Machado

Copidesque: Paula Rotta

Revisão: Patrícia Chaves

ARTE Mônica Maldonado

MARKETING/COMERCIAL Andréa Riccelli

PRODUÇÃO GRÁFICA Sônia Sassi

PAGINAÇÃO Ana Beatriz Pádua

Copyright © 2009 Editora Nova Cultural Ltda.
Rua Paes Leme, 524 — 10º andar — CEP 05424-010 — São Paulo — SP
www.novacultural.com.br

Impressão e acabamento: RR Donnelley

PRÓLOGO

A Cerimônia da Revelação fora marcada para uma noite de lua cheia. Enid passara dois meses treinando, estudando e antecipando aquele momento. Nem todos os que solicitavam a tutela da Dama do Lago tinham seu desejo atendido. Mas ela fora escolhida para representar a tribo Donella, e o destino que a aguardava devia ter convencido a Dama.

Sozinha, Enid parou à beira do lago que refletia a lua como um segundo olhar prateado dentro da noite. Viu a Dama à distância, caminhando até ela, usando uma túnica branca igual à dela, embora a da Dama brilhasse com uma luz sobrenatural. Seu rosto era belo e não traía a idade. A bruma subia do lago à sua esteira, rastejando para a praia, enroscando-se em seus tornozelos, movendo-se até Enid.

O coração de Enid batia tão alto que ela surpreendeu-se de não ouvir um eco em resposta. A boca estava seca. E se ela fosse considerada sem valor? E se todos os seus esforços ali fossem para nada? Como poderia retornar à sua tribo, a seu pai, o chefe tribal, e lhe dizer que seu plano para fortalecer a defesa de sua gente não funcionara? Ele ouvira rumores de que um dos reis da Britânia se mostrava impaciente com as próprias fronteiras. A tribo Donella temia ser engolfada por um inimigo mais forte e maior.

Enid não poderia deixar isso acontecer. Ela, uma guerreira treinada, escolhera aprender as técnicas secretas de luta dos cavaleiros montados e levar o conhecimento para casa. Ela tornaria sua tribo forte, para que ninguém ousasse atacá-los. Porém, para fazer isso, precisava de proteção no mundo nada familiar dos homens e das armas. A Dama do Lago se dignara a ponderar sobre essa ajuda.

A Cerimônia da Revelação seria sua resposta.

A Dama se aproximou, e a neblina avançou ao encontro de Enid. Era fria e úmida a seus pés, mas formigava com um poder que não era natural. A graciosidade da Dama fazia com que ela parecesse flutuar, e o efeito era impressionante.

— Enid de Donella — disse a Dama.

Embora falasse com suavidade, sua voz ressoou com um novo eco, e Enid encolheu-se.

— Sim, milady.

— Passei esses muitos meses familiarizando-me com você, analisando sua posição como guerreira e sua habilidade inata de transmitir coragem a um jovem apenas com seu toque. Observei seu trabalho; soube de seu desespero para ajudar sua tribo. Ponderei como poderia ajudá-la e me decidi por esses dons de magia.

Enid não conseguiu reprimir um arquejo de alívio e empolgação. Fora considerada de valor!

— Você estará entre estranhos, lá fora no mundo. Minha primeira dádiva é o realce da beleza para que todos a achem agradável e nem um pouco ameaçadora.

Enid tentou não franzir a testa. Nunca se imaginara desagradável.

— Minha segunda dádiva é a força de dez homens para ajudá-la em combate. Nos meses vindouros, eu lhe ensinarei o uso, e não o abuso, disso. E a terceira, você será

capaz de sentir a presença da magia, para ajudá-la a se defender dela. Use-a com sabedoria. Não lhe concederei poderes para *enfrentar* a magia, o que é uma importante diferença.

Enid concordou como se compreendesse, embora não estivesse de todo certa. Porém, era para isso que os próximos meses serviriam: para aprender como usar seus dons mágicos.

— Por último, eu lhe ensinarei a habilidade de desaparecer nas sombras, para ocultar-se de seu inimigo. Isso não é uma ferramenta a ser usada em batalha, mas quando a descrição é exigida. Lembre-se de que o uso dessa magia não é infundável. Esses dons lhe são concedidos por um curto período de tempo apenas, e devem ser restaurados sob a lua a cada três noites. Eu lhe ensinarei o ritual com o tempo, mas hoje eu o realizarei com você. Dê-me sua mão.

Ela obedeceu e, para seu espanto, a Dama surgiu com um punhal curvo. Sem lhe dar tempo para reagir, fez um pequeno corte em seu polegar, de onde o sangue começou a pingar.

— Estenda-o sobre a água — a Dama ordenou.

Enid virou-se para o lago enlustrado, mas era difícil enxergar onde ficava a margem, com a bruma a pairar sobre seus pés. Deu vários passos até que seus dedos tocaram a umidade e, então, estendeu a mão sangrando à frente. Conforme o sangue desaparecia dentro da névoa, a Dama começou a entoar palavras que Enid não conseguia ouvir direito. Uma ventania chegou inesperadamente, rodopiando em torno dela, fazendo-a oscilar.

— Pise na água.

De novo, ela obedeceu, e então arquejou com o poder que subiu por seu corpo, crepitando através de seus braços de repente levantados; um arco desferiu um raio que se estendeu entre ela e a lua cheia. A luz amorteceu, mas ainda parecia existir dentro dela, o poder secreto zumbindo através de seu corpo, transformando-a. Sua pele dava a impressão de ter ganhado vida, seus sentidos se amplificaram, seus músculos tornaram-se mais alertas do que algum dia ela os sentira. Parecia ter o poder de cruzar a nado o lago inteiro ou de escalar altas montanhas.

A última lufada de vento desapareceu, a bruma recuou, e o brilho dos trajes da Dama embotou-se. Então, ali estavam simplesmente Enid e sua mestra.

A Dama esfregou as mãos.

— Você tem muito a aprender antes que eu possa permitir que adentre o mundo com esses dons magníficos. Podemos começar?

CAPÍTULO I

A espada da mulher cortou o ar num arco, refletindo o sol ao descer para desviar a arma do oponente. Sir Geraint, príncipe da Cornualha, observava a luta do lombo de seu

cavalo, escondido pelas árvores, relutante em distrair os combatentes. A mulher era mais alta do que qualquer outra que ele já vira, e tinha membros longos e firmes, com músculos elásticos. Usava um gibão de couro sem mangas que a cobria até a metade das coxas. Os cabelos loiros estavam puxados para trás; o olhar, focado no adversário. Geraint não conseguia tirar os olhos dela, tão absorto estava com a graça dos movimentos, o poder das estocadas, a perícia implícita em cada giro do corpo.

O homem contra quem lutava era, sem dúvida, um rufião que, em pânico, agitava a espada conforme ela o empurrava pela clareira ensolarada rumo à beira do bosque. Quando ela poderia tê-lo matado, apenas provocou-lhe um galo na testa e o empurrou para dentro da floresta.

Ela ficou imóvel, com a respiração normal, mesmo depois do esforço. Sangue escorria de seu braço. Olhou para o corte de maneira impassível e depois deu de ombros.

Antes que Geraint pudesse mover-se para ajudá-la, ouviu o estalar de arbustos e viu outro cavalo saltar um tronco caído e aterrissar na clareira, a poucos passos dela. Um patife ergueu a espada, desta vez ao alto, da sela, como se enfrentar uma mulher já não fosse uma desonra.

Enterrando os calcanhares nos flancos do cavalo, Geraint surgiu da cobertura das árvores e viu a mulher recuar, como se avaliando a ambos. Sua expressão era feroz, desafiadora; ela acreditava que poderia vencer. Fez com que ele acreditasse também, e a admiração que sentia aumentou.

Ele investiu contra o inimigo. O homem não usava armadura, nem cota de malha acolchoada, como ele, para proteger o peito, mas lutava com bravura. Com apenas a pressão dos joelhos e calcanhares, Geraint guiou o cavalo numa dança em torno do oponente, ficando com as mãos livres para absorver as investidas com o escudo e empunhar a espada poderosa.

Tentando evitar um golpe, o adversário saltou do lombo do animal. Sem se deter, deu uma cambalhota para trás e saiu correndo para dentro da floresta. O cavalo, após empinar e relinchar, galopou numa direção diferente.

Geraint virou-se na sela e, para seu alívio, a desconhecida ainda estava lá. Exibia um sorriso de aprovação que, de repente, fez seu coração cantar. Deus do céu, apenas a visão daquela mulher o estava transformando em um poeta!

Desmontou, embainhou a espada e foi se postar diante dela. A maioria das mulheres mal chegava a seus ombros, mas aquela deusa loira ficava à altura de seus olhos. Uma emoção estranha o percorreu, ao se imaginar cobrindo aquele corpo longo com o seu...

E então se arrependeu dos pensamentos nem um pouco cavalheirescos. Ela era uma dama que precisava de proteção, embora fosse óbvio que se vira forçada a aprender a se proteger. Estava sozinha no mundo. O que lhe acontecera para que tivesse de aprender a arte da guerra?

Quando ela sorriu com aqueles dentes brancos e saudáveis entre os lábios cheios e rosados, foi como se o sol ardesse com mais intensidade.

— Uma boa tarde, gentil senhor — ela o cumprimentou. — Meus agradecimentos por sua ajuda.

Geraint estendeu o braço para tomar-lhe a mão e, embora ela se empertigasse com evidente suspeita, deixou que ele a erguesse até os lábios.

— Meiga dama, ajudá-la é o auge da minha vida.

— Então deve ter uma vida despojada — ela disse, com suavidade e um toque de bom humor na voz melodiosa. — Devo admitir que eu o tomei por um terceiro inimigo.

— E estava pronta para matar a nós dois, embora estivéssemos montados, e você, no chão.

— Ainda estou pronta, caso o senhor se mostre uma fraude. — Ela apontou a espada para o chão e apoiou-se no cabo.

Geraint levou a mão ao peito.

— Ah, enfrentá-la com uma espada me entristeceria profundamente. Há outros meios de um homem e uma mulher combaterem.

A jovem arqueou uma sobrancelha.

— Não poderíamos declarar uma trégua?

— Ah, uma trégua — ele murmurou, tomando-lhe com gentileza o pulso do braço machucado e virando o talho para o sol. — Está ferida. Devo cuidar de você.

O sorriso desapareceu, e a jovem puxou o braço para trás, embora Geraint não a soltasse.

— Não precisa...

— O sangue escorre, milady. Como eu poderia, em sã consciência, deixá-la adoecer?

O sorriso ressurgiu nos lábios rosados da desconhecida, e Geraint experimentou um profundo alívio. Não queria separar-se dela; ainda não. Nunca antes ele se sentira atraído assim, fascinado pela mera presença de uma mulher, uma estranha diferente de qualquer outra que já conhecesse, dona de olhos azuis de um tom tão incomum como ela própria. Surpreendia-o conseguir formular um pensamento coerente.

Enid sentiu a respiração presa diante, do interesse que havia nos olhos daquele estranho. Os homens nunca a tinham olhado daquele jeito antes. Ela era uma guerreira, incumbida de treinar rapazes. Sempre fora um deles, conversando sobre estratégias de batalha e sobre como manter a espada polida e afiada. Com mulheres, a não ser com suas irmãs e sua mãe, ela era em geral desajeitada para falar. Porém, aquele homem, aquele cavaleiro a deixava sem fala de um modo diferente. A preocupação nos olhos dele era quase constrangedora. E aquele sorriso... Ela não conseguia desviar os olhos dele, daquelas feições bonitas, com um nariz ligeiramente curvo, malares esguios e o queixo largo e arredondado.

Porém, fora a perícia com a espada e a habilidade na equitação que a surpreendera e cativara. A capacidade de lutar cavalgando era justamente o que ela desejava levar de volta a seu povo. Será que o destino a conduzira até a resposta perfeita para seus problemas? Ah, se pelo menos enxergar dentro do coração dos homens fosse um dos presentes da Dama...

Ainda segurando seu pulso, Geraint conduziu-a até uma pedra à sombra. Enid riu quando ele limpou a superfície antes de deixar que ela se sentasse.

— Há um riacho aqui por perto? — ele perguntou.

— Sim. Logo atrás daquelas árvores.

O cavaleiro olhou para onde ela apontava.

— Voltarei num instante.

— Mas eu posso andar até lá.

— Pode ficar fraca com a falta de sangue.

— Já fiquei bem pior, sir... sir...

— Geraint.

— Sou Enid. Ele sorriu.

— Lady Enid, dê-me licença apenas por um momento. Ele voltou para o cavalo, que pastava na campina.

Pegou algo de uma sacola presa à sela, seguiu a indicação de Enid até o riacho e depois voltou com um pano molhado e alguma coisa que se assemelhava a barro na outra mão. Quando Enid tentou pegar o pano da mão dele, Geraint endereçou-lhe um olhar de desaprovação.

— Está do lado de trás de seu braço. Você não conseguirá enxergar.

Enid não protestou mais. Desfrutou da raridade de ter um homem cuidando dela, limpando com delicadeza o sangue de seu braço e depois aplicando o barro frio e úmido.

— Posso perguntar o que há nessa compressa?

— É um velho remédio cônico para assegurar uma recuperação saudável.

— Você é da Cornualha? — ela indagou, interessada. A região compartilhava uma fronteira com sua tribo, mas seus povos eram muitos diferentes, e o de Enid se mantinha segregado.

— Sim, embora eu também sirva ao rei Arthur.

— O rei supremo de Camelot?

Ele lhe endereçou um sorriso malicioso.

— Você fala como se pudesse haver outro.

— Oh, não, ouvi falar maravilhas do lugar, é claro, mas nunca estive lá.

— Eu mesmo estou seguindo para Camelot. Poderia acompanhá-la até lá... ou para qualquer outro lugar. — Geraint sentou-se nos calcanhares, soltando o braço de Enid. — A menos que você tenha apenas se separado de seu grupo.

— Não, viajo sozinha.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Uma mulher sozinha?

Ela sorriu.

— Acha que não posso me defender?

— Não é isso, mas estou preocupado que tenha de se defender com frequência.

— Estou viajando há vários dias, e esta foi a primeira tentativa de roubo.

— Provavelmente porque você parece tão feroz. Ela revelou os dentes num sorriso.

— E sou.

Geraint sorriu de volta e, por um instante, foi como se compartilhassem uma comunicação além das palavras. O espírito dele era como o seu, aventureiro. O fato de ele reconhecer isso nela e ainda julgá-la uma mulher que valia a pena cortejar era um afrodisíaco como Enid jamais experimentara.

— Está mesmo sozinha? — ele perguntou, de repente, já sem sorrir.

— Por certo.

— Eu poderia...

Ouviram o relinchar de outro cavalo e o som de mato se abrindo. A espada de Enid estava em sua mão e já se levantava, quando Geraint tocou-a no braço.

— Ele está comigo.

Mesmo quando o recém-chegado fez o cavalo estacar e desmontou, Enid disse a si mesma que, naquela hora, estava sozinha com dois cavaleiros bem armados. Contudo, sempre fora uma boa juíza de caráter, e não conseguia imaginar que sir Geraint pretendesse fazer-lhe mal.

Ou será que estava sendo inocente? Talvez um homem assim fosse ainda mais perigoso para ela.

O segundo cavaleiro era de meia-idade, com um farto bigode grisalho, que se torceu, divertido, quando ele os encarou.

— Sir Geraint, eu não sabia que nosso encontro havia se transformado em uma escapada romântica.

Enid sentiu que enrubescia, outra raridade em sua vida. Imaginar-se como amante de sir Geraint a levava a ter pensamentos quentes e sedutores.

Ele se levantou.

— A moça está sozinha.

— Ah, e você a estava resgatando... Pensei ter visto um ou dois homens fugindo apressados daqui.

— Ela não precisou do meu resgate — Geraint afirmou, olhando para Enid com ar divertido.

Não muitos homens teriam desistido com tanta facilidade do crédito por ajudá-la. Ele era seguro de si. Cada vez mais parecia um homem que poderia auxiliá-la... embora não pudesse saber disso. Ela não quebraria o juramento feito ao pai sobre o segredo de sua missão.

O segundo cavaleiro soltou um suspiro pesado.

— Estes velhos ossos não são mais o que costumavam ser. Agradeço que tenha me encontrado no meio do caminho.

— Sinto-me honrado. — Geraint virou-se para ela. — Sir Albern, permita que eu lhe apresente lady Enid.

Enid levantou-se, e sir Albern teve de erguer os olhos para ela. Porém, ele apenas sorriu e meneou a cabeça.

— Conto com você para conhecer gente incomum, sir Geraint. — Puxou um pergaminho enrolado da bolsa na cintura. — Aqui está o que veio buscar, rapaz. Mande ao rei supremo minhas saudações junto com esta missiva. — Relanceou os olhos para Enid. — Vou seguir meu caminho.

— Eu ia começar a montar acampamento, Albern — disse Geraint. — Não precisa sair com tanta pressa. Não quer comer e descansar durante a noite antes de retornar?

Quando o cavaleiro mais velho olhou-a de soslaio de novo, Enid ergueu a mão.

— Eu também preciso de sono.

Sir Albern trocou um olhar com sir Geraint, que deu de ombros e disse:

— Tenho certeza de que lady Enid não gostaria de compartilhar uma fogueira sozinha comigo.

Ela o encarou com um sorriso enviesado.

— Em troca de sua companhia, cavalheiros, vou providenciar o jantar.

Ambos pareceram assustados.

— Lady Enid — disse sir Albern —, por favor, não é conveniente que nos sirva de uma maneira tão prosaica. Eu me sentiria o mais baixo dos homens se permitisse...

Com um gesto de descaso, ela entrou na floresta, mas, para sua surpresa, sir Geraint alcançou-a antes que Enid desse outro passo.

— Lady Enid, está ferida. Permita-me...

— Se insiste em me ajudar, sir Geraint — ela o interrompeu —, vamos fazer disso uma disputa para animar nossa noite. Veremos quem volta com o jantar primeiro.

Geraint deu um passo para mais perto dela. As árvores os rodeavam; o sol se escondera entre nuvens. O momento tornou-se tão íntimo que fez Enid perceber que não sabia o que esperar daquele homem... e ela queria descobrir.

— E o prêmio? — ele murmurou.

Ele não a fitava nos olhos, mas na boca, como se quisesse beijá-la. Enid já beijara homens antes, mas sempre como meio de instrução. Nunca sentira paixão nesse ato. No entanto, talvez não fosse assim com sir Geraint.

Com um sorriso, ela se afastou.

— O prêmio é o direito de dormir mais perto do fogo. Que outro prêmio poderia ser tão desejável?

Ele estendeu o braço para tocá-la, mas Enid esquivou-se com uma risada e desapareceu na floresta.

Enid venceu a primeira disputa. Seu coelho fora despelado e estava num espeto antes mesmo que Geraint voltasse ao acampamento. E ele não conseguia desgrudar os olhos dela, sentada aos pés de Albern, ouvindo, encantada, as histórias de seus dias como cavaleiro sob as ordens de Uther Pendragon. Quando relanceou o olhar para Geraint, deu-lhe um sorriso maroto e apontou com a cabeça para o fogo. Ele fez uma mesura reverente e estendeu o coelho que caçara.

— Uma mísera oferenda — disse.

— E uma que chegou tarde — retrucou ela, com doçura.

Albern caiu na risada.

— A garota me contou da aposta. Parece que ela ganhou de você.

— Sim — Geraint concordou. Não se importava de perder para Enid, não quando ela parecia tão encantadora e orgulhosa de si mesma. Pela primeira vez, imaginou em que tipo de lugar fora criada uma mulher assim.

Quando os dois coelhos acabaram de assar, Geraint assumiu a incumbência de cortar os pedaços e distribuir as porções. Enid bebeu a cerveja de seu odre e elogiou-a; Geraint sentiu-se tão orgulhoso como se ele próprio a tivesse fabricado, em vez de ter sido preparada pelo cervejeiro de Camelot.

Por fim, o sol se pôs, e todos se acomodaram nas mantas diante da fogueira. Geraint lançou alguns olhares de soslaio para Enid. Banhada pela luz do fogo, ela parecia

distante como uma rainha. Ele sentiu que precisava conhecer tudo a respeito de sua vida e de sua família, embora algo lhe dissesse, no íntimo, que ela só contaria aquilo que quisesse que ele soubesse.

Será que conhecê-la estragaria a enorme atração que sentia por ela? Será que ele gostaria que Enid fosse do mundo real, ou preferia que fosse assim, misteriosa, diferente, cheia de força e sombras?

Ela o encarou.

— Sir Geraint, disse que serve ao rei Arthur, não? Albern ergueu a mão.

— Ele não é apenas um simples cavaleiro ao serviço do rei supremo, milady.

— Albern — Geraint disse, num tom de advertência. Enid fitou o velho cavaleiro com interesse.

— Milady, esse jovem é, ele próprio, um futuro rei. Seu pai é o rei de toda a Cornualha, e ele é o único filho.

Enid fitou-o de novo, e Geraint sentiu que ela o avaliava.

— Um príncipe entre outros cavaleiros — ela murmurou, com a voz neutra, sem indicar aprovação nem condenação. — No entanto, serve ao rei supremo.

— Não servimos todos? — indagou Geraint.

Ela não respondeu, o que Geraint julgou perturbador.

— Ele não serve apenas ao rei — Albern continuou. — Tornou-se um conselheiro confiável, um homem a quem o rei Arthur consulta sobre questões de diplomacia.

Geraint mal conseguiu deixar de fazer uma careta. Não queria que Enid formasse opiniões sobre ele por causa do que ele fazia, mas sim, de quem ele era. Sentia-se do mesmo jeito com relação a ela. Não importavam seus antecedentes ou sua família. Tudo o que importava era aquele interesse poderoso, aquela... atração.

Admitiu para si mesmo que a desejava. Ela não merecia sua lascívia, mas a inspirava. Era uma emoção crua e pecaminosa, um anseio de ser parte dela. Sentiu-se grato por Albern estar acampado com eles, pois receava a própria reação, caso ficasse sozinho com Enid durante a noite escura.

Embora Enid ouvisse as fanfarrices de sir Albern sobre os feitos de sir Geraint, observava disfarçadamente o príncipe.

Ele se mostrava muito constrangido ao ser elogiado, outro ponto a seu favor. Olhava só para o fogo, a não ser ao fazer unia careta ocasional quando as vanglorias de sir Albern o irritavam. Enid descobriu-se sorrindo diante de cada pestanejar, escondendo o ar divertido atrás da mão quando sir Geraint relanceava os olhos para ela, meio aflito, tentando mudar de assunto.

Por fim, ela resolveu ajudá-lo. E perguntou a sir Albert:

— Todos os diplomatas do rei Arthur são treinados como cavaleiros?

— Não, sir Geraint é um homem incomum — respondeu ele, endereçando ao pobre rapaz uma piscadela.

— Os cavaleiros são treinados em Camelot ou em seus próprios Estados?

O olhar de sir Geraint cravou-se nela tão depressa que Enid imaginou se ela se traía, ao mostrar um interesse demasiado. Porém, ele deixou que sir Albern continuasse falando.

— O treinamento deve continuar em todas as ocasiões — o homem explicou. — O pátio de exercícios de Camelot está cheio dos mais hábeis guerreiros da Britânia, preparando-se, caso a ameaça dos saxões se torne uma invasão.

A mente de Enid se acelerou. Camelot seria o local ideal para ela aprender as habilidades dos cavaleiros. Teria a Dama lhe concedido dons que ela desconhecia, como, talvez, a capacidade de encontrar a sorte a seu favor? Pois, certamente, conhecer sir Geraint não poderia ser apenas uma mera coincidência.

Contudo, aquele clima entre os dois tornaria as coisas difíceis. Pela primeira vez, ela se sentia atraída por um homem, e ele por ela. Como conciliaria a missão com o interesse pelo príncipe da Cornualha? Não deveria ceder a isso, não podia deixar-se distrair. Entretanto, ele poderia ser a chave para a própria sobrevivência de sua tribo.

Voltou-se para ele e descobriu-o observando-a com olhos do mesmo verde da floresta. Sustentou-lhe o olhar e disse a si mesma que seria ela a controlar aquela atração que compartilhavam. Mas, quando ele a devorou com os olhos, Enid sentiu que estremecia. Aquele seria um jogo perigoso.

— E onde fica o que chama de lar, lady Enid? — sir Albern indagou, de repente.

Ela se recompôs o suficiente para se lembrar da resposta decorada para tal pergunta.

— Sou de uma pequena tribo dos bosques bem ao sul daqui. Somos caçadores e agricultores.

— E as mulheres são guerreiras? — perguntou Geraint.

— Não. — Enid baixou os olhos, imaginando como se safaria da pergunta.

— Então você foi forçada a algo não destinado às mulheres?

Enid percebeu que ele estava zangado. O que será que ele estava pensando? Não poderia indagar; não sem se arriscar a mais perguntas. De súbito, parecia importante não ter de mentir para aquele homem.

Geraint lhe ofereceu outra porção de coelho com a mais gentil das atenções, e até soprou a comida quente antes de estendê-la. Em sua expressão, Enid só via tristeza agora.

Sir Albern olhou de um para outro e pareceu, por fim, ter esgotado as coisas a dizer. Desejou boa noite a ambos e enrolou-se na manta perto do fogo.

Enid e Geraint fitaram as chamas em silêncio por vários minutos. Ela se concentrou nos pios de uma coruja ao alto e no cricrilar dos grilos. Era um momento que valia a pena saborear. Então, sir Geraint quis saber:

— Para onde vai pela manhã?

— Não tenho lugar algum para ir.

Ao vê-lo contrair o maxilar, Enid conteve a respiração.

— Permita-me acompanhá-la a Camelot. Você terá todo o tempo de que precisar para resolver o que fazer a seguir.

Ela esboçou um sorriso trêmulo e sentiu-se mal por ter de fazer isso.

— Aceito sua oferta. Muito obrigada.

Ele sorriu de volta com um alívio que a surpreendeu.

— Durma agora, lady Enid. E confie que a protegerei.

E ela confiou.

Geraint ouviu a respiração de Enid tornar-se uniforme e percebeu o momento em que sua consciência deixou-a, e ela adormeceu. Sentiu-se envergonhado de que confiasse nele quando era evidente que tinha poucos motivos para confiar nos homens em sua vida. Quando limpou o ferimento, ele viu outras cicatrizes em seus braços, algumas esmaecidas, outras mais recentes. Sua família devia tê-la negligenciado, e pensar nisso o deixou ainda mais zangado. Imaginou se fora forçada a aprender a se defender porque a família não podia. Ou será que era realmente sozinha no mundo, apesar de alegar, ser membro de uma tribo distante? Ela precisava de proteção — da *sua* proteção. Gostaria de oferecer o braço de espada a ela. O fato de Enid ser forte dentro de suas possibilidades o fazia ter mais certeza ainda de que precisava dele. Ele a levaria a Camelot e lhe mostraria o que o mundo civilizado tinha a oferecer. Talvez ela ficasse. Talvez...

Dormiu imaginando as possibilidades.

Pela manhã, Albern os deixou, e Geraint observou Enid despedir-se dele com o respeito que obviamente fora ensinada a ter pelos mais velhos. Alguém incutira compaixão e gentileza numa mulher com um corpo de um guerreiro, tornando-a intrigante.

Mais que intrigante; o fato de ela ser tão diferente o fulminou mais uma vez. Conforme enchia os odres de água no riacho, Enid começou a despir-se a caminho da margem, serena, imperturbada de que ele a observasse. Estaria se oferecendo a ele? De joelhos, Geraint arquejou, sem conseguir falar, sem poder protestar, e sentiu-se o pior tipo de homem, tal qual os que tinham abusado dela.

Enid tirou o gibão por sobre a cabeça, ficando apenas com a camisa fina sem mangas, que pendia solta até as coxas, ondulando em dobras suaves pelos quadris. E, então, tirou-a também. Usava ceroulas, uma peça íntima masculina. E acima...

Geraint deixou cair o odre no riacho.

Os seios fartos reluziam ao sol da manhã. Quando Enid ergueu os braços para soltar os cabelos, ele mal conseguiu sufocar um gemido. A cascata dourada caiu pelos ombros e ocultou os seios de sua vista esfaimada.

Ela entrou na água, espalhando-a pelo corpo, a pele arrepiada. Geraint percebeu que ela tomava um banho matinal, e desapontou-se. Sua virilha, no entanto, certamente não se importara, pois pulsava com uma dor contínua e forte.

Porém, como poderia ficar desapontado quanto tinha uma visão tão gloriosa para contemplar? E que tribo era essa que permitia a homens e mulheres se banhar tão abertamente?

Quando a água chegou-lhe às coxas, Enid abaixou-se sob a superfície. Ao vê-la se erguer, Geraint engasgou, tentando engolir. Ela pegara um punhado de areia e agora a esfregava pelo corpo. Ele a observou enquanto ela se lavava, e conteve a respiração, boquiaberto, quando ela afundou para lavar as partes mais íntimas.

Por fim, ela virou-se para o raso, os cabelos molhados escorrendo pelos ombros. Geraint desviou os olhos, esforçando-se para alcançar o odre que começara a flutuar para longe. Pelo canto do olho, viu-a vestir uma camisa limpa sobre o corpo molhado. O tecido colou-se à pele, e Geraint arrepiou-se enquanto reunia toda força de vontade para não tomar o que parecia oferecido a ele.

Enid, porém, não era de seu povo, não sabia o que provocava nele. Ou sabia?

— Sir Geraint?

Ele relanceou os olhos por sobre o ombro. Enid amarrava os cabelos para trás, os braços erguidos, a camisa subindo tanto que ele podia ver a beirada das ceroulas.

— Você parece... chocado com meu banho — ela disse, hesitante, abaixando os braços. — Seu povo não se lava com frequência?

Ele soltou uma risada engasgada.

— Não, não é isso. Em meu reino, homens e mulheres em geral não se banham tão abertamente diante um do outro.

Os lábios de Enid se entreabriram de espanto.

— Eu me... envergonhei diante de você? — Ela apanhou o gibão e, na pressa, parecia não encontrar a abertura.

Geraint levantou-se e aproximou-se, tomando-lhe as mãos para firmá-las. Enid encarou-o, aflita, as gotas d'água escorrendo do cabelo.

— Você jamais se envergonharia diante de mim — ele disse, erguendo as mãos para empalmar-lhe o rosto.

Sabia que não deveria tê-la tocado, mas assim que o fez, estava perdido. A pele de Enid era macia como a mais fina seda. Geraint deixou o polegar escorregar por aqueles lábios. Estavam úmidos e trêmulos. As pálpebras bateram, e ela pendeu para a frente. Ele queria tomá-la nos braços, segurá-la bem próxima, protegê-la e mantê-la em segurança.

Em vez disso, inclinou-se e beijou-a de leve nos lábios. Ela arregalou os olhos, e ambos se encararam, as bocas separadas apenas por um suspiro.

— Impeça-me, Enid — ele murmurou, — Eu não deveria...

Ela, porém, passou a mão por trás de sua cabeça e puxou-o. Não beijava como uma donzela tímida; a boca se abriu para ele, e a língua se insinuava entre seus lábios com uma ousadia que o espantou e o excitou ao mesmo tempo. Com o corpo, ela o acariciava, colando-se contra ele até Geraint desejar desesperadamente estar sem roupa. Beijaram-se com avidez, as línguas se enroscando, grudados um ao outro até que Geraint precisou de cada fiapo de controle para não encontrar alívio apenas roçando-se contra ela. Interrompeu o beijo, arquejante.

— Ah, Enid, você é maravilhosa! Precisa casar-se comigo.

Ela riu, e Geraint soltou uma risada trêmula em resposta, ao se afastarem. Porém, o que o confundiu foi que, naquele momento, ele falara a sério. Queria passar a existência aprendendo tudo sobre ela, porque Enid seria uma aventura de uma vida inteira.

Lado a lado, Geraint e Enid seguiram a cavalo por uma estrada de terra rumo a Camelot. Enid não conseguia lembrar-se de ter passado um dia tão empolgante. Geraint tinha uma mente ágil e uma risada fácil. Embora soubesse muito sobre o mundo do qual ela ignorava tudo, não a fizera sentir-se menos inteligente. Compartilhara com ela o conhecimento com naturalidade, e era óbvio que apreciava aventuras incomuns.

O que, provavelmente, era a razão de tê-la beijado. Muitas vezes, durante o dia, a mente de Enid vagueara até aquele beijo, que tinha despertado nela uma ânsia que jamais experimentara. Ela conhecia as práticas da carne, mas não a experiência sensual de doar o coração e a alma a um homem.

Pela primeira vez, desejara compartilhar mais que apenas seu corpo. A idéia não a assustava, não era proibida, pelos costumes, de desfrutar dos prazeres físicos.

Sentia, contudo, que aquele relacionamento súbito e intenso com Geraint da Cornualha poderia ocultar perigos desconhecidos. Ele já falara em casamento. Embora

em tom de brincadeira, parecia alguma coisa estranha de se dizer a uma mulher que ele conheceria havia apenas um dia.

Assim, ela desviara a conversa para algo distante de seus sentimentos, o que não fora difícil, já que queria saber como era ser um cavaleiro treinado. Tinha muitas perguntas, e ele respondera a todas de boa vontade. Em troca, questionara-a sobre o próprio treinamento, sem perguntar, porém, *por que* ela aprendera a arte. Enid sentira-se, ao mesmo tempo, agradecida e curiosa.

Naquela noite, encontraram umas poucas árvores sob as quais acamparam em meio a um campo de vegetação rasteira. Enquanto a raposa assava num espeto sobre o fogo, os dois se sentaram lado a lado num incômodo silêncio. Assim que o sol desaparecera, a mesma intimidade os rodeara, e Enid descobriu que conseguia pensar em pouca coisa além daquele beijo. Tentou concentrar-se na lua, sentir seu chamado; tinha ainda outra noite antes de renovar seus dons.

Mas Geraint estava sempre observando-a. Quando ia colocar outra lenha no fogo, ele tomou-lhe a mão e fitou-a.

— Você é tão bonita — murmurou. Um rubor cobriu as faces de Enid.

— Não sou como suas mulheres, Geraint.

— Ficarà à vontade com elas, sei que ficará. Será a inveja de muitas. Seus olhos são como estrelas, cintilando na noite para mim.

Confusa, ela se percebeu pestanejando para ele, o que a fez sentir-se uma tola. Tentou afastar-se, mas ele a segurou pelos braços, escorregando as palmas ásperas até prender-lhe as mãos.

— Sua pele parece banhada na umidade da alvorada, de tão macia.

Enid mordeu o lábio e não tentou mais escapar. Geraint parecia tão sincero que ela sentiu o coração preso por suas palavras. Aquilo era amor? Poderia ela já ter se perdido para aquele homem?

Geraint esfregou suas mãos entre as dele, e depois virou as palmas para cima.

— Minhas mãos são ásperas como couro? — Enid indagou.

Geraint murmurou seu nome, baixou a cabeça e pousou a boca em sua palma. Ela sentiu uma estranha dor em seu íntimo diante da forma como aquele homem gentil a tratava.

— Eu afastaria toda a sua dor, se pudesse — ele sussurrou.

Pela primeira vez, Enid desejou não ter uma missão urgente, nada que a impedisse de desfrutar do prazer com Geraint. Porém, contanto que aprendesse os métodos de treinamento do povo dele durante os próximos meses, o que a impediria de gratificar-se com ele também?

Ergueu a mão de Geraint e levou-a até a face, beijando a palma, como ele fizera com a sua. De olhos fechados, deslizou a mão dele por seu pescoço, e mais abaixo, sobre os seios. As roupas os separavam, mas ela não se importou. Apertou-lhe a mão na sua e abriu os olhos para deparar-se com ele a fitá-la, tomado de espanto. As mulheres de onde ele vinha eram assim tão tímidas? Por um momento,

Enid arrependeu-se da ousadia, mas então se recordou de que era por ela que Geraint se sentia atraído.

Ele a puxou de repente, e Enid se viu sentada no colo dele, a montá-lo. As coxas de Geraint eram rijas sob suas nádegas, e ela podia sentir o calor do abdômen firme na

junção de suas pernas.

Os dois se fitaram, ambos arfando.

— Você me enfeitiçou. — As mãos dele tremiam na cintura de Enid, mas não foram mais longe.

— Eu não pretendia — ela respondeu.

Mas seria verdade? Seria isso parte dos dons da Dama? Não, o realce da beleza só a tornava agradável; claro que não mudaria os sentimentos que existiam entre ela e Geraint.

— Sua inocência é parte de seu poder, parte de seu charme.

Inocência? Ela sentiu uma ponta de pesar por não poder lhe oferecer isso; parecia que a pureza era algo que o povo de Geraint venerava.

— Nunca me diverti tanto como tenho me divertido com você. Não quero que isso termine — ele continuou.

Ela o acariciou no rosto, deliciando-se com a sensação áspera da barba de um dia.

— Geraint, todo dia tem um fim. Não há como mudar isso. Mas podemos fazer a noite durar. — Pressionou o corpo contra o dele, comprimindo-lhe a ereção. — Podemos...

— Podemos fazer tudo isso perdurar — disse ele, permanecendo imóvel, embora tremesse. — Minhas palavras desta manhã pareceram tolice a princípio, mas se tornaram mais tentadoras para mim com o correr do dia. Seja minha esposa, Enid.

Na escuridão da noite, não ocorreu a Enid soltar uma risada. Ela sabia que Geraint falava a sério. Sentiu-se lisonjeada, intrigada e comovida.

— Geraint, nossos mundos são muito diferentes.

— Vamos fazer um novo mundo juntos. É isso que é um casamento, não?

Depois de soltar os cordões de sua roupa, ela puxou o gibão pela cabeça.

— Vamos explorar esse mundo, Geraint. Não quero que sinta que precisa oferecer casamento a mim. Eu me ofereço para me compartilhar com você. — Puxou-lhe as mãos para os seios, agora apenas com o tecido fino a separá-los.

Geraint encarou-a, sem se mover. E então, com um gemido, tocou-a, deixando os dedos roçar os mamilos já salientes. Com um gritinho, Enid arqueou-se para trás, comprimindo os quadris com força. Afastou a vestimenta de Geraint, até poder colar-se a ele ainda mais. Só as roupas íntimas os separavam. Enid o sentia, quente e rijo, contra seu corpo. Ele a puxou para mais perto, baixou a cabeça e pôs a boca sobre um seio. Quando a acariciou com a língua, ela foi sacudida por um tremor delicioso.

Aquilo era desejo; aquilo era paixão. Não era de admirar que só lhe tivessem ensinado o básico do relacionamento carnal, e não aquela emoção tumultuada. Como alguém poderia explicar algo assim? Como alguém poderia até mesmo opor-se a tantas sensações?

— Case comigo — ele sussurrou, de encontro ao seu seio.

Com o último fiapo de raciocínio, Enid disse a si mesma que não podia imaginar como seus mundos se encaixariam, nem como manteria segredos de um homem a quem chamasse de marido.

— Não posso!

Então, ela gritou o nome de Geraint, comprimiu-se a ele e balançou-se contra o corpo rijo. Mas ele empurrou seus quadris até que ela estivesse sentada em seus joelhos.

— Não posso, em sã consciência, continuar — ele disse baixinho, com a voz entrecortada. — Seria uma desonra para você e para meus sentimentos. Estou apaixonado por você, Enid.

Ela arquejou, surpresa.

— Como pode me amar?

Geraint reclinou-se para trás, apoiado nas mãos, de olhos fechados.

— Pergunte-me como sei que o sol vai nascer. Pode ser mais fácil explicar. Mas é uma verdade que está dentro de mim, Enid. Eu não a terei como uma concubina.

— E o que eu quero não importa?

— Queremos a mesma coisa; um ao outro.

Ela escorregou para fora de seu colo e se ajoelhou diante do fogo, abraçando-se para afastar o frio repentino que a invadiu. Quando Geraint tentou passar os braços em torno dela por trás, Enid retesou-se, mas ele não recuou e a apertou de encontro ao peito, envolvendo-a com seu calor.

— Há mais alguém, Enid? — ele indagou, sussurrando em seu ouvido.

— Não! Nunca tive sentimentos assim por um homem.

— Então, talvez você me ame também.

Ela não disse nada. O que poderia dizer? Será mesmo que o amava?

Geraint estendeu uma manta no chão e puxou-a para que se deitasse a seu lado. Cobriu os dois com outra manta e usou o corpo para aquecê-la.

Aquilo era amor?

Pela manhã, Geraint acordou com Enid nos braços. A princípio, não se lembrou da noite anterior. Era natural que ela estivesse ali, e ele ficaria feliz em acordar assim pelo resto da vida.

Enid, no entanto, não queria desposá-lo. Não confiava que algo que brotara tão depressa entre os dois pudesse ser verdadeiro.

Geraint compreendia aquela desconfiança. Era óbvio que ela se acostumara a ser sozinha. Talvez estivesse fugindo de uma família cruel. Ele a faria ver, contudo, que seu lugar era ao lado dele, que o que compartilhavam era raro, uma dádiva preciosa a ser desfrutada, e não jogada fora.

Ela se mexeu, e Geraint percebeu que ela acordara. Não iria pressioná-la. Enid rolou de costas e encarou-o, hesitante, piscando para espantar o sono.

Geraint sorriu.

— Um bom dia para você. O olhar dela era cauteloso.

— E para você também.

— Hoje é o dia em que você verá as maravilhas de Camelot. Prometo que não ficará desapontada.

Ela se sentou devagar, sem tirar os olhos dele. Geraint sorriu e meneou a cabeça.

— Não, eu não esqueci o que aconteceu entre nós ontem à noite.

— O que *quase* aconteceu — ela corrigiu. — Você não quis continuar.

Ele correu os olhos pelo corpo de Enid, e apenas com um olhar já estava pronto para ela.

— Acredite, eu queria continuar. Mas eu te amo, e desejo mais que isso para nós. Juro que a convencerei de meu amor.

Uma ligeira tensão pareceu desaparecer dos ombros de Enid, e um meio sorriso surgiu em seus lábios.

— Você é muito seguro de si, sir Geraint, príncipe da Cornualha.

— Você poderia ser uma princesa. Com uma risada, ela indagou:

— E essa responsabilidade deveria me tentar?

— Tentaria a maioria das mulheres.

Enid levantou-se e pôs as mãos nos quadris. A brisa colava sua camisa ao corpo.

— Não sou como a maioria das mulheres.

— Estou contando com isso.

Durante o trajeto, os dois foram se juntando a mais e mais viajantes, a caminho da corte do rei Arthur. Geraint viu os muitos olhares arregalados que Enid recebia, e ficou orgulhoso do modo sereno com o qual ela lidava com todos. Ela era uma mulher forte; e ele faria bem em governar tendo-a a seu lado um dia.

Porém, queria que Enid conhecesse a alegria de fazer parte de uma comunidade, algo sobre o que ela não deveria saber quase nada. Antes de fazerem a volta na estrada que revelaria a majestade de Camelot, Geraint puxou-a de lado, para longe dos outros viajantes.

— Enid, tenho um pedido a lhe fazer.

Ele a viu sorrir e percebeu sua empolgação.

— Qualquer coisa, Geraint — ela respondeu.

Era natural que Enid estivesse tão distraída com aquela grande aventura. Porém, ele queria sua atenção.

— Enid, por favor.

O sorriso sumiu quando ela o fitou nos olhos.

— Estou escutando.

— As pessoas na corte não entenderão sua perícia em batalha.

Ela se empertigou.

— Não vou mentir.

— Não estou pedindo que minta. Por seus trajes já se vê que foi criada de uma forma diferente. Só estou pedindo que você evite treinar enquanto estiver lá. Quero que todos, especialmente as mulheres, fiquem à vontade com você, para conhecê-la.

— E o fato de eu ter a habilidade de um guerreiro impedirá que isso aconteça? — ela perguntou, com frieza.

Aquilo estava caminhando mal. Geraint segurou-lhe a mão.

— Quero que você tenha a chance de fazer amigos e ver que tipo de vida eu posso

lhe oferecer.

A expressão dela suavizou-se.

— Não o culparei se o seu povo me rejeitar, Geraint. Não podemos controlar os outros. Aprecio que se importe o bastante para tentar me proteger.

— Eu amo você.

Ela não se encolheu, e seu sorriso alargou-se.

— Muito obrigada. Eu lhe dou minha palavra de que não treinarei enquanto estiver em Camelot.

Geraint sorriu e beijou-lhe a mão antes de soltá-la.

— Tem minha gratidão, Enid, e meu coração.

Conforme passaram sob dois portões e entraram no pátio interno de Camelot, Geraint viu a admiração na face expressiva de Enid. Claro que ela nunca estivera entre tanta gente, de camponeses e leiteiras de origem humilde a princesas e damas de companhia da rainha Guinevere. Tentou ignorar os olhares de espanto e curiosidade dirigidos a ela. Aquilo era natural.

Porém, quando ela entrou no salão de Camelot, o lugar caiu em silêncio. Crianças apontavam, damas arquejavam, boquiabertas, e homens a encaravam com curiosidade hostil.

Geraint percebeu que a face de Enid se ruborizava conforme olhava ao redor. Então ela se endireitou, serena em meio às especulações. Ele nunca tivera mais orgulho de alguém em sua vida. Estendeu-lhe o braço, sobre o qual ela pousou a mão. Conduziu-a como se fosse uma princesa de verdade; e ele a tornaria uma, ao unir-se a ela perante Deus.

— Sir Geraint?

A multidão abriu-se ao som da voz do rei Arthur, quando ele se ergueu do trono. O rei supremo era um homem que se sentia à vontade na posição de poder que mantinha desde a meninice. Usava uma túnica simples, e não os mantos reais do reino. Mas sua postura o diferenciava como um rei.

Enid ajoelhou-se diante dele, e o rei Arthur encarou-a com um olhar interessado antes de sorrir para Geraint.

— Sir Geraint, quando o mandei numa simples missão, não sabia que encontraria um meio de complicá-la.

Geraint fez uma reverência perante o rei e estendeu-lhe o rolo de pergaminho de sir Albern.

— Senhor, a missiva que pediu. E gostaria de lhe apresentar lady Enid, uma viajante que precisava de proteção.

— Presumo que tenha feito um trabalho decente em protegê-la até o momento — disse o rei, com ironia maliciosa.

Uma risada percorreu o salão, e Geraint relaxou. Mal conseguira proteger Enid de seus instintos mais básicos na noite anterior, mas claro, o rei não precisava saber dos detalhes.

— Lady Enid, seja bem-vinda a Camelot — Arthur disse de modo solene, com um brilho divertido nos olhos. Enid ficou de pé, e o rei estudou-a. — Você provavelmente se saiu bem, protegendo a si mesma, antes de encontrar sir Geraint.

— Realmente, senhor — ela retrucou —, mas não foi nem de perto tão agradável.

Conforme a multidão explodia em gargalhadas, Geraint sentiu-se ruborizar, como se fosse um rapazinho. Enid olhou ao redor, confusa. O rei ergueu a mão.

— Vá sossegado, sir Geraint. Não há nada mais que precise ouvir de mim. Acho que se saiu muito bem.

Quando Enid desceu ao salão nobre antes do jantar, pouca gente a notou, além de Geraint. Era incrível como uma troca de roupas transformava alguém em mais um na multidão. Geraint conversava com um homem que ela não reconheceu, mas, quando a avistou, sua face iluminou-se num sorriso que lhe aqueceu o coração. E ela percebeu que gostaria de ver aquele sorriso todos os dias.

Devia estar apaixonada. Afinal, não conseguia pensar em muita coisa a não ser nele enquanto estavam separados. O que faria a esse respeito?

Geraint encontrou-a ao pé da escada e a beijou na mão.

— Enid, você está linda!

Ela tateou a saia do vestido azul que usava e enrubesceu.

— As damas da rainha disseram que estava muito curto. Levará tempo para fazer roupas que sirvam em mim.

— Adoro ver seus tornozelos. — Passou o braço pelo seu e conduziu-a através das pessoas até um canto distante.

Enid riu e se sentou num banco.

— Você não se importaria se eu estivesse nua.

— Ah, eu me importaria sim. Teria de brigar com cada homem aqui pelo privilégio de ajoelhar a seus pés. — Sorriu para ela. — Então, como passou o dia?

— As damas foram muito gentis, mas não sabiam o que fazer por mim. Sou muito mais alta. E embora seja hábil num campo de batalha, fiquei tropeçando em suas rocas. — Ela sorriu. — Acha que existe esperança para mim?

O ar divertido de Geraint desapareceu, e ele a encarou com toda sinceridade.

— Se você estiver disposta a tentar.

— Estou — ela murmurou, fitando-lhe os lábios, desejando um beijo.

Geraint apertou suas mãos com gentileza. Enid estava disposta a tentar qualquer coisa só para ficar com ele. Enquanto estivera com as damas, pensara naquele dilema. Tal como ela, cada uma das damas da rainha se casaria um dia e viveria na casa do marido. Por que desposar Geraint seria diferente? E a Cornualha era tão perto de Donella que ela poderia ver sua família regularmente.

Quanto à sua magia, desapareceria em breve, e ela seria igual às outras mulheres. Bem, outras mulheres com perícia militar. Mas se Geraint a amava, mesmo sabendo que ela era uma guerreira, tudo ficaria bem. Sua missão terminaria em breve. E ele era um soldado; compreenderia.

Geraint a observava e, pelo próprio silêncio, Enid percebeu que encorajava suas esperanças.

— Enid? — ele murmurou. — Pensou em meu pedido? Vai se casar comigo?

Sua vida inteira se equilibrava precariamente naquela decisão. Mas como poderia ela deixar Geraint? Como voltaria a um mundo em que ele não estivesse?

— Geraint — murmurou o nome dele com doçura —, saiba que eu amo você.

Ele sorriu.

— Seu coração já me disse isso, minha querida. Mas qual é a sua resposta?

Enid fechou os olhos com um suspiro de prazer, mas não poderia postergar o inevitável.

— Geraint, você precisa entender que existem coisas que não posso lhe contar agora, relativas à minha família e ao meu povo. Dentro de poucos meses, vou querer voltar para casa para visitá-los. Pode aceitar isso?

A expressão de Geraint tornou-se sombria.

— Ninguém merece tudo o que você tem feito, o pesado fardo que carrega sozinha.

— Fiz um juramento. Consegue aceitar esses mistérios que são parte de mim e confiar que lhe contarei tudo quando puder?

— Enid, eu a vi enfrentar um homem com uma espada como se tivesse nascido com essa habilidade. Não acha que o próprio mistério que você é me agrada? Quero passar cada dia descobrindo algo novo a seu respeito. Saiba que as coisas que a magoaram no passado não mais irão feri-la. Serei seu protetor agora.

Ela o fitou, espantada. Geraint concordara com suas condições. Ele se ajoelhou a seus pés.

— Vai se casar comigo, Enid?

Não havia mais nada em que pensar.

— Sim, meu amor, eu me casarei com você.

Geraint abraçou-a com tanta força que a ergueu do banco. E exclamou:

— Eu sabia que você se casaria comigo! Eu disse ao padre.

— Ao padre? — ela perguntou, rindo. — Pensei que estivesse com seus soldados esta tarde.

Ele fez um gesto de descaso.

— Eles sabem se virar sem mim. Mas como eu estava esperando por um casamento, um padre e o rei Arthur eram as pessoas com quem eu precisava conversar.

— Você contou ao rei supremo sobre nós? — indagou Enid, arquejando.

— Conteí. E ele disse que, se você concordasse em ser minha esposa, ele permitiria que nos casássemos. O rei confia em meu julgamento. Amanhã seria muito cedo?

Enid sentiu a empolgação dar lugar a uma tensão nervosa.

— Amanhã?

— Não posso esperar mais para torná-la minha esposa. O mundo está cheio de perigos. Por que negar a nós dois a felicidade?

Ela não conseguiu pensar em nenhum argumento contrário. Não queria pensar mais. Queria ser dele. Parte dela sabia que as coisas entre os dois estavam caminhando depressa demais, mas ela continuou dizendo a si mesma que tudo daria certo, que o amor que os unia poderia vencer qualquer coisa.

Naquela noite, com a lua a chamá-la intensamente, Enid entregou-se a um dos

segredos que não poderia revelar a seu noivo. Com a água de uma bacia, invocou o poder da Dama. E atraiu as sombras para ocultá-la de olhos curiosos. Num castelo que hospedava centenas de pessoas, guardado pelos melhores soldados e cavaleiros do reino, ela não poderia arriscar-se a ser vista.

Evitou os guardas da patrulha e o próprio salão onde tantos criados armavam camas diante das imensas lareiras, e escapou por uma pequena porta que levava ao jardim. Dali, saiu correndo pelas alas abertas.

Ouviu os soldados chamando uns aos outros de dentro das barracas e o som de cães latindo conforme passava pelo canil. Claro que os pobres animais não conseguiam farejá-la, e o guardador, depois de olhar em volta, mandou que eles se calassem e voltou para sua cama de palha.

Após tomar emprestado uma corda de um depósito, Enid subiu a escada em espiral numa torre de canto e seguiu para as ameias. O vento frio a fez estremecer conforme ela amarrava a corda e a deixava pender até o chão do lado de fora do castelo. Enregelou-se quando um par de guardas passou por ela, mas não foi descoberta. As sombras da lua estavam sob seu comando.

Depois de puxar as saias entre as pernas e enfiá-las no cinto, Enid desceu pela corda, apoiando os pés na parede. Um ano antes, não teria tido condições de realizar um ato tão perigoso, mas a Dama do Lago concordara com sua missão e lhe concedera o poder de uma força sobrenatural, que ela usava no momento.

Ao luar, ela encontrou a lagoa que vira da estrada. Nenhum som humano perturbava a magia da noite. Ao desnudar-se, sentiu o zumbido em sua pele conforme se postava à beira d'água. Com um pequeno punhal, fez um corte minúsculo no dedo e estendeu-o sobre a água calma, deixando cair várias gotas de sangue. Depois ergueu os braços e implorou ao céu da noite em seu próprio idioma, invocando o poder que tão recentemente lhe fora concedido. As árvores começaram a balançar com um vento que Enid não sentiu, a princípio. O murmúrio dos galhos era outra língua aos seus ouvidos, e ela balançou-se no mesmo ritmo. Colocou um pé na água, depois o outro.

A energia repentina que disparou entre ela e a lua, reabastecendo seus poderes, era revigorante, restaurando seu senso de finalidade, sua certeza de que fazia a coisa certa, embora tivesse de manter segredo de seu futuro marido.

Quando, por fim, a luz desapareceu, e ela voltou a ser simplesmente Enid, de pé numa lagoa, seguiu para a margem e vestiu-se outra vez.

Geraint estava bêbado. Vários dos cavaleiros o haviam enchido de cerveja horas antes, no salão enquanto tentavam convencê-lo a reconsiderar a idéia de se casar.

— À minha futura esposa! — ele exclamou, erguendo a caneca.

Entre um coro de gemidos e vaias, sir Rowan e sir Maxwell sentaram nos bancos do outro lado da mesa.

— Você é muito jovem para se casar — Rowan insistiu, enxugando a boca na manga.

— Ou talvez ele precise desesperadamente de uma mulher — disse Maxwell, com uma gargalhada —, e ela não cederá sem a bênção de um padre!

— Continuem rindo! — Geraint gritou. — Serei um homem feliz amanhã, e o resto de vocês só terá a inveja como consolo.

Rowan pareceu prestes a protestar, mas, de repente, empertigou-se. Saiu correndo

para as portas duplas que conduziam para fora.

Geraint levantou-se. Sentiu-se orgulhoso de não cambalear ao atravessar o salão. Duas sentinelas dirigiram-lhe olhares divertidos, mas não tentaram impedi-lo quando ele passou pelas portas e saiu. O ar estava frio e ele o aspirou com prazer. Tropeçou pela escada sem cair e encontrou Rowan de joelhos, agarrado a um cocho de água.

— Diga que não sujou a água dos cavalos — Geraint falou, rindo.

— Não, mas pensei que poderia mergulhar minha cabeça latejante nela.

Quando Geraint postou-se sobre o amigo, sorrindo, algo estranho aconteceu. O vento soprou de repente, e ele sentiu os pelos se eriçar. Depois, viu de relance um clarão no céu sem nuvens. Pestanejou com ar abobalhado.

— Viu aquilo? Rowan soluçou.

— Só vejo água.

— Acabei de ver um relâmpago, mas não ouvi nenhum trovão. — Ele esperou, mas o fenômeno não se repetiu. — Parecia tão perto...

Uma sensação de mau agouro o invadiu. Seria o raio solitário um sinal dos céus? Geraint disse a si mesmo que era a cerveja que o fazia sentir-se tão mórbido. Estava prestes a se casar com a mulher mais maravilhosa do mundo... que se recusava a lhe contar seus segredos. Seria Deus tentando dizer-lhe alguma coisa?

Sir Rowan agarrou-o pela perna.

— Por favor, me ajude.

Geraint ajudou-o a ficar de pé, mas não conseguiu deixar de olhar para a lua, como se esperasse pela confirmação de uma tempestade. Mas o vento cessara, deixando-o com uma sensação... incômoda.

— Deixe-me ajudá-lo a voltar lá para dentro — disse ao amigo.

Sir Rowan agarrou-se a seu ombro e oscilou.

— Está com pressa?

— Só preciso ver minha noiva.

— Esta noite?

— Sim, esta noite.

— Mas as damas não precisam de uma noite para refletir sobre a pureza que vão perder em breve? — Rowan riu baixinho.

Não Enid. Ela se oferecera para entregar-se a ele sem juras de qualquer espécie. Sua tribo fazia as coisas de um jeito diferente dos britânicos; como banhar-se sem se importar com quem estivesse observando. Geraint expulsou aqueles pensamentos estranhos. Tudo ficaria bem assim que conversasse com ela.

Acompanhou Rowan de volta para dentro, colocou-o de pé perto de Maxwell e depois saiu para procurar Enid. Bateu de leve à porta do quarto, mas não houve resposta. Era provável que ela estivesse dormindo. Virou-se para ir embora... e hesitou. Só precisava certificar-se de que ela estava segura. Algo parecia... errado naquela noite.

— Geraint?

Ele se virou depressa e viu Enid parada no corredor, parecendo incerta. Ainda usava o vestido, embora tivesse se recolhido horas antes. Aproximou-se e beijou-a na face.

— Sinto muito por perturbá-la, minha querida. Enid sorriu.

— Posso ver que esteve aproveitando sua noitada.

— O cheiro de cerveja, hein?

Ela apenas inclinou a cabeça num gesto indulgente.

— Vi um raio numa noite clara e, por alguma razão, tive de verificar como você estava.

Ela empertigou-se, e Geraint percebeu que a ofendera.

— Perdoe-me, a bebida está brincando com meus sentidos — ele continuou. — Você deve ter ido ao reservado.

— É melhor do que me esconder atrás de uma moita, como fizemos em nossa viagem — Enid murmurou, relanceando os olhos para a porta do quarto.

— Você deve estar cansada. Não conseguiu dormir em sua última noite como donzela?

Dando de ombros, ela retrucou:

— Minha mente estava em um torvelinho. Empolgação demais, talvez.

Ele deu um passo de lado e deixou que ela puxasse o ferrolho da porta. Quando ela passou por ele, Geraint percebeu uma mancha na frente da saia, e um fio solto, como se a barra tivesse se soltado.

— Enid, o que aconteceu com seu vestido?

Ela relanceou os olhos para onde Geraint apontava e enrubesceu.

— Você vai me achar uma tola, mas não estou acostumada a usar saias. Pisei na barra ao subir a escada e caí.

Ele a tocou no braço, preocupado.

— Machucou-se ou se cortou? Devo mandar buscar uma curandeira?

— Não, Geraint, mas... — Ela se virou para encará-lo, erguendo o queixo com uma expressão determinada. — Não tenho certeza do tipo de casamento que teremos se você me questionar sempre que eu não estiver onde você julga que eu deveria estar.

Ele pestanejou, constrangido.

— É a bebida, Enid.

— É? Está mudando de idéia a meu respeito?

Geraint abriu a boca para protestar, mas ela apenas prosseguiu:

— Porque eu compreenderia. Você poderia entrar em meu quarto agora e eu lhe daria tudo o que pode querer de mim sem qualquer jura, se isso é tudo o que você espera de um casamento.

— Você sabe que não é, Enid. Eu te amo.

— E eu te amo.

Geraint deu-lhe um beijo de boa-noite e esperou até que ela fechasse a porta. Depois, ficou parado, olhando para a madeira com ar de tolo. Não desejava apenas o corpo daquela mulher; jurara confiar nela. Só poderia ser a cerveja que o deixava tão cheio de suspeitas. Precisava dormir.

Enid encostou-se à porta, contendo a respiração até seus pulmões arderem. Mas

Geraint não bateu. Ela soltou o ar com um pesado suspiro de alívio.

O que estava fazendo? Geraint a queria, independentemente de seus segredos. Mas, no momento em que ela fizera algo incomum, ele parecera suspeito. E aquele casamento seria recheado de coisas incomuns, caso ela estudasse o treinamento de um guerreiro.

Geraint prometera confiar nela... mas ela não poderia confiar nele. Que tipo de relacionamento seria aquele?

Deveria ir embora de Camelot? Encontrar outro lugar para aprender as habilidades militares? Porém, onde mais teria condições de conseguir aquele tipo de acesso rápido?

Pelos deuses, será que estaria apenas usando Geraint para cumprir sua missão?

Mas ela o amava! Queria construir uma vida com ele! E após alguns poucos meses não haveria mais segredos entre eles. Não o estava usando. Poderia recusar-se a desposá-lo e, mesmo assim, ter permissão para continuar em Camelot, aprendendo em segredo o que fosse necessário.

Só que... ela não suportaria viver sem Geraint.

Para Geraint, o casamento e a festa do meio-dia passaram como um borrão de futilidades fora de sua realidade.

Intimamente, sentia-se cheio de clareza, propósito e certeza. Enid era seu destino. Ver o sorriso e a felicidade dela era tudo o que importava. E quando finalmente ficaram sozinhos no quarto, sua alegria tornou-se completa. Nunca mais haveriam de se separar.

Enid era sua. Mostraria a ela seu comprometimento e seu amor e, por fim, ela lhe confiaria os segredos que a assombravam. Por enquanto, ela lhe confiaria seu corpo, e era o bastante.

Despiu-a do lindo vestido, beijando cada cicatriz que se revelava. Foi doloroso ver tudo o que fora feito a ela, o que fora forçada a suportar, mas pôs de lado a raiva. Acariciou-lhe a pele, deliciando-se com os seios macios. Os mamilos se retesaram, e ele tomou na boca um, depois o outro, sugando-os devagar, enquanto suas mãos a percorriam, alcançando o ninho sedoso em que ele queria se enterrar. Escorregou o corpo, correndo os lábios pelo ventre liso e firme, beijando o caminho de vales e montes.

Pelos gritos, percebeu quando ela estava pronta. Posicionou-se entre às coxas de Enid e penetrou-a com cuidado para causar-lhe a menor dor possível. Contudo, não havia um hímem a romper. Ela não era virgem. Por um terrível instante, os dois se fitaram nos olhos. Aquele era um de seus dolorosos segredos. Porém, como ele poderia culpá-la depois do modo como fora criada? Uma mulher forçada a aprender técnicas para defender-se contra o mundo poderia muito bem ter sido violentada.

Geraint pôs de lado a tristeza que sentiu por ela e beijou-a com todo o amor, como ela merecia.

Enid reagiu com volúpia à invasão, envolvendo-o com seu corpo num aperto que o deixou ainda mais inebriado de prazer. Com ardor, os dois se entregaram ao ritmo ancestral do amor carnal até explodirem num clímax violento. Nas muitas vezes em que despertaram durante a noite, Enid lhe ofereceu impetuosidade e paixão, embora não tivesse lhe dado a pureza. Geraint sentiu-se pleno e feliz, e jurou que jamais daria a ela motivo para lamentar aquela união.

Em meio ao esplendor de verão no jardim das damas em Camelot, num banco parcialmente escondido pelas rosas trepadeiras, Enid riu quando o marido, deitou-a de

costas em seus braços para poder dar uvas em sua boca.

— Nossa exibição de felicidade diante da corte inteira não vai deixar alguém constrangido?

— Pense na inspiração que proporcionamos — ele murmurou em seu ouvido. — Quem sabe haverá mais casamentos por amor em Camelot porque todos nos invejarão.

Enid dissera isso á si mesma vezes seguidas, mas uma sensação de desassossego não a abandonara desde a consumação do casamento na noite anterior,

Agora, Geraint sabia que ela tivera outro homem antes. Ela ainda se recordava do espanto em seus olhos. E, depois, uma leve tristeza alterara suas feições. Não pedira explicações. Ah, como ela não amaria um homem assim e não haveria de querer ficar com ele para sempre?

— Acho que foi um erro sairmos de nosso quarto — ele sussurrou acariciando-a nos cabelos.

Enid fechou os olhos com um suspiro.

— Você sabe que tem seus deveres, Geraint — disse, com doçura.

— E também tenho uma nova esposa de quem cuidar. Ninguém sentirá nossa falta.

Ela avistou os cavaleiros voltando do exercício no pátio de treinamento, e sua mente pareceu encontrar um foco.

Tinham as roupas de couro cobertas de suor e traços de sangue, e eles riam, trocavam histórias e as moedas apostadas. *Aquele* era o mundo que Enid conhecia, o mundo a que seu marido pertencia também. Sentia-se grata por encontrar um homem que a compreendesse. Afinal, ele a vira em combate e sabia que ela não fora criada como as mulheres da Britânia.

— Geraint, o que dirá o rei Arthur se você negligenciar seus deveres?

— Ele tem uma esposa, embora ela seja uma rainha, minha querida. E ele lhe dá a devoção que ela merece. — Suas mãos a enlaçaram pela cintura, o polegar roçando o tecido abaixo do seio. — Deixe-me oferecer a você a minha.

Geraint era tão desconcertante... Com apenas um toque, apenas uma palavra, fazia sua mente desviar-se para o quarto e os segredos que tinham compartilhado lá dentro. Se não tomasse cuidado, perderia tudo o que ela era, diante do apelo de se unir de coração, alma e corpo a ele. Seu treinamento na prática do relacionamento carnal não a preparara para as sensações que o amor de Geraint inspirava. Enid nunca permitira que outro homem lhe desse prazer, independentemente daquilo que o parceiro experimentasse enquanto ela o ensinava.

Com relutância, levantou-se e amarrou os cabelos para trás, empurrando os dedos ousados de Geraint.

— Você prometeu me mostrar as maravilhas de Camelot. E nós mal saímos de nosso quarto desde ontem.

Geraint riu, mas pareceu ansioso para exhibir a ela o esplendor erigido por seu rei supremo. De braço dado com ela, conduziu-a com orgulho pela ala interna.

Enid percebeu que, involuntariamente, Geraint a ajudava em sua missão ao conduzi-la numa volta por Camelot.

Assim, ela avaliou tudo o que o marido lhe mostrava. Interessou-se pela arte do

ferreiro, pois armaduras eram algo que seu povo não sabia criar e que precisava aprender para poder sobreviver. Admirou as barracas que abrigavam os soldados no segundo piso de cada construção da ala interna. Havia estábulos e lojas de carpintaria, choupanas e canis. Geraint tentou passar um pouco mais de tempo mostrando-lhe a horta da cozinha, mas ela se impacientou, ansiosa para ver o que realmente queria.

Ouviu o som de metal sobre metal antes mesmo que passassem o portão que separava a ala interna da externa. O pátio de treino, o segundo lar de todo guerreiro, espalhava-se pela encosta, contornado por robustas muralhas de pedra. Enid estacou de repente, deslumbrada com o cenário. Cavaleiros praticavam a justa num manequim montado num eixo em um poste, que girava e os derrubava da sela quando o acertavam da maneira errada. Pares de homens lutavam um com o outro com espada, punhal e machado. Ao fundo, arqueiros treinavam em alvos apoiados em fardos de feno. A perícia evidente dos cavaleiros do rei Arthur salientava o quanto eram inadequados os soldados de seu pai. E isso aumentou ainda mais sua decisão de ajudá-los. Seu marido haveria de compreender.

Geraint não se cansava de estudar a esposa, como se Enid fosse uma tapeçaria rara que ganhasse vida. Com os olhos faiscantes, ela observava o pátio de treino, os lábios rosados entreabertos de empolgação, os ombros lançados para trás, o corpo tenso como se, a qualquer momento, fosse sacar uma espada que não estava mais na bainha ao lado do corpo.

Sabia que Enid tinha treinamento em combate que se rivalizava ao dele, e não poderia criticar o que esse treinamento fizera ao lhe moldar o corpo. Ela era alta e tinha membros longos, músculos flexíveis e mais força do que qualquer mulher que ele já conhecesse. E, de uma forma egoísta, ele se comprazia com isso.

Chamou-a com suavidade, mas ela não pareceu ouvi-lo. Tocou-a no braço, tentando não se sentir aborrecido.

— Enid?

Como se saísse de um estupor, ela se virou devagar para encará-lo.

— Geraint, vamos descer. O treino me fascina.

— Enid... — ele disse, com certa rudeza.

Ela o fitou, tomando a mão dele entre as suas.

— Sei que estou vestida de maneira imprópria. Não vou interferir ou tentar exibir minhas habilidades, mas, Geraint, é isso o que eu sei fazer.

Os olhos azuis pareciam implorar. Geraint não gostaria de recusar nada a ela, mas tinha de tentar fazê-la compreender. Beijou-lhe as mãos.

— Mas você tem a *mim* agora, querida, e a proteção do meu braço de espada.

Enid sorriu, perturbada, e olhou mais uma vez para o pátio de treino. Geraint disse a si mesmo que teria de ser bem mais paciente. Em breve, ela entenderia que não estava mais sozinha no mundo, que tinha um marido que a amava. Com um sorriso, levou-a colina abaixo, até onde os cavaleiros treinavam.

Os ruídos de combate se tornaram mais altos conforme se aproximavam. Os homens praguejavam e berravam desafios, em meio ao onipresente retinir de metal contra metal. Nuvens de poeira subiam dos pés calçados em botas e tremulavam no ar.

Sir Blakemore, um dos cavaleiros, foi até a beira do pátio e, depois de um breve aceno para Enid, olhou para Geraint de cima a baixo.

— Não está vestido para treinar — afirmou. Geraint sorriu.

— Como é observador! Não vê que estou com a senhora minha esposa?

Blakemore deu de ombros e disse em voz baixa:

— Você ficou longe muito tempo. Não vai liderar uma tropa para patrulhar a fronteira leste das terras do rei Arthur dentro de uma quinzena?

Por um momento, Geraint sentiu-se como um garoto sob o olhar crítico do pai.

— Estarei bem preparado.

— Se chama alojar-se entre as coxas de uma mulher uma preparação... — Blakemore resmungou.

Geraint empertigou-se e levou a mão à espada.

— Diz tais coisas na frente de minha esposa?

Blakemore enrubesceu e desviou os olhos, limpando a face suada no braço.

— Minhas desculpas, senhora. Enid sorriu.

— Eu vim por vontade própria ao campo de treino, sir Blakemore. Sabia o que esperar. E talvez eu o perdoe se me mostrar como encontrou o ponto fraco na armadura de seu oponente e o acertou com a espada.

Blakemore endireitou-se e encarou-a com interesse, enquanto Geraint reprimia um suspiro. Não podia culpar Enid, pois ele a levara até lá, mas percebeu a irritação que o acometia e detestou aquela nova sensação de ciúme. Ele a conquistara como esposa. Por que aquilo não era o suficiente?

Blakemore voltou ao centro do pátio, andando como um galo exibido. Começou a gritar instruções conforme demonstrava cada golpe, movimento a movimento. Enid debruçou-se na cerca e observou com atenção, como se guardasse tudo na memória. Por certo, mulher alguma exibira tamanho interesse pela habilidade de um cavaleiro. E Geraint quase se viu querendo demonstrar a própria destreza à esposa.

Em vez disso, observou-a, agarrada à cerca. E então ele a viu se retorcendo, e percebeu que estava imitando os movimentos de Blakemore. Com um suspiro, meneou a cabeça e passou o braço pelos ombros de Enid. Por um momento, sentiu uma tensão percorrer-lhe o corpo, como se ele fosse um inimigo. Logo, ela esboçou um sorriso triste.

— Perdoe-me, meu marido. Esqueci que eu mesma não estou no pátio de treino.

Geraint sorriu e beijou-a.

— Eu lhe darei outras coisas em que pensar.

De noite, bem depois que Geraint caíra no sono, Enid continuava acordada. O cortinado da cama estava fechado em torno deles, e ela ouvia a respiração do marido, lenta e uniforme, com apenas um ressonar ocasional, que ela julgou encantador.

Enid puxou as cortinas bem devagar, afastando-as. Seu corpo formigava de energia, e ela precisava unir-se às estrelas e à lua, aos bosques e às águas. Era tudo tão novo que ela não sabia o que esperar.

Empurrou as cobertas de lado, escorregou para fora da cama e foi até a janela. As venezianas estavam erguidas e, sob a luz da lua, Enid sentiu algo despertar dentro de seu íntimo, uma energia que parecia crepitar. Ela fechou os olhos para se permitir aceitar sua própria estranheza, mas, então, afastou-se da janela.

Se ao menos pudesse contar tudo a Geraint, pedir ajuda... Porém, como esquecer

o modo como ele desejava que ela se integrasse à gente da corte? E se a proibisse de cumprir sua missão? E se ficasse desgostoso com os poderes que ela carregava?

Geraint tinha outras coisas com que se preocupar agora, uma tropa a liderar, de acordo com sir Blakemore. Como conselheiro do rei Arthur, era óbvio que não treinava fazia algum tempo. Ela só teria de se assegurar que ele passasse parte do dia seguinte com os soldados. Voltou para a cama e, por fim, conseguiu dormir.

Porém, para sua aflição, Geraint dedicou a manhã a apresentá-la a mais mulheres, providenciar-lhe vestidos e admirar suas tentativas com o bordado. E ela se viu alternadamente preocupada, contente e irritada.

No salão nobre, pouco antes da refeição do meio-dia, Enid percebeu que sir Blakemore fechara o cenho ao ver Geraint entrar. Depois, virara-se para conversar com vários outros cavaleiros que, por sua vez, voltaram os olhos para seu marido.

— Geraint? — ela murmurou. — Não viu sir Blakemore? Ele está aborrecido com você.

Geraint virou a cabeça na direção do companheiro e deu de ombros.

— Ele nunca se casou, e não compreende a necessidade de um marido de ficar sozinho com a esposa nos primeiros dias de casado.

— Mas não precisamos ficar separados enquanto você treina. Eu poderia observá-lo, talvez até mesmo praticar um pouco...

O sorriso de Geraint sumiu.

— Não vão entender que você foi criada de maneira tão diferente, Enid. E depois, você me deu sua palavra.

Enid sentiu a culpa requeimá-la, mas não trairia sua missão ou seu povo. Em silêncio, viu-o pendurar dois odres no ombro.

— Aonde vamos? — perguntou.

Com um beijo rápido, ele a tomou pela mão. Enid percebeu que ele ignorava sir Blakemore, que se virou com evidente desgosto.

— Há um belo bosque aqui perto — disse Geraint. — É um local muito romântico, com um riacho que leva a uma pequena lagoa.

Enid não podia revelar que já estivera lá.

A refeição a dois foi maravilhosa. Geraint a fez esquecer-se de tudo, menos dele. E só quando a acompanhou de volta ao grande salão, corada com seus beijos, com os cabelos caindo em cascata pelos ombros e o vestido manchado de mato, foi que a realidade se intrometeu. Ele foi chamado para integrar o conselho dos consultores mais próximos do rei Arthur, e Enid se descobriu sozinha. Determinada, rumou para o pátio de treino. Não iria desobedecer a Geraint e treinar, mas poderia observar e absorver as lições, na esperança de mais tarde encontrar tempo para praticar.

Debruçou-se na cerca para observar os homens se exercitando. Devotou uma hora de atenção ajusta, sabendo que seu povo precisava tornar-se mais preparado para lutar a cavalo, mas, depois, concentrou-se em observar a esgrima, sua disciplina favorita.

A princípio, os cavaleiros a encararam com cautela, mas, bem ao costume masculino, logo tentavam impressioná-la. E quem sofria com isso eram os escudeiros, com anos de treinamento à frente antes de terem a habilidade de se tornar cavaleiros. O empenho de um jovem em particular chamou-lhe a atenção. Ele não deveria ter dezesseis anos ainda, e o corpo era desengonçado e magro. Não era páreo para os homens que

treinavam ao redor, mas mesmo assim continuava a tentar. Lembrou-a muito de seu irmão, Dermot, que, aos catorze anos, estava começando o treinamento com as mulheres guerreiras. Ele era muito orgulhoso para aceitar a tutoria da irmã, é claro, por mais que ela ansiasse por ajudá-lo.

Aquele jovem escudeiro, com os cabelos molhados de suor, a fez sentir o mesmo anseio maternal. O rapazinho não tinha confiança em si mesmo, Enid percebeu, conforme se aproximava inconscientemente dele. Estava lutando contra um escudeiro maior e mais velho. Embora usassem espadas sem corte, o rapaz continuava caindo, falhando repetidas vezes em aparar a tempo um golpe forte nos braços. Ela quase lhe gritou instruções, mas se conteve.

Prendeu a respiração quando ele foi derrubado de joelhos. A espada deslizou pelo chão batido para perto de seus pés. O outro rapaz aproximou-se dele por trás, com o rosto largo vibrante de triunfo, a espada erguida para o alto.

Numa corrida veloz, Enid pegou a espada e interpôs-se entre o jovem escudeiro e o brigão. O mais velho não conseguiu refrear o impulso, embora ela visse o espanto registrado em suas feições um instante antes de lhe aparar o golpe num bloqueio tão poderoso que a arma do rapaz partiu-se ao meio. Com um grito, ele deixou cair o cabo, agarrou o punho com a outra mão e cambaleou para trás, encarando-a, boquiaberto.

Enid congelou no lugar, a espada de lado; um silêncio estupefato ao seu redor. Cada olhar se concentrava nela, e ela se enxergou como se de longe, uma mulher muito alta, muito forte, usando um vestido, mas carregando uma espada. Sir Blakemore a encarava com olhos frios, calculistas.

Recobrando o bom-senso, ela se virou para o instrutor e disse:

— Eu não poderia permitir que ele desferisse um golpe tão covarde. Perdoe minha intervenção.

— Não viu o que ela me fez por obra de uma estranha magia? — o briguento berrou, segurando a mão no peito. — Eu não ia machucá-lo!

A habilidade era sua, Enid pensou, mas a força anormal, não. E ela a usara na frente de todos os cavaleiros amigos de seu marido. Cometera um erro grave.

Ela se ajoelhou na frente do jovem escudeiro. Estava caído de costas, com os braços cruzados no peito, fitando-a, chocado. Depois de colocar a espada ao lado dele, Enid pousou a mão em seu ombro. O poder de uma mulher guerreira aumentou dentro dela como uma maré montante e, embora fosse dia claro, ela pôde ver um brilho sutil no ponto em que os corpos se encontravam. Os olhos arregalados do rapaz também capturaram o fulgor, mas ele não tremeu nem se encolheu. Alívio, admiração e emoção perpassaram suas feições e, com uma expressão de deslumbramento e gratidão, ele tomou-lhe a mão e beijou-a com reverência. Era em momentos como aquele que Enid mais apreciava sua vocação para ser uma mulher guerreira, uma professora para os jovens. Aquilo não era magia concedida a ela pela Dama; aquele era seu destino, seu dom como membro de Donella. Todo garoto precisava de confiança e, com seu toque, ela lhes concedia isso pela vida inteira.

Embaraçada, Enid levantou-se e quase tropeçou, esquecendo-se de como sempre se sentia esgotada após tal doação. Ninguém se moveu para ajudá-la, a não ser o próprio escudeiro, que se pôs de pé.

— Permita que eu a ajude, milady — disse, tomando-lhe o braço.

Com um sorriso, ela se afastou.

— Estou bem. Volte ao campo. Acredite em si mesmo. Ele sorriu.

— Sim, acreditarei.

Enid afastou-se com passos pesados do pátio de treino, ouvindo o burburinho surdo das conversas aumentando atrás de si. Quando chegou a um banco de madeira à sombra de um armazém, sentou-se e fechou os olhos.

Geraint ficaria ciente daquilo. E outras pessoas também. Como ela se explicaria sem revelar tudo? Seus pensamentos tornaram-se confusos, e ela deixou que a consciência vagasse. Perdeu a noção do tempo enquanto recobrava as forças, mas voltou a si ao som de vozes masculinas. O armazém se antepunha entre ela e os cavaleiros. Reconheceu a voz de sir Blakemore.

— O rei compreenderá — ele disse a um grupo de homens. — Geraint não está preparado para nos liderar. Ele segue as saias da bruxa mais do que treina conosco.

Enid sentiu o corpo retesar-se, a preocupação e o medo a se enovelar em seu estômago.

— Mas ele é um dos favoritos do rei supremo — um estranho retrucou. — Talvez Arthur não queira que sir Geraint combata. É óbvio que está sendo preparado como conselheiro do rei.

— Ele não, será um favorito se descobrirem que sua esposa é uma feiticeira — Blakemore afirmou com frieza.

As vozes feneceram, e logo Enid estava sozinha. Esfregou os braços como se uma onda de gelo invadissem seus ossos. Não se ressentia por ser rotulada de feiticeira. Sabia o quanto era diferente daquele povo. Porém, como contaria a Geraint que seu amigo o traía?

Talvez o rei supremo não acreditasse em tais rumores.

Arthur não confiaria no príncipe da Cornualha mais do que num mero cavaleiro? E, no entanto, ela precisava convencer Geraint a retornar aos seus comandados.

Para o jantar, naquela noite, o imenso salão estava iluminado por tochas, cheio do som de gaitas de foles e harpas. Tapeçarias celebravam os grandes feitos do rei Arthur e de seus cavaleiros. O representante do rei da Gália era recebido com festa, e a corte reluzia, dando-lhe as boas-vindas. As criadas antecipavam cada desejo dos convidados, de comida a almofadas para pés cansados. Cálices de vinho, um presente do rei estrangeiro, abriam o apetite dos convidados, e o pão fora colocado em travessas de prata em vez de em trinchos de madeira.

Geraint fazia parte da pompa. O rei supremo estava contente com seu desempenho daquela tarde. O domínio da língua da Gália, assim como o conhecimento do próprio país, comprovaram ser valiosos. Ele estava bastante satisfeito consigo mesmo, principalmente com sua posição à mesa principal.

A seu lado, Enid parecia deslumbrada. A empolgação e o espanto eram palpáveis, e Geraint imaginou se ela já vira um banquete daqueles. Uma das damas da rainha a presenteara com um vestido cor de vinho que só chegava à altura dos tornozelos. Amarrado abaixo dos seios, deixava à mostra o colete bordado por baixo. Ah, como ele gostaria de puxar aqueles laços com os dentes e...

De repente, deu-se conta de que Enid o observava, com um sorriso de compreensão nas faces enrubescidas. Num impulso, inclinou-se para ela, roçou-lhe a orelha com os lábios e sentiu-a estremecer.

— Acho que você ainda precisa de algo para ficar satisfeita...

Enid deixou escapar uma risadinha, e o som cheio de feminilidade o excitou. Como merecera aquela mulher?

— O que o seu rei pensaria se deixássemos o banquete tão cedo? — ela indagou.

Geraint mordiscou-lhe a orelha, sentiu-a se remexer, e então se afastou.

— Ele diria que sou um homem de sorte, tal como ele é.

— Está me comparando à rainha? — perguntou ela, atônita.

Geraint viu-a relancear os olhos para a rainha Guinevere, distante e bela em seu vestido branco.

— Ela é uma mulher única, como você. Mas você será minha rainha um dia.

Ela o fitou com os olhos arregalados por um instante, sem sorrir, e Geraint sentiu uma ponta de preocupação. O que Enid estaria pensando?

Então, ela riu e meneou a cabeça.

— Pelo que me disse, seu pai ainda é saudável e forte. Ficarei velha antes de ser uma rainha.

— E eu terei mais tempo para me sentar a seu lado, um velho devaneando a respeito da velha esposa.

Ela empurrou-lhe o ombro num gesto brincalhão.

Nesse momento, um jovem escudeiro, magro e de cabelos castanhos, aproximou-se, carregando uma travessa com porções de carne de vaca e cordeiro. Quando apresentou a bandeja, com uma mesura, olhou para Enid e disse:

— Milady, certifiquei-me de encontrar o melhor para a senhora. Cada seleção foi escolhida por sua maciez para que lhe agrade. Sou Lovell de Exminster, Seu humilde servo.

— Lovell, é bom saber o seu nome — ela falou e relanceou os olhos para Geraint, incerta.

O escudeiro virou-se para encará-lo, com a expressão preocupada.

— Meu príncipe, não importa o que digam ou como tentem difamá-la, eu apreciei grandemente a ajuda de milady esta tarde.

Geraint virou-se para a esposa, atônito, e viu que ela pestanejava. O escudeiro continuou:

— Ela foi corajosa além de qualquer medida, principalmente para uma mulher. Sua bravura só é igualada por sua beleza e bondade.

As faces de Enid avermelharam.

— Lovell, por favor, não precisa...

Ele a fitou, mas Enid parecia preocupada, o que o deixou inquieto. De que forma ajudar um escudeiro em Camelot exigiria feitos de bravura em tempos de paz?

Lovell continuou com suas deferências a Enid, mas logo todos tinham sido servidos, e ele foi forçado a se retirar.

— Então, o que você fez para impressionar tanto um escudeiro? — perguntou Geraint.

— Passei a tarde observando o treino dos cavaleiros.

Ele franziu a testa, mas não disse nada.

— Outro escudeiro tirou vantagem injustamente de Lovell e, depois de jogar longe a espada do rapaz, estava prestes a desferir um golpe em suas costas...

— Com uma espada sem corte?

— Sim. Sei que nenhum ferimento grave teria resultado disso, mas ele usava toda a força de que dispunha e, antes que eu me desse conta, tinha pegado a espada e bloqueado o golpe.

Geraint ficou tenso, imaginando quem no salão já sabia que sua esposa exibira o treinamento de guerreira.

Pela primeira vez, ele pensou no que seu pai, o rei Erbin, diria, após recriminá-lo por ter tomado a decisão precipitada de se casar.

Enid o fitou com resignação. Geraint lhe pedira discrição, e ela não fora capaz de manter a palavra naquele dia. Uma coisa era ele aceitar que houvesse segredos do passado que ela revelaria com o tempo; outra era ser desrespeitado, como se os seus desejos não importassem.

— Há alguma coisa mais que eu deva saber?

— A espada do rapaz quebrou no cabo quando eu o contra-ataquei. E o fato causou... confusão.

— Você é uma mulher forte, Enid. Ela desviou o olhar.

— Ouvi sem querer sir Blakemore me chamar de feiticeira.

Geraint empertigou-se e vasculhou o salão com os olhos até encontrar o cavaleiro. Ele estava de pé ao lado do rei Arthur, cochichando. Naquele momento, tanto o rei supremo como o cavaleiro olharam para ele. E Geraint percebeu o que estavam discutindo.

Julgara conhecer bem o companheiro, mas para que se dirigisse, ao rei em vez de conversar com ele... isso só podia significar que estava procurando um jeito de desacreditá-lo e que, por fim, o encontrara. Era um covarde por usar Enid daquela maneira.

Enid virou-se para Geraint com a preocupação toldando os belos olhos.

— Perdoe-me, meu marido. Estou tão acostumada a proteger os novos guerreiros entre meu povo que nem mesmo hesitei antes de interferir.

Pelas barbas do Todo-Poderoso! Enid tinha de proteger *garotos* em sua tribo?

— Os homens são assim tão inúteis? — ele indagou, com desgosto.

— Você me entendeu mal, Geraint. — Enid hesitou, como se pesasse o que poderia revelar. — Essa é a minha posição em minha tribo. Sou uma guerreira. Como minhas ancestrais antes de mim, pertenço a uma elite de mulheres que iniciam os meninos nas artes da batalha. Quando o treinamento é concluído, eles se reúnem aos homens que guardam nossas fronteiras. Damos a eles confiança e coragem para serem bem-sucedidos. E eu não pude ficar parada ali, esta tarde, e ver tamanho desrespeito entre companheiros soldados.

— Você treina os homens — ele disse lentamente, tentando compreender um posto assim. — Você não foi... *forçada* a aprender para se proteger, porque os homens não se dispunham a isso?

— Claro que não. A maioria das mulheres da minha tribo faz o que você esperaria das mulheres. Embora eu tenha de admitir — ela murmurou, olhando ao redor — que se

espera que nossas mulheres contribuam mais para a sociedade de nossa tribo e recebam igual consideração quando as decisões são tomadas. Aqui, a menos que sejam criadas, não se exige que as mulheres façam nada, a não ser costurar e se mostrar belas.

— Ah, Enid, a corte não é a mesma coisa que um castelo no campo. Quando os homens ficam longe por muito tempo, as mulheres são encarregadas de administrar imensas propriedades. A maioria não se senta e espera que um homem a fique adorando.

Ela pareceu aliviada.

— Isso é bom. Fiquei com receio de não ser capaz de aceitar adoração.

Um pouco da tensão entre os dois dissipou-se.

— Você não me quer rastejando a seus pés?

— Bem, isso é diferente. Onde mais um marido poderia estar?

— Um pouco acima, quem sabe.

Mais uma vez, um intenso rubor coloriu-lhe as faces. Geraint estudou-a e imaginou-a num pátio de exercícios, treinando soldados. A autoridade que uma coisa assim exigia parecia muito estranha para ela. Enid era sua esposa, alguém para quem voltaria toda noite pelo resto da vida.

Porém, embora continuasse tentando se convencer de que isso não importava, uma parte sombria dentro dele pensou no homem que a tivera pela primeira vez. Duvidava agora que ela tivesse sido violentada; não se ela vivia e trabalhava com homens.

E será que ela entenderia que não poderia continuar treinando-os quando voltassem ao castelo de seu pai, na Cornualha?

— Enid, você tem de...

Mas Geraint foi interrompido outra vez por Lovell.

— Sir Geraint — o escudeiro chamou, empolgado —, o rei supremo conversou comigo. Comigo! Ele me pediu para transmitir o recado de que deseja se encontrar com o senhor e sua esposa no solário particular quando o banquete acabar.

— Informe ao rei que faremos o que ele ordena.

Lovell pareceu pensar que aquilo era uma grande honra, mas Geraint sabia o que Blakemore dissera ao rei Arthur. Enid encontrou-lhe o olhar, evidentemente preocupada,

— Tudo ficará bem — ele falou.

Ou estava apenas tranquilizando a si mesmo?

Pela primeira vez, Enid ficou contente por estar vestida como as outras mulheres de Camelot. Seguiu pelo corredor iluminado pelas tochas, com a mão no antebraço de Geraint. Queria fazer parte daquele ambiente, para não chamar mais atenção do que já chamava.

Ainda podia ver o espanto na expressão de Geraint quando ela falara sobre sua posição como mulher guerreira em sua tribo. Ele obviamente pensara que ela havia aprendido a lutar porque não contava com ninguém para defendê-la. Enid quase se sentira ofendida, mas começava a entender o mundo em que o marido vivia. O pavor invadiu-a ao pensar em tudo o que ainda tinha para revelar. Se tivesse sorte, sua missão estaria concluída antes que precisasse explicá-la. Contudo, naquele exato momento, nada era mais importante do que o encontro com o rei supremo.

Dois soldados armados guardavam a entrada do solário, mas os deixaram passar sem perguntar quem eram. Enid e Geraint cruzaram as portas duplas para um grande

aposento. Havia um trono num tablado ao fundo do recinto, mas o rei Arthur não estava lá. Encontrava-se à mesa, ditando algo ao seu escrevente. A coroa e o manto tinham sumido. Ele era apenas um homem num elegante gibão e calças justas, rodeado por outros homens que esperavam para servi-lo.

Arthur ergueu o olhar e viu Geraint e Enid. Embora houvesse círculos escuros de fadiga sob os olhos, a expressão do rei era calma, cheia de uma rara inteligência e percepção, o que fez Enid sentir-se nua. Seu nervosismo começou a beirar o medo. Ela não estava acostumada a ter tais sensações, mas aquele homem detinha o destino dos dois nas mãos.

— Terminei aqui — disse o rei às pessoas no recinto. — Por favor, deixem-nos a sós.

Todos saíram do aposento. Enid sentiu os olhares curiosos, mas ninguém ousou questionar o rei. Quando tudo ficou em silêncio, o rei Arthur endereçou-lhes um olhar pensativo.

— Fiquei contente que tenha escolhido celebrar seu casamento em Camelot, sir Geraint. Espero que seu pai aprove sua noiva.

Enid tentou não tomar as palavras como de cunho pessoal.

— Ele ainda precisa conhecê-la, senhor — Geraint falou. — E confia em minhas decisões.

— Então, você é corajoso — Arthur afirmou —, pois o rei Erbin é um homem no controle de seu reino.

— Sei disso, senhor.

O rei voltou os olhos penetrantes para Enid.

— Onde conheceu seu marido?

Ela entrelaçou as mãos diante do corpo.

— Numa clareira nos bosques, a um dia de viagem daqui, senhor.

O rei arqueou uma sobrancelha.

— Você estava lá... esperando por ele?

Enid relanceou os olhos para o marido, sem saber o quanto poderia ser dito da verdade.

Geraint sorriu.

— Minha esposa está preocupada que eu possa ficar constrangido por causa dela, mas eu não estou. Lady Enid é uma guerreira entre seu povo, e estava se defendendo de um rufião quando a vi pela primeira vez.

Ela deixou escapar a respiração que contivera.

— Você deve ser um espadachim e tanto para impressionar sir Geraint — disse o rei, recostando-se e cruzando os braços no peito.

— Ela treina os rapazes de sua tribo — explicou Geraint.

— Hábil o bastante para ensinar... E onde fica essa tribo, que coloca um treinamento tão importante nas mãos de mulheres? — o rei indagou.

Enid saía de casa preparada para tais perguntas e para o que fosse necessário para proteger seu povo. Seu marido a fitava com curiosidade, e ela prometeu a si mesma que lhe contaria a verdade... mais tarde.

— Sou de muitos quilômetros ao sul daqui, senhor, onde dois rios formam uma fronteira em torno de um pântano.

— Sua tribo mora num pântano? — o rei perguntou, com ceticismo.

Ela deu-lhe um sorriso reticente.

— Há muita coisa escondida lá dentro.

— Compreendo. E você não quer revelar o local exato.

— Não, senhor. Tenho meu povo para proteger.

Enid esperou que o rei se recusasse a aceitar esse segredo, mas não foi o que aconteceu.

— Entendo, lady Enid. Sua terra conta com muitas mulheres como você?

— Não sei o que quer dizer, senhor.

— Mulheres com a força para fazer com que uma espada se parta em duas?

— Era uma espada sem corte. Talvez não fosse benfeita.

— Meu capitão da guarda me assegurou que era. Contudo, a força de sua parada lascou-a em pedaços.

— Não posso dizer nada a respeito da espada, senhor, mas posso responder sua pergunta sobre mulheres guerreiras. Somos raras, mesmo em minha tribo, e só *treinamos* os rapazes. Em geral, não lutamos ao lado deles.

O rei assentiu e acrescentou com suavidade:

— Com respeito ao incidente de hoje, um de meus cavaleiros alega que foi feitiçaria.

— O homem que alega uma coisa dessas está apenas invejoso da habilidade de Enid! — Geraint exclamou, bruscamente. — Deixe que Blakemore venha me procurar com suas reclamações.

— E como sabe que foi sir Blakemore?

— Eu vi o modo como ele conversava com o senhor durante o jantar, meu soberano, e ontem ele andou difamando minha esposa.

— Tal comportamento não dá credibilidade ao que ele fala, Geraint, mas ele também proclama que você tem negligenciado seus deveres.

— Sou um homem recém-casado.

— Com um compromisso importante ainda por vir.

— Não o servi bem no dia de hoje?

Havia um toque de aspereza na voz de Geraint que o rei certamente percebeu. Arthur levantou-se.

— Serviu, Geraint, e nós somos gratos. Porém, você não deve perder a confiança de seus homens. Podem se retirar agora. Boa noite, lady Enid.

Inclinou a cabeça para ela, e Enid correspondeu ao gesto.

— Descanse bem, senhor — disse Geraint.

Estendeu a Enid o braço, no qual ela apoiou a mão, e ambos deixaram o solário do rei. Não trocaram uma palavra conforme caminhavam pelos corredores, que pareciam intermináveis, até chegarem ao quarto. Lá dentro, Enid ajudou-o a tirar o belo manto que

ele usara para o banquete e, quando estava de calça e camisa, Geraint começou a andar de um lado para o outro, calado.

— Você mentiu ao rei — ele disse, bruscamente.

— Sim.

— Você vive num brejo ao sul?

— Não.

— O rei Arthur é um homem honrado.

— Nem todos de sua corte podem ser.

— E quanto a mim?

Houve uma pausa terrível, e a tensão instalou-se entre 'os dois até tornar-se quase insuportável.

— Confio em você, meu marido.

— Mas não o bastante para me contar de onde você é. Enid sentiu o ardor das lágrimas que não a ameaçavam desde a infância. Olhou, aflita, para Geraint.

— Se você insistir, eu contarei. Mas prometi que lhe confiaria meus segredos em meu próprio ritmo. E jurei a meu pai proteger nossa tribo.

— E quebraria seu juramento por mim?

Ela fechou os olhos, sentindo as lágrimas tolas escorrer por suas faces. De repente, ele estava com os braços ao seu redor, enxugando suas lágrimas com beijos.

— Confio em você, minha querida. Não pedirei que quebre seus votos.

— Oh, Geraint... — ela murmurou, correspondendo aos beijos até que uma paixão feroz os dominou.

Entregaram-se a um ato de amor ardente. Geraint derrubou-a na cama, e Enid passou os braços em torno do pescoço do marido, enquanto ele a despia com gestos aflitos até parar, admirando sua nudez. Ele continuou beijando-a, cada pedacinho de pele, até chegar à região sensível de sua feminilidade. Então, percebendo-a pronta para recebê-lo, ele a penetrou, investindo e recuando até chegarem juntos ao clímax.

Muito tempo depois, quando Geraint caiu adormecido a seu lado, Enid pensou na jura matrimonial que havia quebrado. Tinham feito amor mais uma vez, lentamente, e ela usara o vinho, bebendo e derramando-o por seus corpos, numa festa dos sentidos deliberada para que Geraint logo dormisse.

Enid desviara-se de seus propósitos. Era hora de recuperar a própria confiança. Não podia deixar que seu povo sofresse. Tinha de cumprir sua promessa o mais depressa possível, para fazer novos votos para sua vida com Geraint. Iria restaurar seus poderes naquela noite mesmo, e praticaria as novas habilidades que aprendera durante o dia. Poderia treinar perto do lago, usando as sombras para ocultar o que fazia.

Ela tentara explicar que tinha segredos antes do casamento, mas a realidade parecia pior para Geraint agora. Era preciso acabar com tudo logo, para que pudesse se dedicar a ser uma esposa para ele.

Postou-se à janela, nua, com as venezianas abertas, e sentiu o chamado da lua muito mais forte. Seu corpo vibrava. Ela amarrou os cabelos para trás e vestiu o gibão de couro sem mangas, que ia até o meio da coxa, e as botas altas, que deixavam apenas seus joelhos de fora. Depois de fechar o cinto da bainha da espada, lançou um último olhar para o marido adormecido e envolveu-se em sombras, saindo para o corredor.

Muito antes do alvorecer, Geraint abriu os olhos de repente. Ficou imóvel, sentindo que havia algo errado. Enid não estava aconchegada a seu corpo, como se acostumara a fazer. Não ouvia a respiração dela. Sentou-se e, com a luz do fogo, viu que o quarto estava vazio.

Sua cabeça ainda pesava com o vinho que tomara. Por que ela o deixara? E será que o encorajara a beber deliberadamente? Onde ela estaria? Uma outra noite, antes do casamento, ele a surpreendera vagando pelo castelo quando deveria estar dormindo.

Nesse momento, ouviu a porta abrir e se fechar. Não conseguia enxergar nada nas sombras naquela parte do quarto, mas Enid avançou para a luz do fogo e o fitou, com os cabelos molhados escorrendo pelo colete de couro. Estava vestida como da primeira vez em que a virá, como a guerreira que era, com uma espada afivelada na cintura. Geraint subitamente se sentiu ridículo, sentado ali, nu diante dela, exposto. Enrolou o lençol em torno da cintura ao ficar de pé e postar-se na frente dela.

— Aonde foi? Ou vai mentir para mim, como mentiu ao nosso rei?

— Não minto a você de bom grado, meu marido. E ele é *seu* rei — ela retrucou. — Eu precisava treinar, e você não me permitiria exhibir minhas habilidades diante de seus cavaleiros.

— Por que precisaria treinar, a menos que planeje usar suas habilidades?

—Então não treinando, as suas habilidades desaparecem enquanto conversamos?

Espicaçado por aquelas palavras, Geraint encarou-a com raiva. Ela enterrou o rosto entre as mãos e deixou escapar um suspiro.

— Geraint, eu não pretendia que isso soasse assim. Como ò rei Arthur, eu também tenho ouvido os cavaleiros falar. Você precisa acalmar o descontentamento de sua tropa, comprovar-se um líder.

— Ah, isso agora diz respeito a mim, e de como você acha que sou um covarde?

Os olhos de Enid se arregalaram, e ela ergueu as mãos, suplicante.

— Eu jamais disse isso, nem creio que seja assim! — gritou.

— Mantenha a voz baixa, ou o castelo inteiro saberá o que você pensa de mim. Ou já sabem, por que viram você se esgueirando para fora da minha cama? Duas vezes, eu sei, você saiu sorrateiramente pelos corredores à noite.

— Ninguém me viu, Geraint. E eu não saí sorrateiramente. Saí para treinar porque você não queria me permitir o que é meu direito.

— E com quem você treina? — Ele notou o tom ciumento, percebeu que sua mágoa o causava, mas não conseguiu se controlar. — Há outro homem cuja covardia não está em questão?

— Não creio que você seja um covarde!

Quando Enid se aproximou, Geraint afastou-se para perto do fogo.

— E não há mais ninguém — ela prosseguiu. — Juro que saí sozinha.

— Não tenho certeza do que significam suas juras, Enid. Talvez eu nunca saiba.

— Geraint! — A voz de Enid soou triste. — Você não pode pensar tais coisas de mim. Eu te amo!

— Mas ama seus segredos ainda mais?

— Você disse que compreendia!

— Pensei que pudesse. Pensei que nada importasse, a não ser nossa felicidade juntos. Porém, seu comportamento esta noite, esta tarde no pátio de treino, e até na noite anterior ao, nosso casamento, comprova que minha confiança foi mal colocada. Achei que seu segredo se referia a como sua família a tratava. Eu não deveria ter aceitado essa barganha.

— Mas aceitou. — Uma lágrima escorreu dos olhos de Enid quando o encarou. — Então você só pode me amar e confiar em mim se eu fizer o que diz e me comportar como julga apropriado?

— É sua lealdade que está em questão; e acho que minha coragem também, agora — ele emendou, com tristeza.

— Geraint, não faça isso.

— Conte-me seus segredos. Sou seu marido.

— Eles são minha família.

— Você não me deixa escolha, a não ser acreditar no pior a seu respeito, se você se comporta assim em Camelot, o berço do nosso rei supremo.

Enid afastou-se, com os ombros caídos, e Geraint sentiu-se exposto e sozinho. Em um único dia, a felicidade que julgara ter encontrado derretera-se em desconfiança e tristeza. Fora um tolo, e a corte inteira devia saber disso. Pensou em como se apaixonara por ela, como isso pusera em perigo seu lugar na corte e com seus homens.

Mesmo depois de todas as coisas que fizera para comprovar-se um conselheiro estável para o rei Arthur, Geraint ainda era o que seu pai sempre proclamara: um homem impulsivo. E agora estava pagando por isso.

Tinha de levar Enid para longe de Camelot antes que os dois arruinassem ainda mais sua reputação na corte.

Depois de algumas horas de sono, Enid acordou com a cabeça latejando, e seu rosto parecia em carne viva de tanto chorar. Devagar e tensa, ela se virou de costas, imaginando o que a acordara.

À luz do fogo, viu Geraint enfiando as roupas num baú.

O amor que sentia por ele espicaçou seu coração, mas o mesmo aconteceu com os sentimentos amargos de traição e desapontamento. Ele se recusara a dormir a seu lado depois da discussão e, da última vez que notara, estava sentado diante da lareira, olhando para as chamas. Será que passara o resto da noite na cadeira?

Não perguntaria, pois ele merecia tamanho desconforto depois das acusações que lhe fizera.

E ela também merecia sentir-se tão infeliz por tê-lo desapontado. Agarrar-se ao juramento à família a tornara incapaz de confiar? Ela não confiava em Geraint, não poderia confiar nele. E era óbvio que ele não confiava nela. Havia se atirado para dentro de um casamento sem conhecer um ao outro.

Sentou-se devagar, puxando a combinação em torno dos joelhos dobrados ao abraçá-los de encontro ao peito.

— O que está fazendo? — perguntou baixinho.

— Arrumando as malas.

Ela se encolheu diante do tom glacial, e o pânico a atingiu.

— Está me abandonando?

Geraint a fitou com seriedade por sobre o ombro.

— Não quer dizer como o covarde que eu sou? Ela soltou um gemido.

— Sei o que eu quis dizer, Geraint, e nunca disse isso.

— Então por que pensaria que eu poderia abandonar minha esposa?

Enid ficou calada, sabendo que qualquer coisa que dissesse seria distorcida. Geraint virou-se para o baú e continuou a jogar suas roupas dentro.

— Estamos deixando Camelot. Sugiro que faça as malas.

— Mas... — Ela ia perguntar sobre o compromisso assumido com o rei, mas percebeu que Geraint interpretaria sua preocupação como outra acusação. — Para onde vamos?

— Para casa. *Minha* casa. Cornualha.

O encontro de Geraint com o rei Arthur fora mais cordial do que ele imaginara que seria. O rei compreendera sua necessidade de levar sua esposa para casa ou, quem sabe, apenas quisesse ficar livre da distração que Enid representava tanto para o próprio Geraint como para seus homens. Contudo, Geraint prometera retornar logo, a menos que seu pai precisasse dele.

Enid, que tinha pouca coisa para arrumar, estava esperando por ele no quarto. Geraint fitou-lhe o rosto pálido e a expressão sombria. Estava vestida com o gibão de couro, usando um manto jogado para trás dos ombros. Ele não se deu o trabalho de questionar tal escolha. Enid demonstrava que sua opinião sobre os trajes que usava não mais importavam. Talvez *nenhuma* de suas opiniões importasse. Geraint sentiu um aperto no peito, e se convenceu de que era raiva.

Mais tarde, os dois foram até o salão nobre para que ele se despedisse de vários amigos. Furtivamente, observou a esposa sozinha, e as pessoas olhando para as roupas dela. Depois, juntos, rumaram para os estábulos e se encontraram com seus soldados. Quatro deles o acompanhavam desde a Cornualha e agora pareciam ansiosos para voltar para casa. Eles fitavam Enid com curiosidade.

Geraint fez as apresentações enquanto Ainsley lhe afivelava o colete de cota de malha, e a couraça de peito e de costas que ele usava ao viajar.

— Enid, conheça seus companheiros de viagem. Este é Ainsley, o capitão da minha guarda.

Ainsley, baixo, corpulento e sério, inclinou a cabeça para Enid, mas continuou com sua tarefa. Aceitava tudo, até mesmo aquela viagem inesperada, com uma fatalidade cínica que os salvara em mais de uma ocasião.

Toland e Tyler eram gêmeos, cujas feições agradáveis mascaravam uma perspicácia apurada e uma tendência a pregar peças nos outros. Fizeram uma mesura simultânea para Enid, que olhou de um para o outro com um ar cético e perguntou:

— Como vou distingui-los?

Usavam gorros iguais, o mesmo gibão de couro reforçado de placas de metal dos soldados comuns, e calças de lã acima das botas. Os dois arquearam uma sobrancelha loura idêntica e se entreolharam, antes que Toland dissesse:

— Sou o mais bonito.

Os lábios de Enid se curvaram num sorriso, e ela meneou a cabeça.

O último soldado era o mais jovem, novo na guarda pessoal, muito falante e irrefletido para o gosto de Geraint. Seu gorro tinha uma pena de pavão saltando para o alto. O rapaz arrancou-o da cabeça e inclinou-se numa mesura profunda.

— Enid, este é Wilton — disse Geraint, num tom desaprovador.

Enid relanceou os olhos para ele, surpresa, mas cumprimentou o soldado com um gesto de cabeça.

— Milady, esta jornada será bem mais civilizada com a senhora aqui — Wilton comentou, solenemente.

— Duvido. — No momento em que as palavras saíram de sua boca, Geraint as lamentou.

Os quatro soldados o fitaram, e os olhos de Enid faiscaram para depois se tornarem frios e vagos.

— Uma palavra mal escolhida. Perdoe-me.

— Só pela palavra? — ela perguntou, baixinho.

Geraint afastou-se. Conforme o grupo montava seus cavalos, ele viu seus homens observarem Enid montar como um homem. Acima das botas, ela tinha as pernas nuas até a barra do gibão. Quando ele a vira pela primeira vez, ficara fascinado pelos centímetros de pele tão casualmente revelados. Agora, queria tudo escondido, mas não disse nada. Erguendo a mão, começou a procissão, seguido por Enid e seus homens. Os baús e provisões para a viagem estavam acomodados numa carroça dirigida por Tyler, cujo cavalo fora amarrado à traseira.

Passaram sob a portaria da muralha interna, e Geraint conduziu seu cavalo pela encosta na direção do pátio de treino e de sir Blakemore, que esperava lá embaixo.

Enid cavalgava em meio aos guardas de seu marido. Sentia-se cansada, embora fosse de manhã, e deprimida com o rumo de seu casamento. Porém, sua curiosidade brotou quando viu que Geraint rumava para o pátio de treino, em vez de para a portaria principal. Embora os gêmeos se entreolhassem, confusos, Ainsley pareceu preocupado.

Só Wilton mostrava-se alegre ao colocar-se ao lado dela.

— Agora, milady, pode se preparar para divertir-se.

— Divertir-me? O que sir Geraint está fazendo?

— Cumprindo seu dever com o rei supremo, é claro. Observe só.

Enid mordeu o lábio, mas puxou as rédeas da montaria ao mesmo tempo que os soldados. Geraint continuou cavalgando e, chegando ao pátio, ficou parado até obter a atenção de todos. Um a um, os cavaleiros e os escudeiros deixaram de treinar e se viraram para fitá-lo.

Enid conteve a respiração quando ele saltou da sela ao lado de sir Blakemore e jogou as rédeas a um escudeiro.

Os dois cavaleiros se encararam, impassíveis, antes de Geraint virar-se de costas e anunciar em voz alta:

— Devo partir inesperadamente hoje para a Cornualha, mas o rei Arthur me pediu para escolher um substituto, que conduzirá a tropa à fronteira norte.

Enid sabia que sir Blakemore poderia ser escolhido antes, mas não julgava que Geraint o escolhesse agora. Contudo, como lidar com a situação sem deixar a raiva divisionária em sua esteira?

— Há dois homens capazes para esta posição, mas não consigo escolher com facilidade. Portanto, enfrentarei ambos e depois tomarei uma decisão.

Por um momento, um silêncio pesado pairou sobre os homens. Então, de repente, um grito de aclamação elevou-se, e os cavaleiros deixaram o pátio.

Enid olhou para Wilton com um ar questionador, mas o rapaz deu de ombros. Ela não pôde deixar de imaginar se Geraint estaria tentando provar que não era um covarde.

Se a discussão da noite anterior acabasse por matá-lo, a culpa seria dela. Pelos deuses, ele era um tolo!

— O primeiro homem que enfrentarei é sir Rowan — disse Geraint.

Conforme as pessoas aplaudiam, um cavaleiro destacou-se da multidão. Mas Enid observava sir Blakemore, que cerrou os punhos ao lado dos quadris, com uma carranca.

Geraint sorriu.

— Quanto ao vencedor de cada embate, deixarei que todos vocês decidam.

Gritos ecoaram pelo pátio, e dezenas de homens começaram a fazer apostas. A notícia espalhou-se, atraindo uma multidão de criados para observar a diversão.

Geraint pegou um escudo e uma arma de um jovem escudeiro. Embora as espadas fossem sem corte, dois homenzarrões esgrimindo um contra o outro poderiam causar ferimentos sérios, e Enid se percebeu contendo a respiração, aguardando com interesse aquele confronto.

O marido não a desapontou. Girou a espada e desferiu um primeiro golpe poderoso. Um forte estalo foi ouvido quando as armas se chocaram. Por um momento, os dois ficaram parados, cada um usando toda a força contra o outro, até que sir Rowan cambaleou para trás, e o embate prosseguiu.

Investiam, bloqueavam as cutiladas com os escudos, desviavam dos golpes, mas, inevitavelmente, sir Rowan continuava recuando. Enid sentiu uma agitação em seu íntimo diante da força e do talento de Geraint, da maneira inteligente como antecipava cada movimento do oponente. Era óbvio que não fora afetado por perder uns poucos dias de treinamento.

Mas a discussão não fora sobre o treinamento, nem sobre qualquer coisa semelhante à covardia, e ele deveria ter se dado conta disso. Tinha de ter percebido que ela tentara falar a verdade sobre sua situação desagradável perante seus homens e sua posição diante do rei Arthur.

Enid não aplaudiu a vitória do marido quando ele foi declarado vencedor pela assembléia de cavaleiros, mas se obrigou a sorrir para não constrangê-lo. Porém, o sorriso desvaneceu-se quando Geraint chamou sir Blakemore, e o cavaleiro caminhou para o centro do pátio, descansado e confiante. Era um homem poderoso, e Geraint acabara de lutar. Não descansaria um pouco?

Seu marido, porém, não pediu uma pausa. Simplesmente inclinou a cabeça para o oponente e ergueu a espada. Dessa vez, o combate foi mais uniforme, pelo menos no que dizia respeito à habilidade. Em questão de minutos, ambos estavam contundidos e ensangüentados. Enid conteve a respiração, esperando que a força de Geraint vacilasse, mas isso não aconteceu. E ela se percebeu observando-o, sem fôlego e até mesmo excitada. Ele investiu e aparou um golpe, desviou-se de um ataque certo e fez o escudo explodir no ombro de sir Blakemore. Quando o outro cavaleiro cambaleou e quase caiu, a multidão urrou.

Sir Blakemore, entretanto, não desistiu. Logo, ambos arquejavam e se

movimentavam pesadamente ao se rodearem. Sir Blakemore investiu, Geraint saltou de lado e, com uma das mãos, girou a espada para o pescoço do outro. Sir Blakemore mal conseguiu erguer o escudo a tempo, e a espada o acertou no crânio. Seu elmo caiu, e seus ouvidos deviam estar tinindo. Ele caiu sobre um joelho, mas, em vez de admitir a derrota, inesperadamente puxou as pernas de Geraint, tirando-lhe o equilíbrio. Ambos terminaram de costas no chão batido.

Por que ninguém aclamava um vencedor? Enid olhou ao redor, confusa. Até onde deixariam que aquilo continuasse? Até que dois dos valiosos cavaleiros de Arthur ficassem seriamente feridos? Às vezes, ela não compreendia os homens. As mulheres, mesmo as guerreiras, eram muito mais práticas.

Geraint levantou-se primeiro, e um sorriso feroz surgiu em seu rosto suado.

— Sou o vencedor, Blakemore?

O outro cavaleiro rosnou ao conseguir ficar em pé, e investiu contra Geraint. Conforme ele aparava o golpe, Blakemore cambaleou, passando por ele. Deu a volta devagar e disse, com voz cansada:

— Rasgar as saias de sua esposa parece ter melhorado suas habilidades.

Os cavaleiros explodiram em risadas diante de tamanha grosseria. Geraint também riu, exausto. Endireitou-se, enterrando a ponta da espada no chão e apoiando-se nela.

— Depois deste magnífico combate — começou, erguendo a mão para acalmar os gritos bem-humorados —, declaro que sir Blakemore conquistou o direito de comandar minha tropa na minha ausência.

Enquanto o dinheiro era ostensivamente trocado ao redor, Enid observou os dois cavaleiros se aproximarem e conversarem em voz baixa. A expressão de Geraint era séria, e foi ele quem mais falou. Sir Blakemore concordou com a cabeça uma vez e afastou-se, mas não pareceu zangado. Geraint era, de fato, um diplomata, e se comprovava mestre em lidar com a delicada transferência de poder.

— Sir Geraint! — gritou uma voz.

Ele devolveu a espada e o escudo ao dono, mas ergueu os olhos.

— Quem sabe agora devesse desafiar sua esposa — prosseguiu o homem, que não se deu o trabalho de sair da multidão. — Ela empunha uma espada como quem sabe usá-la.

Ouviram-se risadas ao redor, envergonhadas, que logo esmoreceram.

Enid controlou-se, mantendo a expressão impassível. Sentiu cada olhar de curiosidade e percebeu cada murmúrio disfarçado.

Geraint fitou-a por um momento, e depois esboçou um sorriso.

— Para que ela me domine fora da cama, assim como me domina nela?

As gargalhadas foram muito altas, e Enid sentiu o rosto queimar, mas compreendeu. Wilton virou a cabeça de lado, sacudindo os ombros, e os gêmeos sorriram.

Geraint sabia exatamente o que dizer aos homens. Fora presenteado com o dom da comunicação oral; mas ela já não sabia disso, pelo modo como ele a seduzira para o casamento com palavras, mais do que com beijos?

CAPÍTULO II

O primeiro dia de viagem passou tranqüilo, em um raro dia sem nuvens. Acamparam aquela noite num bosque perto de um riacho e, já que o céu estava claro, resolveram não erguer pavilhões. Enid comeu a carne seca e o queijo em silêncio, ouvindo os gêmeos e Wilton tagarelar. Geraint não lhe dirigia a palavra, a menos que fosse absolutamente necessário. Um dia antes apenas, não havia horas suficientes para dizerem todas as coisas que tinham a dizer um ao outro.

Os soldados estavam tão ocupados conversando que Geraint e Enid foram quem primeiro perceberam que havia algo errado. Ouviu-se um som na mata que não se encaixava ali. Seus olhares se encontraram por cima do fogo, e ambos se puseram de pé, com as espadas em punho. Os quatro soldados então agarraram suas armas às pressas.

— Por favor, Enid, fique perto do fogo — Geraint disse baixinho.

Ela não retrucou. Não valia a pena outra discussão. Porém, se um combate eclodisse, estaria pronta para juntar-se ao marido.

Antes que alguém pudesse se embrenhar pelo bosque, uma voz trêmula falou:

— Sir Geraint, sou eu, Lovell, o escudeiro. Posso ter permissão para juntar-me a vocês ao fogo?

Nenhuma arma foi baixada até que Geraint declarou sua permissão, e o rapaz adiantou-se, saindo da escuridão. Puxava o cavalo, e seu rosto estava suado, pálido à luz da fogueira. Geraint foi o primeiro a embainhar a espada. Depois, cruzou os braços no peito e encarou o rapaz.

— Traz uma mensagem do rei?

— Não, milorde — respondeu Lovell, olhando para o chão.

Enid deixou sua arma de lado e se postou ao lado do jovem.

— Houve algum problema por causa da forma como o ajudei?

— Não, milady. — Ele ergueu os olhos, hesitante. — Mas eu estava esperando para descobrir de quem eu seria escudeiro. É uma espera terrível, senhora — Ele soltou um suspiro pesado e arriscou um olhar para Geraint. — Pensei que poderia... ajudar a escoltá-los à Cornualha.

Geraint arqueou uma sobrancelha.

— O rei sabe que abandonou seus serviços? — indagou.

— Não abandonei os serviços, milorde. O senhor está a serviço do rei e, ao ajudá-lo, ajudo o rei, não é? Posso fazer qualquer coisa que precise ser feita. Fui bem criado na casa de lorde Blaed.

Enid viu os gêmeos assentir, num gesto de aprovação. Sentaram-se e logo se juntaram a Wilton e Ainsley, deixando Geraint e Enid para tratar com o escudeiro.

— Lorde Blaed é um excelente cavaleiro — afirmou Geraint. — Mas se você permanecer conosco, temporariamente, eu devo acrescentar, o rei Arthur não ficará preocupado por ter de explicar sua ausência a seu pai? Lovell sorriu.

— Mande uma mensagem ao rei, milorde, de que eu estaria temporariamente servindo ao senhor.

Geraint suspirou.

— Confiante, não é?

O rapaz concordou, arriscando um olhar para Enid. Ela mordeu o lábio, imaginando o que Geraint diria se soubesse de onde vinha tamanha confiança.

Por fim, Lovell foi convidado a ficar ao lado do fogo, e compartilhou o marzipã que surrupiara do jantar antes de partir. Além do doce, ele fizera uma boa provisão, e Enid pôde ver que Geraint ficara impressionado. Seu alívio foi imenso. Afinal, ela sentia que tinha um aliado no jovem Lovell.

Depois da refeição, Geraint tirou seus trajes de viagem e andou os cinco passos até o riacho usando apenas ceroulas. Enid não conseguiu deixar de observá-lo e percebeu os novos hematomas em seu peito e braços. Ansiava por acariciá-lo e esfregar linimento na pele dolorida. Era uma pena que ele tivesse negado a ambos tal conforto, pensou, com amargura.

Embora seus músculos estivessem cansados de um dia de cavalgada, Enid não poderia se esquecer de seu povo. Levantou-se e sacou a espada, atraindo os olhares masculinos. Geraint terminou de enfiar a camisa pela cabeça e levou a mão à arma.

— Há alguém mais nos espreitando?

— Não, mas eu preciso treinar. — Ela não disse aquilo num tom de pergunta.

As sobrancelhas de Geraint se franziram. E se a proibisse, como fizera em Camelot? Enid teria de se colocar contra ele, ou invocar a magia e se esconder, o que não queria ter de fazer toda noite.

Mas ele se virou de costas, e Enid encolheu-se, como se recebesse um soco. Aquele desinteresse era uma previsão do futuro? Teve vontade de chorar.

Em vez disso, marchou para a clareira, onde o bosque se abria um pouco, dando-lhe espaço. Repassou cada novo movimento, um a um, vezes seguidas, até que seus músculos tremessem de fadiga, e o suor escorresse para dentro de seus olhos. Quando parou, voltou para perto dos companheiros e descobriu que Lovell deixara o conforto do fogo para observá-la. Num tom reverente, ele disse:

— Pratico aquelas manobras minha vida inteira, lady Enid, e nunca vi nenhuma realizada de um modo tão fluido.

Ela endereçou-lhe um sorriso cansado e deixou que Lovell pegasse sua espada.

— Você não viu nenhum adversário diante de mim, Lovell. Isso faria toda a diferença.

— Importa-se se eu perguntar por que aprendeu a lutar, milady?

— Porque é meu destino entre meu povo ensinar rapazes a se tornarem guerreiros.

Os olhos do garoto se arregalaram, e ele os baixou para a espada, mas continuou calado.

Enid passou por ele, pelos quatro soldados que a fitavam, intrigados, e pelo marido, que evitou seu olhar. Do alforje da sela, tirou uma camisa limpa e, então, seguiu para o riacho. Despiu as roupas e, quando usava apenas a camisa manchada de suor, entrou na água para se lavar.

Geraint sentou-se ao lado do fogo, e nem mesmo tentou fingir ignorar a esposa que se banhava, embora exibisse um olhar feroz a qualquer um que acidentalmente se atrevesse a relancear os olhos para aquele lado.

Ao luar, a camisa branca abraçava o corpo firme de Enid como a veste sobrenatural de uma fada. Ele via a longa linha do torso e a firmeza roliça das nádegas onde a água batia. Ele podia ver... tudo... através da roupa molhada, como se ela não estivesse usando nada.

Enid pegou a camisa limpa e seguiu para trás de uma moita para se trocar. Tirou a roupa molhada pela cabeça e enfiou a outra no lugar. Por causa da pele úmida, ela teve de puxá-la para baixo e, por um momento, Geraint lembrou-se de suas próprias mãos e de sua boca seguindo o mesmo caminho.

As lembranças vividas eram uma provocação diante de tudo o que acontecera naquele dia, assim como aquele corpo, conforme Enid descia a margem do rio para pegar o resto das roupas que despira. A sombra escura dos mamilos contra a camisa parecia deliberada, e Geraint enraiveceu-se de que ela se exibisse dessa forma. Com outro rápido olhar, viu que os homens estavam enrolados nas mantas ao redor do fogo, de costas para o espetáculo.

Já vestida, Enid se agachou ao lado do riacho, lavou a camisa e pendurou-a num arbusto para secar. Ao voltar ao acampamento, parou ao notar que ele a observava. Será que ela tinha consciência da exibição que fizera de si mesma?, Geraint pensou, furioso. Ou fizera isso para lhe mostrar o que ele estava perdendo?

Ela ergueu o queixo, desafiadora, e virou-se. Depois acomodou-se perto do fogo, do lado oposto ao dele, enrolou-se numa manta e penteou os cabelos com os dedos para secá-los com o calor. Geraint mal conteve um gemido diante de tamanha tortura.

— Milady? — Lovell chamou, hesitante.

Ela ergueu os olhos para o escudeiro, mas não parou de se pentear.

— Sim, Lovell?

— A senhora me ouviu mencionar que tenho ainda de ser sagrado Cavaleiro.

Quando ela concordou, Geraint percebeu-se avaliando o rapaz com curiosidade, aliviado de ter algo mais em que se concentrar.

— Lady Enid — Lovell continuou, num tom de voz formal —, poderia me conceder a honra de permitir que eu a sirva como seu escudeiro?

Geraint devia ter soltado um bufo de incredulidade, porque Enid relanceou os olhos para ele de um jeito penetrante. Lovell, contudo, continuou com o olhar cravado em Enid, cheio de veneração.

— A senhora disse que treinava rapazes — o garoto apressou-se em continuar. — Não poderia me treinar? Sou rápido em aprender e fácil de ensinar. Eu trabalharia duro para a senhora, mantendo suas armas e o cavalo em belas condições.

Por um momento, Enid não disse nada, e Geraint imaginou o que deveria fazer. O Geraint de sua juventude gostaria de se levantar e recusar o pedido, como se compartilhá-la não fosse uma opção. Porém, recordou-se dos segredos e da falta de confiança de Enid, e imaginou se ainda tinha motivos para interferir em sua vida.

Ela encontrou seu olhar e inclinou a cabeça. Estaria pedindo sua permissão como marido ou como o comandante daquele pequeno grupo? O que mais ele poderia fazer, além de dar de ombros, concordando?

Ela virou-se para Lovell,

— Muito bem, jovem escudeiro, você pode *temporariamente* pertencer a mim. Eu o vi lutar, e você precisa de tutoria.

Em vez de ficar constrangido, o rapaz concordou com ansiedade.

— Espere até minha mãe saber disso!

Tanto Enid quanto Geraint o fitaram, e Lovell baixou a cabeça, embaraçado.

— Ela sempre diz que, de sua própria maneira, as mulheres são mais fortes que os homens.

Enid sorriu e começou a amarrar os cabelos para trás com uma tira de couro.

— Acho que eu gostaria da sua mãe.

— E ela com certeza gostaria de conhecê-la, milady.

— Quem é sua família? — perguntou. Geraint.

— Sou o herdeiro do baronato de Exmitister, milorde.

— Servi uma vez a seu pai. Um bom homem — disse Geraint.

Lovell aquiesceu, distraído, mas observava Enid com admiração e deslumbramento.

— Faça sua cama — Geraint falou, com um suspiro. — Eu ficarei com o primeiro turno de vigia.

Enid acordou antes do alvorecer, enrolada na manta que estava úmida de orvalho, diante do fogo. Ainsley colocava lenha para alimentar as chamas e, quando as labaredas crepitaram, estendeu as mãos retorcidas para o calor.

— Está acordado faz tempo, Ainsley? — ela perguntou, sentando-se para aliviar a rigidez dos músculos.

— Estou acabando meu turno de vigia, senhora.

Geraint foi o próximo a acordar, e ela o estudou furtivamente conforme ele se sentava e se espreguiçava. Desde o casamento, passara as manhãs nos braços dele, acordando com os beijos e a paixão que sempre explodia em chamas entre os dois. Nem mesmo a discussão a impedia de nutrir tais sentimentos. Geraint fitou-a, então, e Enid recordou-se do calor que sentira quando, ao voltar do banho na noite anterior, percebeu que ele a estivera observando. Sentia-se consumida por calafrios sem os braços de Geraint ao seu redor. Para ocultar a necessidade por ele, indagou:

— Ontem, após derrotar sir Blakemore, o que disse a ele?

Geraint amarrou a túnica ao pescoço.

— Que não questionasse minhas habilidades outra vez.

— Você, por certo, já tinha comprovado isso.

Ele ficou de pé e estendeu a manta perto do fogo. Depois de uma ligeira hesitação, fitou-a.

— Eu disse a ele que um verdadeiro comandante e cavaleiro de Camelot nunca difamaria uma mulher como ele fez com você.

Enid não se preocupou em esconder o espanto. O comportamento de Blakemore com relação a ela era tão perdoável quanto a picada de um inseto. Será que Geraint não se dava conta de que ele a ofendera muito mais com as acusações infundadas que lhe

fizera?

Ficou furiosa outra vez.

Os dias da viagem esticaram-se um atrás do outro e, todas as noites, Enid quebrava a monotonia treinando com Lovell. Ele era um aluno ansioso e inteligente, e ela gostou de fazer de novo o que fazia melhor. Com frequência, os outros soldados os observavam e davam sugestões, o que a ajudava a aprender suas técnicas de luta. Por duas vezes, ela precisou renovar sua magia, mas, já que o marido a ignorava, ela pôde envolver-se em sombras e sair brevemente do acampamento.

Geraint e ela pouco falavam um com o outro. Ele nunca emparelhava a montaria à sua durante o dia, e à noite, estendia a manta tão longe quanto possível, ainda dentro do conforto do fogo. E, conforme se aproximavam da Cornualha, Enid sentia sua inquietação aumentando. Às refeições, muitas vezes o via relanceando os olhos para o oeste com uma ruga na testa. O que o esperava lá, que ele parecia temer? Se ao menos pudesse perguntar... Ou estaria preocupado em apresentar a nova esposa à família?

À medida que o terreno se tornava mais familiar, a charneca extensa intercalada de profundos vales férteis, Enid sentia ocasionalmente o cheiro do mar, a não muitos quilômetros de distância. Por fim, a manhã surgiu e encontrou os homens empolgados, dizendo que estariam no castelo da Cornualha antes do escurecer. Geraint, exibindo uma carranca, não parecia compartilhar do entusiasmo de seus soldados.

Lá pela metade do dia, enquanto descansavam na charneca de Bodmin, antes do trajeto final até o castelo, Enid pegou seu alforje da sela e pediu licença para descer até o vale que tinham deixado para trás. Quando emergiu, usando o vestido azul que lhe fora dado pelas damas da rainha, todos os homens pararam o que estavam fazendo para fitá-la. Ela revirou os olhos, começou a trançar os cabelos e os amarrou longe da face.

— Sou uma mulher, vocês sabem — disse com rispidez.

Por um momento, recordou-se de ter se sentido imensamente feminina quando Geraint a cortejara. Ser tratada como mulher parecera raro e diferente, mas agora, ela não sabia o que preferia. Poderia ter ambos, a vida de uma guerreira... e a de uma mulher?

Porém, ao encontrar os olhos de Geraint, viu-lhe o ar de ironia, como se suspeitasse de um propósito desleal naquela troca de roupas. Não era o bastante que ela quisesse parecer melhor para o rei da Cornualha, o pai dele?

Ao se aproximar de seu cavalo, Enid deparou-se com Lovell à sua espera, a mão erguida para ajudá-la. Na noite anterior, ela o lançara violentamente pela clareira, espantando a todos. Agora, iria se fazer de dengosa, incapaz de montar sozinha?

Esboçando um sorriso, ela empurrou-lhe a mão, colocou um pé no estribo e ergueu a outra perna. Não tinha sela lateral e, por isso, custou a arrumar as saias para cobrir as pernas. Se estivesse usando as botas, ficaria mais coberta; porém, ela estava com sapatilhas inúteis. Só que... combinavam com o vestido.

Enid guiou o cavalo até o meio dos homens, mas se deparou com todos exibindo caras amarradas.

— O que foi? — ela, por fim, indagou a Ainsley.

— Não deveria estar cavalgando ao lado do príncipe? — ele perguntou, aborrecido.

— Oh, sim, claro.

Enid bateu no flanco do animal e seguiu num trote até alcançar Geraint. Quando se postou a seu lado, ele inclinou a cabeça e deu início ao último trecho da viagem. Logo

atrás, seguia Wilton, carregando o estandarte do príncipe da Cornualha. Lovell dirigia a carroça.

Enid relanceou os olhos para noroeste e imaginou quando teria condições de sentir-se livre de sua missão e pronta para assumir o papel de esposa. Mas será que Geraint iria querê-la de volta?

As trombetas alertaram Enid primeiro, embora o castelo da Cornualha ainda estivesse a alguns quilômetros de distância. A fortificação dentro das muralhas de proteção espalhava-se pela charneca aberta, a torre alta proporcionando um panorama claro do mar.

Conforme se aproximavam, uma ponte levadiça foi abaixada devagar, e só então ela viu o charco baixo que circundava o castelo como um fosso, e a névoa que pairava em torno mesmo de dia, como se o castelo flutuasse nas nuvens.

Enid, que enfrentara os mais graves perigos com calma, ficou de repente muito nervosa. Estava casada com Geraint, e se a família dele a detestasse? E detestariam, se ele lhes contasse do ressentimento que guardava contra ela.

Os cavalos passaram ruidosamente pela ponte levadiça, e foi como se entrassem numa vila dentro do castelo. Dezenas de pequenas cabanas de teto de palha se erguiam ao longo das muralhas. Havia bancas de mercado e comerciantes debruçados nas janelas de suas lojas. Cães e galinhas perambulavam com liberdade pelo pátio.

Adultos e crianças chegaram correndo, acenando e saudando seu príncipe. Enid se percebeu sorrindo com o entusiasmo das crianças que se reuniam em torno do cavalo de Geraint. Para sua surpresa, ele tirou moedas do alforje e jogou-as aos pequenos, que gritaram de alegria e se atiraram no chão para pegá-las. Enid presumiu que ele continuaria em frente, mas Geraint esperou para se assegurar-se de que todos tinham pegado pelo menos uma, lançando algumas mais ao ver que isso não acontecera. Aquele era o homem por quem julgara estar apaixonada, um homem gentil e bondoso. Porém, dentro dele, espreitavam a suspeita e a desconfiança.

O grupo continuou subindo para o castelo, serpenteando entre barracas, estábulos e outras construções. Ainsley e os outros guardas pegaram os cavalos, e Enid teve de subir o longo lance de degraus de pedra até a entrada, com Geraint a seu lado, e Lovell logo atrás.

Por que sua garganta pareceu fechar-se quanto ela ergueu os olhos? Era apenas um castelo. Ali moravam pessoas, que não eram diferentes dela. Contudo, suas palmas suavam, e ela sentia-se como se não conseguisse engolir. Era certo que tropeçaria no vestido.

Geraint fitou-a, e ela sustentou-lhe o olhar, erguendo o queixo com uma ousadia fingida. Ele inclinou a cabeça, com um ligeiro sarcasmo no sorriso, e estendeu-lhe o braço. Enid pousou a mão nele e deixou que o marido a conduzisse para cima, ao encontro de seu destino.

Depois de passarem entre portas duplas, o salão nobre abriu-se adiante, imenso em tamanho, com um teto alto de madeira. Tapeçarias enfileiravam-se pelas paredes, e algumas das cenas de batalha representadas pareciam um pouco... tenebrosas. Havia lareiras altas de cada lado do salão, e perto de uma delas se erguia uma plataforma com um único trono dourado. O rei Erbin da Cornualha sentava-se nele, preenchendo a cadeira com seus ombros largos e a presença impressionante. Devia ser jovem quando Geraint nascera, pois não tinha a aparência de um velho, embora os cabelos escuros estivessem grisalhos nas têmporas. Era, obviamente, um guerreiro orgulhoso ainda.

Havia pelo menos uma centena de pessoas dentro do salão, aplaudindo e acenando. Afastaram-se conforme Enid e Geraint seguiam adiante, e então, como se combinado, o burburinho começou a se diluir. Ela percebeu os olhares intrigados e notou que imaginavam que deferência era aquela que Geraint lhe dedicava.

Mesmo sem seu traje de guerreira, ela parecia diferente deles. Muitos eram baixos e morenos, e Enid tinha os cabelos dourados como o sol. Era mais alta que a maioria das pessoas, dos homens inclusive.

Quando se aproximaram, o rei Erbin levantou-se e desceu do tablado, caminhando até eles. Para sua aflição, Enid percebeu que era mais alta que o rei uns dois ou três centímetros. Alguns homens se ofendiam com isso.

Contudo, embora o rei lhe endereçasse um olhar perscrutador por um momento, foi o filho que ele analisou. Era ceticismo o que deixava transparecer? Ou talvez apenas preocupação?

Geraint deu um passo à frente, e Enid continuou atrás dele.

— Meu rei — ele saudou, inclinando-se.

O sorriso do rei foi lento ao se formar, mas caloroso quando despontou plenamente.

— Meu filho. — Ele agarrou os braços de Geraint e sacudiu-o de leve. — Você ficou longe por muitos meses.

Ele abraçou o filho e, embora Enid não pudesse ver a expressão de Geraint, percebeu que suas mãos pendiam rígidas dos lados, como se ele não soubesse o que fazer com elas. Num gesto lento, ergueu-as e abraçou o pai.

— Papai, o senhor parece bem — disse, quando se separaram.

— Você também. Senti sua falta, filho.

O rei perscrutou o rosto de Geraint, mas ele não pareceu saber como responder.

— Senti saudades, pai.

— Saudades de mim? Ora... duvido. Mas recebi cartas regulares do rei supremo, e ele só o elogia. Você deixou a Cornualha orgulhosa, meu filho.

Enid sentiu as lágrimas arder em seus olhos, embora dissesse a si mesma que não deveria se importar com os sentimentos de Geraint. Porém, era óbvio que ele não tinha o melhor dos relacionamentos com o pai, e aquilo parecia ser um avanço.

E, então, o rei Erbin virou-se para encará-la com um olhar avaliador. Enid imaginou se ele seria o tipo de homem que consideraria a nora como uma ameaça.

— Vai nos apresentar sua convidada? ,— o rei perguntou.

— Papai, esta é minha esposa, a princesa Enid.

O salão ficou em silêncio absoluto, como se todos os súditos esperassem a reação do rei. Recordando-se pelo menos de algo do que aprendera em Camelot, Enid executou uma reverência decente. O rei a estudava abertamente, e ela esperou, tentando parecer serena. Sem olhar para Geraint, o rei indagou:

— Meu filho, não quis celebrar seu casamento no castelo da Cornualha?

Geraint deu de ombros, mas a tensão nele era visível.

— Eu não quis esperar.

— Que surpresa! — disse o rei baixinho.

Para espanto de Enid, Geraint pareceu se encolher.

— É bem-vinda à minha casa, Enid — o rei afirmou.

— Obrigada, senhor.

O rei Erbin por fim aliviou-a do peso de seu olhar e relanceou os olhos para o filho, a resignação e o ar divertido guerreando em sua expressão.

— Chegou a tempo de jantar conosco. Poderá nos contar sobre essa mudança em sua vida. E, é claro, tenho minhas próprias novidades.

Enquanto os criados armavam dezenas de mesas de cavalete no salão e uma longa mesa no tablado, Geraint seguiu o pai até um conjunto de poltronas diante do fogo. Franziu a testa diante da elegante mobília, uma das muitas mudanças que já notara nos breves minutos de seu retorno.

À maior mudança era seu pai. Por mais feliz que se sentisse ao saber que o pai soubera dos muitos serviços que ele realizara para o rei Arthur, Geraint esperava uma reação zangada pelo casamento apressado. Erbin sempre acusara o filho de ser impulsivo, mas casar com Enid *fora* a coisa mais impulsiva que ele já fizera. E não tivera necessidade disso. Ela se oferecera a ele independentemente de casamento, como se, de onde vinha, prazer e necessidade fossem tudo o que importava. Porém, aquilo nunca tinha sido apenas uma questão de desejo. Ele a queria para si, de corpo e alma. E não sentia que ela fosse sua.

— Lady Enid, quer refrescar-se antes do jantar? — seu pai perguntou sem sutileza alguma.

Ela olhou para ambos, e Geraint imaginou, desconfortável, o que ela via com aqueles olhos azuis inteligentes.

— Estou orgulhosa de conhecer a família de meu marido, senhor. Gostaria de conhecê-lo melhor, se não se importar com minha presença.

O rei sorriu com vivacidade; Geraint sabia como ele adorava um desafio. Enid deveria ter se retirado para que ele pudesse explicar aquele casamento para o pai a sós.

Poderia ter lhe pedido que saísse, e ela o atenderia... ou talvez não. E como isso haveria de parecer? Por mais que dissesse a si mesmo não se importar com a opinião do pai, não conseguia deixar isso de lado. Ele era o rei, afinal.

Olhou para a esposa, tão quieta e serena, e sentiu algo dentro de si enternecer-se, embora com relutância. Naquele velho salão, com tanta gente morena como ele, Enid reluzia como um anjo dourado, os cabelos trançados ondulando em nuances de amarelo. Ninguém duvidaria de que ele tivesse se deixado avassalar pela aparência de Enid desde o princípio. Não era diferente de qualquer homem ali, Geraint percebeu, conforme seu olhar percorria o salão. As pessoas os observavam com curiosidade, mas os homens estudavam a rara beleza de Enid com inveja.

Como se isso fosse tudo o que importasse.

O rei sentou-se, e depois fez um gesto para as poltronas de cada lado dele. Geraint e Enid se sentaram, e os criados se aproximaram com canecas de cerveja e cálices de vinho e sidra. Geraint e o pai pegaram a cerveja, e Enid escolheu a sidra. Será que queria ser a única com a mente clara diante daquela batalha?

— A viagem foi tranqüila? — o rei perguntou. Geraint concentrou a atenção no pai.

— Sim. Normalmente há um ataque ocasional de ladrões além das fronteiras do reino, mas não desta vez.

— Quem sabe as notícias de seus feitos tenham se espalhado até mais longe do que você sabe, meu filho.

Geraint pestanejou, sem acreditar nos próprios ouvidos. Seu pai o elogiava?

— Isso não me parece possível, pai.

— O rei Arthur está bastante satisfeito com seu progresso. E agora eu soube que ele começou a confiar em você como conselheiro... Bem, estou impressionado.

Geraint empertigou-se, mas não detectou nenhum sarcasmo no tom de voz do pai. Sentiu-se desestabilizado, como se o homem tivesse mudado de algum modo indefinível.

— Então, fale-me sobre o seu casamento! — o rei Erbin exclamou. — Quando aconteceu?

— Não mais que uma quinzena atrás — Geraint retrucou.

O rei virou-se com um sorriso para Enid.

— Ah, ainda uma recém-casada... Fico feliz que Geraint a tenha trazido tão depressa para casa para nos conhecer.

— Eu também, senhor. É bom ter uma nova família.

— E quanto à sua própria família? Quem é sua gente?

Geraint ficou tenso e viu Enid hesitar. Ele não poderia se arriscar ao que ela porventura fosse dizer.

— Pai, ela é de uma vila a um dia de viagem de Camelot, e o pai é um cavaleiro muito respeitado.

Geraint não sabia coisa alguma sobre o pai dela, mas Enid era tão graciosa e elegante que só poderia ter sido muito bem criada. Os olhos azuis faiscaram para ele, mas tudo o que Enid disse foi:

— Meu pai governa sua terra com uma benevolência que o senhor apreciaria, rei Erbin. Tenho um irmão mais jovem, que herdará nossas terras um dia, e minha mãe vela por todos nós. Também tenho duas irmãs.

— Filhos são uma boa coisa de se ter. Sempre lamentei que a mãe de Geraint tivesse morrido tão jovem, deixando-o como filho único. — Olhou por sobre o ombro de Geraint e, então, levantou-se e sorriu. — Mas estou a caminho de retificar essa situação.

Intrigado, Geraint voltou os olhos para onde o pai olhara, e viu uma mulher jovem descendo as largas escadarias do segundo andar, rodeada por várias damas. Abrindo caminho, estava seu ventre de grávida. Boquiaberto, Geraint olhou de novo para o pai, cuja nova satisfação agora parecia justificada.

— Imagino que não sou o único com uma noiva de surpresa.

O rei seguiu até o pé da escada e tomou o braço da esposa. Ela sorriu e apoiou-se nele com um ar agradecido. Era baixa e delicada, com um indício de cabelos pretos sob o toucado de cabeça. O rei conduziu-a até as poltronas diante do fogo e sentou-a na sua própria. Por fim, sustentou o olhar de Geraint.

— Meu filho, esta é minha esposa, a rainha Portia. Minha rainha, este é o príncipe Geraint, e sua esposa, a princesa Enid.

O sorriso de Portia exibiu covinhas nas faces de querubim.

— Sir Geraint, é um prazer conhecer aquele a quem eu gostaria de considerar como um filho.

Ela decerto era mais jovem que ele, Geraint pensou, divertido, mas limitou-se a fazer uma mesura.

— Fico contente que meu pai tenha encontrado uma mulher para fazê-lo feliz. Ele parecia solitário.

O pai franziu a testa ao fitá-lo.

— Mas agora ele ficará muito ocupado para se permitir a ociosidade — Geraint continuou suavemente — já que em breve a senhora o presenteará com outro filho.

— Mas ninguém poderia substituí-lo nos pensamentos de sua família — Portia disse. — Talvez você e lady Enid tenham logo um filho também, e nosso temporão possa ser criado junto a ele, como amigo, apesar de serem tio e sobrinho, é claro. Ou tia e sobrinha. Ou... oh, nossa, estou tagarelando.

Enquanto o rei tranqüilizava a esposa, Geraint viu Enid levar a mão ao ventre e empalidecer um pouco. Será que ela entendera que um príncipe precisava de um herdeiro? Teve vontade de gemer diante da própria estupidez. O mistério de uma mulher bonita, usando uma espada, necessitando de proteção, o fizera esquecer-se de tudo o mais.

Enid continuou um pouco afastada daquela nova família, estudando a reação do marido diante da madrasta. Ele fora bastante cômico em seu espanto. Será que imaginava que o pai gostaria de ficar sozinho pelo resto da vida? Não, nem mesmo Geraint quisera isso. Tinha desejado o compromisso do casamento, mais do que simplesmente tê-la por um breve espaço de tempo para satisfazer a luxúria. — Ou talvez quisesse ter a posse dela, ser seu dono.

A rainha Portia, contudo, não parecia uma mulher com um dono, não pela forma como o marido a mimava. Ele a acompanhou até a mesa, escolheu as carnes para seu prato, providenciou que a servissem de vinho... E Portia amava cada instante daquele tratamento, Enid pensou, divertida.

Geraint parecia não saber o que fazer, tão ocupado estava olhando para o pai. Enid sabia que o espanto do marido era genuíno, e não movido pelo ciúme. Muitos homens não gostariam de perder a atenção paterna, mas ele estava acima disso.

Já que todos se distraíam dando atenção à rainha, Enid observou os súditos do rei Erbin. Eles não tinham problemas em se divertir na presença de seu governante, obviamente um homem que inspirava lealdade, e não temor. Porém, ela já sabia disso, só por estar com Geraint. As ações do marido revelavam o homem que ele era.

Geraint tratava todo mundo com a mesma cortesia, do criado ao rei supremo. E mentira ao próprio pai por ela, respondendo à pergunta sobre sua família. Poderia tê-la deixado em dificuldades, sabendo que ela guardaria seus segredos. Será que apenas tentava minimizar o próprio constrangimento?

Quando seu marido e o pai começaram a conversar a respeito dos conflitos que Geraint enfrentara ao lado do rei Arthur, Enid ficou atenta para absorver qualquer coisa que pudesse ajudar a treinar seu povo. Contudo, mal os dois tinham começado a falar, a rainha inclinou-se e lhe fez um sinal.

— Venha sentar-se a meu lado, lady Enid. Temos tanto a conversar...

Geraint endereçou um olhar ligeiramente preocupado a Enid, e ela se aborreceu. O que ele achava que ela iria fazer? Atacar sua madrasta? Exibir a espada e desafiar a mulher?

Depois que um servo levou sua cadeira até o lado da rainha, Enid sentou-se. Uma

criada ofereceu-lhes frutas e queijo, e elas se serviram. Após morder o queijo,

Portia perguntou:

— Há quanto tempo conhece sir Geraint?

— Casamos poucos dias depois de nos conhecermos.

— Amor instantâneo — ela afirmou, rindo. — É uma maravilha quanto acontece. Meu marido mesmo me cortejou com romantismo e me induziu ao casamento. Admito que estava relutante em desposar um rei, mas ele foi persistente.

— Tal como o filho.

— Estou feliz que sir Geraint a tenha trazido para nos conhecer. O pai o preza muito.

— Só espero que me aceite como eu sou.

— Como você é? O que seu marido diz sobre isso?

— Ele me conheceu tal como sou, e me pediu em casamento mesmo assim.

— Isso é o mais importante.

Enid ficou calada durante algum tempo e depois encarou a rainha.

— Sou mais alta que o rei — disse, baixinho. — Há homens que se sentem inferiorizados com isso.

— Ele é um homem confiante, lady Enid — Portia retrucou, rindo. — E eu tenho confiança nele.

— Deve ser bom sentir isso — Enid murmurou sem pensar.

Então, contendo a respiração, olhou para Geraint, que ainda estava absorto na conversa com o pai. O sorriso de Portia foi gentil.

— Você não está casada há muito tempo. A confiança virá.

— Perdoe-me a ousadia, mas também não está casada há muito tempo.

— Tempo suficiente — disse ela, com uma expressão maliciosa, conforme alisava o ventre.

Enid finalmente sorriu.

O quarto de Geraint era confortável, como convinha a um príncipe, e Enid sentiu-se estranhamente em casa ali. Uma lareira aquecia o aposento. Cadeiras estofadas estavam agrupadas diante do fogo, e uma cama enorme com dossel ocupava uma das paredes. Ela desviou os olhos depressa. Os baús haviam sido levados para lá, e alguém pendurara seus poucos vestidos em ganchos presos à parede. Mas a melhor coisa era a tina com água quente diante da lareira. Fitou-a com anseio, embora soubesse que se banharia num lago na floresta naquela noite.

— Pode usá-la primeiro — disse Geraint, surgindo atrás dela.

Enid sobressaltou-se, embora estivesse sempre ciente da presença do marido. Não pensara em banhar-se diante dele, algo que lhes dera imenso prazer após o casamento.

Agora, sentia-se relutante em provocá-lo. Contudo, uma parte de si ganhou vida ante o pensamento das cadeias gentis de Geraint, da lembrança de como fazia sua pele arder por ele. Depois de todas as coisas terríveis que haviam dito um ao outro, da tensão

incômoda que pairava entre os dois, Enid ainda o desejava com um ardor que a assustava.

Diante de sua longa hesitação, Geraint afastou-se.

— Fique tranqüila, prometo que não olharei — disse, num tom sombrio.

— Você tem o direito de um marido de fazer como quiser.

Ela estava mesmo dando-lhe a oportunidade de exigir tais intimidades? Era como se o fizesse dar o primeiro passo na direção daquilo que queria desesperadamente. Parecia que se passara tanto tempo desde que se deitara com ele, desde que a união de seus corpos os tornara um...

Ele a fitou, estreitando os olhos.

— E se eu tirar vantagem do "direito de um marido", o que isso me tornaria a seus olhos... ou aos meus?

— Eu só quis dizer que eu não o forçaria a sair de seu próprio quarto por causa de meu banho.

— Então, tome seu banho e pare de falar nisso.

Ele se ocupou com o baú, de costas para ela. Enid despiu-se depressa e afundou na tina. Em geral, ficava coberta apenas até a cintura, mas aquela devia ter sido feita para um homem grande como Geraint, pois a água lhe chegava ao pescoço. Seu suspiro de satisfação foi um pouco alto demais, mas ele não disse nada. O sabão era perfumado com essência de rosas. Esfregou-o num pano e começou a se ensaboar.

— Geraint — disse, pensativa —, você pareceu surpreso com os cumprimentos calorosos de seu pai. Tiveram um desentendimento antes de você partir?

Atrás de si, ela ouviu um movimento e, após um momento, Geraint retrucou:

— Não. Mas meu pai e eu discordávamos com freqüência das decisões que eu tomava.

Ela conteve a respiração, feliz que Geraint lhe fizesse confidências.

— Alegava que eu era muito impulsivo — ele prosseguiu, secamente,

Enid entendeu por que ele estava lhe contando aquilo. Friamente, ela disse:

— E você acredita que se casou comigo por impulso, comprovando com isso que seu pai estava certo.

— *Eu fui* impulsivo. Você estava contente em aguardar um tempo, mas eu não pude esperar para tê-la.

— Geraint, seu arrependimento não vai ajudar a resolver os problemas entre nós. E, independentemente de minha hesitação, se eu não tivesse querido me casar com você, não estaríamos aqui hoje.

— Então, fomos ambos tolos.

Magoou-a ouvir aquela amargura. Enid julgara que estivesse apaixonada por ele, e ele por ela. Agora, eram dois estranhos ligados para sempre. Para mudar de assunto, murmurou:

— A rainha parece uma mulher encantadora.

— Ele nunca se interessou por outra esposa — Geraint contou, depois de uma longa pausa. — Parecem felizes.

— São. A rainha Portia é inteligente, e deve amar seu pai.

— Espero que ela não a tenha aborrecido com a conversa de termos filhos.

Enid revirou os olhos.

— Não fiquei aborrecida. Foi uma presunção natural.

Para sua surpresa, Geraint aproximou-se da tina, e ela afundou mais, feliz que as bolhas de sabão escondessem um pouco de seu corpo. Não queria provocá-lo. Ele puxou uma cadeira de frente do fogo e sentou-se, sem fitá-la.

— Enid, eu nunca perguntei se você ficará feliz por ter filhos.

Ela estudou-lhe o perfil, e Geraint pareceu triste, como se o arrependimento pelo casamento fosse um fardo que nenhum dos dois tivesse antecipado.

— Não me casei com você levianamente — respondeu ela, ensaboando os cabelos. — Você, como príncipe, vai precisar de um herdeiro. Seria tolice de uma mulher não compreender isso.

Ele suspirou e recostou a cabeça no espaldar da cadeira.

— Isso é bom.

— Não estou carregando um filho agora — ela acrescentou. — Qualquer decisão que tomar com relação a mim não terá de levar em conta uma vida inocente.

Geraint relanceou os olhos para ela, com as sobrancelhas franzidas.

— Qualquer decisão que *eu* tomar?

— Você parece bastante desapontado com a mulher que sou.

— Estou desapontado com o fato de você não confiar em mim.

— Você acredita que minha lealdade está em questão — ela retrucou, sentindo a raiva adormecida despertar —, mas não está.

— Eu tinha esquecido. É minha coragem que está em questão.

Enid rilhou os dentes e não disse nada. Cansara-se de defender-se de uma acusação tão ridícula.

— Se você fosse leal a mim — ele prosseguiu, levantando-se para encará-la de cima —, não haveria necessidade de eu mentir por você sobre sua família.

Ela agarrou-se às beiradas da tina.

— Eu não pedi a você que mentisse.

— Mas teria mentido a meu pai, o rei.

— Sim, como você teria feito por seu pai, caso ele lhe pedisse. Sinto muito que tenha ficado tão constrangido por minha causa.

— Um rei não entenderia sua necessidade de subterfúgios.

— Obviamente, nem um príncipe.

Enid gostaria de acabar com aquela conversa e de vestir-se para não se sentir tão vulnerável. Levou a mão até o balde de água limpa perto da tina e ergueu-o para derramá-lo sobre a cabeça.

Geraint tomou-o de suas mãos.

— Levante-se — ele disse, bruscamente. Ela apenas o encarou.

— Quer se enxaguar ou quer deixar metade do sabão nos cabelos?

Enid ficou de pé, sentindo as bolhas de sabão deslizar por sua pele. Então, Geraint começou a derramar a água sobre sua cabeça, e ela correu as mãos pelos fios para retirar a espuma.

Ele estava tão perto... A água quente escorria por seu corpo, limpando os restos do sabão. Ela encontrou-lhe os olhos, e Geraint não os desviou ao pousar o balde no chão. O calor naqueles olhos escuros queimava conforme desciam por seu corpo. Ela não se deixou constranger. Afinal, não fora idéia sua exibir-se nua diante dele. Estendeu a mão para pegar uma toalha da mesinha próxima e a enrolou em torno de si.

Quando o marido afastou-se, porém, a tristeza fechou-se com mais força ainda ao redor de seu coração.

Assim que ela saiu da tina, Geraint começou a tirar a roupa.

— Vou pedir mais água limpa — ela falou.

— Não se incomode — ele retrucou, impassível. — Você tomou tantos banhos durante a viagem que não pode estar *assim* tão suja.

Enid terminou de se enxugar, sem olhar para Geraint, que entrava na água. Como não tinha uma camisola, pois não precisara de uma nos primeiros dias de casada, vestiu uma combinação para dormir. Quando amarrava as fitas no pescoço, Geraint disse, de repente:

— Faz uma semana que ninguém lava minhas costas. Como minha esposa, você poderia fazer isso.

Virando-se para encará-lo, ela se deparou com Geraint a fitá-la com um ar atrevido. Arqueou uma sobrancelha, mas enrolou as mangas e aproximou-se da tina.

— Onde está o pano?

— Não sei.

O tom de desafio era quase infantil, e Enid teve de reprimir um sorriso. Como se fosse procurar na tina em torno dele, ora... Pegou um pano seco da mesa e mergulhou-o na água. Geraint inclinou-se para a frente, e ela começou a esfregá-lo, talvez um pouco bruscamente demais. Porém, ele não reclamou.

A larga extensão das costas do marido era território familiar. Enid o explorara com os dedos e os lábios, e as lembranças eram avassaladoras. Se ele pensava que a estava punindo, não estava. Apenas provocava lágrimas, que ela precisou reprimir.

Quando acabou, deixou o pano cair na água e se levantou. Uma criada pusera um jarro de vinho e cálices sobre uma mesa, e Enid se serviu de um pouco com gestos nervosos. Então, disfarçadamente, fingindo procurar algo na sacola que deixara a um canto do quarto, pegou a poção que sua irmã lhe dera, para distúrbios do sono. Voltou até a mesa e colocou um pouco no vinho. Quando o ouviu levantar-se, ficou tensa. Com gestos furtivos, guardou a poção na sacola outra vez.

Perto da cama alta havia uma escadinha, que ela teve de usar para subir. Era uma cama larga, regia, cheia de estranhos entalhes na cabeceira de madeira, com os quatro pés trabalhados artisticamente num padrão de trepadeiras. Enid começou a puxar as cortinas, observando Geraint dirigir-se nu até o jarro de vinho e servir-se de uma generosa dose. Ele a fitou, sem esconder a ereção, e engoliu o vinho como se fosse um elixir para fazê-lo parar de desejá-la. Porque era óbvio que ele a desejava, e seu corpo reagiu, aquecendo-se, umedecendo-se. Ela não conseguiu respirar direito quando os dois se encararam.

Exigiria ele seus direitos de marido? Seria... cruel explorar o que um dia fora tão poderoso, tão amoroso entre os dois.

Ele não pediu. Apenas subiu na cama a seu lado, ainda nu, e puxou as cobertas. Deitou-se de costas para ela.

Tensa, Enid o observou com cautela. A poção no vinho não demorou a fazer efeito. Logo, ele estava ressonando, relaxado.

— Geraint? — Enid o sacudiu, mas ele não se mexeu.

Era hora de ir. Ela precisava encontrar água sob as estrelas è, já que estavam compartilhando a mesma cama, sabia que não poderia se arriscar a tentar enganá-lo de novo, sem ajuda. Da última vez, ele a surpreendera voltando no meio da noite, e isso mudara o seu casamento para sempre.

Mesmo com sua magia, ela não queria se deparar com muitas pessoas e, por isso, obrigou-se a esperar algumas horas, até que o castelo estivesse em silêncio. Vestiu-se depressa com a camisa e o gibão, mas não levou a espada, pois não se arriscaria a que alguém a descobrisse. Mais uma vez, convocou as sombras para envolvê-la e atravessou o salão, desconhecendo outro meio de deixar o castelo.

* * *

Horas mais tarde, renovada e calma, com os poderes restaurados, Enid sentiu a tensão começar a abandoná-la, conforme percorria com cautela o corredor que conduzia a seu quarto. Embora envolta em sombras, não se movia descuidadamente, e ficou surpresa quando, ao passar por um grande conjunto de portas duplas, uma se abriu. Assustou-se quando a rainha Portia inclinou-se para fora, com as sobrancelhas franzidas e a expressão alerta. Enid não respirou nem se moveu, já que estavam a apenas centímetros de distância.

A rainha saiu de pés descalços para o corredor, a camisola de seda esvoaçando com a corrente de vento. Inclinou a cabeça de lado como se escutasse... ou sentisse.

— Sei que está aí — murmurou Portia.

Enid estava se sentindo fraca com a falta de ar.

— Princesa Enid?

Oh, deuses! Quaisquer que fossem, os sentidos sobrenaturais da rainha não poderiam ser ludibriados. Enid respirou fundo e deixou o manto de sombras cair.

Portia não pareceu surpresa. Era como se soubesse exatamente onde Enid estava parada. Com a expressão séria, indagou:

— Enid, por que disfarça o que você é? Esses segredos não prejudicam o seu casamento?

Para surpresa de Enid, sua garganta fechou-se com as lágrimas que nunca pareciam muito longe da superfície agora.

— Minha rainha — ela sussurrou, erguendo as mãos trêmulas para enxugar as faces molhadas.

— Espere aqui — disse Portia, e desapareceu no quarto.

Enid esperou, em desespero, pela aparição de um rei zangado, mas, para sua surpresa, Portia retornou sozinha, enrolada num robe. Pegou sua mão e a puxou, e Enid não teve escolha a não ser segui-la. Com passos lentos, Portia entrou num aposento

cheio de cadeiras confortáveis, tapetes e almofadas. Devia ser o solário da rainha. Havia um tear num canto, e várias peças de bordado jaziam sobre a mesa. Os restos de um fogo ainda luziam na lareira e, ao ver Portia pegar a lenha ao lado, Enid saiu de seu estupor.

— Milady, permita-me — disse, passando à frente da mulher grávida para jogar várias achas de lenha no fogo. Então, puxou uma cadeira e fez um gesto para que a rainha se sentasse. — Devo buscar uma manta para pôr em seu colo?

Com um menear de cabeça, Portia sentou-se e, em seguida, ergueu os olhos para Enid com um sorriso.

— Você precisa sentar-se também, ou eu ficarei com o pescoço doendo ao tentar fitá-la.

Enid acomodou-se do lado oposto, mas não conseguiu sustentar o olhar sagaz da rainha. Descansou os braços nos joelhos e fitou o fogo.

— Enid, presumo que seu marido não saiba da magia que você possui.

— Não posso lhe contar.

— Acha que é melhor estragar seu casamento com tais segredos?

Enid ergueu o olhar desesperado.

— Devo lealdade à minha tribo, milady. Como posso virar as costas para minha família?

— Contudo, você permitiu que sir Geraint se tornasse parte de sua família — Portia afirmou, com gentileza. — Não acha que ele respeitará a verdade?

— Não é minha decisão — Enid admitiu, abalada. — Veja como estou vestida. Muitas vezes, carrego uma espada. Ele se sente constrangido com o modo como fui criada e quer que eu seja diferente do que sou. Mesmo que eu tivesse permissão para lhe contar tudo...

Não conseguiu continuar, mal podendo controlar as lágrimas diante da compreensão e da piedade da rainha. Naquele momento, percebeu que poderia contar tudo a Portia, livrar-se do fardo com aquela mulher que a compreenderia.

De súbito, ficou chocada diante do que pensara. Não confiava no próprio marido e estava disposta a colocar toda a sua confiança numa estranha. A rainha obviamente tinha um poder só dela; estaria manipulando Enid?

Portia suspirou como se sentisse seu retraimento.

— Não conheço seu marido, mas conheço o pai dele. São homens que valorizam a verdade e, mesmo assim, são bastante objetivos para não julgar.

Não era verdade. Enid sentira o julgamento de Geraint. E, por causa disso, seu futuro se encontrava num impasse, esperando que ele resolvesse o que fazer com ela.

Porém, ela ainda tinha sua missão. Isso poderia ser tudo o que restava, e ela não a abandonaria. Levantou-se.

— Rainha Portia, obrigada por seu tempo. Não pedirei que guarde silêncio, porque deve fazer o que sua consciência ditar, assim como eu.

— Fique tranqüila, Enid. Por ora, eu não direi nada, porque sei pouco. Tenho o dom de compreender até mesmo o mais resguardado dos corações e, no seu, não sinto nenhuma maldade, apenas confusão... e amor. Enid baixou a cabeça.

— Sim, eu o amo, milady. E se amor fosse tudo o que importasse, o mundo seria

um lugar pacífico.

Ela fugiu do solário antes que a rainha pudesse vê-la destroçar-se em desespero.

Pela manhã, enquanto faziam o jejum no salão, Geraint estudava a esposa. Desde que as discussões tinham começado, havia sempre uma sensação incômoda de tensão entre os dois, e era difícil fingir que nada estava errado. A rainha os observava com um pouco mais de atenção, como se procurando por algo de que suspeitasse. Enid não erguia os olhos, tolerando aquele escrutínio. O que teria acontecido para acabar com a serenidade que ela exibira na noite anterior? Seu pai olhava para os dois com uma ruga na testa, mas concentrava a maior parte do olhar impositivo sobre ele. Geraint sabia que ele e o rei teriam uma longa conversa naquele dia.

A única coisa que distraiu a todos foi o comportamento curioso de Lovell, o escudeiro. Embora fosse um hóspede no castelo, ele continuava pegando as bandejas de comida das mãos de uma criada chamada Fryda para servir Enid pessoalmente. Geraint suspirou quando Fryda puxou de volta uma bandeja com força, e metade do molho para o cordeiro fatiado terminou esparramado no vestido da moça.

A atitude chamou a atenção do rei Erbin, que indagou:

— Lady Enid, aquele rapaz está com vocês?

— Sim. É Lovell, senhor, e ele é meu... criado.

Geraint não estava disposto a tomar parte em mais mentiras.

— Pai, na verdade, Lovell a serve como escudeiro.

Houve um silêncio estranho na mesa principal, embora Portia exibisse um sorriso satisfeito. Talvez ela também não gostasse de segredos, e eles tivessem mais em comum do que apenas o rei, seu pai.

O rei Erbin voltou para Enid aquele olhar hostil que assombrara a infância de Geraint.

— Seu escudeiro?

Ela assentiu, com as costas eretas e a postura orgulhosa.

— Eu o estou treinando, senhor.

— Com certeza, não nas artes femininas — retrucou, com um sorriso e, em seguida, franziu a testa, confuso.

Lovell recuou lentamente e foi ajudar Fryda a limpar a bagunça que resultara daquela discussão.

Geraint sentiu o olhar da esposa e sustentou-o, com um dar de ombros. Que Enid se explicasse!

— Meu rei, sou uma guerreira entre meu povo. — E então ela contou a história, que Geraint conhecia, a respeito de sua tribo e de seus métodos pouco ortodoxos de treinamento. Por fim, encerrou a narrativa: — Quando Lovell pediu para ser meu escudeiro, resolveu meu problema em relação a um parceiro de treino e, assim, eu aceitei.

O silêncio pairou sobre a mesa principal, embora em torno deles os súditos continuassem ignorantes daquela tensão.

O rei virou-se para encarar Geraint.

— E o que acha das habilidades de sua esposa?

— Quando a vi pela primeira vez, ela estava empunhando uma espada, papai. Admito que fiquei... intrigado.

Geraint não conseguia se recordar de ter enrubescido daquele jeito desde a juventude. A rainha virou a cabeça de lado, obviamente escondendo um sorriso.

— A princípio, pensei que ela tivesse sido forçada a aprender para se defender — ele continuou.

— E quis ser seu protetor — disse o pai, secamente.

A pele de Geraint não poderia ficar mais quente. Ele não disse nada.

O rei de repente ficou de pé.

— Venha, meu filho, há muita coisa a discutir sobre nosso reino.

E sobre o seu casamento, foram as palavras não pronunciadas. Enid não olhou para ele, embora esboçasse um sorriso para o mortificado escudeiro.

O solário do rei era, em geral, uma colméia de atividade. Geraint recordava-se de ir até lá quando criança só para sentar-se a um canto e observar a agitação. Ministros, conselheiros e homens eruditos davam, suas opiniões ao rei, e Geraint sempre tentara absorver aquele conhecimento e imitar a maneira com que seu pai concedia a todos igual consideração.

Agora, porém, os poucos escreventes que ainda trabalhavam sobre pergaminhos quando eles chegaram foram dispensados com um gesto do rei. Ele se sentou numa grande e confortável cadeira, mas não ofereceu uma a Geraint, que esperou com resignação.

— Recebi hoje outra carta de Arthur — começou o rei Erbin.

— Está tudo bem em Camelot, não está? — Geraint indagou, surpreso. — Tal carta não poderia ter saído de lá muito depois de mim.

— Não, não saiu. Mas detalha os problemas que o rei Arthur notou depois de seu casamento.

Geraint ficou tenso.

— O rei é benevolente. Ele acha que você é um homem enamorado, e que sua falta de atenção para com seus deveres foi apenas um deslize. Você não perdeu a aprovação de Arthur, e seu conselho ainda é ansiosamente aguardado.

Geraint soltou o ar lentamente.

— Então, você não consultou seu pai *ou* o rei supremo antes de tornar essa moça uma princesa, uma futura rainha de meu reino?

— Não é como se eu fosse permitir que ela governasse em meu lugar — disse Geraint, estreitando os olhos. — O senhor se preocupa que ela tenha uma influência incomum sobre mim?

— A influência do amor é suficiente para que os homens façam coisas tolas. Não o culpo por estar fascinado pela beleza pouco usual de sua mulher e pelo mistério dos antecedentes de criação e família.

Será que ele era assim tão transparente?, ponderou Geraint.

— Ela é uma boa mulher, pai. O senhor verá.

— E você já sabe disso depois de uns poucos dias? Então, por que parece tão inquieto? Por certo não é apenas por causa da preocupação de apresentar sua esposa à

nova família. Você nem mesmo segurou a mão dela na minha presença.

O rei fora direto ao âmago do problema. Se um dia Geraint escarnecera da idéia de fazer confidencias ao pai distante, aquele novo homem parecia mais aberto a isso. Sentou-se diante dele, e um fluxo de palavras saiu de sua boca de uma forma inesperada.

— Pensei que ela precisasse de mim, pai.

— Ela disse que não precisava de seu amor?

— Não, não é isso. Ela diz que me ama, mas eu achava que tinha sua confiança, e descobri que não é assim. Existem coisas que não sei sobre ela...

— E você acha que deveria saber tudo em apenas quinze dias?

Havia um toque divertido na expressão de seu pai, que o fez sentir-se terrivelmente imaturo de novo.

— Claro que não. Imaginei passar a vida descobrindo tudo a respeito dela. Mas ela é uma guerreira, e aparentemente eu a desapontei com minha própria capacidade.

— Não pode ser. Ninguém duvida de seu treinamento ou de seu talento.

— Enid duvida. Pensei que tinha sua lealdade, mas ela se apega aos segredos de sua família mais do que a mim.

Ele não suportaria revelar que surpreendera a esposa se esgueirando da cama. Contudo, o que dissera parecia ser o suficiente. O pai estudou-o, pensativo.

— Sempre soube que você tinha o dom de compreender as pessoas, meu filho. Só ouvir os elogios do rei Arthur sobre sua habilidade de negociação confirma o fato. Você não teria escolhido uma esposa tão cegamente como parece crer que escolheu.

Geraint encarou-o com assombro. Estaria sendo elogiado? O mundo inteiro mudara desde que ele estivera em casa pela última vez?

— No entanto, estou preocupado com suas dúvidas — o rei continuou. — Você deve conhecer a verdade que sua esposa esconde e fazê-la demonstrar sua lealdade. Ela será uma rainha de grande influência sobre um rei. Você tem de determinar se pode confiar nela.

— E se eu não conseguir? — ele indagou em voz baixa, desolado.

— Não vamos nos apressar a fazer julgamentos. Sua natureza impulsiva foi domada, mas não desapareceu, eu vejo. Sua esposa faz aflorar isso em você.

Envergonhado demais para ficar aborrecido, Geraint suspirou.

— O senhor não pode entender como estou pesaroso de ter trazido essa discórdia para dentro de sua casa.

— Não fique triste, meu filho. Isso me dá a chance de mandá-lo numa missão que eu mesmo teria de cumprir. Agora, posso ficar aqui com minha esposa nessa hora de necessidade.

— Farei o que puder pelo senhor, pai.

— Quero que viaje por nosso reino e se misture ao nosso povo, ouvindo suas queixas e opiniões.

— Uma missão assim parece a de um conselheiro, e não a de um príncipe.

— Ah, mas você não me deixou terminar — ele o repreendeu.

A paciência e diplomacia de que Geraint tanto se orgulhava pareciam se

desvanecer quando ele voltava a ser apenas o filho de seu pai.

— Lady Enid terá de crer que essa é sua única missão, pois ainda não se comprovou merecedora de ouvir os segredos do reino. Há uma tribo, a Donella, em nossa fronteira noroeste, que sempre viveu em paz conosco. Tenho ouvido rumores da poderosa magia que dominam e preciso saber se a voltariam contra a Cornualha. Não posso permitir que eles sejam uma distração. Com os rumores que chegam dos saxões ao leste, e se ocorrer uma invasão saxônia, preciso ter certeza de que os saxões são nossos únicos inimigos.

— E se eu descobrir que essa tribo está se alinhando contra nós? Permite que inicie as negociações?

— Depois de todos esses anos de paz com Donella, o fato de que possa insurgir-se contra nós me convence de que eles perderam esse direito com a Cornualha. Você tem minha permissão para tomar essa tribo e suas terras, se isso mantiver o reino a salvo.

Geraint sentiu um calafrio. Aquele mesmo tipo de situação precária lhe acontecera antes, e com resultados desastrosos.

— Mas... essa não é uma decisão apressada, papai? Um debate poderia aclarar a situação entre nossos povos.

— Não confio mais que eles mantenham a palavra dada. Se for necessário um confronto, aja.

— Aprecio sua confiança em minha experiência, mas tenho trabalhado arduamente para conter minha impulsividade, tal como o senhor exigiu faz tempo. E o senhor queria que eu aprendesse a pensar antes de tomar uma decisão.

— E ainda é isso o que eu quero — afirmou o rei, levantando-se.

— Eu penso muito antes de entrar em combate. Evitei muitos conflitos assim para nosso rei supremo. — Geraint não contara ao pai sobre a batalha que o transformara num diplomata, em lugar de apenas um guerreiro, e isso lhe causava ainda muito sofrimento. — Dê-me a chance de fazer o mesmo pela Cornualha.

O rei o encarou, e ele aguardou a decisão. Arriscara-se muito ao falar honestamente com seu pai, e agora queria recuperar a confiança que poderia ter colocado em risco.

— Eu lhe dei suas instruções, Geraint. Se houver perigo, você sabe o que eu quero que seja feito. Mas confio em você.

Geraint ficou de pé.

— E o senhor sabe o quanto eu valorizo isso, meu pai.

— E, nesse ínterim, você precisa descobrir se pode confiar em sua esposa.

Enquanto seu marido conferenciava em particular com o rei, Enid recolheu-se ao quarto e esperou, como se por uma sentença. Andou de um lado para outro pelo tempo que pôde suportar e, então, abriu as venezianas e olhou para o pátio interno. Para sua surpresa, viu Geraint sair do salão abaixo e desaparecer dentro das barracas situadas perto das muralhas. Quando reapareceu, ela não conseguiu decifrar-lhe a expressão, mas logo depois, o local pareceu irromper em comoção. Soldados entravam e saíam, com filas de cavaleiros carregando selas. Escudeiros deixavam as barracas carregando pacotes pesados.

Enid observou tudo por longos minutos, até que a porta se abriu atrás dela. Ao

virar-se, ela se deparou com Geraint, que entrava no quarto.

— Está indo embora? — perguntou baixinho, quando realmente queria saber se ele a estava deixando. Sua garganta fechou-se, como se refreasse os soluços.

— Meu pai está me enviando numa busca com seus soldados.

Pestanejando para expulsar as lágrimas, Enid viu o futuro estender-se à sua frente, sozinha ali entre estranhos, sem acesso aos cavaleiros para continuar o treinamento, sem meios de completar sua missão e, no entanto, obrigada a ficar por causa de seu amor e seu casamento.

— Você virá conosco — Geraint comunicou, impassível.

O alívio de Enid foi tão grande que ela se percebeu tremendo, mas então as verdadeiras razões se tornaram claras.

— Você não confia que eu continue aqui sem você.

— É desejo de meu pai que você me acompanhe como princesa da Cornualha. Viajaremos pelo reino, cumprimentando nossos súditos. É uma coisa complexa conservar a lealdade de um povo.

Então era isso?, Enid indagou-se com ceticismo. Algo mais misterioso deixara, deliberadamente, de ser mencionado. Como se isso fosse alguma novidade em seu casamento nos últimos tempos. Porém, ela não poderia verbalizar suas suspeitas, não quando também se achava em falta para com o marido.

— Achei que seu pai tivesse ficado descontente com sua escolha de esposa.

— Ele não a conhece o bastante para sentir-se descontente. Porém, quer que você cumpra seus deveres como uma futura rainha.

— Isso é um... teste? _

— Chame do que quiser. Mas, já que não foi criada na corte, ele quer provas de que você pode representar o papel de minha esposa de forma adequada.

Enid se encolheu, magoada com as palavras do marido.

— Então é um papel que devo representar, e não é a mim que você quer. Devo provar minhas qualidades para você também?

Geraint não respondeu; apenas se virou de costas e começou a empacotar seus pertences.

Enid pegou seus próprios trajes, mas os dobrou bem devagar enquanto sua mente zumbia com pensamentos. Por um instante, considerou ir para casa, completar sua missão. Talvez já tivesse conhecimento suficiente para treinar seus guerreiros. Depois voltaria à Cornualha, e ela e Geraint poderiam recomeçar, sem segredos entre os dois.

Contudo... por que o rei mandava o filho e uma tropa de soldados para percorrer o reino? Por certo, aquele pequeno país não estava recheado de ladrões. Se as conversas com inocentes aldeões eram a única finalidade, tal demonstração de força seria desnecessária. Ou quem sabe o rei Erbin fosse o tipo de homem que sempre se preparava para qualquer oportunidade de expandir seus domínios? Poderia ser ele o rei sobre o qual seu pai ouvira rumores?

Sua missão, porém, persistia; ela precisava proteger seu povo. Seria vigilante e descobriria o verdadeiro propósito daquela viagem. Mas essa estratégia de sua parte seria compatível com o desejo de comprovar a lealdade ao marido?

Enid seguiu, sentada de lado na sela e emparelhada ao marido, à vanguarda de

uma tropa de vinte e cinco soldados montados. Bem mais que o necessário, em sua opinião. Será que o rei a considerava tão ignorante?

Teria de deixar de lado a raiva, pelo menos com relação ao marido, ou não faria bem algum a si mesma ou ao seu casamento. Geraint seguia as ordens do pai dele, como ela seguia as ordens de *seu* pai.

Lovell cavalgava atrás dela, e a seu lado estava a criada, Fryda, recém-designada para ela pela rainha. Enid nunca imaginara que precisaria da ajuda de uma serva, a não ser para amarrar seus vestidos. Normalmente teria pedido a ajuda de Geraint, mas agora isso poderia inspirar idéias que ela não desejava.

Assim, aceitara a companhia de Fryda, embora em silêncio tivesse questionado a prudência da rainha quando vira como Lovell e Fryda se olhavam com franca hostilidade. Pelo menos, a moça era calada e a deixava em paz com seus pensamentos sombrios.

A tropa inteira se mostrava estranhamente quieta, e ela se viu olhando para trás com curiosidade no decorrer do dia. Haveria algo com que se preocupar no reino da Cornualha que os tornava tão vigilantes? Enid estudou o marido, mas ele apenas fitava as charnecas, com expressão impassível.

Enquanto o sol se punha e o céu se tingia de cinza-claro antes do crepúsculo, a tropa descia da charneca de Bodmin rumo ao vale abaixo. Árvores e vegetação pareceram engoli-los, e, de repente, ela viu uma flecha passar e enterrar-se num tronco ali perto.

O silêncio momentâneo de surpresa logo se tornou uma cacofonia, conforme os soldados berravam ordens, dispersavam-se e formavam um círculo fechado em torno dela. Enid levou a mão à espada junto ao quadril, e conheceu a pior sensação de impotência ao se dar conta de que a arma não estava lá. Ela escondera suas roupas e armas numa das carroças, mas isso não a ajudaria naquele instante.

As lágrimas escorriam pelas faces de Fryda, que lutava para controlar a montaria. Lovell estendeu a mão e agarrou as rédeas, conquistando um débil olhar da moça, mas a gratidão de Enid.

Geraint pôs-se ao lado dela no mesmo instante em que o primeiro choque entre espadas pôde ser ouvido.

— Fique aqui, Enid. Por favor.

Ela abriu a boca para protestar, mas ele já se fora, entre dois dos soldados. O marido não estava pedindo muito. Queria apenas que ela lhe obedecesse em um pequeno confronto. Por certo, havia soldados em número suficiente para espantar os bandidos. E ela não desejava sentir-se feminina e permitir que Geraint a tratasse como uma mulher?

De sua posição, ela não conseguia ver nada. Cavalos empinavam, espadas tiniam, soldados gritavam. Não havia uma fresta na formação de homens a circundá-la. Por que os bandidos não fugiam diante do óbvio fracasso?

De súbito, um homem infiltrou-se entre dois cavalos na pequena clareira ocupada por Enid, Lovell e Fryda. A moça soltou um grito, e Lovell tentou virar o cavalo. Num movimento ágil, Enid sacou o punhal da bota e lançou-o no atacante, cravando-o em sua garganta sob a barba emaranhada. De olhos arregalados, o homem levou as mãos ao cabo e puxou-o. O sangue jorrou em golfadas sobre a túnica imunda, e ele desabou, imóvel.

Como se a morte daquele indivíduo fosse interpretada como um sinal, o restante dos bandidos recuou, fundindo-se às árvores que os haviam escondido.

De seu lugar junto aos homens, Geraint virou-se para fitar Enid, e as linhas duras no rosto dele suavizaram-se de alívio. Ela apenas inclinou a cabeça, sabendo que ele não via o homem morto diante de seu cavalo. Todos os soldados desmontaram, removendo os corpos para enterrá-los. Enid assustou-se quando Lovell tocou seu joelho e, depois, devolveu-lhe o punhal, agora sem uma mancha de sangue.

— Milady, está ferida?

Ela meneou a cabeça, enfiando o punhal na bota. Ao voltar-se para Geraint, percebeu que ele não mais a observava. Estava no comando, mandando patrulhas para a mata, caso os bandidos se retardassem por lá, reunindo os poucos soldados feridos e gritando ordens para voltarem e montarem acampamento ao alto, na charneca, onde teriam a vantagem da visibilidade do campo aberto.

Uma hora mais tarde, quando a escuridão tornou-se completa, Geraint olhou ao redor do pequeno acampamento. Fogueiras luziam entre os vários grupos de soldados. Ele acabara de conferenciar com Ainsley, o capitão da guarda, e mandara Tyler e Toland juntar-se aos homens para manter o bom humor entre os soldados. Eles tinham vencido com facilidade aquele confronto, mas talvez ficassem inquietos, sabendo que bandidos mal armados imaginavam poder atacar uma tropa montada tão perto do castelo da Cornualha.

Geraint encontrou a esposa compartilhando a fogueira com Lovell, Fryda e Wilton. Este último, o soldado mais falante que ele já comandara, fazia-os rir com outra de suas histórias. Sentada sobre uma manta, com as pernas dobradas de maneira elegante sob o corpo, Enid se afastou de lado para dar espaço a ele.

Wilton passou a carne de raposa pelo círculo, e Geraint comeu em silêncio, pensando no comportamento de Enid aquele dia. Ela poderia facilmente ter exigido lutar a seu lado, mas concordara com seu pedido. E ele pudera preocupar-se menos com ela e concentrar-se no combate. Enid era uma guerreira treinada, mas aqueles soldados tinham de respeitá-la como uma princesa. Caso contrário, os rumores de que ela não saberia comportar-se como uma futura rainha poderiam chegar ao rei Erbin. Geraint sentiu-se como um rapazinho, preocupado em ser motivo de fofocas: seu pai o pusera numa situação degradante.

Observou-a comer, viu-lhe o brilho divertido nos olhos enquanto ela ouvia Wilton, e quis experimentar a suavidade daquela atenção apenas para si. Precisava, de alguma forma, superar a mágoa, mas não tinha certeza de que saberia superar a raiva. Estava zangado consigo mesmo por ter apressado aquele casamento, zangado com a esposa pelos segredos e pela teimosia e, por fim, zangado porque, em vez de servir ao rei Arthur, estava passeando por vilas de pescadores.

O vento assobiava pela charneca aberta. Geraint viu Enid estremecer e percorreu os olhos ao redor, localizando a capa, que estava num monte fora de alcance. Foi buscá-la e colocou-a em torno dos ombros da esposa, posicionando-se atrás dela. Ao fitá-lo, ela ficou tensa, mas ele continuou onde estava, bloqueando a maior parte do vento.

E, quando ele viu sua cabeça pender, passou o braço em torno de sua cintura e puxou-a contra o corpo. Afinal, não poderia permitir que ela caísse de cabeça na fogueira. Enid ficou imóvel, mas permitiu o gesto. Ainda estava brava porque ele não permitira que lutasse. Que coisa horrível! Havia sempre muita raiva naquele casamento agora.

O perfume dos cabelos dela contra sua face o fez ansiar pela paz do relacionamento anterior. Ele não sabia como conquistar essa paz de volta, como seguir adiante. Quando Fryda disse que o pequeno pavilhão de Enid estava pronto, ela se levantou, como se estivesse esperando um motivo para se afastar dele. As duas mulheres se

recolheram atrás das paredes de lona, e ele se surpreendeu ao sentir-se tão sozinho.

— Que pena, milorde! — Wilton disse.

— O que quer dizer? Fomos vitoriosos.

— Oh, claro... como se eu tivesse alguma dúvida quanto a isso! Mas eu estava imaginando de quem foi a idéia de trazer essa moça junto.

— Da minha madrasta — respondeu Geraint, olhando para o fogo.

Wilton caiu na risada.

— Que pena que não tenha trazido *dois* criados para fazer companhia um ao outro, enquanto o senhor ficava com sua esposa...

Na tarde seguinte, depois de uma marcha sem incidentes pela manhã úmida e nevoenta, chegaram à primeira vila na lista de Geraint. Várias dezenas de casas de teto de palha se aninhavam nos penhascos ao lado do mar. Os barcos de pesca estavam em mar aberto, deixando o porto estranhamente abandonado. Enid concordou em acompanhar Geraint e seus quatro militares até a vila como um grupo avançado, em vez de assustar as mulheres e crianças com uma tropa inteira de soldados.

Uns poucos moradores ainda em terra os encontraram na praça da vila. Enid representou o papel de boazinha e permitiu que Geraint a ajudasse a desmontar. Por um momento, julgou que um ar divertido faiscava nos olhos dele, substituindo a raiva que agora sempre sentia nele, mas sumiu depressa.

Depois de se apresentar, Geraint puxou-a pela mão.

— E permitam que eu apresente minha esposa, a princesa Enid.

Cada homem da vila teve de erguer os olhos para ela, e Enid viu as bocas se abrir de surpresa. Porém, a dúzia de mulheres logo atrás, a maioria carregando bebês ou com crianças puxando-lhes as saias, empurraram os homens de lado e a encararam com franca curiosidade.

— Venha para a taverna, milady — disse uma mulher avantajada com dois bebês no colo. — Tenho a melhor cerveja fermentada da Cornualha.

Geraint sorriu, derramando todo o seu charme sobre a mulher, e Enid sentiu o efeito como se a chuva tivesse chegado depois de uma longa seca.

— Ficariamos honrados, senhora! — ele exclamou.

A multidão agitou-se em torno deles e, embora Enid se sentisse um pouco aturdida por ser o centro de tanta atenção, tentou pôr os sentimentos tumultuados de lado e unir-se ao espírito do dia.

A taverna tinha vigas baixas no teto, das quais pendiam carne-seca, ervas e a fieira de vegetais da estação. As mulheres sorriram divertidas quando Enid e Geraint tiveram de se curvar para não bater a cabeça. Enquanto os homens puxavam Geraint de lado e se reuniam ao seu redor, as mulheres levaram Enid para o meio delas e lhe deram o assento de honra, a única cadeira num lugar cheio de bancos e banquetas.

Enid forçou um sorriso conforme aceitava todos aqueles olhares. As crianças Tateavam o tecido de seu vestido, admiradas, e finalmente uma das mulheres ganhou coragem.

— Princesa... milady... posso tocar seu cabelo? Que dádiva, essa cor!

Sentindo-se tola, Enid concordou com o pedido. Depois de esfregar uma mecha amarela entre os dedos, a mulher corajosa recuou e murmurou algo para as outras.

A cervejeira deu a Enid um sorriso sem dentes.

— É hora de provar minha cerveja, senhora.

Durante horas, Enid ouviu histórias da vida na vila, dos anos magros ou fartos de pesca, de bebês e dos mais novos padrões de tecelagem. Escutou tudo com educação, determinada a passar uma boa impressão como esposa adequada, mas só sabia o básico sobre agulhas e bordados e não conseguiu se conectar à tagarelice infundável das crianças.

De vez em quando, lançava um olhar para os homens do outro lado do salão e se percebia invejando Geraint. Deviam estar discutindo a segurança da vila, algo que ela conseguia entender.

Mais homens se amontoaram na taverna conforme os pescadores chegavam em casa para a noite. Todos se reuniram para o jantar, e Geraint e Enid foram convidados a ficar no quarto acima da taverna, a única "hospedaria" da vila.

Quando a porta se fechou atrás dos dois, o repentino silêncio foi quase avassalador. Embora Enid tivesse compartilhado um quarto com o marido por muitas noites, ela se sentiu embaraçada. Ele era um homem, e ela era sua esposa. As mulheres da vila diriam que ela devia submissão ao marido, ele merecendo isso ou não.

Seu corpo ansiava pela intimidade com Geraint, tanto quanto sua mente, e ela estremeceu, imaginando quanto tempo se passaria até que não pudesse mais controlar a necessidade dos beijos dele. Não tinha vergonha de desejá-lo. Porém, não disse nada; apenas caminhou até onde sua mala fora colocada ao lado da cama.

Enquanto Enid procurava pela camisola, Geraint foi até a lareira, e ela, furtivamente, observou-o abastecer o fogo com lenha. Apreciou a largura das costas fortes e o jeito como os músculos se moviam.

Alguém bateu à porta, e ela se viu arrancada de seu devaneio. Geraint abriu-a e deparou-se com Fryda. A tímida criada não conseguiu sustentar o olhar dele quando Enid a acompanhou até o biombo para se trocar.

— Precisa de mim para ajudá-la no banho, milady? — Fryda murmurou, os ombros derrubados.

Por que a rainha mandara a moça numa missão com tantos homens, se era assim tão tímida?, pensou Enid.

— Não, Fryda, ficarei bem. Tem um lugar para dormir?

— Um leito na cozinha com as outras criadas, milady. É quente lá, e as moças foram gentis comigo.

— Vá descansar.

Saíram de trás do biombo, e, para surpresa de ambas, Ainsley estava no quarto, soltando o colete de cota de malha de Geraint. Fryda arquejou e postou-se diante de Enid, como se o homem nunca tivesse visto uma mulher de camisola antes. Ainsley já se virava.

— Milady, perdoe-me, achamos que tivesse me ouvido entrar.

Geraint começou a desculpar-se, mas Enid fez um gesto, interrompendo-o.

— Por favor, termine. Ficarei atrás do biombo.

Quando a porta fechou-se atrás dos dois criados, Enid espiou antes de sair. Dessa vez, ela e Geraint estavam sozinhos. Ele continuava de camisa e de calça. Com os

braços apoiados no aparador da lareira, fitava o fogo, mas quando ergueu os olhos e a viu, endireitou-se. E o olhar dele desceu lentamente por seu corpo, deixando-a em chamas.

Geraint olhou para as belas formas da esposa e, mais uma vez, sentiu-se tomado de um desejo doloroso por ela. A camisola que ela usava escondia muito, caindo em pregas sensuais pelas curvas generosas. A cabelos dourada descia até a cintura em ondas delicadas. Enid tinha uma beleza suave que o atraía, que o fazia querer esquecer toda a raiva que se intrometera entre os dois.

E ela ficou ali, parada, esperando, calada, como se quisesse acolhê-lo.

Ou apreciaria a diversão? Será que pretendia manter o foco no físico em vez de nos seus problemas de confiança?

Geraint ficou tenso, determinado a não ceder. Viu-a baixar a cabeça e julgou detectar um suspiro ligeiro quando ela se virou para deitar-se na cama estreita. Ele olhou para o leito com ar duvidoso. Duas pessoas grandes não se acomodariam ali com facilidade.

Sentou-se diante do fogo e inclinou a cabeça para trás. Ouviu-a mexer-se, como se tentando ficar confortável. Então, ambos suspiraram juntos, e ele meneou a cabeça, relanceando os olhos para a cama. Enid estava deitada de lado, observando-o.

— Você não pareceu à vontade com as mulheres hoje — ele comentou.

Enid franziu a testa, mas Geraint ergueu a mão depressa.

— Não estou começando uma discussão. Sei que fez o seu melhor. Falo do seu desconforto.

— Talvez por que você me conheça bem? — ela perguntou, com secura.

Ele soltou um gemido e virou-se.

— Perdoe-me — disse Enid. — Também não pretendo começar uma discussão. Mas, realmente, não estou acostumada a ficar entre mulheres. Por certo você percebeu isso em Camelot.

— Mas por quê? Você tem mãe, irmãs... — Ele não conseguiria dormir, e aquela parecia a oportunidade perfeita para saber algumas coisas que deveria ter perguntado quando começara a cortejá-la. — Em minha estupidez, não perguntei isso antes, mas fale-me sobre elas.

Enid sentou-se, afofou um travesseiro à cabeceira da cama e recostou-se.

— Sou a mais velha. Minha irmã, Olwen, é um ano mais jovem que eu, e minha irmã Cinnia é três anos mais nova. Meu irmão, Dermot, tem catorze anos, e algum dia se tornará chefe depois de meu pai.

— Você deve ter ficado em torno de mulheres quando mais nova. Você mesma me contou que as mulheres não são muito diferentes em sua tribo.

— Elas não são, eu sou. Meu destino de guerreira foi previsto antes do meu nascimento.

— Não teve escolha?

— Não foi uma questão de escolha. Eu soube desde a tenra idade que a complexidade da defesa era algo que eu compreendia. Quando minhas irmãs queriam roupas de boneca para brincar, eu pedia um punhal. Quando falávamos de rapazes, elas comentavam sobre feições bonitas, enquanto eu queria saber sobre a habilidade deles na

luta.

— Então, aceitou seu destino — disse Geraint, tentando imaginar uma garotinha se encaixando num mundo de guerreiros. Pareceu-lhe muito solitário.

— Nunca questionei isso. Eu queria deixar meus pais orgulhosos de mim e cumpri meu papel. Não se engane, minhas irmãs tiveram seu próprio chamado. Olwen é uma curandeira talentosa como nossa mãe, e Cinnia possui uma beleza tão rara que poderá fazer um ótimo casamento em benefício da tribo. Porém, desde pequena, eu passava o tempo com outras mulheres guerreiras, onde comecei meu treinamento.

— Você foi afastada de sua família? — Geraint perguntou, sabendo que a maioria das crianças passava por isso, inclusive ele próprio.

— Não, mas ficava com minha família apenas à noite. — Enid hesitou, desviando o olhar. — Eu sempre tentava costurar com elas e ouvi-las conversar. Mas elas não entendiam o que era importante para mim, e a impaciência crescente com minhas discussões sobre armas e combates me empurrou para meu pai. Ele tinha orgulho de mim e encorajava minha ansiedade.

— Sua mãe não tinha orgulho de você? Minha própria mãe não viveu para me conhecer.

O olhar de Enid procurou o dele.

— Minha mãe me falava de seu orgulho e de seu amor todos os dias da minha vida. Mas eu não tinha muito tempo para aprender os costumes das mulheres e creio que ela sentia falta de vivenciar isso comigo. Felizmente eu não era a única filha.

— Mais de uma vez — Geraint falou baixinho —, me disseram que foi sorte que eu não tivesse nascido menina, pois sentiria um pesar mais profundo com a morte de minha mãe.

— Você não acredita nisso!

Ela pareceu tão defensiva por sua causa que Geraint quase sorriu.

— Não, claro que não. Vi o sofrimento de meu pai, e isso não o deixou menos homem.

Enid concordou, parecendo aliviada e, mesmo assim, Geraint não conseguiu deixar de estudá-la, imaginando todas as coisas que não sabia. Descobririam algum dia as partes mais profundas um do outro?

— Quando aquela mulher perguntou se você queria segurar a criança, achei que você pareceu...

— Assustada? Estava certo. Minha irmã Olwen é casada e, no ano passado, deu à luz um bebê, uma menininha. Minha sobrinha parecia tão frágil que eu não quis segurá-la, mas Cinnia me convenceu a fazer isso e, depois, gritou para Olwen que eu quase tinha derrubado o bebê. E, do jeito que a cabecinha de Bretta balançava em meu braço, pode ser que eu a derrubasse mesmo.

— Não parece que Cinnia será minha cunhada favorita — Geraint comentou em tom de desaprovação.

Os olhos de Enid faiscaram à luz do fogo.

— Ah, esse seria um conflito que valeria a pena ver!

Por um momento, ele quis compartilhar daquele sorriso, deleitar-se naquele bem-estar que tinham vivenciado desde o primeiro encontro. Mas os sorrisos de ambos fene-

ceram assim que a realidade se intrometeu na fantasia.

Geraint virou-se para o fogo, e o silêncio desconfortável ergueu-se entre os dois outra vez. Baixinho, Enid perguntou:

— Não vai dormir numa cadeira, vai? Precisa descansar.

— Sim, falar sobre pescaria com os moradores da vila é exaustivo.

Geraint pestanejou diante da amargura que revelara.

— Você não queria essa missão de seu pai? Só concordou por minha causa?

Ele não se deu o trabalho de responder. Apenas se despiu, ficando de ceroulas, e se enfiou na cama ao lado de Enid, mas manteve as costas tensas para ela. As mantas estavam quentes do corpo da esposa, e Geraint sentiu-se plenamente consciente dos poucos centímetros que os separavam. Com certeza, teria dormido melhor na cadeira.

No dia seguinte, viajaram em meio a uma chuvarada que deprimiu os ânimos, até mesmo de Wilton. Enid cavalgava debruçada sobre seu cavalo; a capa não conseguia afastar a chuva de seu rosto. A brisa do mar agitava suas roupas, e o cheiro de maresia e peixe morto subia pelos penhascos. Dois cavalos de cada vez, eles seguiam por uma trilha com vista para o oceano. O cuidado que tinham de tomar para assegurar a segurança de todos deixou o grupo com os nervos à flor da pele. Uma briga entre dois soldados estourou na refeição do meio-dia e, no final da tarde, quando procuravam o melhor local para acampar, Geraint estava de mau humor. Gritava em vez de falar, e o cenho franzido mantinha todos longe de seu caminho.

Até mesmo Enid hesitou em perturbá-lo. Haviam convivido tranquilamente um com o outro o dia inteiro, como se a conversa sobre a infância de ambos na noite anterior tivesse erigido uma ponte frágil entre os dois.

Porém, ela precisava, de alguma forma, assegurar-se de que estivessem perto de uma lagoa na floresta naquela noite. Embora nunca tivesse tentado usar a água do mar para restaurar seus poderes, ela achava que não seria a mesma coisa. Não sentia nenhum chamado no âmago do seu ser perto do mar, como sentia perto de água fresca.

Quando Geraint conversou com Ainsley a respeito de armarem acampamento no penhasco, onde um riacho corria rumo ao mar, Enid os interrompeu.

— Meu marido, se entrarmos nos bosque, não teríamos um bloqueio para o vento?

Ele franziu a testa. Enid não fizera sugestões nenhuma vez durante a viagem por medo de que Geraint presumisse que ela questionava sua liderança. Esse silêncio devia ter contado a seu favor, pois ele concordou e disse a Ainsley que mandasse vários homens para procurar uma clareira na mata.

Antes que perdesse completamente a luz, Enid pediu a Lovell que se preparasse para o treino. Teria de usar a sessão para esconder seu verdadeiro propósito.

Ele arquejou e, em seguida, olhou ao redor, com ar de culpa.

— Milady, tem certeza de que sir Geraint aprovaria isso?

Enid revirou os olhos, sentindo a coceira na pele, como ocorria a cada três noites.

— Ele me deixou tomá-lo como meu escudeiro, e não me proibiu de treinar em nossa viagem anterior. Iremos nos afastar até onde os outros soldados não possam nos ver.

Quando ele abriu a boca para contestar, Enid prosseguiu:

— Informarei meu marido. Eu não faria a descortesia de deixá-lo preocupado comigo.

— Está bem, milady. O que devo levar para a senhora?

— Apenas minha espada. Lovell empalideceu.

— Não haverá luz do dia se eu levar um tempo para me trocar — ela acrescentou.

— Mas, milady, e se eu... machucá-la? Ela sorriu.

— Isso não vai acontecer. Embora você esteja ganhando fé em si mesmo, pode ter fé em mim.

Ele retribuiu-lhe o sorriso, mas ainda pareceu nervoso.

Enid atravessou o acampamento procurando pelo marido. Encontrou-o supervisionando um grupo de soldados que praticavam esgrima por conta própria. Gostaria de poder ficar para ouvir suas instruções. Pelos deuses, queria que ele mesmo empunhasse uma espada. A linha muscular de seu braço sempre a fazia sentir-se... Expulsou os pensamentos rebeldes, contrafeita.

— Meu marido? — chamou, de onde se postara, a vários passos de distância.

Geraint caminhou até ela, mantendo o olhar nos homens.

— Sim?

— Vou dar um passeio com Lovell.

Ele franziu a testa e olhou para o outro lado da clareira, onde Lovell podia ser visto carregando algo pesado. Fryda o fitava, de cara feia. Antes que Geraint pudesse falar, ela esclareceu:

— Sim, ele irá treinar comigo. É um dever que me permitiu aceitar. Ficaremos escondidos de seus homens.

Enid podia ver a indecisão de Geraint. Se ele a proibisse, o que faria? Porém, após alguns instantes, ele concordou.

— Não se aventure muito longe. Quer a ajuda de outro soldado? — Relanceou os olhos para ela. — Imagino que não.

— Lovell e eu podemos lidar com qualquer coisa que encontremos no bosque. E prometo não me distanciar.

Quando Geraint assentiu, ela se afastou depressa, antes que ele mudasse de idéia. Pegou várias tochas, acendeu uma no fogo e alcançou Lovell. Fryda aproximou-se deles, parecendo confusa.

— Milady, estão preparando nosso pavilhão. Não vai precisar da minha ajuda para se recolher?

— Obrigada, Fryda. Espere por mim aqui.

Lovell franziu a testa ao olhar para as tochas e acertou o passo ao lado de Enid.

—Vamos ficar longe por muito tempo, milady?

— Nunca se sabe o que pode acontecer.

Insistindo que estava procurando pelo local certo, Enid conseguiu dar uma boa olhada pela floresta ao redor. Encontrou uma pequena lagoa atrás de um espesso grupo de árvores. Ficaria bem escondida ali.

Enquanto Lovell retirava as espadas e os escudos do saco, ela puxou a barra de

trás do vestido para cima, pelo meio das pernas, e enfiou-a no cinto. O escudeiro ergueu os olhos e enrubescou diante da vista.

— Ora, Lovell, quando uso meu gibão, por certo esse tanto fica exposto.

— Mas... isso é um *vestido*, milady.

Com um suspiro exagerado, Enid tirou a espada da bainha, feliz por sentir seu peso na mão. A arma reluziu ao sol poente quando ela a girou, e Enid cumprimentou Lovell pelo cuidado que tomara ao poli-la.

E então ela o atacou. O escudeiro foi forçado a recuar até que bateu contra uma árvore, o que lhe expulsou o ar dos pulmões. Enquanto ele arquejava, procurando respirar, Enid sorriu, colocando a ponta da espada no chão e apoiando-se no cabo.

— Nunca deixe um oponente pegá-lo de surpresa — disse. — Nunca presuma que ele seguirá as mesmas regras que lhe foram ensinadas.

Ele concordou, começando a se erguer. Ela o atacou de novo, e desta vez Lovell se saiu melhor.

— Nunca presuma que seu oponente irá esperar, com um cavaleiro gentil.

Ele investiu contra Enid enquanto ela ainda falava, e ela soltou uma risada ao aparar o golpe.

Geraint caminhava com cautela pela floresta, não querendo alertar Enid de sua presença. Embora conhecesse a perícia dela com uma espada, ainda se sentia desconfortável por deixá-la ir sozinha para longe do acampamento.

Ouviu as risadas antes de vê-los, e, no último momento, abaixou-se atrás de uma árvore, em vez de avisá-los de que estava ali. Lovell segurava a espada com determinação, embora um brilho de sangue na face do rapaz se revelasse na escuridão crescente. Enid o encarava, com o vestido erguido, deixando à mostra as pernas esguias e musculosas. Geraint não prestou atenção às instruções, apenas observou-lhe os movimentos.

A mesma fascinação pelo mistério de seu treinamento de guerreira ainda o influenciava. Quando um homem atacava, Geraint analisava-lhe a forma e a perícia; quando Enid investiu contra Lovell, empurrando-o para trás, Geraint viu apenas o movimento de seus músculos, a elegância das costas eretas, a inclinação orgulhosa de sua cabeça.

E sua face iluminada com as risadas, algo que ele raramente via agora. Tinham feito um ao outro tão infelizes... E ele sentiu-se... impotente, preso entre o orgulho e a obsessão por ela.

Enid trabalhava com Lovell tão arduamente como qualquer cavaleiro faria e, pela primeira vez, ocorreu a Geraint imaginar por que ela continuava naquele casamento quando poderia sobreviver com facilidade por si própria e talvez encontrar alguém que a fizesse mais feliz que ele. Enid não era uma mulher encurralada pela própria feminilidade, como tantas outras.

A escuridão por fim instalou-se em torno deles, e só duas tochas se mantinham acesas.

Enid abaixou a espada e recuou.

— Chega por hoje, Lovell. Você se saiu bem.

Geraint não conseguiu ver o rosto do rapaz, mas se sentiu cheio de orgulho. De repente, Enid virou a cabeça.

— Está vendo, Lovell? — ela perguntou, apontando para a escuridão.

Geraint ficou tenso, cada sentido em alerta. Lovell ergueu a espada.

— Milady?

— Coelhos! — ela exclamou. — Pelo menos meia dúzia. Vá espantá-los na direção de nosso acampamento. Os soldados sempre fazem armadilhas. Gosto muito de coelho.

Ele agarrou uma tocha a um sinal de Enid, deu uns poucos passos e depois olhou para trás.

— Não posso deixá-la, milady.

— Preciso de um pouco de privacidade, Lovell. Decerto você há de entender.

Geraint viu o rapaz concordar e sair depressa. Graças a Deus, ele mesmo estava ali para esperar por ela. Nem mesmo um cavaleiro deveria se demorar numa floresta escura e desconhecida.

Enid pegou a outra tocha e seguiu para trás de algumas árvores. Geraint esperou, mas ela não reapareceu num espaço normal de tempo. Estaria bem?

De repente, ele sentiu uma tensão incomum no ar da noite. Os pelos de seus braços se eriçaram, e ele julgou ouvir um som crepitante. Então, um raio cruzou o céu atrás das árvores onde sua esposa desaparecera.

Tal como acontecera na noite de seu casamento.

Cheio de pavor, Geraint saltou sobre um arbusto, correu entre as árvores e escorregou até parar onde a mata terminava numa clareira. Uma lua minguante espiava por trás de nuvens escuras. Enid, nua em uma pequena lagoa, estava saindo da água.

— Viu o raio? — ela gritou ao avistá-lo.

Por um momento, ela pareceu brilhar sob o luar, e Geraint esqueceu-se do medo que sentira por ela, do raio, de tudo a não ser de como sentia falta das carícias daquela mulher.

— Enid... — Sua voz soou rouca de desejo quando caminhou na direção da esposa.

Pisou na água, e seus corpos se encontraram e se fundiram num beijo feroz. Geraint sentiu que se perdia no gosto dela, enquanto a acariciava com paixão. A pele dela estava úmida e quente, e os mamilos se comprimiam, intumescidos, em suas mãos. Quando ela gemeu, ele respondeu do mesmo jeito.

— Milady?

Ao ouvirem a voz de Lovell, os dois interromperam o beijo, mas Geraint continuou a protegê-la com seu corpo. Fitou os olhos ávidos de Enid, viu a umidade dos lábios entreabertos. Talvez, se ficassem quietos, Lovell se afastasse.

— Milady, onde está?

Geraint estava prestes a mandar o rapaz voltar quando Enid empurrou-lhe o peito. Ele a soltou.

— Lovell, estou com meu marido! — ela gritou, e sua voz tremia. — Estaremos com você num momento.

Geraint franziu a testa, com o corpo doendo de uma necessidade que ele negara por muitas noites.

— Enid...

Ela o encarou com um olhar triste.

— Eu não o quero assim, num impulso momentâneo, quando você esqueceu sua desconfiança em mim e só se importa com as exigências de seu corpo.

Ele sentiu que avermelhava de raiva, mas principalmente de constrangimento.

— Você não se importa que eu ainda a deseje? Ela arqueou uma sobrancelha.

— Ainda? Como se você não devesse?

— Você sabe que não foi isso o que eu quis dizer. Enid passou por ele e foi até o chão seco. Pegou a combinação e o vestido e depois o fitou.

— Geraint, eu nunca me negaria a você. Sou sua esposa. Mas acho que é fácil esconder nossos problemas, se tudo com que nos importamos for o nosso desejo.

— Você sabe que não é tudo com que eu me importo. E acha que eu a forçaria, se você não me quisesse?

Ela baixou os olhos com um suspiro.

— Você sabe que eu o quero, Geraint. Não consigo esquecer meus sentimentos por você. Mas é muito fácil para você esquecer os seus por mim.

Antes que ele pudesse protestar, Enid virou-se e seguiu por entre as árvores, na direção do escudeiro. Geraint pensou seriamente em se afundar na água para esfriar sua paixão... e sua raiva.

Na tarde seguinte, o ânimo já abatido de Enid afundou ainda mais quando a acolhida que recebeu na vila seguinte foi menos que amistosa. Em vez de cumprimentá-la calorosamente, as mulheres endereçaram-lhe olhares de soslaio, que a marcavam como forasteira e alguém em quem não se podia confiar. E, enquanto os homens conversavam, as mulheres apenas a encaravam. Por fim, Enid disse que daria um passeio pela vila e fugiu delas.

Sabia que Geraint não gostaria que ela saísse sem pelo menos Lovell como guarda, mas tinha Fryda consigo, e o punhal na bota para defender-se.

Pela vila, ovelhas e galinhas perambulavam, e a magreza dos bichos testemunhava a escassez de comida. O lugar ficava vários quilômetros para o interior, e talvez os moradores não tivessem acesso fácil a barcos de pesca.

Pensativa, Enid seguiu caminhando, sem perceber que deixava o vilarejo para trás, até que Fryda a puxou pela manga.

— Milady? — a moça murmurou. — Podemos voltar?

Enid seguiu por mais alguns passos, sentindo certa relutância em voltar para um lugar tão infeliz. Mas, se Fryda estava assustada...

Ouviu um galope na estrada, e virou-se para ver Geraint assomando sobre ela, exibindo uma expressão zangada. Estava impressionante em sua armadura de viagem, e usava o escudo no braço, em vez de pendurado na parte traseira da sela, como se esperasse partir para um ataque. Lovell vinha logo atrás dele. O escudeiro tinha o rosto vermelho, e Enid esperou que ele não tivesse sentido na pele toda a raiva de Geraint por perdê-la.

Para sua surpresa, Geraint seguiu direto até ela, inclinou-se e agarrou-a pela cintura, erguendo-a para que se sentasse em seu colo. Ao segurar-se aos braços dele para se firmar, Enid o encarou. Geraint olhou para trás por sobre o ombro.

— Lovell, traga Fryda com você.

Enid inclinou-se para enxergar atrás de Geraint, confiando que ele a segurasse... e ele a segurou, com o braço forte, por suas costas. Lovell estava sobre o cavalo, estendendo a mão para Fryda. Era evidente que discutiam, embora Enid não pudesse escutá-los. Finalmente, Fryda pegou a mão do escudeiro, que a ergueu até que ela alcançasse o estribo e passasse a perna por trás dele para montar. Lovell disse alguma coisa e depois, com firmeza, puxou o braço da garota em torno de sua cintura. Parecia que ela preferia cair do cavalo a tocá-lo mais do que já tocava.

Enid tentou esconder um sorriso, e percebeu que Geraint a observava, impassível.

— Os dois entraram em um acordo?

— Não creio.

— Estão com ciúmes um do outro por sua causa.

Geraint fez aquilo soar como se não pudesse entender a causa, e sua reação à proximidade dele esfriou. Não pensaria naquelas coxas firmes sob as suas, ou no peito largo comprimido ao seu ombro.

— Não deveriam ter ciúmes — retrucou. — Tenho tempo para ambos.

— Como se fossem seus filhos? — Quando ela não respondeu, Geraint ergueu-lhe o queixo até que ela encontrasse seu olhar. — Você deve compreender que, como princesa, não pode mais vagar para longe sozinha. E não diga que estava com Fryda. Nem mesmo Lovell é proteção suficiente para uma princesa.

— Fui cuidadosa. Só vi lavradores nesta vila, e eles não podem me fazer mal.

— Não, mas sua beleza poderia dar a um lavrador idéias que o levariam à morte, fosse ele um atrevido.

— Minha suposta "beleza" nunca faria os homens agir assim.

Geraint meneou a cabeça.

— Não acha que eu me sinto enfeitiçado por seu rosto às vezes?

Aquilo a entristeceu, porque ele não usara as palavras como um elogio. Mas, para sua surpresa, Geraint tomou sua mão na dele. Nos primeiros dias de casamento, os dois ficavam de mãos dadas constantemente. Agora, ela gostaria de poder relaxar sob o conforto do toque do marido.

Ele, porém, franziu a testa, ao virar sua palma e ver a teia de pequenas cicatrizes, algumas mais recentes que outras. O que devia estar pensando? Como ela poderia se explicar?

— Sua habilidade com o punhal não é o que eu imaginava — disse.

Enid mordeu o lábio, mas não tentou puxar a mão.

— Seu trabalho com Lovell não a está ajudando, não pode ver isso?

— Está ajudando a ele — retrucou Enid.

— Toda vez que você sai por conta própria, os problemas a acompanham. Talvez hoje eu tenha chegado a tempo de evitar algum.

— Ontem à noite, você foi o problema. — A raiva de Enid despertou.

Ele soltou-lhe a mão.

— Independentemente disso, você precisa ficar com meus soldados o tempo todo.

— Não tenho permissão para nenhum momento de privacidade feminina? — ela

indagou, mais zangada consigo mesma. Se tivesse ficado na vila, Geraint não estaria distribuindo ultimatoss assim.

— Não, se eu considerar que é inseguro.

Ela cerrou os dentes e ficou calada, sabendo, de forma infantil, que não teria de cumprir o que não havia prometido.

Outra pedra fora assentada na muralha entre os dois, e a garganta de Enid apertou-se de tristeza, Estaria se iludindo em pensar que, de algum modo, se encaixaria no mundo do marido?

Daquela vez, os mercenários atacaram antes do amanhecer, e Geraint estava preparado para isso. Seus homens reagiram como os soldados treinados que eram. Designou quatro deles para proteger o pavilhão de Enid com Lovell, e o restante defendeu o acampamento.

Os gritos e o tinir das armas eram ensurdecadores e, à distância, os cavalos entraram em pânico. Porém, os guardadores logo os acalmaram. Geraint juntou-se ao combate, determinado a descobrir quem estava provocando aqueles ataques. Parecia tolice dos bandidos enfrentar uma tropa treinada.

Contudo, agora eram os atacantes que estavam montados, e Geraint descobriu-se saltando de lado para evitar ser atropelado por um cavalo em disparada. Girou o escudo contra o animal e pegou-o no flanco, assustando-o tanto que ele jogou o cavaleiro da sela. Geraint livrou-se do bandido com um golpe na cabeça e correu para o próximo adversário. Em questão de minutos, os atacantes estavam desmontados e lutando no chão, onde foram rapidamente superados. Alguns fugiram, alguns morreram, mas Geraint deixou um deles inconsciente e o manteve vivo.

Um de seus próprios homens tinha morrido. Os soldados, buscando vingança, reuniram-se, furiosos, em torno do cativo quando Geraint jogou água sobre ele. O homem cuspiu, engasgado, ao acordar, e então arquejou diante das faces assassinas que o rodeavam.

Puxou uma faca de dentro da túnica, num gesto rápido, e Geraint ergueu a espada, mas percebeu tarde demais as reais intenções do bandido. O homem apunhalou-se na garganta e caiu para trás, estrebuchando. E a informação que Geraint esperava conseguir morreu com ele.

Zangado, mandou que enterrassem os mortos, enquanto o resto dos soldados se preparava para a marcha. Ao olhar para o pavilhão de Enid, viu-a parada do lado de fora, com Fryda encolhida a seu lado. Geraint avistou um punhal na mão da esposa, mas, quando se aproximou, ela o esperava com tranquilidade, de mãos vazias. Pelo menos, sabia que ela poderia defender-se naquela viagem perigosa, admitiu, relutante.

Enid o estudou.

— O bandido morreu antes de poder dizer alguma coisa?

Geraint assentiu.

— Tanta coordenação os denuncia — ela comentou. Ele a fitou, nada surpreso por Enid compreender o que estava acontecendo.

— Tem alguma idéia de quem deliberadamente organizaria ataques ao príncipe da Cornualha?

— Até agora os ataques têm sido dos bretões, e não de saxões.

— Mercenários contratados?

— Suspeito que sim.

— Existe alguém com motivo para contratar soldados?

— Alguém que queira derrubar o reino da Cornualha.

Um canto da boca de Enid arqueou-se para cima.

— E tais homens poderiam ser uma legião?

Geraint limitou-se a dar de ombros e relanceou os olhos para a criada de Enid, que tremia inteira.

— Seu guarda a protegeu? — perguntou, numa voz mais suave.

— Sim — disse Enid. — Seus homens são corajosos e bem treinados. Fryda nunca ficou longe do castelo, muito menos numa longa viagem. Está se saindo muito bem.

Geraint percebeu o olhar agradecido na face manchada de lágrimas da moça... e o dramático revirar de olhos de Lovell.

Depois de mais ou menos uma hora de marcha, Enid começou a suspeitar que havia mais do que apenas um bando de mercenários atrás deles.

Viajavam por uma estrada íngreme, rumo ao mar, que estava a alguns quilômetros de distância. Um vento cortante e salgado soprava diretamente sobre eles, mais frio a cada minuto que passava. Enid apertou a capa em torno de si, enquanto lutava para manter-se na sela lateral numa descida tão acentuada. Como poderiam taxar as mulheres de criaturas frágeis se conseguiam cavalgar daquela forma, enfrentando uma situação como aquela?

Os primeiros flocos de neve a pegaram de surpresa. Sua casa não ficava muito longe dali, e ela vira neve uma ou duas vezes na vida, durante uma rara tempestade no auge do inverno depois do ano-novo.

A seu lado, Geraint ergueu a mão para ordenar uma parada enquanto estudava o céu cada vez mais escuro. Seu cavalo dançava sob ele na trilha perigosa.

— Isso não está me parecendo boa coisa.

Enid ia concordar quando sentiu a primeira emanção de magia subir do chão em torno deles. Contendo a respiração, ela ficou imóvel. Quis usar o dom que a Dama do Lago lhe concedera de sentir as forças sobrenaturais para determinar se era bom ou ruim o que estava em ação ali, mas não conseguiu dizer. Sentiu-se frustrada; porém, mesmo assim, continuou a concentrar-se. Contudo, a quimera da magia era fugidia.

— Enid, o que está fazendo?

Ao abrir os olhos, deparou-se com Geraint encarando-a com uma ruga na testa, inquieto. Então, ela arquejou ao ver as nuvens sobre eles tornar-se negras e desabar numa pesada nevasca. O vento aumentou, assobiando em suas faces, e Geraint afastou-se para distribuir ordens.

— Não podemos parar aqui! — ele disse a Ainsley, gritando acima do uivo assustador do vento. — Estamos muito expostos ao lado do penhasco. A vila próxima não fica muito, longe. Diga aos homens que continuem em frente.

Enid imaginou se Geraint conseguia sentir a magia que parecia tão evidente a ela. Prometeu contar-lhe a respeito disso no momento em que estivessem a salvo da tempestade. Puxou o capuz da capa sobre o rosto, e sentiu as mãos nuas pouco a pouco se entorpecer conforme ela segurava as rédeas com firmeza, esforçando-se para levar o cavalo para baixo, pela trilha.

Atrás dela, Fryda gritou, e Enid virou-se na sela. Viu que a montaria da criada escorregava, descontrolada, em direção a seu cavalo. Geraint, de repente estava ali, puxando a moça do lombo do animal e colocando-a atrás de si, na sela. Enquanto Fryda se agarrava a ele, enterrando o rosto nas costas de Geraint, ele pegou as rédeas do animal assustado e conduziu-o temporariamente para um terreno mais plano.

A neve batia contra o rosto de Enid em agulhadas de gelo, mas ela enviou ao marido um sorriso de gratidão.

— Consegue continuar? — ele gritou, os cabelos cobertos de flocos de neve.

Ela concordou e guiou a montaria pela trilha escarpada.

Com a neve a turbilhonar por todos os lados, precisou apertar os olhos para ver através do lençol branco em movimento. E não teria percebido que o terreno se aplainava se Geraint não surgisse a seu lado. Fryda não estava mais com ele, e Enid viu que a moça se agarrava às costas de Lovell.

— Siga Ainsley enquanto vejo o resto da tropa! — ele gritou. — A vila é logo ali, após a curva.

A magia parecia subir pelo cavalo, enrolando-se em suas pernas, enroscando-se como uma trepadeira por seu pescoço. Enid arquejou, não captando nenhuma ameaça, mas sentindo que não poderia mais esperar.

— Geraint! — gritou, e sentiu-se grata ao vê-lo voltar. — Está sentindo?

Ele franziu a testa, a neve grudando-se em seus cílios e sobrancelhas.

— É uma tempestade de neve. O que há para sentir além da fúria da natureza?

— Não é uma tempestade natural, Geraint, não para a Cornualha. Não consegue sentir a magia?

Enid não imaginou que a carranca de Geraint pudesse ficar mais sombria, mas de repente era ameaçadora, embora não direcionada a ela.

— Magia? — ele indagou. — O que quer dizer? Explique-se!

Ela estremeceu e encolheu-se, pestanejando com a neve que o vento lançara em seus olhos.

— Posso sentir a magia. É ela que impele a tempestade.

— É um ataque? — Geraint perguntou, sacando a espada. Olhava para Enid como se nunca a tivesse visto antes.

Ela assustou-se com aquele olhar, pois teria de responder às perguntas mais tarde. Porém, naquele momento, tudo o que queria dizer a Geraint era que uma espada não era arma contra magia.

— Não sinto maldade — disse, hesitante. — Acho que a tempestade é apenas... uma distração. Não, não, algo não está certo.

Ela fechou os olhos, entregando-se por fim à magia que, como se sentisse sua rendição, intensificou-se, mas ainda não se revelando alguma coisa maligna. Então, ela viu uma presença por trás da tempestade.

Naquele instante, o vento uivante parou de soprar; a nevasca diminuiu e cessou. Enid abriu os olhos e se deparou com Geraint a encará-la, atônito. Lovell estava ao lado dele, e a expressão do rapaz era quase temerosa... Seria em relação a ela?

— Juro que não fiz a tempestade amainar! — ela exclamou, arrancando o capuz para que Geraint pudesse ler a verdade em seu rosto. — Não tenho poderes mágicos.

Mas me entreguei à experiência para sentir o que estava por trás dela e a coisa apenas... parou.

— O que foi que você sentiu? — ele indagou, com ceticismo.

Enid preferia aquela emoção ao medo, embora Geraint a fitasse como se ela fosse algo novo que ele precisasse decifrar.

— Alguém, algo guiando a tempestade, atrasando-nos por algum tempo, mas não com má intenção. — Ela deu de ombros. — É tudo o que eu sei.

— Vamos seguir em frente e confrontar essa... coisa — ele retrucou, fazendo o cavalo dar meia-volta.

A agitação de Enid não se acalmou enquanto ela o observava seguir entre a tropa, sossegando-lhes o medo. Não deveria ter tocado no assunto da magia, disso tinha certeza. Os soldados colocaram seus elmos e sacaram as espadas. Será que Geraint lideraria um ataque contra aquilo que não compreendia?

Lovell a observava sem dizer nada, e ela não sabia o que dizer ao escudeiro. Desde o primeiro encontro, quando pusera as mãos sobre o rapaz, ele soubera que ela não era uma mulher normal. Será que mesmo assim se surpreenderia quando coisas incomuns acontecessem a ela?

Fryda, já de volta a seu próprio cavalo, emparelhou o animal ao de Enid.

— Milady, por que Lovell a olha assim com um olhar tão rude? Devo socar-lhe as orelhas pela senhora?

Enid pestanejou e desviou os olhos do escudeiro para sorrir para a criada.

— Não é rudeza, Fryda. Ele está assustado com a tempestade de neve, como todos nós.

— Milady — Lovell disse —, posso dar uma palavra em particular com a senhora?

Fryda fechou o cenho, mas guiou o cavalo para longe, olhando de cara feia por sobre o ombro.

Enid esperou que ele falasse, aparentemente calma, embora, por dentro, estivesse em pânico, pensando em motivos convincentes para explicar por que ele deveria continuar sendo seu escudeiro. O rapaz inclinou a cabeça.

— Senhora, esse... dom que tem... — Fitou-a com os olhos faiscantes, a adoração visível. — É maravilhoso! Sua habilidade com a magia só pode ajudar o príncipe!

Enid sorriu, aliviada.

— Por favor, Lovell, não pressuponha alguma utilidade para um dom tão insignificante. Sentir a magia não é a mesma coisa que combatê-la.

Geraint voltava e ouviu parte da conversa.

— Precisa ser combatida? — ele quis saber, num tom sombrio.

— Não, não desta vez, eu acho. Eu estava explicando a Lovell que não vejo qual o bem em sentir a magia, se não se sabe como combatê-la. — Ela se inclinou e pousou a mão no braço do marido — Porém, não há necessidade de um confronto, não desta vez.

— Não me sinto aliviado — ele retrucou, erguendo a mão para sinalizar à tropa que a marcha continuava. — Mas meus homens ficarão alertas. Siga atrás de mim. — Então, puxou o visor do elmo.

Enid rezou para que ele pudesse pelo menos falar com os mais velhos da vila

antes de iniciar um ataque.

Embora a neve tivesse cessado, e o ar comesse a se aquecer, havia ainda perigosas correntes de vento que obrigavam a marcha a seguir lentamente. Geraint quase agradeceu a distração, pois era difícil pensar naquela dimensão nova e reveladora de sua esposa. Enid podia sentir a magia.

O que mais ela sabia sobre essas coisas? E como ele pudera ser tão tolo para não perceber que ela poderia ter algo mais que as outras mulheres... além da perícia com a espada?

Contar a seu pai uma coisa dessas não seria fácil, a menos que ele encontrasse um meio de conhecer a extensão exata das habilidades de Enid. Desvendar isso significaria encontrar as perguntas certas, porque ela não parecia disposta a revelar tudo voluntariamente.

O bom-senso de seu casamento apressado se tornava cada vez mais duvidoso, Geraint pensou, reprimindo um suspiro. Porém, cada vez que olhava para Enid, e se lembrava dos momentos que tinham passado juntos, não conseguia pensar na pressa, apenas no desejo.

A vila à beira-mar surgiu à vista. Era a mais próspera que tinham encontrado e, milagrosamente, estava livre da neve. Dezenas de casas e construções enfeitadas de flores enfileiravam-se na praia. Conforme Geraint observava, a última das nuvens se dissipou, e o sol brilhou com um calor deslumbrante, refletindo-se nas ondas e na pintura reluzente dos barcos de pesca bem cuidados. Ele usava agora seus próprios sentidos, aguçados em batalha, mas parecia não haver nenhum perigo, não naquele local tão pacífico.

Tirou a capa dos ombros e fez um gesto aos soldados para que o seguissem, em vez de permanecerem fora da vila, como tinham feito nas paradas até então. Talvez não pudessem combater a magia, mas Geraint não iria se arriscar.

Desceram por uma viela entre casas e, apesar de, às vezes, uma cabeça espiar, de trás de uma porta ou janela, ninguém foi cumprimentá-los, à exceção de um homem só, que os esperava perto de uma árvore frondosa na praça da vila. Ovelhas pastavam ao seu redor. O homem usava uma longa túnica, mas não carregava nenhuma arma evidente. Geraint não podia acreditar que um só homem fosse enfrentar uma tropa armada.

— Geraint... — disse Enid, em tom de aviso.

Ele relanceou os olhos para trás e viu que Enid olhava para o homem solitário.

— É *e/le* a fonte da magia.

Geraint pousou a mão no cabo da espada, mas não a sacou. Não lhe eram desconhecidas as consequências da magia. As próprias irmãs do rei Arthur eram feiticeiras. Porém, muitas vezes, era uma questão de sorte poder derrotar algo com habilidades que ninguém poderia enfrentar, ou mesmo imaginar.

O homem abriu os braços num gesto largo.

— Bem-vindos, visitantes! Bem-vindo, príncipe da Cornualha. Nós os saudamos em paz.

— Ele já sabe que não pretendemos lhes fazer mal — Enid murmurou. — A magia deve ter nos encontrado com essa finalidade.

Depois de fazer um sinal aos soldados para que ficassem onde estavam, Geraint tirou o elmo e olhou para Enid.

— Você vem comigo.

Avançaram sozinhos, e o homem esperou por eles com um sorriso tranquilo na face. Era de meia-idade, a barba começava a ficar grisalha, e os olhos faiscavam de inteligência.

Geraint puxou as rédeas do cavalo, mas não desmontou. Friamente, disse:

— Quem é você, e por que usou de magia contra nós? O homem inclinou-se numa medida.

— Sou Ossian de Tregarian, o curandeiro desta vila. E não usei de magia *contra* vocês, como sua esposa pode atestar.

— Não jogue com as palavras — Geraint falou. — Você usou de magia, quando um simples grupo enviado para nos encontrar lhe diria tudo o que precisava saber.

— Eles poderiam ter sido mortos, se fosse esse o propósito de vocês — Ossian retrucou, num tom suave. — Cada homem aqui é como um filho para mim. Você se ressentido do modo como eu o contatei, mas há muitos que ficam assustados com soldados montados. Portanto, príncipe Geraint, aceite minhas desculpas por nosso primeiro contato, e minha hospitalidade para o senhor e seus homens.

Geraint relanceou os olhos mais uma vez para Enid, cuja expressão continuava impassível. Relutante, ele desmontou, e depois a ajudou a descer da sela.

— Está sossegada com isso? — perguntou baixinho, perto de seu ouvido, sabendo que o mago provavelmente ouviria tudo o que diziam. Ela franziu a testa.

— Ele não pretende fazer mal algum, meu marido. Mas sua intenção me escapa.

Como se o mago tivesse feito um sinal que não pudessem ver, as casas da vila se abriram, e mulheres e crianças saíram para a praça, carregando pratos de carnes e frutas. Geraint nunca vira uma vila tão pequena dar de comer de boa vontade a uma tropa de soldados famintos sem primeiro pedir um pagamento. Olhou com o cenho franzido para Ossian, mas o mago se afastara e coordenava os poucos homens que não estavam fora, pescando, para armarem mesas de cavaletes sobre as quais colocariam a comida.

Ossian caminhou por entre os soldados que perambulavam pela praça e convidou-os para o festim. Quando as jovens ofereceram-se timidamente para ajudar, Geraint pôde ver que os homens já antecipavam uma bela tarde.

O mago voltou para perto dele e inclinou-se.

— Milorde, milady, se importariam de jantar em minha casa?

Havia coisas a serem conversadas em particular, Geraint pensou, de mau humor. Aceitou o convite, e depois virou-se para dar instruções a Ainsley. Enid e ele seguiram Ossian pela praça até uma casa humilde. Lá dentro, encontraram dois cômodos simples: uma área comum e um quarto de dormir fechado por cortinas. Ossian convidou-os a se sentar e trouxe vinho. O mago sorriu para Enid quando a serviu.

— Já que senti minha boa vontade antes, sabe que estou lhe servindo apenas o melhor vinho.

Ela ergueu a cabeça e sorriu.

— Não haveria sentido em envenenar seu príncipe, quando a ira do rei recairia com toda a fúria sobre vocês. E não é preciso nenhuma magia para se chegar a esta simples conclusão.

Geraint disfarçou o sorriso tomando um gole do vinho.

— E sua vila parece muito aconchegante para que deseje abandoná-la — ela continuou.

Ossian sentou-se do outro lado da mesa, de frente para eles.

— Mas vocês foram atacados mais de uma vez nessa jornada. Não levaram em consideração que poderia ser sob minhas ordens?

— Não — Geraint retrucou. — Mas não estou disposto a mais joguinhos. Por que vive entre esses simples aldeões?

— Este sempre foi meu lar, milorde. Viajei para estudar e aperfeiçoar as artes com as quais nasci, mas regressei para cá muitos anos atrás para encontrar paz. E tenho paz. Em troca, concedo aos moradores, muitos de minha própria família, a segurança dos meus dons de cura, a localização dos peixes, a boa colheita para um solo pobre, o nascimento de bezerros e cordeiros saudáveis, e a advertência a respeito das intenções dos intrusos.

— Bastante indispensável você se tornou, não é? — disse Geraint, com secura.

Inclinando a cabeça com um ar modesto, Ossian respondeu:

— Tento ser.

— Diga-me o que sabe sobre esses ataques à minha comitiva.

— Sei que aconteceram a quilômetros daqui, milorde, e fora do humilde alcance de meus poderes.

— Então, como sabe que aconteceram?

— Porque pude sentir sua preocupação de que isso estivesse prestes a ocorrer de novo.

— Pode ler meus pensamentos?

— Não é bem assim. — Ossian ficou muito sério. Tenho um pequeno presente para você, uma informação, que espero me ajude a ficar em paz com o futuro rei da Cornualha.

— Diga.

— Há um homem com dons ou algo mágico espreitando o senhor.

— Não vimos ninguém além de mercenários, que não usaram magia.

— É algo enfeitiçado o que esse homem possui, e não foi usado contra o senhor. Mas será. Não há nada que possa fazer para evitar, mas sugiro que lide com ele para prevenir uma futura dor de cabeça.

— Então, vamos de encontro a um inimigo que usa de magia, e devemos matá-lo — Geraint disse, duvidoso.

— Não posso prever suas ações, ou qual o caminho correto a seguir. Só sei o que sei porque recebo impressões de emoções. — Relanceou os olhos para Enid. — Impressões de poder.

Geraint percebeu que ela se inteiriçava.

— Seu dom falhou, Ossian — afirmou Enid. — Não tenho nenhum grande poder.

— Não, não grande, mas algumas pequenas habilidades. Você é mais, e menos, do que parece.

Enid pousou a caneca de vinho sobre a mesa, e Geraint empertigou-se.

— Suas charadas não me divertem, Ossian — ele falou.

— Não pretendo diverti-lo. Quero apenas ajudar a curar um casamento. Agora, deixe-me trazer a refeição.

Geraint olhou para a esposa, mas Enid fitava o fogo com ar alheado. Sabia que ela tinha segredos, mas ouvir um estranho constatando isso o constrangeu e irritou.

— Precisamos conversar hoje — sussurrou para ela. Enid inclinou a cabeça e concordou.

Ossian sugeriu a eles que acampassem na colina acima da vila, assegurando que ali teriam bastante pasto para os cavalos e muita lenha para as fogueiras. Enid postou-se no cume que dava vista para a baía e para a vila, com o acampamento às suas costas. Não houvera um combate, e ela se sentia aliviada. Geraint era um homem com quem havia possibilidade de argumentar.

Contudo, quando Ossian oferecera hospitalidade na vila para os dois, seu marido recusara. Ele a queria sozinha quando a interrogasse.

Enid estremeceu com a brisa e puxou mais a capa. O que ela lhe diria? Não poderia trair seu pai, seu povo ou sua missão. Mas como responderia à acusação de ser "mais e menos" do que parecia? Não era algo que qualquer um poderia alegar às vezes, independentemente de algum dom mágico?

Fryda levou-a de volta até a fogueira quando o peixe fresco, um presente dos moradores da vila, estava assado. Banquetearam-se pela segunda vez naquele dia, e Enid percebeu que os soldados se divertiam. Mas Geraint se sentara do outro lado da fogueira, e apenas a observava. Por certo, naquele exato momento, escolhia as perguntas que queria lhe fazer.

Quando acabou de comer, Geraint aproximou-se.

— Fryda, sua patroa e eu precisamos de privacidade por mais ou menos uma hora, portanto não precisaremos de você esta noite. Lovell lhe fará companhia até que terminemos de conversar, e depois você pode ir deitar-se.

Enid enrubesceu quando os soldados gêmeos cutucaram um ao outro e sorriram. Não haveria nenhum prazer para ela naquele pavilhão. Porém, acompanhou o marido e entrou na tenda. Geraint parou para acender uma vela na tocha do lado de fora antes de entrar e colocar a luz bruxuleante ao lado do leito.

O acampamento inteiro devia estar a espíá-los, e Enid teve vontade de gemer de irritação. Pelos deuses, estava se tornando infantil!

— Pode sentar-se — disse ele.

Então agora precisava da permissão do marido para isso? Sem dizer nada, ela se afundou no meio das mantas e esperou pelo que parecia uma sentença de morte.

Geraint ajoelhou-se diante dela.

— Se você tivesse me contado sobre sua magia, poderia ter nos ajudado.

Ela pestanejou.

— Como eu disse, é um dom pequeno e, no momento em que pude usá-lo, hoje, eu lhe contei. Não permitiria que nenhum mal nos acontecesse ou a alguém do nosso povo, se eu pudesse ajudar.

— Esse é outro dom que separa seu povo do meu?

— Só alguns o recebem, Geraint, e eu não fui abençoada até que fiquei sozinha no

mundo, fora de nossa vila. Meu pai me queria protegida.

A expressão de Geraint era imperscrutável, e o corpo dele estava rígido. Enid quase desejou possuir mais dons mágicos para entender o coração do marido e saber se o havia perdido para sempre. Porém, tinha somente a intuição feminina para isso, o que estava se provando inútil.

Geraint passou a mão pelo rosto num gesto de cansaço.

— Você tem muitos segredos, Enid.

Como você, ela pensou, imaginando qual seria a finalidade misteriosa daquela missão ordenada pelo rei Erbin. Não havia razão para perguntar, porque ele não trairia a confiança do pai, assim como ela não trairia a do seu. Estavam num impasse.

— Tem outros dons mágicos que eu deveria saber?

Enid hesitou, mas ele escolhera a pergunta certa porque, pelo menos aquela, ela poderia responder, de alguma forma.

— Antes da minha viagem, me foram dados alguns dons mágicos, todos pequenos e temporários, para me ajudar. Fui treinada pela Dama do Lago.

Geraint mostrou-se surpreso.

— Sir Lancelot, um dos cavaleiros do rei Arthur, foi criado com ela. Você o conheceu?

— Não. Só vivi em Avalon por metade do ano antes de conhecer você, Geraint. Para ajudar a superar meus inimigos, já que eu viajaria sozinha, ela me ensinou a envolver-me em sombras, para que os outros não me enxerguem.

— Era assim que você conseguia andar livremente por Camelot quando queria treinar — ele constatou, as feições e a voz mais uma vez impassíveis.

Com um gesto de concordância, Enid deixou todos os sentimentos de pesar ecoar na voz.

— Eu não queria chamar atenção para mim mesma, nem atrair a censura do rei sobre você.

Ele desviou os olhos.

— Há algo mais?

— Sim. Embora a habilidade em combate seja toda minha, foi me dada a força de dez homens para me ajudar. Você não tem nenhum motivo para arriscar seus soldados, preocupando-se com a minha segurança.

— Mas eu me preocupo, Enid. Sou seu marido.

Ela se percebeu perto das lágrimas.

— E seu cuidado comigo me comove, Geraint. Antes de você, nenhum homem jamais me tratou como qualquer outra coisa além de uma guerreira. Nem sempre fui assim tão bonita — emendou, hesitante. — Acho que foi isso o que Ossian quis dizer quando falou que sou menos do que aparento.

— Esse tipo de feitiçaria mudou suas feições? — A expressão de Geraint era de horror.

— Não, nada disso, mas outra maneira de me protegerem foi me tornar mais atraente aos olhos dos homens. Não é minha mágica, mas deles.

Para sua surpresa, Geraint passou os dedos por seu rosto.

— Este é seu nariz? Ela mordeu o lábio.

— Sim.

— E estas faces são suas?

— Sim.

— E o azul brilhante de seus olhos é seu?

Enid só conseguiu concordar com a cabeça. O polegar de Geraint roçou sua boca. Enid fechou os olhos e estremeceu.

— E são seus estes lábios que exercem tanta magia? — ele murmurou.

Ah, Enid queria os beijos dele! E estava prestes a beijá-lo quando ele disse:

— Talvez o que tenham lhe dado foi confiança em si mesma, em sua feminilidade. Como me disse que era tratada apenas como guerreira, quem sabe tenham lhe dado a capacidade de ver que é mais do que isso.

Enid inclinou a cabeça para trás e encarou-o com surpresa. Como guerreira, era capaz de dar aos homens a confiança de que precisavam. Será que a Dama do Lago fizera a mesma coisa por ela? Era realmente sua própria beleza que se mostrava assim tão evidente?

— Geraint, pode aceitar que eu tenha poderes insignificantes que me ajudam?

— Não posso dizer que não esteja familiarizado com a magia. É uma espada de dois gumes e pode ser usada tão facilmente para o mal como para o bem. Na corte do rei supremo, vi Merlin ajudar o rei com magia, e todos se beneficiaram. Mas a irmã do rei, Morgause, a rainha de Lothian, usa seus dons só para o grande mal, e muitos vivem em sofrimento por causa disso.

Geraint pegou a mão de Enid e acariciou-lhe os dedos enquanto pensava. Ela o fitou com olhos enternecidos, feliz com a carícia do marido. Ele encontrou seu olhar.

— Não creio que você queira fazer mal, Enid! E sou grato por aquilo que me contou esta noite. — Sua voz tornou-se um murmúrio. — Gostaria que pudesse me contar mais.

As primeiras lágrimas rolaram dos olhos de Enid, e ela não tentou escondê-las.

— Eu gostaria que você pudesse me contar mais. Porém, não vamos quebrar nossas juras feitas às outras pessoas que amamos.

Geraint viu um coração partido na expressão de Enid, e o último vestígio de raiva contra ela desapareceu. Estavam ambos presos a situações que não haviam criado, e a confiança que desejavam compartilhar ainda era muito frágil.

Ele queria provar a seu pai que fizera a escolha certa, que Enid era uma boa esposa, e que seria uma boa rainha. E, se conseguisse reduzir a resistência dela, talvez Enid finalmente revelasse o restante dos segredos que os mantinham separados.

Olhou para as mãos entrelaçadas, e pensou na força dos dedos dela, na força que emanava de cada parte de seu ser. Sua coragem não poderia ser fingida. Ela era uma mulher sozinha a quem tinham sido dados dons que a ajudassem a enfrentar um mundo perigoso.

Geraint encontrou o olhar da esposa mais uma vez e viu nele, um anseio tão grande que o fez suspirar.

— Fryda está esperando para dormir.

O olhar de Enid desceu até a boca firme do marido.

— Sim.

Ele se inclinou para a frente e beijou-a com ternura.

— Até amanhã. — Pela primeira vez, ele sentia esperanças.

CAPÍTULO III

Logo cedo, na manhã seguinte, passearam por uma vila à beira-mar cuja prosperidade se baseava na mineração de estanho. Faltava ao povo a abundância de boas terras cultiváveis, mas conseguiam permutar o metal por aquilo de que precisavam. Receberam Geraint e Enid com festa, e mandaram rações para o acampamento dos soldados. Enid caminhou entre as mulheres, vendo-as mostrar com orgulho as pobres hortas nos quintais. E admirou a habilidade que tinham com as agulhas.

Uma mulher puxou sua manga, com desespero evidente nos olhos. Enid permitiu que ela a afastasse um pouco do grupo.

— Pois não, senhora?

— Milady, precisa ver meu tear. Seria o orgulho da vila, mas ninguém me dá crédito. Se a senhora olhar e disser que é bom, todos vão acreditar.

Enid não teve como se negar; a mulher parecia aflita. Seguiu-a até a casa dela, quase nos limites da vila. Lá dentro, havia apenas um cômodo escuro com duas janelas e, embora as venezianas estivessem fechadas, as frestas revelavam o amontoamento sombrio do local. Engratados empilhavam-se até o alto de cada lado da porta, e o cômodo tinha um cheiro forte de peixe. Onde estava o tear?

Um formigamento subiu pela espinha de Enid, tão leve que ela não o reconheceu até que a porta fechou-se atrás de si de repente, e um laço de corda passou por sua cabeça e ombros, vindo de trás de um grupo de caixotes. Assim que a corda a tocou, sentiu a magia apertando-se em torno dela como uma cobra. Tentou erguer os braços, mas eles não se moveram. Virou-se para a atacante só para sentir outro pedaço de corda enroscar-se em torno de seus joelhos. E logo suas pernas estavam imobilizadas. Era aquela a magia sobre a qual o mago os avisara?

— Quem é você? — perguntou, virando a cabeça de um lado para outro, tentando enxergar nas sombras atrás dos caixotes empilhados. — Está fazendo a si e à vila um grande mal ao atacar a futura rainha da Cornualha.

De seu lado direito, um homem saiu de trás do caixote. Conforme caminhava até postar-se à frente dela, passou pelos feixes de luz. Era barbudo e de cabelos compridos, e usava uma túnica rústica e calça justa de lã. Não havia magia nele; apenas na corda. Aproximou-se dela, e Enid viu o porrete pontiagudo com o qual ele caminhava, usando-o mais como uma bengala, apesar de não ser manco.

— Milady, estou aqui pela senhora — ele falou, virando o porrete com ar malicioso no chão de terra.

Outro homem saiu das sombras e quase se chocou com as costas do parceiro. Era

mais baixo e magro, mas se vestia do mesmo jeito.

— Precisamos ir embora, Hartun — murmurou, virando a cabeça para as janelas fechadas como se pudesse ver por entre as frestas.

— Sim, Bureig. Você pega os pés, eu pego os ombros. Bureig recuou.

— Ela tem uma magia forte.

— A corda a dominou.

— Onde arranjam uma coisa dessas? — Enid indagou, tentando ganhar tempo. Geraint sentiria sua falta logo e iria atrás dela, achando que saía sozinha outra vez.

Hartun sorriu, mostrando os dentes escuros.

— Briguei com um *troll*. E ganhei.

— Você quer dizer que o roubou. Ele já pode estar atrás de você.

Dando de ombros, Hartun circundou Enid para agarrá-la pelos ombros.

— Ele não vai sair de sua caverna; não para vir tão longe, ao sul.

Enid cravou o olhar em Bureig, que recuou, afastando-se de suas pernas.

— E como sabe qual magia eu possuo?

— Nós vimos — Bureig retrucou, baixinho.

— Vocês não nos seguiram — ela afirmou.

Bureig ergueu o queixo, obviamente buscando por coragem.

— Não, nós atacamos vocês.

— Bureig! — Hartun exclamou.

O homenzinho caiu de quatro, como um cachorro sentindo que logo seria chutado.

— Vocês estão com os mercenários — disse Enid, lentamente. — Seu líder os mandou numa missão tão perigosa sem apoio?

Hartun riu.

— Não é tão perigosa. E ele não me escutou. Eu sabia que afastar você era a chave para afastar seu homem também. Mas não era assim que *ele* queria jogar. Pois eu vou mostrar a ele. Vou pegar seu companheiro, entregar para ele e ganhar minha recompensa. — Enfiou um trapo sujo na boca de Enid.

— Eu também! — exclamou Bureig.

Aquilo pareceu encorajar o homenzinho, pois ele a agarrou pelos tornozelos.

Onde estava Geraint?

Enid se debateu, mas os dois homens a arrastaram para uma janela no fundo do casebre. Depois de abrir as venezianas, Hartun subiu, e os dois juntos conseguiram passá-la pelo vão, praguejando e ofegando.

Ela tentou gritar, mas qualquer som era abafado pela mordança. O casebre era o mais distante da praça da vila, e a construção os escondia da vista. Os homens tinham dois cavalos esperando. Depois de jogarem Enid no lombo de um deles, de barriga para baixo, Hartun montou atrás dela, e partiram. Enid virou a cabeça, tentando ver algo atrás, mas a estrada fazia uma curva na base de um penhasco. Logo ganharam velocidade, seguindo a orla para o leste. O galope a jogava para cima e para baixo, e as pancadas no estômago eram fortes. Contudo, isso não era nada comparado ao medo crescente que a

invadia.

Estava sendo usada como isca, que Geraint, protetor como sempre, morderia. Embora tivessem problemas no casamento, sabia que ele faria qualquer coisa para resgatá-la, até mesmo colocar-se em perigo.

Sentiu um puxão na saia e ouviu o som do tecido se rasgando. Pelos deuses, o que será que aquele bandido estava tentando fazer como ela em cima de um cavalo?

Enid viu o pedaço de pano esvoaçar até o chão atrás deles.

— Seu homem não vai demorar muito a achar seu rastro — disse Hartun, com satisfação.

Cavalgaram por mais outra hora e, ao final, Enid gostaria de desmaiar para evitar a dor incessante. Não achava que conseguiria respirar outra vez. Porém, depois de uma última subida por uma trilha íngreme, os cavalos pararam. O céu já escurecia com o crepúsculo. Ela foi tirada do cavalo, e gemeu quando os homens a jogaram no chão. Pestanejou, atordoada e incapaz de engolir. Bureig pareceu receoso.

— Ela está com essa mordida na boca faz muito tempo.

— Vá lá e tire. Ainda não há ninguém atrás de nós. Mas é claro que o homem dela vai achar as pistas que deixamos.

Bureig ajoelhou-se ao lado de Enid e levou a mão à sua boca. Ela abriu-a o quanto pôde, mas, mesmo assim, o pano grudara em suas faces e, ao ser puxado, arrancou-lhe um pouco da pele. Ela gemeu, mas em vez de recuar, Bureig abaixou-se sobre ela, preocupado.

— Está com sede?

Enid reprimiu um comentário sarcástico e assentiu, tentando parecer indefesa. Não foi muito difícil deixar as lágrimas brilhar em seus olhos quando estava tão preocupada com o marido.

Bureig segurou um odre sobre sua cabeça e o inclinou devagar, deixando a água escorrer para dentro de sua boca. Enid bebeu desesperadamente.

— Não tanto — Hartun avisou. — Ela vai vomitar em nós.

Bureig afastou-se. Agora que uma necessidade fora saciada, Enid observou Hartun, que tirava várias tochas de um alforje. Acendeu-as com a pederneira e o bastão de aço, e firmou-as na terra em pequenos intervalos. Ela não conseguiu acompanhar todos os movimentos da posição em que estava.

— O que ele está fazendo? — perguntou a Bureig.

— Iluminando o buraco.

A boca de Enid escancarou-se.

— Buraco?

— Jogue a moça lá dentro! — Hartun berrou. A preocupação de Bureig era visível.

— Não podemos abaixá-la devagar?

— Se você me machucar — Enid disse, com firmeza —, meu marido providenciará para que os dois morram. Se quiser piedade...

— Você é quem vai chorar de medo! — Hartun exclamou. Deu-lhe um empurrão, e Enid rolou uma volta. — Bureig, ajude! Nada de ficar babando em cima dela.

Depois da quinta volta, Enid sentiu a terra sumir sob seu ombro. Gritou e ficou

pendurada ali, suspensa, sabendo que, com mais um empurrão, cairia para dentro da escuridão lá embaixo. O que a esperaria lá? Lutou mais uma vez contra as cordas, mas elas a mantinham imóvel.

Hartun agachou-se sobre ela.

— Não preciso jogá-la lá embaixo, se você resolver ser boazinha comigo.

Ela o encarou, furiosa.

— Prefiro o buraco.

Com uma careta, ele lhe deu um último empurrão, e Enid caiu. Seu grito foi breve, pois o buraco não era muito fundo. Aterrissou de costas, e o ar foi expulso de seus pulmões. Ela arquejou, enquanto seus olhos se erguiam para o céu cor de púrpura. A profundidade não devia ser maior que duas vezes sua altura.

Hartun espiou pela borda.

— Está viva?

Enid correu a língua pelos lábios e pensou em não responder. Porém, tudo o que conseguiria era que Hartun pulasse para vê-la, e, com a raiva que mostrava, ele poderia fazer algo pior.

— Estou ilesa, eu acho.

— Ótimo. Descanse bem. Pode ser que a gente deixe você ver seu homem antes de levá-lo daqui. E depois... o capitão é que vai resolver o que será dele. E dará minha recompensa!

— Nossa recompensa — Bureig emendou. Conforme se afastaram do buraco, os sons da discussão amorteceram.

A terra dura e irregular sob as costas de Enid era úmida, e logo ela estava molhada e tremendo de frio. Tentou não pensar na sede que sentia, em como seu estômago roncava, em como seus músculos doíam. Gritou pedindo ajuda, mas quando os homens riram, ela se deu conta de que apenas entrara no jogo deles. Geraint correria desesperado se a ouvisse, em vez de levar algum tempo pára estabelecer um plano seguro.

Para manter a mente ocupada, ela pensou no quanto era estranho sentir-se aguardando alguém, impotente, necessitando de ajuda. Começara a achar que os dons mágicos eram favas contadas e que nada poderia fazer-lhe mal. Agora, via-se dependente de Ceraint para resgatá-la. Detestaria a simples idéia se fosse com outra pessoa. Porém, com seu marido, ficava feliz por aquele senso de proteção. Não a fazia sentir-se inferior precisar dele. Fazia com que se sentisse... amada.

Outra hora se passou, e o céu tornou-se negro. As tochas ainda queimavam na beirada do buraco, e Enid ficou grata por isso. Algo se arrastava devagar por seu pescoço, e ela conteve a respiração, rezando para que não a picasse. Gostaria de sacudir o corpo para que fosse embora, mas não teve coragem. Por fim, a sensação desapareceu. O bicho estaria em seu cabelo?

Ficaria louca se permitisse a intrusão de tais pensamentos. Tentava não pensar no que estava em sua pele quando aquela coceira assumiu um novo significado. A lua a chamava, embora não pudesse vê-la. Era a terceira noite desde que restaurara seus dotes mágicos. Se não realizasse o ritual, perderia tudo. Seria inútil para sua missão, e inútil para Geraint em seu próprio resgate, caso ele pudesse libertá-la.

Ainda era cedo, Enid disse a si mesma, procurando acalmar-se.

A princípio, Geraint achou que sua esposa estivesse perambulando pela vila outra vez, e ficou zangado e ofendido. Fryda fora procurá-lo, à beira das lágrimas, incapaz de encontrá-la. Mas, depois de buscar pela vila, ele se deu conta de que Enid sumira. O cavalo ainda estava ali e, por isso, não acreditava que ela tivesse desaparecido por vontade própria. Alguém a raptara.

Um calafrio o percorreu, e Geraint descobriu que ele, sempre tão racional, estava tendo dificuldade em pensar em qualquer outra coisa além de sair atrás de Enid, sem levar em consideração o perigo. O fato de que ela fora incapaz de usar sua força mágica deu-lhe uma sensação terrível de impotência.

— Milorde, quais são suas ordens? — Ainsley indagou.

Geraint olhou para os soldados que conversavam em vozes baixas e zangadas.

— Ainsley, minha primeira idéia é ir sozinho. Talvez a presença de um grupo de homens montados ponha em risco a vida de minha esposa.

— Não sabemos disso, milorde.

— Não sabemos de nada. Ela está com um exército? Há magia envolvida?

— Só podemos descobrir caçando-os — respondeu Ainsley. — E, se quiser minha opinião, milorde, deveríamos todos ir. Se precisar nos deixar para trás em algum ponto, o senhor só terá de dizer.

— Muito bem. Vamos embora agora deste lugar amaldiçoado.

Quando os soldados estavam todos montados, e Geraint prestes a liderá-los, foram chamados por dois dos moradores mais velhos da vila, que seguravam uma mulher em prantos.

— Milorde — disse o xerife da vila —, a sra. Ailith confessou ter ajudado os dois homens que levaram a princesa.

— Só dois? — Geraint indagou com rispidez, olhando para a mulher de cima de seu cavalo.

Os joelhos da mulher cederam, e os homens a deixaram cair no chão. Ela ergueu o rosto manchado de lágrimas.

— Milorde, eles ameaçaram matar meus filhinhos se eu não ajudasse.

Geraint soltou um suspiro pesado.

— O que pode me dizer?

— Só vi dois homens, ambos vestidos de maneira pobre, embora armados como soldados. Mandaram que eu atraísse sua esposa para minha casa, e ela me acompanhou de boa vontade porque eu... eu menti para ela. — Os soluços recomeçaram.

— Senhora, temos de nos apressar! — Geraint exclamou.

— Quando eu voltei para meu casebre, as venezianas da janela dos fundos estavam quebradas. Acho que eles a levaram para fora por ali. Eles... eles ordenaram que eu dissesse ao senhor para ir atrás dela sozinho, pois poderão ver seus soldados e a matarão se o senhor desobedecer-lhes. É tudo o que eu sei, milorde. Por favor, acredite em mim.

— Acredito. Você não sabe que caminho tomaram?

Ela meneou a cabeça, e Geraint pôde ouvir seus resmungos:

— Meus filhinhos, meus filhinhos... Geraint olhou para o xerife.

— Não a trate com dureza, pois a culpa não é dela.

A mulher enterrou o rosto entre as mãos, soluçando e agradecendo.

Geraint olhou para Ainsley.

— Dois homens.

— Poderiam ir ao encontro de outros.

— Talvez, mas já que me querem sozinho, duvido disso.

Ainsley franziu a testa.

— O senhor não pode estar pensando em ir sozinho, milorde.

— Não, porém eles devem *pensar* que estou sozinho.

— Muito, bem — disse Ainsley, esboçando um sorriso. — Eles não saberão que estaremos logo atrás do senhor.

— Vocês ficarão atrás, mas mandarão um batedor confiável me observar de perto, caso eu tenha necessidade de ajuda.

— Sim, milorde.

— Vamos.

A princípio, seguir as pistas foi demorado. O chão era rochoso, e o solo fora pisoteado anteriormente pelos soldados de Geraint. Porém, havia apenas três caminhos para fora da vila, e Geraint sabia que, se ele deveria segui-los, os homens tinham deixado uma pista. E isso o fez-se sentir melhor a respeito das condições de Enid. Afinal, precisavam dela viva. Não se permitiria pensar em algo diferente.

A estrada principal rumava para o norte, para o alto do penhasco íngreme. Não haviam usado aquele caminho, pois seriam avistados com facilidade. Então, ou era a trilha ao longo do oceano para leste, ou para oeste. Geraint cavalgou uns cem metros para oeste, mas o cavalo tinha de ir devagar, passando por terreno sujeito a desabamento, pedregoso e com lugares onde a trilha desaparecia. A rota seria muito difícil para uma fuga tão fácil, e ele voltou atrás. Não viu sinal de seus soldados conforme atravessava a estrada principal outra vez e rumava para leste. Aquela trilha era mais larga, obviamente bem trafegada. Não demorou muito até que encontrasse um pedaço rasgado de tecido esvoaçando entre um afloramento de rochas.

— É dela — murmurou, cheio de alegria e determinação. Encontrara a pista.

Em breve, quando o sol começou a se pôr, a estrada ficou mais difícil de seguir. Tempestades tinham arrastado pedras dos penhascos, obrigando Geraint a andar devagar. E ele se percebeu debruçado sobre a sela, como se isso fosse tornar o percurso mais rápido.

Em questão de uma hora, avistou um clarão de luz bruxuleando à distância, num local mais alto. Conforme se aproximou, viu que as tochas circundavam uma colina deserta com vista para o mar. As trilhas até o cume eram traiçoeiras e estreitas, abraçando a colina acima do oceano, que explodia em ondas violentas contra as pedras. Não havia nenhum movimento no cume, certamente nenhum exército, como ele receara. Por outro lado, ele tampouco conseguia ver seus próprios soldados.

Deixou o cavalo amarrado à margem da estrada e começou uma escalada cuidadosa pela trilha sinuosa que subia pela lateral do penhasco. Poderia ter ido a cavalo, mas esperava não ter sido visto ainda. O sol afundava a oeste, o céu se tingia de um púrpura profundo, e as sombras que se alongavam o confundiam, mas ele continuou.

Quando se aproximou do cume, sacou em silêncio a espada. Aquele parecia ser o único caminho para cima, o que seria perfeito para seus soldados encurralarem os bandidos.

Geraint agachou-se atrás de uma laje. Tudo o que conseguiu ver foram as tochas, dois cavalos amarrados perto da escarpa do rochedo e um ponto escuro que se abria no meio do topo desolado.

Seu estômago apertou-se. Era um buraco.

Ouviu-se um repentino rolar de pedregulhos, e algo comprido e claro despencou sobre Geraint pelo alto. Sua reação instintiva foi se agachar e rolar até a encosta aberta. Pelo canto do olho, viu um pedaço de corda ser puxado de volta para trás. Pretendiam capturá-lo, e não matá-lo, o que era importante saber.

Ele se pôs de pé justamente quando dois homens pulavam do penhasco até a laje. Um ergueu a espada de forma ameaçadora, mas o maior apenas sorriu quando levantou um porrete pontiagudo. Geraint atacou. Eles pareceram espantados que ele investisse contra ambos, recuaram para cima do penhasco e depois se separaram, de modo que Geraint se viu forçado a enfrentar um de cada lado. Investiu contra um deles, que aparou seu golpe, sentiu o outro vir por trás, virou-se e escapou de ser acertado na cabeça com o porrete. Saltou sobre o buraco do lado oposto.

— Geraint!

Ao ouvir o grito de sua mulher, seu alívio foi tão grande que ele quase caiu de joelhos para espiá-la lá embaixo. Em vez disso, ergueu a espada, encarando os bandidos.

— O que querem de nós? — perguntou.

— Eles estão com os mercenários! — Enid gritou.

O homem barbudo, mais alto e mais forte, olhou para baixo com uma carranca.

— Eu ia contar para ele! Você não revelou nenhum segredo, moça! — Cravou os olhos de novo em Geraint. — Você vem com a gente por bem, e ela fica livre. Não precisamos da mulher.

— Estou amarrada com uma corda mágica! — Enid gritou.

— Como ela ficaria livre nesse seu plano esperto? — perguntou Geraint.

— Eu lhe daria uma faca.

Geraint pesou as opções. Tentou parecer hesitante, deixar a espada oscilar um pouquinho, como se ele não soubesse o que fazer. Por trás dos captores de Enid, viu seus homens subindo pela trilha do penhasco, dois de cada vez. Passaram pela laje onde ele se escondera, agarraram-se à parede do penhasco e deslocaram uma pedra, que rolou com estrondo.

Os seqüestradores viraram-se no mesmo instante em que Geraint saltou pelo buraco de novo. Em seguida, os soldados apontaram pelo cume.

O mais baixo deles gritou um palavrão, e ambos recuaram para o penhasco. Tudo estava escuro como breu atrás deles, mas Geraint podia ouvir o rugir do oceano lá embaixo, conforme as ondas estouravam nas pedras.

Ergueu a mão.

— Não faremos mal a vocês! Só precisam falar conosco.

Os dois homens deram mais um passo para trás, e o mais baixo soltou um grito de pavor. O maior agachou-se, procurando alguma coisa atrás de si e depois, para espanto de Geraint, agarrou o amigo e saltou para trás. Os dois desaparecem pela borda do

penhasco com um único grito horrível.

Geraint correu para a borda, mas não conseguiu ver nada na escuridão. O som das ondas chocando-se contra as rochas o fez arrepiar-se. Que modo terrível de morrer!

— Milorde! — Ainsley gritou, indo postar-se ao lado de Geraint. — Eles protegem mesmo seus segredos, esses mercenários.

Com um gesto de concordância, Geraint virou-se. Arrancou uma tocha do chão e ergueu-a sobre o buraco.

— Enid?

Ela estava deitada de lado, mas ergueu a cabeça.

— Sim, Geraint, estou bem. Mas esta corda mágica... — Seus braços de repente ficaram livres quando a corda partiu-se com seu esforço. Ela arrancou a segunda com as mãos. — Ficou normal! Por que teria perdido a magia?

— Talvez com a morte do dono, a magia suma.

Ela não pareceu convencida, mas levantou-se devagar e gemeu, esfregando os braços.

— Fiquei imóvel nessa posição durante horas.

— Vou descer aí.

— Não. Apenas jogue uma corda. Não é fundo.

— Não proteste. Você está muito fraca de exaustão.

Ainsley arranjou uma corda, amarrou-a em torno, de uma pedra saliente, e Geraint desceu com facilidade.

Enid sorriu-lhe com ternura. Com a luz da tocha, ele pôde ver que ela estava suja de lama, mas não havia nenhum ferimento visível.

— Receei tanto por você — ele murmurou, contra os cabelos dela.

— E eu por você, Eles queriam levá-lo para o grupo de mercenários, usá-lo para ganhar uma recompensa.

— Parece que estavam trabalhando por conta própria.

— Estavam. Acharam que eram muito espertos. Mas... estão mortos?

— Sim. Preferiram saltar para o oceano a serem levados por nós.

— Isso é dedicação... ou medo do mestre. — Ela estremeceu. — Não tenho certeza se precisavam de você vivo ou morto.

— Ambos estamos bem vivos, e agradeço a Deus por isso.

Enid recuou e fitou-o.

— Não duvidei que viesse me resgatar. Com outra pessoa, eu me irritaria por precisar de ajuda. Mas com você só me sinto protegida.

Geraint experimentou uma ternura dentro de si que nunca sentira por outra mulher. Apesar dos segredos, estava feliz por ter se casado com ela.

— Venha, Enid, vamos embora deste lugar.

Ajudou-a a sair do buraco e a descer a trilha até a estrada à beira-mar, onde o restante de seus homens esperava. Embora tivessem de usar tochas para reiniciar a viagem, ninguém queria demorar-se perto dos penhascos.

Geraint cavalgou com Enid em seus braços. O cavalo trotava suavemente; os homens conversavam baixinho ao redor. Tudo estava tranqüilo. Enid mexeu-se, embora ele tivesse julgado que ela dormia.

— Acha que foi essa a magia de que o mago nos avisou?

— Não sei, mas parece possível.

— Ele nos disse para lidar com ela agora, e evitar dor de cabeça mais tarde. Creio que fizemos isso.

— Os bandidos fizeram isso por si mesmos.

Geraint não queria mais falar sobre perigo. Ergueu o queixo de Enid e beijou-a. Com um suspiro, ela disse:

— Embora eu ainda tenha segredos que pertencem a outra pessoa, quero que acredite que você tem minha confiança. E tenho algo para lhe mostrar.

— Precisarei esperar até acamparmos? — ele resmungou, mordiscando-lhe o lábio inferior.

Enid riu.

— Sim, meu marido, quero estar bem longe daqui.

Com a ameaça à sua esposa ainda fresca na mente, Geraint exigiu que seus soldados viajassem por vários quilômetros antes de montarem acampamento para a noite. Não conseguia parar de observar Enid, que parecia animada e feliz demais consigo mesma. E teve certeza de que estava prestes a ter uma nova revelação.

Deveria estar preocupado, mas fora capaz de aceitar tudo o que ela já revelara. As diferenças que ela mostrava eram o que o tinham atraído desde o princípio, e não podia se esquecer disso. Por certo, Enid confiava nele mais e mais a cada dia. Ele fechou os pensamentos aos mundos de Camelot e do castelo da Cornualha e suas desaprovações, e quis pensar apenas nos mistérios de sua esposa, desvelados um a um, como se ela estivesse se desnudando.

Passaram a refeição da noite fitando-se. Geraint percebeu que as pessoas lhes tinham concedido bastante espaço, como se para não interferir no que quer que houvesse entre os dois. Aos poucos, a maioria procurou seus leitos. Enid autorizou sua criada a se recolher e virou-se para Geraint.

— Podemos ir?

Ele pegou uma tocha.

— Tenho homens a postos naquele pequeno bosque, a quilômetros de distância. Estaremos a salvo, eu lhe prometo.

Ela o encarou com um sorriso malicioso.

— Mas poderemos ficar sozinhos?

— Eles receberam ordens para não nos perturbar. E prometo que ficarei bem quieto.

Lado a lado, os dois se afastaram do acampamento. Depois de algum tempo, Enid disse:

— Acho que você percebeu que estou seguindo o riacho. Com certeza, deve se alargar numa lagoa em algum lugar.

— Enid, a maioria desses riachos acaba no mar. Geraint estivera tão atento às

necessidades do próprio corpo que não entendeu a expressão confusa da esposa. Sob a luz da tocha, viu seus olhos arregalados mostrar o primeiro indício de preocupação.

— Então precisamos subir riacho acima para encontrar a nascente.

Mudaram de curso, voltando pelo caminho que tinham percorrido, contornando o acampamento tranquilo e acalmando as sentinelas. Conforme a floresta fechou-se em torno deles outra vez, o riacho estreitou, obrigando-o a se esforçar para acompanhar a margem. A tensão ansiosa que Geraint sentira antes em Enid agora transbordara, e ela parecia cada vez mais em pânico.

Na pressa de continuar riacho acima, ela foi de encontro a um galho, que cortou a pele macia de seu braço. Mesmo o sangue que porejava não a fez diminuir o passo.

— Enid, pare!

— Temos de continuar — ela disse, voltando os olhos assustados para ele.

— Do que está com tanto medo? Geraint tentou tocá-la, mas Enid esquivou-se, abraçando-se com ar de desamparo.

— Faltam apenas poucas horas para o amanhecer. Já posso sentir tudo sendo levado embora.

— O que quer dizer? — ele perguntou, sem entender.

— Meus dons mágicos. Geraint franziu a testa.

— Por que isso aconteceria assim, de repente?

— Tenho de renovar a magia a cada três noites, ou ela me abandonará completamente. Mas preciso de uma lagoa!

De súbito, girou, abaixou-se sob os galhos de uma árvore e seguiu para a escuridão.

— Enid, espere, você precisa da tocha! Não pode ver muito apenas com a lua crescente.

Ela não parou, e Geraint correu atrás dela, levando a luz. O riacho não sumira, mas também não se alargava mais além. Enid afastou os galhos com gestos aflitos. Ao ouvi-la soluçar, ele a pegou pelo braço. Enfiou a tocha no chão macio da beira da água e abraçou-a.

— Enid, acalme-se — murmurou, sentindo a tensão que lhe enrijecia o corpo. — O mundo não vai acabar, caso a magia a abandone. Não fazia parte de você, para começar. E, como seu marido, não permitirei jamais que lhe aconteça algum mal.

— Não!

A voz dela soou baixa e rouca de desespero, e Enid empurrou o peito de Geraint até que ele a soltasse. As lágrimas nos olhos dela fizeram a necessidade de ajudá-la chegar a doer. Se pelo menos ele pudesse entender que mistério era aquele...

— Geraint, não posso deixar que se vá! Sou o último recurso de meu povo.

— Deixe que eu seja o último recurso de sua gente, Enid. É um direito meu como seu marido.

Ela meneou a cabeça.

— Seu pai conta com sua lealdade e, embora eu saiba que você também deseja ser leal a mim, receio que, em algumas coisas, isso jamais possa acontecer.

Enid tinha razão, ele pensou, com desespero. No fundo de sua mente, estava a

constante preocupação com as reações de seu pai às habilidades e à missão misteriosa da esposa.

— Preciso encontrar uma lagoa — ela repetiu.

Ela teria se lançado na floresta escura e densa, mas Geraint a impediu, agarrando-a pelo braço e puxando-a para si. Nunca a vira num tal estado de agitação.

— Enid, por favor, eu a ajudarei, mas você tem de se acalmar.

— Já sinto a força esmorecendo — ela murmurou, num tom de desamparo, contra o pescoço do marido. — Está chamando a lua, e não há resposta.

Ele fitou-lhe os olhos cheios de tristeza.

— Podemos construir nossa própria lagoa? Ela o encarou sem compreender.

— Há alguma regra que diz que deve ser uma lagoa de um tamanho específico?

— Não sei:

— Deixe-me tentar ajudá-la — disse Geraint, esperando que seu tom paciente a tranquilizasse. — Ache todas as pedras que puder, e faremos uma represa bem aqui, onde a água desce do penhasco numa pequena cascata.

Enid se agarrou à idéia com desespero e caiu de joelhos para começar a procurar. Trabalharam em silêncio, reunindo pedras e, em seguida, trocando idéias a respeito do melhor lugar para fazer uma barragem. Depois de mais outra hora de trabalho, criaram uma pequena lagoa com alguns metros de largura e não mais que dois palmos de profundidade.

— Será suficiente? — perguntou Geraint, recuando para olhar a obra com satisfação.

Enid, porém, não olhava mais para ele. Fitava a água e o pequeno reflexo da lua dentro dela. Então, começou a tirar as roupas, e Geraint mal conseguiu impedir-se de abrir a boca.

Não fez nenhum gesto para detê-la; a cada peça que caía no chão, ele sentia a tensão em seu corpo aumentar. Viu os seios empinados, o ventre delicado, os pelos loiros, os quadris roliços, as coxas suaves, entre as quais ele ansiava por estar... Por último, ela retirou as botas e as jogou de lado. De repente, estava segurando um punhal que faiscou ao luar.

Antes que Geraint pudesse se mover, Enid fez um pequeno corte no dedo, e ele percebeu de imediato que aquilo que imaginara ter sido obra da espada de um adversário era, na verdade, auto-infligido. Enid suportava até a dor pelo bem de sua tribo. Jamais ele conhecera uma mulher assim.

Ela ergueu o dedo sobre a pequena poça d'água e, no momento em que as primeiras gotas de sangue tocaram a superfície, Geraint sentiu algo no ar ao redor, uma percepção, uma sensação de espera. O sangue afundou, em vez de ser levado pela corrente.

Enid ergueu os braços para o céu noturno e falou numa língua que ele não entendeu. Mas o bosque entendeu; e ele se viu rodeado por árvores que começavam a se agitar com um vento que não existia um momento antes. Enid começou a se mover no mesmo ritmo, ondulando o corpo, os cabelos esvoaçando e dançando no ar. Depois de vários minutos de harmonia com um vento que Geraint podia sentir, porém não compreender, ela deu um passo para dentro d'água.

O ar pareceu estalar em torno dela, e Geraint viu faíscas de luz subir pelos braços

erguidos de Enid. De repente, ela parecia a corporificação do raio que *subiu* em direção à lua, em vez de vir do céu. Ele perdeu o fôlego, perdeu todo o senso de realidade conforme o corpo da esposa parecia cintilar. Sabia que deveria estar receoso pela vida dela, mas suas emoções pareciam distanciar-se de uma forma estranha.

Enid virou-se para ele, e uma lufada de vento apagou a tocha. Ficaram sem nenhuma luz a não ser a da pequena lua crescente para enxergar, mas um clarão parecia rebrilhar por Enid com um poder sobrenatural.

Ela fora o foco do raio que ele vira por duas vezes antes. Estava em seu elemento, uma mulher do céu noturno, uma deusa, com a majestade da floresta toda ao seu redor. Tinha a expressão serena e relaxada quando o fitou e, naquele momento, personificava a sedução de cada mistério na Terra. Como poderia um homem rejeitar tamanho feitiço?

Era como se Geraint estivesse realmente vivo pela primeira vez em sua existência, ciente de tudo o que o rodeava, de coisas que nunca vira, que nunca procurara compreender. Tudo o que importava era que Enid era sua esposa, em união com ele apenas. Ele a queria, e tinha de tê-la agora.

O poder ainda formigava dentro de Enid, mesmo quando sua união com a lua se desvaneceu. Deu-se conta de que a tocha se apagara, mas conseguia vislumbrar Geraint sob o luar. Ele a observava, e ela esperou pela condenação ou aceitação do marido. O casamento como um todo dependia daquele momento.

O rosto de Geraint estava imerso em sombras, apenas parcialmente iluminado pela luz vinda do alto. Enid conseguia divisar a projeção do nariz e do queixo e, estranhamente, a covinha, mas não os olhos, nos quais esperava ler as emoções. As mãos estavam fechadas em punho dos lados e, antes que ela pudesse imaginar se guardavam raiva, ele veio em sua direção. Inclinou a cabeça para cima, com os olhos fechados numa expressão reverente, como se perdido em nostalgia.

— Geraint — ela murmurou.

Ele a arrebatou nos braços, erguendo seus pés do chão, como se ela fosse uma flor muito leve. Comprimiu a face entre seus seios, murmurando seu nome com a voz rouca de desejo.

Enid enlaçou-o pelo pescoço, as pernas a rodearem a cintura forte e, com ambas as mãos, ergueu o rosto de Geraint para um beijo. A união de suas bocas foi cheia de um anseio por longo tempo negado. Ela não conseguia saciar-se o bastante do sabor dele. Gemeu, deixando claro o seu desejo dentro da boca ávida, e depois enroscou sua língua na dele. A mímica do acasalamento só fez aumentar ainda mais sua necessidade de tê-lo.

De repente, ele a deitou sobre a pedra larga e lisa que se estendia perto da base da pequena cascata ao lado da barragem que haviam construído. Ele se endireitou e levou as mãos para as roupas. Então, ficou imóvel e boquiaberto quando ela se arqueou de costas, envolvendo-se na névoa da água que respingava sobre sua pele; os cabelos espalhavam-se como um travesseiro ao seu redor.

Pelas pálpebras semicerradas, Enid viu-o arrancar as roupas como se estivesse em chamas. Ao ficar nu, com o luar banhando os músculos fortes, ele se ajoelhou entre suas coxas e apoiou as mãos em seus joelhos. Lentamente, ergueu-os sobre seu corpo. Enid estremeceu quando os dedos tatearam os pelos que escondiam sua feminilidade, mas ele não parou ali. Subiu, acariciando a pele de seu ventre, úmido da névoa da cascata, e se deteve sob a curva, inferior de um seio.

Enid não conseguia agüentar aquela separação por nem mais um minuto. Ergueu-se e, pegando-o de surpresa, empurrou-o com o corpo, fazendo-o deitar-se de costas.

Geraint fitou-a com os olhos arregalados quando ela se sentou sobre ele. Quando tentou estender a mão para tocá-la, ela o segurou com um aperto que nunca usara com o marido antes.

Geraint estava indefeso sob ela e, no olhar que trocaram, Enid viu que ele reconhecia o fato, aceitava-o, e até mesmo o apreciava. Só então ela deslizou sobre a poderosa ereção, tomando-o bem fundo dentro de si, controlando cada movimento daquela união.

Soltou-lhe os braços, e as mãos de Geraint subiram para afagar seus seios. Inclinando a cabeça para trás, ela se arqueou, tomando-o ainda mais fundo. Conforme se abaixava sobre ele, as mãos apoiadas ao lado dos ombros, Enid começou a mover-se fogosamente, subindo e descendo. O poder da lua brilhando em suas costas parecia ampliar o limiar de seu desejo. Sentiu que a magia mais uma vez se renovava, só que melhor, a permeá-la, a rodeá-la, levando-a mais alto do que ela já estivera.

E então a volúpia explodiu em ondas crescentes, e Enid estremeceu, o corpo sacudido em contrações. Pelos olhos entreabertos, viu que a paixão dominava Geraint também. Arqueado sobre a pedra, enterrou-se ainda dentro dela com um movimento que ondulou cada músculo de seu torso molhado de suor. Depois, imobilizou-se e explodiu, lançando a semente dentro de seu ventre em espasmos violentos, gemendo de prazer, trêmulo de satisfação. O mundo pareceu ficar em suspenso por um instante, e ambos retornaram da escalada do êxtase, juntos, agarrados, unos.

Por fim, Enid despencou sobre ele, e Geraint prendeu-a num abraço. Ofegante, ela permitiu que o marido a deitasse de lado, embora lamentasse ter de soltá-lo de dentro de si. Deitando-se a seu lado, ele enroscou a coxa à sua. Quando deslizou o braço por baixo de sua cabeça, Enid aconchegou-se a ele, feliz.

— Ansiei tanto por unir-me a você de novo, minha doce Enid.

Ela esfregou-se nele como uma gata.

— Eu também, meu marido.

Ela não queria pensar nos problemas do mundo que ainda os esperavam. Tomou a mão de Geraint e pousou-a sobre o seio.

— Eu estava com tanto medo do que você pudesse pensar sobre essa magia — murmurou.

— Quando o raio a consumiu...

— Consumiu-me? — Enid virou a cabeça para fitá-lo, intrigada.

— Apenas por um momento, eu pensei que você não sobreviveria a uma coisa assim. E julguei que, se morresse, eu morreria com você.

— Oh, Geraint... — Enid não imaginava que seu corpo pudesse conter tamanho amor por ele. Será que Geraint sentia o mesmo?

— Mas isso foi apenas um pensamento fugidio, pois você estava tão imponente e orgulhosa, como se enfrentasse a lua com seu próprio poder.

A risada de Enid soou terna, feliz, aliviada.

— Não sei o que é isso que a lua e eu temos uma com a outra. A Dama me ensinou, e eu simplesmente aceitei, pelo dom de salvamento que ele é.

— Assim você pôde entrar em meu mundo, entre minha gente, e não ser ferida.

Enid concordou, hesitante, sem deixar de observá-lo. As sobrancelhas de Geraint

se franziram, mas ela não abrigava mais o medo de receber uma condenação, não depois de tudo o que tinham compartilhado.

— Você sabe que precisamos manter isso em segredo — ele disse, por fim.

Enid sentiu a tristeza de Geraint.

— Sim, claro que sei. Afinal, eu mesmo guardei segredo de você, meu amado marido.

— Meu pai poderia não aceitar tal coisa na futura rainha da Cornualha.

Bem lá no fundo, a tensão que Enid pensara ter desaparecido começou a despertar.

— Ele acharia que eu poderia ser manipulado por essa sua magia, e que o próprio reino ficaria em perigo.

— Mas eu nunca faria uma coisa dessas!

— Ele não sabe disso. Há sempre a preocupação de que os truques sedutores de uma mulher possam afetar um homem, mas isso... isso não seria entendido.

Enid se viu imaginando um futuro em que sua magia era revelada diante de toda a Cornualha. Como se numa peça, ela podia ver Geraint forçado a escolher entre a feiticeira, como a chamavam, ou o próprio reino.

Ou seria ela a quem pediriam que desistisse de tudo o que era, na tentativa de ser a rainha perfeita? Sempre lhe voltava à cabeça o fato de não saber como ser a esposa adequada para Geraint.

Porém, naquele momento, ele não disse nada. Apenas a segurou nos braços até que o ar da noite finalmente os arrepiou de frio. Levantaram-se para vestir as roupas. Com a pederneira e o ferro, Geraint acendeu outra vez a tocha, e voltaram para o acampamento, onde tudo estava quieto em volta de cada fogueira. Enid viu o marido olhar ao redor com alívio.

— Achou que alguma coisa poderia ter acontecido enquanto estávamos longe? — ela indagou, quando pararam ao lado de seu pavilhão. Estavam de mãos dadas, como dois jovens amantes, e ela não queria deixá-lo ir. — Ladrões? Mercenários? Magos?

Geraint sorriu.

— Esta viagem tem sido tão cheia de acontecimentos que há sempre a chance de mais alguma coisa acontecer.

— Mas não hoje — disse ela, sorrindo. — Esta noite, a única mágica estava entre nós.

Geraint a beijou suavemente.

— Durma bem.

Ela recostou-se ao marido por um instante.

— Vou sentir sua falta a meu lado.

— Quando voltarmos, direi à rainha que ela atrapalhou nosso casamento com uma criada.

— E para não fazer mais isso? Ele pigarreou com desaprovação.

— Imagino que ela faz o que quer, quando quer.

Divertida, Enid mordeu o lábio para reprimir um comentário... de que certamente os

truques sedutores de uma mulher já estavam afetando o rei da Cornualha.

Depois da marcha da manhã rumo à costa norte da Cornualha, o grupo parou para a refeição do meio-dia. Todos ouviram o ressoar de patas de cavalo, e Enid, rodeada pelos homens com as mãos nos cabos das espadas, viu com curiosidade quando um homem sozinho surgiu à vista ao fazer a curva na estrada.

Risadas e gritos de alívio correram entre os soldados, e Enid percebeu que o homem era um deles. Ela estivera conversando com Lovell a respeito do treino que ele vinha realizando com os outros soldados, mas o deixou e seguiu até Geraint. Seu marido não a viu aproximar-se enquanto esperava o recém-chegado. O mensageiro desmontou e curvou-se diante dele.

— Venho da parte de seu pai, o rei da Cornualha. Enid viu o marido sorrir.

— Conheço a sua função, Chatwyn — disse ele. Chatwyn baixou a cabeça.

— Perdoe-me, milorde. Mas o rei quis que o senhor soubesse que o resto de seu exército retornou de Camelot e estará pronto para a invasão à sua ordem.

Invasão? Enid sentiu como se um vento frio passasse em torno dela, enregelando-a.

Geraint, ainda alheio à presença da esposa atrás de si, suspirou.

— Diga a meu pai que considere essa quantidade de soldados tudo o que é necessário.

— Mas, milorde, ele disse que, quando o senhor avançar contra a tribo Donella...

Enid não conseguiu reprimir o arquejo que lhe escapou dos lábios. Geraint virou-se para encará-la, e ela percebeu a confusão dele.

— Enid?

— Você vai atacar? — ela murmurou, recuando, como se nunca realmente o tivesse enxergado antes.

— Não vou atacar ninguém.

Mas era tarde demais, ela ouvira a verdade.

— Meu pai estava certo. Há um rei ganancioso.

A confusão de Geraint transformou-se em surpresas, uma surpresa esclarecedora. Ele olhou de Enid para o mensageiro e, depois, com um gemido de frustração, virou-se para falar com o enviado de seu pai.

Enid correu até seu cavalo. Tinha de fugir, avisar seu povo de que o que todos temiam estava prestes a se tornar verdade.

Em vez de algum tirano inominado resolvendo apossar-se de sua terra, quem agiria assim para esmagá-los seria seu próprio marido, com uma tropa armada, homens a quem ela agora conhecia pelo nome.

Ela baixara a guarda no castelo da Cornualha; vira um rei recém-casado, com outro filho a caminho, e achara que fosse um homem de paz. E, tolamente, dissera a si mesma para esperar, pois descobriria o que o rei tramava. E, mesmo naquele instante, Enid se deu conta de que estava mais preocupada em reconquistar o amor do marido do que em voltar de uma vez para avisar seu povo.

Quase desejou o alívio das lágrimas, porém sentia-se seca e estéril. Sua fúria agora consumia qualquer outra emoção.

Estivera viajando o tempo todo com o exército invasor e, em breve, se reuniriam a mais homens. Não seria preciso um grande contingente para exterminar sua pequena tribo, em especial porque ela não retornara em tempo para treiná-los. Enid sentiu-se profundamente egoísta por colocar seu casamento acima da vida de sua gente; falhara com todos.

— Enid!

Ao ouvir o grito de Geraint, ela começou a correr. Ainda usava um vestido ridículo, mas se recusava a cavalgar em sela lateral. Agarrando os arreios de um soldado, jogou-os no lombo de seu próprio cavalo.

Lovell, de súbito, estava a seu lado, ajudando-a a endireitar a sela.

— Milady? Diga-me o que aconteceu!

Geraint agarrou-a pelo braço e virou-lhe o rosto para que o encarasse. Seria muito doloroso fitá-lo. Enid empurrou-o com força, e ele cambaleou. Lovell intrometeu-se entre os dois, mas ela não mais se importava que vissem quem realmente era.

— Não tente me impedir, Geraint! — ela exclamou, virando-se para terminar de selar o cavalo.

— Enid, quer ouvir o que tenho a dizer, ou quer fugir sem saber a história toda?

Quando ele ia tocá-la, ela se desviou com um salto, assustando o cavalo, que empinou entre os dois, separando-os mais ainda.

— Lovell, precisarei de mantimentos para uma semana de viagem — ela ordenou.

Para seu alívio, o rapaz não a questionou, saiu correndo para atender sua ordem.

— Você não vai a parte alguma — Geraint afirmou. — Vamos conversar sobre isso.

— O que há para conversar? — ela bradou, encarando-o em desafio. — Seu pai mandou-o numa missão tão terrível que você teve de mantê-la em segredo.

— Você foi parte de cada passo desta missão — disse ele, o rosto avermelhando de raiva. — Fui designado para me encontrar com meu povo, como meu pai faz com regularidade.

— E depois invadir uma terra que não é sua?

— Sua terra, você quer dizer? Com o pouco que você escutou por acidente, como saberia o que eu fui encarregado de fazer?

— Podemos ser uma tribo pequena, mas meu pai não é nenhum tolo! — ela exclamou, cutucando o peito de Geraint com o dedo em riste. — Ele recebeu notícias de um rei ganancioso que cobiçava nossas terras.

Geraint passou a mão pelo rosto.

— Meu pai não é ganancioso e não quer a sua terra.

— Estamos nos rodeando faz semanas, cada um de nós preocupado em proteger o próprio povo. Eu ignorava a verdade, mas você sabia o tempo todo que seu pai pretendia invadir Donella!

— Enid, eu não tinha idéia de que tribo você era, porque você nunca me contou. Somente agora, ao ver em seu rosto a expressão de quem foi traída, foi que eu soube da verdade.

— E eu não tenho o direito de me sentir traída?

Ele a pegou pelo braço outra vez.

— Deixe-me contar-lhe tudo, mas não aqui, na frente dos homens.

— Não quer que vejam você ser superado numa briga?

Geraint encarou-a, e os olhos em que Enid vira tanto amor agora estavam frios e impassíveis.

— O problema chegou ao ponto de ser preciso um combate entre nós? — ele perguntou, baixinho. — Quando nem sabemos toda a verdade um a respeito do outro?

Enid mal conseguiu lutar contra a dor em seu peito ou reprimir as lágrimas. Para onde fora toda a sua fúria? Restara somente um terrível pesar. Tentou imaginar-se erguendo uma arma contra Geraint, sangrando a carne que beijara na noite anterior, e a imagem foi horrível demais para que a pudesse visualizar.

— Vamos conversar — propôs, num tom sombrio.

Geraint levou-a para longe dos soldados, que os observavam, silenciosos e atentos. A charneca que cruzavam era árida, coberta de montes de pedras em formações altas e irregulares. Enid contornou uma delas para colocá-la entre os dois e os demais homens. Com as mãos na cintura, encarou Geraint e esperou.

Ele suspirou.

— Meu pai ouviu rumores de que a tribo Donella, a sua tribo, você agora me informou, está começando a usar magia poderosa.

Enid revirou os olhos.

— Não estamos fazendo nada além do que normalmente fazemos.

— Dar aos guerreiros força sobrenatural é normal para o seu povo? — indagou ele, com sarcasmo.

— Claro que não! A Dama não concede seu poder indiscriminadamente! Eu fui uma das raras escolhidas, e só para esta grande missão,

— Essa missão que você continua mencionando, mas não explicando...

Ela o encarou com fúria.

— Você primeiro, já que sua missão é cheia de sangue.

— Viu algum sangue vertido que não tivéssemos sido forçados a derramar?

— Ainda não, mas você não terminou, de acordo com seu pai.

— Meu pai sempre lidou pacificamente com sua tribo, mas agora temos uma ameaça constante de invasão dos saxões ao leste. Há rumores de que seu pai mudará de lado contra nós.

— Somos um povo pacífico! Não iríamos à guerra contra a Cornualha, a menos que fôssemos atacados primeiro. Não se engane, pois, quando atacar, os soldados que eu treinei estarão prontos para você. — Enid manteve a expressão impassível, mas, por dentro, lamentava a incapacidade de terminar sua tarefa. Seu povo seria varrido da face da Terra pelos soldados montados de Geraint.

— Minha intenção não é atacar, e sim conversar.

— E é por essa razão que seu pai quer lhe enviar um exército.

Pela primeira vez, Geraint pareceu hesitante, e Enid experimentou o verdadeiro medo.

— O rei me colocou no comando. Está preocupado com nosso povo, com a agitação de uma segunda frente de batalha. Se sua tribo não puder se mostrar razoável, devo fazer o que for necessário. Mas, Enid, recuso-me a permitir que cheguemos a um confronto! Não permitirei que isso aconteça outra vez.

— Outra vez? — ela repetiu, imaginando contra quantas pessoas inocentes seu marido investira em batalha. Ela o julgara o mais bondoso dos homens e, agora, ele se revelava um estranho.

— Enid, sua expressão... — Interrompeu-se, parecendo abatido. — Pensei que, a esta altura, você me conhecesse e confiasse em mim.

Ela desviou os olhos.

— Pensei assim também, mas isso... — Calou-se, zangada por ter começado a chorar.

— Deixe-me explicar por que eu não me lanço de maneira impetuosa num combate, por que todos os meus instintos pedem uma negociação, uma comunicação pacífica. Vai me ouvir e não interromper com perguntas até eu terminar?

Muda, ela assentiu.

Geraint sentou-se numa pedra e olhou-a com ar de expectativa, mas Enid não se juntou a ele.

— Muitos anos atrás — ele começou, com um suspiro —, quando me foi concedida a honra de servir como cavaleiro ao rei Arthur, havia uma tribo distante ao norte, que constantemente nos atacava, como uma mosca ataca um cão. Eram pequenas escaramuças, e recebemos ordem de sufocá-los quando isso acontecesse, mas sem dar importância à diplomacia. Eram bárbaros, assim me disseram, e não valia a pena negociar. Eu era jovem, e já um bom cavaleiro, e tinha o dever de obedecer a meus superiores em tudo, embora meus instintos me dissessem o contrário. Os conflitos prosseguiram durante meses. Por fim, aquela tribo do norte rompeu seu padrão, organizou-se num grande grupo e preparou uma armadilha. Fomos em frente confiantes, porque sempre os havíamos derrotado com facilidade antes.

Ele desviou os olhos, e Enid percebeu o pesar que Geraint não se deu o trabalho de esconder. Seu coração traiçoeiro começou a enternecer-se por ele. Usando toda sua força de vontade, ela conteve as emoções.

— A maioria de meus homens foi morta — ele continuou. — E eu culpei a mim mesmo, embora ninguém mais me culpasse. Porém, desde o começo, eu deveria ter conversado antes de lutar. É muito mais fácil subestimar um oponente. Eles poderiam querer algo simples, como o direito à água, por exemplo. Em meu relatório ao rei Arthur, expliquei minha posição, meu fracasso, e o que nós *deveríamos* ter feito. — Um canto de sua boca ergueu-se, mas não de alegria. — O rei se convenceu de que eu aprendera com a situação e começou a me incluir em suas missões diplomáticas.

— Fico contente que tenha lucrado com o sofrimento dos outros — ela murmurou.

Geraint fitou-a com uma ruga na testa.

— Lucrado? Todos os meus amigos morreram! Eu aprendi da maneira mais difícil que conversar é mais importante do que agir com coragem intempestiva. Disse isso a meu pai, e pretendo manter minha palavra. Meu pai pode mandar todos os exércitos que quiser, ele apenas irá provar que ainda não confia em meu julgamento. Ele acha que eu ajo de um modo muito impulsivo, mas não vê que, neste caso, *ele* é quem não está pensando com clareza. E a quem eu consultaria que não fosse pensar que estou me colocando contra o rei? Contudo, não posso ir contra minha consciência. Não haverá

confronto porque eu não iniciarei um. Mande o emissário voltar com essa mensagem. — Com olhos cansados, Geraint fitou-a. — Porém, se o seu pai atacar, não posso garantir o que acontecerá.

— Então eu o avisarei.

— E assim ele atacará?

Geraint levantou-se e baixou os olhos para ela.

— Quer uma batalha entre nossos povos, Enid? — ele indagou. — Porque, ao sair daqui com tanta impetuosidade, estará começando uma.

Ela não conseguiu encará-lo e virou-se para olhar além da charneca, onde o horizonte parecia estender-se pelo infinito.

O que deveria fazer? Deixar seu pai na ignorância e arriscar que seu povo fosse surpreendido despreparado? Ou continuar com o exército invasor, esperando impedir uma guerra antes que começasse? Gostaria de desprezar-se por sentir compaixão por Geraint pela maneira como o pai o tratava.

— Eu lhe contei tudo — ele murmurou. — Não é hora de você me contar por que saiu de casa?

Se ele soubesse a verdade, talvez acreditasse na natureza pacífica de seu povo. Enid o encarou, com o queixo erguido.

— Vai ouvir e acreditar em mim?

— Nunca imaginei que fosse mentirosa, Enid. Mas você se agarra a seus segredos.

Enid fitou-lhe o rosto. Era o mesmo da noite anterior, quando fizera amor com ele, quando pensara que, por fim, tinham encontrado a confiança um no outro. Poderia ela arriscar tudo revelando a verdade? Seu pai compreenderia se ela quebrasse o voto de silêncio? Independentemente do que ela acreditava sobre o rei da Cornualha, não conseguia imaginar o marido como um homem que mataria de modo indiscriminado uma tribo indefesa. Se ele soubesse de tudo, será que poderia impedir o pai de agir assim? Ou ela poderia?

O casamento deles repousava por inteiro naqueles poucos minutos, e Geraint experimentou um pânico que nunca sentira, a não ser em combate. Amava Enid, queria de volta a frágil confiança que tinham começado a construir na noite anterior.

Com relutância na voz, ela, por fim, murmurou:

— Eu disse que meu pai me mandou numa missão, e providenciou para que eu recebesse dons para me ajudar.

— Você foi escolhida, em vez de um homem, porque é uma guerreira?

— Sim. Já que não defendo regularmente nossas vilas, eu poderia ser dispensada. E fui eu que propus esta missão. Eu deveria dominar as técnicas de combate dos bretões e levá-las de volta para treinar nosso povo.

Geraint cerrou os dentes.

— Para a batalha?

— Não! Para promover a paz. Se formos fortes, ninguém ousará nos desafiar, porque finalmente poderemos nos defender.

— Claro que essa experiência que transferiria a seus soldados poderia também ser usada contra a Cornualha.

— Meu pai é o chefe tribal, e não é nada parecido com *seu* pai.

Geraint disse a si mesmo para não reagir, Enid estava muito zangada e não raciocinava com clareza. Contudo, ele se percebeu dando um passo agressivo na direção dela, como se sua esposa já fosse o inimigo.

— E o que quer dizer com isso?

— Ele deseja a paz! — ela gritou, afastando-se, como se pudesse explodir se ficasse imóvel. — Queremos viver nossas vidas como sempre, casar e criar nossos filhos livres do medo.

Geraint pensou em casamento, no seu casamento, e uma sensação repentina de desgosto o invadiu. Sua noite de núpcias revelara mais do que apenas paixão mútua.

— Você não era virgem quando se entregou a mim. Era parte de sua missão encontrar um homem elegível para casar-se?

Os olhos de Enid se arregalaram.

— Não!

Ele a agarrou pelos braços e a sacudiu, embora não tivesse intenção de fazer isso.

— Eu fui apenas um peão em sua missão, para ser usado a fim de que chegasse em Camelot, para ajudá-la a espionar meu rei?

— Geraint, o que está dizendo?! Eu não o procurei. *Você* me encontrou! *Você* me seduziu, insistindo que nos casássemos. Eu poderia ter recusado sua corte e continuado em Camelot, estudando o treinamento de seus cavaleiros. Não precisava de você para isso.

— Mas você admitiu que *lhe* deram poderes para torná-la atraente para os homens. Eu fui enfeitiçado? — Ele se julgara apaixonado por ela tão depressa que havia ignorado tudo o mais: seu dever, sua honra, seu destino.

As lágrimas escorreram pelas faces de Enid.

— Não, nunca, Geraint. Eu o amei.

— Amou? Tudo o que partilhamos desapareceu agora, mesmo depois da noite de ontem?

Quando ela fechou os olhos, frouxa no aperto de suas mãos, Geraint a soltou.

— Pensei que tivéssemos começado algo novo ontem — ela murmurou. — Você conheceu meus poderes, viu minha renovação e aceitou o fato, me aceitou. Eu sabia que ainda havia segredos entre nós, mas achei que estívéssemos quase prontos para compartilhá-los. E este é o resultado, não é? — ela disse, com amargura. — Você precisa acreditar que eu não pretendia usá-lo. Só queria aprender e estar com você. Eu mudei a mim mesma por você, porém nada que eu faça parece importar. Você não podia revelar as intenções de seu pai, e eu não podia revelar as do meu.

Abrira-se um abismo entre os dois, e até que seus respectivos povos se encontrassem, nada poderia ser decidido. Geraint acreditava na própria acusação de espionagem? Onde estava a verdade?

Enid enfrentou-lhe o olhar.

— Você falou com raiva da nossa noite de núpcias. Não quis saber nada de meu passado quando eu me entreguei a você. Quer saber agora?

Geraint não sabia como responder, dividido entre querer saber e o medo de descobrir. Ela interpretou o silêncio como uma afirmativa.

— Sou uma guerreira, Geraint. Dou confiança aos rapazes para terem sucesso na vida. Eu os treino não apenas no combate, mas nas intimidades entre homens e mulheres.

Ele mal conseguiu impedir seu queixo de despencar, como se fosse um tolo apalermado.

— Você tem se entregado aos homens? Os olhos de Enid faiscaram.

— Não me escutou? Fui ensinada a iniciar os jovens à idade adulta. Mulheres guerreiras são reverenciadas como mestras, como as guardiãs do futuro de nossa tribo. E, se você quer saber, sou ainda nova em minha profissão, e só treinei três homens nas artes do amor. Geraint engoliu uma risada amarga.

— Profissão? Quer dizer que você é uma prostituta?

Em vez da bofetada que ele esperava, ela o esmurrou com força no queixo. Geraint desabou no chão e, por um momento, viu fagulhas de luz em vez do céu, conforme rolava de costas.

Enid postou-se sobre ele, afagando a mão que o acertara, corajosa e bela em sua fúria.

— Não vendo meu corpo por dinheiro! Quando um jovem faz dezoito anos, é declarado pronto para a primeira mulher. Em vez de deixá-lo tirar a virgindade da futura esposa com ignorância, nós os orientamos. Os rapazes confiam em nós, pois nessa altura já somos suas instrutoras há quatro anos. Não deveríamos ser aquelas que os ensinam a como tratar uma mulher? As mulheres de nossa tribo são gratas por ensinarmos a seus homens gentileza e prazer. Pode afirmar que todos os seus cavaleiros tratam suas mulheres assim?

Geraint sabia que não tratavam, e soubera de mais de uma jovem noiva traumatizada pela ignorância do noivo na noite de núpcias. Porém, só porque ele podia entender a função desse tipo de professora, isso não queria dizer que poderia aceitar com tranquilidade que sua esposa fosse uma delas. Deitou-se de costas, olhando para o céu, sentindo-se aturdido.

— O que me diz, Geraint? — ela perguntou com frieza. — Você não quis saber nada a meu respeito enquanto me cortejava, e agora sabe demais.

Ele sentou-se devagar, esfregando o queixo.

— Você quase se certificou de que eu não possa falar.

— Você mereceu.

— Mereci.

— Você não sabe nada sobre os costumes da minha tribo e, no entanto, se permite julgar... — Calou-se, como se tivesse levado alguns instantes para ouvir a resposta dele.

Geraint se levantou.

— Peço desculpas por minha grosseria. Você tem razão, não conheço sua tribo. Em alguns aspectos, eu não conheço você.

Ela pestanejou, mas não disse nada.

— O que vai fazer agora? — ele indagou. — Eu a impedi de ir embora antes.

— Não está me proibindo de partir?

— Creio que partir é desaconselhável, principalmente depois de todo o perigo que encontramos. Vou conversar com seu pai. Você viajaria em segurança comigo.

Ela o fitou por um longo momento, e Geraint imaginou se Enid não depositava mais nenhuma fé nele, se julgava que ele a usaria como refém. Não era capaz disso, mas talvez ela não soubesse o que pensar. Como poderia querer praticar a diplomacia e comprometer-se a trabalhar com o pai se não conseguisse ser bem-sucedido com ela?

Finalmente, Enid concordou.

— Ficarei com vocês. Por enquanto.

Geraint observou-a caminhar na direção de seus homens. Pensou na insistência de seu pai para que sua esposa provasse a lealdade para com o marido; em vez disso, ela estava mais preocupada com o próprio povo.

Porém, seria ele muito diferente? Aquela poderia ser sua única chance de provar ao pai que seus próprios instintos estavam corretos. A diplomacia deveria ser a regra antes da batalha.

Contudo, em sua mente, pairava a preocupação de que Enid o usasse em benefício próprio.

Quando Enid retornou para perto dos outros soldados, eles a fitaram com curiosidade e até mesmo cautela; afinal, ela derrubara o amado príncipe de todos eles de traseiro no chão.

Postou-se entre eles, sentindo-se inquieta, assustada, confusa... e triste demais por saber que tudo pelo que lutara para conquistar em seu casamento durante os últimos dias se despedaçara. Tentara transformar-se naquilo que não era por Geraint, ou talvez pelo pai dele, um rei que usava a força para subjugar os mais fracos, independentemente de quem estivesse no caminho. O rei Erbin não merecia suas tentativas de respeitá-lo.

Lovell correu até ela, com a expressão preocupada.

— Ainda vamos embora, milady?

— Não. Sinto muito por abandonar uma tarefa que ordenei que fizesse.

— Pensei que poderia ser uma briga de casal e, já que vocês amam um ao outro, a senhora deveria perdoar e esquecer, em vez de partir.

Será que o rapaz de fato achava que eles se amavam? Nem mesmo ela sabia mais se isso era verdade. Esboçou um sorriso cansado.

— Então você não empacotou os mantimentos?

— Não, senhora.

— Você se importaria de localizar minhas roupas e minhas armas?

Ele franziu a testa.

— Mas a senhora disse...

— Não, não estou indo embora. Mas parei de fingir ser o que não sou. Minhas roupas são mais confortáveis e viajarei com elas de agora em diante.

Geraint devia ter ficado meditando a respeito da discussão que haviam tido, pois, quando ele retornou, Enid já estava vestida de camisa e gibão de couro, com as botas amarradas acima das panturrilhas. A espada retornara ao seu quadril, e ela se sentia... não, não completa. Sentiu o coração partido ao ver a expressão gélida nos olhos de Geraint antes que ele a mascarasse com a impassibilidade. No queixo, um hematoma aumentava.

Geraint parou diante dela, e os soldados ficaram em silêncio, desviando os olhos enquanto se preparavam para levantar acampamento.

Ele apontou para suas roupas.

— Está fazendo um pronunciamento?

— Só de que meus trajes são mais confortáveis para viajar. Eu sou assim, Geraint. E não preciso provar nada a um rei sanguinário.

— Meu pai é um bom governante.

— Isso, nós vamos ver.

Enid virou-se e foi ao encontro de Lovell, que selava seu cavalo. Ela montou como um homem faria, e percebeu que todos a encaravam.

— Nenhum de vocês nunca viu os joelhos de uma mulher antes?

Lamentou a explosão infantil imediatamente. Olhou para Geraint, mas tudo o que ele fez foi menear a cabeça e afastar-se.

Conforme iniciavam a viagem, Enid sentiu-se muito só perto da vanguarda da coluna, enquanto Geraint voltava para conversar com seus homens. Os gêmeos, Tyler e Toland, posicionaram-se um de cada lado dela. Wilton cavalgava perto de Lovell, logo atrás. Até Ainsley veio se postar à sua frente, conduzindo a caravana para o norte. Aqueles homens tinham sido, ao lado de seu marido, seus primeiros companheiros; sabiam o que ela era desde o princípio. Ao lembrar-se disso, Enid tentou relaxar.

— Então, milady, vai treinar conosco agora também? — indagou Wilton, às suas costas.

Os gêmeos riram, e Enid sentiu um pouco da terrível tensão dissipar-se quando se virou na sela para encará-lo.

— Tem vontade de me enfrentar com uma espada? — ela perguntou, com suavidade.

— Não com o humor no qual se encontra hoje, milady.

Enid viu o olhar preocupado de Lovell, e percebeu-se desejando tranquilizar a todos.

— Foi apenas uma briguinha de casal, rapazes. Não se preocupem.

Mas ninguém se convenceu, muito menos ela própria.

Durante vários dias, viajaram para o litoral norte e, então, viraram para leste, parando nas vilas ao longo do caminho. Enid percebeu que todos a olhavam, mas os aldeões eram sempre educados e alguns até mesmo se mostravam impressionados que uma mulher se atrevesse a exibir uma espada.

Em todas as ocasiões, ela prestou atenção no comportamento de Geraint, e ele sempre a impressionava com a habilidade de se relacionar com os súditos mais simples, sendo unia ajuda para eles em vez de simplesmente um governante. Uma ou duas vezes alguém mais exaltado fez uma reclamação, mas ele sempre lidava bem com a situação, dando ao povo a sensação de ser ajudado, em vez de ignorado.

Na noite da lua nova, Geraint seguiu-a em silêncio até uma pequena lagoa longe dos penhascos à beira-mar, tomando conta dela enquanto ela recobrava as energias, embora não tivesse lhe pedido ajuda. O céu estava coberto de nuvens, e a noite escura, mas a lua estava apenas adormecida, esperando por ela, e alimentou suas energias.

Na manhã seguinte, não tinham percorrido uma distância muito grande quando um dos patrulheiros retornou de seu posto avançado e parou ao lado de Geraint.

— Milorde — disse o soldado —, vimos sinais de um acampamento onde um grupo

montado passou faz apenas uma ou duas noites.

Geraint olhou para Ainsley.

— Não soubemos nada dos moradores da vila sobre algo assim.

— Não, milorde. — Ainsley meneou a cabeça, parecendo irritado. — Eles podem ter vindo do sul ou do leste, e estão agora rumando para longe de nós.

— Estão com medo que os avistemos? — Geraint ponderou, franzindo a testa.

Enid se inclinou no ressalto da sela e ficou observando. Precisava ver como o marido lidava com aquela situação. Tinha de ser capaz de prever cada ação de Geraint antes que chegassem às terras de Donella.

Geraint olhou para trás, para o batedor.

— Amplie a busca hoje. Procure por sinais deles, chegue o mais perto possível para descobrir a identidade dessa gente. Lembre-se, eles terão homens procurando por nós também.

O batedor sorriu.

— Ninguém me vê, a menos que eu queira isso, milorde.

Depois que o patrulheiro afastou-se, o ânimo da tropa tornou-se sombrio. Todos seguiam calados, como se esperassem ouvir algo à distância. Porém, nada aconteceu até que, ao anoitecer, o batedor retornou com novidades. Enid comia com Fryda, Geraint e vários homens em torno da fogueira quando ele os encontrou.

— Milorde, o acampamento deles está a cerca de apenas doze quilômetros daqui — ele informou. — Estão bem armados e bem montados, mas não são cavaleiros.

— Como um exército inteiro chegou tão longe a oeste? — Geraint perguntou a ninguém em particular.

— Oh, não é um exército, milorde — retrucou o batedor. — É um grupo pequeno. Seis homens, quando muito.

— Mas estão em terras da Cornualha. E já que esta é a extremidade ocidental da Inglaterra, ninguém pode estar simplesmente passando por aqui. Temos de descobrir qual é a missão dessa gente, Ainsley — Geraint disse ao capitão da guarda. — Preciso de dez homens. Vamos cumprimentar nossos vizinhos temporários.

Enid pôs de lado a refeição e começou a rumar para seu cavalo.

Geraint a seguiu.

— Você não deveria ir conosco. Ela virou-se e o encarou.

— Eu quero. Se esse é o começo de sua temida invasão saxônia, preciso saber. E não preciso de um guarda.

— Aqueles lá não são saxões. — Ele suspirou. — Não a proibirei. Mas você me obedecerá, como se fosse um de meus soldados.

— Contanto que você não mate indiscriminadamente aqueles homens.

Ele contraiu o maxilar, e uma súbita sensação de culpa a fez ficar envergonhada.

— Isso foi injusto da minha parte — ela admitiu. — Você não mataria um homem sem motivo.

Geraint arqueou uma sobrancelha.

— Isso é quase uma declaração de confiança, vinda de você.

Cavalgaram até o escurecer, quando apenas o círculo crescente da lua era visível. Enid percebeu-se atrás de Geraint, e era até engraçado que ele julgasse que a protegia, quando era ela quem guardava as costas dele.

A alguns quilômetros do acampamento, deixaram os cavalos para trás e se esgueiraram pela floresta, felizes que o inimigo tivesse abandonado a nudez dos penhascos acima do mar. Moveram-se, pelos últimos metros, de árvore em árvore, até que puderam ver o bruxulear da fogueira, sem nenhum guarda para vigiar contra intrusos. As roupas dos homens estavam rasgadas e sujas, como se estivessem viajando havia um longo tempo.

Geraint fez um gesto para metade dos homens, inclusive para Enid, indicando que rodeassem o acampamento, enquanto ele e os outros soldados confrontavam os invasores. Ela obedeceu à ordem, avançando até ter uma boa visão do outro lado do acampamento. Toland, Tyler, Wilton e Lovell continuavam perto dela, e Enid aceitou o fato com certa relutância.

Nesse momento, Geraint se levantou, junto com cinco de seus homens, surgindo de repente. Os intrusos rastejaram para alcançar as armas, mas Geraint e os soldados os envolveram, as espadas em riste.

— Por favor, fiquem calmos — Geraint pediu, com educação, como se não fosse um cavaleiro forte, bem armado e ameaçador.

Cinco dos seis obedeceram, mas um dos soldados precisou acertar o sexto homem na cabeça com o cabo da espada. Quando tudo se acalmou, o sorriso de Geraint tornou-se mais relaxado.

— Quem é seu líder?

O homem levantou-se de braços erguidos para mostrar que não portava nenhuma arma.

— Milorde Geraint — disse ele, inclinando-se numa mesura.

Em instantes, a expressão intrigada de Geraint transformou-se em incredulidade.

— Redley?

Enid trocou um olhar com Lovell, que a fitou de olhos arregalados.

— Sim, sou eu, milorde.

— Não estava baseado no exército de meu pai?

— Estamos numa missão — respondeu ele.

Enid viu o modo como os viajantes se entreolhavam, assustados, e percebeu de imediato a verdade: eram desertores. Homens assim, covardes e traidores, em geral mereciam a morte. Porém, Geraint apenas franziu a testa.

— Não me insulte, Redley. O rei sabe que estou nesta parte do país. Ele não mandaria você. E, se fosse esse o caso, o enviaria mais bem provisionado do que isso.

— Íamos... levar-lhe uma mensagem...

— Recebi o mensageiro de meu pai apenas poucos dias atrás. Você não é ele. Você desertou do exército.

Vários dos homens tinham uma expressão inquieta, como se julgassem que poderiam fugir. Contudo, Enid sabia que o destino de todos estava selado. Mesmo entre o povo de Donella, desertores não eram perdoados.

Geraint continuou encarando Redley.

— Deseja retornar? — indagou, suavemente.

Enid reprimiu um arquejo. Será que Geraint usaria a diplomacia e a negociação em vez de um confronto, mesmo naquelas circunstâncias? Seria ele realmente tão diferente do pai?

Geraint olhou para Redley, que tinha o desespero evidente no semblante, e não viu um desertor, mas seu amigo de infância, o garoto com quem ele pescava, caçava galinhas e roubava tortas da cozinha. Precisava dar a ele uma chance.

A boca de Redley escancarou-se de surpresa.

— Voltar ao castelo da Cornualha? Mas...

Geraint viu os outros desertores olhar ao redor e notou que eles calculavam as probabilidades de fugirem do que julgavam fossem apenas seis homens. Redley, porém, parecia apenas triste e resignado, como se tivesse cometido um erro terrível que agora lamentava.

— Meu pai lida severamente com desertores — disse Geraint —, mas, se você se arrepende, talvez eu possa falar...

Então, tudo virou um inferno. A expressão esperançosa de Redley transformou-se em desespero quando seus companheiros começaram a lutar com os soldados ao redor. Um dos desertores gritou, chamando a atenção de Redley, e jogou-lhe uma espada. Por uma fração de segundo, Geraint e o amigo de infância se encararam, mas logo um soldado atacou Redley, que virou para se defender.

Geraint investiu contra outro dos desertores, cujas feições reconheceu. Não treinara ele mesmo aquele homem anos atrás?

Nesse instante, ele viu Enid, uma guerreira iluminada pela fogueira bruxuleante, os cabelos reluzindo como as próprias chamas, a espada a se movimentar com uma rapidez e precisão que não pareciam deste mundo.

Um momento de distração e, por trás, Geraint foi agarrado pela cintura, e a borda de uma espada surgiu em seu pescoço. Outro homem atrás dele gritou:

— Se fizermos dele um prisioneiro, terão de nos deixar ir embora!

Eles poderiam também ter cavado as próprias covas. Geraint não permitiria que uma coisa assim acontecesse. Estava prestes a lidar com seus captores quando algo voou pelo ar diante de seus olhos, acertando os dois homens.

Era um punhal, usado com tanta força que passou pelo pescoço de um deles e enterrou-se no peito do outro. De olhos arregalados, ambos caíram sem vida.

Geraint olhou ao redor e viu que seus soldados já tinham alcançado à vitória. Os seis desertores jaziam mortos, Redley inclusive. Fitou o corpo do velho amigo, sentindo uma culpa que sabia que não deveria sentir.

Enid apareceu a seu lado.

— Lutou ao lado desse homem antes?

— Não — ele respondeu em voz baixa —, mas passamos nossa meninice juntos. A mãe dele era criada no castelo da Cornualha.

Enid hesitou, mas pousou a mão em seu braço.

— Sinto muito.

Geraint se afastou. Não sabia o que fazer com a gentileza de Enid, não quando ela se mostrara tão brava com ele apenas horas atrás. Às suas costas, ela disse:

— Você alega ser um homem que pensa, após cada combate, naquilo que poderia ter feito diferente. Quais são suas conclusões agora?

Ele se virou para deparar-se com Enid a estudá-lo com seriedade, como se ele precisasse passar por algum tipo de teste para determinar seu valor aos olhos dela. Não deveria ser ao contrário, depois de como ela fora capaz de usá-lo para espionar os homens do rei Arthur? Fez uma careta e fechou os olhos. Fora ele quem forcara o casamento, não ela. Talvez Enid pudesse ter alcançado os mesmos objetivos sem desposá-lo. Era algo que sempre haveria de se questionar. Ambos tinham cometido erros. De alguma forma, ele precisava superar o problema.

— A diplomacia não funcionou com desertores temerosos de uma sentença de morte — respondeu —, mas não lamento o esforço. Eu tinha de dar uma chance a ele, a eles, de se salvarem.

Ela assentiu e se afastou.

Geraint ordenou que os corpos fossem reunidos e cobertos de pedras. Enquanto seus soldados trabalhavam, continuavam, para sua surpresa, lançando olhares de soslaio para Enid. Ela recolhia as armas úteis e mantimentos, nada fora do comum.

De repente, Geraint se lembrou de que a esposa estivera combatendo a seu lado. E que o punhal lançado... quem mais teria a habilidade para matar dois homens com um único golpe?

De volta ao acampamento, as notícias sobre a perícia de Enid em batalha circulavam entre os homens antes que o sol tivesse nascido, no dia seguinte.

Enquanto Geraint se aconchegava à capa para se abrigar do orvalho frio da manhã e fazia o desjejum com carne-seca, Ainsley aproximou-se dele.

— Milorde, os homens estão curiosos a respeito de sua esposa. O que devo dizer a eles?

Geraint pensou em deixar que o capitão lidasse com tudo, mas isso pareceria que ele não se importava o suficiente para dar-lhes algum tipo de explicação.

— Reúna todos, Ainsley — disse, por fim, com um suspiro. — Falarei com eles.

Enid saía para atender às necessidades, e pareceu a hora perfeita para Geraint correr os olhos pelo mar de faces ansiosas e tentar explicar tudo. Porém... o que dizer?

— Metade de vocês viu minha esposa em combate ontem à noite. Ela é de uma tribo onde algumas mulheres são treinadas como guerreiras. Sua perícia é tão grande como a de qualquer homem que já treinei...

— Maior! — berrou Manning, olhando para os companheiros. — E a vi enterrar um punhal em dois inimigos! Matou a ambos com um golpe só.

Os homens começaram a murmurar e, enquanto Geraint esperava a condenação dos talentos da esposa, preparou o que diria para protegê-la.

Entretanto, em vez disso, todos pareciam intrigados. Ele ouviu mais de um homem rindo, falando em desafiá-la quando fossem treinar juntos da próxima vez.

— Já basta! — exclamou, muito sério, prendendo a atenção de todos outra vez. — Lady Enid é a futura rainha de vocês, não uma parceira de treinamento. Aceitaremos a ajuda dela quando ela a oferecer, mas também a trataremos como uma nobre a quem estamos acompanhando.

Naquele momento, Geraint a viu saindo de trás de uma afloração de rochas. Ela parou com expressão cautelosa ao ver todos reunidos. À medida que se aproximava, os

homens lhe endereçaram olhares curiosos. Enid fitou-o, confusa, e, quando parou ao seu lado, ele disse:

— Os homens ficaram muito impressionados com suas habilidades. Eu estava explicando a eles que, apesar de ser uma guerreira treinada, você é também a princesa de todos.

— Compreendo. Um soldado gritou:

— Está se escondendo, milady? Precisa do nosso silêncio?

Geraint observou-a, mas não disse nada. Enid respirou fundo.

— Embora eu tenha orgulho de minha perícia, não costumo demonstrá-la. Existem aqueles que não apreciariam ver o quanto sou diferente de suas mulheres. — Ela hesitou. — Eu quero viver em paz com vocês.

Ela queria viver em paz com eles, Geraint pensou sombriamente, sabendo que ela tentara deixá-los na noite anterior. E teria começado uma guerra. Agora, Enid acreditava que era ela quem poderia impedir uma de acontecer... como se ele não fosse capaz disso.

— Mas não pedirei seu completo silêncio — ela prosseguiu. — Talvez sua... discrição.

Uma explosão de risadas e gritos de aprovação espalhou-se entre os homens, e todos se dispersaram para se prepararem para a jornada do dia.

Dois dias depois, um batedor retornou com novidades, dessa vez acompanhado de um estranho. Enquanto Geraint cavalgava na direção dos dois, estudava o recém-chegado. O homem não devia ter passado muito da juventude e usava uma túnica simples de viagem que não indicava de onde pudesse ter vindo.

Não se deu conta da reação de Enid até que ela estendeu a mão e pousou-a em seu braço. Ao fitá-la, viu-lhe a expressão cheia de espanto e preocupação.

— Conhece aquele homem? — perguntou.

— Sim. É Druce, do meu povo.

Geraint franziu a testa e ergueu a mão para fazer a coluna parar até que os dois homens pudessem se aproximar. Notou que Druce observava Enid com uma expressão de prazer e expectativa, mas não de medo. Geraint tentou relaxar, mas algo parecia errado.

Enid desmontou e avançou, e Geraint fez o mesmo, preocupado com ela. E se a tribo a considerasse uma traidora, agora que ela desposara o filho do inimigo?

Para seu choque, Druce, que também desmontara, deu um abraço apertado em Enid. Aparentemente, nem todos a consideravam uma traidora.

— Enid! — exclamou Druce com satisfação e alívio quando, por fim, se afastou. Olhou-a de cima a baixo. — Você parece bem.

Geraint não gostava da informalidade com que aquele homem se dirigia à sua esposa. Postou-se ao lado dela e arqueou uma sobrancelha. Enid sorriu, com uma expressão tranqüila que ele não tivera o privilégio de ver com frequência nos últimos tempos.

— Deixe-me apresentar-lhe Druce, um membro da tribo Donella. Druce, este é meu marido, o príncipe Geraint da Cornualha.

O sorriso de Druce murchou no mesmo instante, substituído pelo ar de espanto.

— Quando vi você viajando com esses homens da Cornualha, pensei... — Calou-se, olhando para Geraint, hesitante.

Geraint continuou calado, deixando que Enid respondesse. Afinal, devia ser difícil explicar que se casara com o inimigo.

Ela endereçou a Geraint um olhar agradecido, porém cauteloso.

— Nenhum de nós esperava o casamento, Druce, mas sentimos que nos traria felicidade.

Enid poderia ser uma diplomata, Geraint pensou, com sarcasmo. Não dissera exatamente o que ambos sentiam agora sobre o casamento.

— Por que está aqui? — ela indagou.

— Recebi ordens para seguir os homens que seu marido confrontou dias atrás. Viajavam muito perto de nossa terra, e sabíamos que haviam sido membros do Exército da Cornualha.

Geraint estreitou os olhos.

— E por que os soldados da Cornualha o preocupam, se há paz entre nós?

— Descobrimos que não eram mais soldados leais — Druce respondeu com calma. — Precisávamos saber dos motivos que os moviam, determinar se pretendiam causar danos. Eles não nos atacaram, mas eu continuei observando-os. — Olhou para Enid e sorriu. — E, então, eu a vi, Enid, lutando contra aqueles homens em toda a sua glória.

Com um suspiro e um gesto de descaso, ela dispensou as palavras, como se não significassem nada. Geraint quase interrompeu aquele encontro, mas hesitou, sabendo que sua verdadeira motivação era o ciúme. Quem era aquele homem para Enid? Tinha até medo de descobrir. Para pôr um fim à situação desagradável, disse:

— Venha compartilhar de nossa fogueira e de nossa refeição esta noite.

Tomou o braço da esposa e conduziu-a de volta até os cavalos. Os outros soldados já haviam desmontado e preparavam o acampamento.

— Tome cuidado com o que diz a ele, Enid — murmurou no ouvido dela. — Você não pode revelar nossa missão.

Ela ficou tensa, mas não se afastou.

— Se contar a ele — Geraint prosseguiu —, serei forçado a mantê-lo conosco como prisioneiro. Não posso arriscar que ele distorça suas palavras e sugira a seu pai que as coisas são piores do que realmente são.

— Ele contará a meu pai que eu me casei com você. Atestará que estou aqui por vontade própria. E, por certo, meu pai vai se sentir inclinado a esperar pacientemente para conversar com você. Não é o bastante?

— Mas, se Druce disser que estou me dirigindo para lá a fim de tratar especificamente com o povo de Donella, seu pai não irá encarar isso como uma ameaça?

— Como eu encaro? — Enid puxou o braço, falando com um sorriso falso no rosto por causa de Druce.

Geraint abriu a boca para protestar, mas ela suspirou e ergueu a mão.

— Perdoe-me. Meu comportamento não está ajudando em nada.

Ela o deixou para voltar a conversar com Druce, enquanto Geraint cuidava de seu cavalo e do dela. Era difícil não olhar para Enid e Druce juntos. Estavam à vontade um com o outro, como amigos, e ele se sentiu incomodado.

Não ajudava que Druce fosse uma pessoa agradável. Como se estar sozinho naquela missão o tivesse deixado tenso, foi ele quem assumiu a maior parte da conversa naquela noite, elogiando a terra da Cornualha, seus portos e navios de pesca. Sentara-se ao lado do fogo com Enid, Geraint, Lovell, Fryda e Ainsley, comendo peixe assado. Todos ao redor lambiam os dedos e o escutavam, atentos, e Geraint percebeu-se quase rindo com as histórias divertidas que ele contava sobre a viagem.

Finalmente, Druce olhou para Enid.

— Dar continuidade a meu treinamento é a coisa mais difícil quando estou em missão sozinho.

— Lembro-me desse dilema também — ela retrucou. — Às vezes ajuda cair sobre os bandidos.

Lovell riu alto, como se ela tivesse feito uma piada, e Enid sorriu para o escudeiro.

— Era o que eu estava fazendo quando conheci sir Geraint.

— Lutando por sua vida? — Lovell pareceu constrangido.

— Você a viu lutar — disse Geraint, seco. — Pelas barbas do Senhor, você experimentou em primeira mão! Acha que um ladrão seria o bastante para derrotá-la?

— Ninguém pode derrotá-la — Lovell afirmou, num tom reverente.

Druce sorriu.

— Enid, esse rapaz é outro de seus alunos? O desassossego adormecido de Geraint se intensificou.

— Ele é meu escudeiro — respondeu ela, após um momento de hesitação. — Treinamos juntos.

Se Geraint não estivesse atento à esposa, não teria percebido o movimento sutil. Sob a luz tênue do fogo, ele a viu chutar Druce no tornozelo, embora mantendo a expressão inocente. Druce nem mesmo se assustou.

— Tem uma boa professora, rapaz.

A sensação de enjôo no estômago de Geraint floresceu num ciúme que ele jamais experimentara. Aquele homem, aquele soldado tinha se deitado com Enid antes dele.

Sua esposa o "treinara", ensinara-lhe as artes íntimas que ele havia compartilhado com ela no leito nupcial.

Obrigou-se a participar conforme a conversa enveredava para os vários exercícios de treinamento, mas era difícil concentrar-se enquanto lutava contra a autopiedade. Disse a si mesmo que Enid se casara com *e/le*, escolhera viver com *e/le*, em vez de seguir na vida de guerreira.

Contudo, ela já chegara a lamentar tais escolhas depois de conhecer sua missão. Teria mudado de ideia? Será que gostaria de voltar para Donella agora que tinha Druce como companheiro de viagem? Geraint não gostaria que ela fosse, e recentemente a convencera a não ir, porém, excluindo a hipótese de amarrá-la, não via como poderia impedi-la. E Enid se livraria das cordas com facilidade.

Ainsley por fim mostrou a Druce uma fogueira onde ele poderia estender sua manta para dormir. Fryda foi para o pavilhão das mulheres, e Geraint aguardou que Enid

a seguisse. Ela, no entanto, esperou até que ficaram apenas os dois ao lado da fogueira, estranhamente silenciosa. A distância, podiam ouvir o uivo de lobos. Sentinelas guardavam a área, e as vozes baixas dos soldados conforme passavam um pelo outro era carregada pelo vento.

Enid continuou sentada ali.

— Há algo que queira me perguntar? — ela indagou, baixinho.

Geraint suspirou.

— Quer que eu pergunte?

Ela o fitou com uma expressão séria.

— Não quero mais segredos entre nós, meu marido. Eu lhe disse isso.

— Muito bem. — Mantendo a voz tão neutra quanto possível, ele perguntou, meio constrangido. — Você treinou Druce?

— Sim.

— Em tudo?

Sem um segundo de hesitação, ela assentiu, e os medos de Geraint se confirmaram. Parecia muito pior conhecer um homem Com quem Enid se deitara do que apenas imaginar o fato. Quando Druce a fitava, será que se lembrava da beleza de sua nudez? Pelo que sabia, as mulheres de Donella podiam se entregar a qualquer homem, sendo ou não casadas com eles.

Enid suspirou.

— Ele foi o primeiro rapaz a quem ensinei as artes do amor. E eu estava tão nervosa quanto ele. — Olhou para o marido com um ar solene, e lágrimas brilharam em seus olhos. — Isso é demais para você suportar. Será que meu passado sempre estará entre nós, assim como nosso povo?

Pelo menos, Enid se importava com o modo como ele se sentia. De joelhos, Geraint arrastou-se pela curta distância em torno do fogo até sentar-se ao lado dela.

— Faça-me entender, Enid. Isso é muito estranho para mim. Você pode olhar para ele e não se lembrar do que foi para esse rapaz?

— Não me esqueço de que fui sua professora, Geraint — ela murmurou. — E isso é tudo. Não houve nenhuma emoção entre nós. Compartilhamos respeito e uma eventual amizade, mas nem sempre é assim. Durante todo treinamento, há uma distância que não pode ser ultrapassada. Sou uma mentora para ele, não uma amante. Mesmo agora, quando olho para ele, lembro-me de nossos exercícios de esgrima mais do que da intimidade física que tivemos por uma noite.

— Uma noite? Foi tudo?

— Sim. Se você quisesse, eu poderia explicar como nós os treinamos.

— Não. Isso é o suficiente.

— Sei que é difícil para você estar com Druce aqui. Mas ele irá embora amanhã.

Geraint hesitou.

— E você não irá com ele?

— Eu lhe dei a minha palavra! — ela exclamou. — Irei com você ver meu pai, e me interporei entre você e ele.

— Somos civilizados, Enid. A situação não chegará a esse ponto.

— Pode me prometer? — ela indagou, com os olhos marejados de lágrimas mais uma vez.

Geraint tocou-lhe a face num gesto cheio de ternura.

— Não quero que haja mentiras entre nós. O que posso prometer é que farei tudo em meu poder para resolver pacificamente os problemas com sua tribo. Pode confiar em mim?

— Espero que sim.

Pela manhã, à medida que o dia clareava em meio a nuvens sombrias, Enid encontrou-se sozinha com Druce pela última vez para lhe entregar um pacote de mantimentos. Ele expressou seus agradecimentos, e depois hesitou.

— Enid, o que você quer que eu diga a seu pai? Já mandou avisar de seu casamento?

— Não. Eu não tinha ninguém a quem confiar a notícia. Você pode ser meu mensageiro.

— Eu ficaria honrado.

— Diga a ele que me apaixonei pelo príncipe da Cornualha e me casei com ele, mas que não me esqueci de minha missão. Irei vê-lo tão logo eu possa. Tudo está sob controle.

Um dia depois de Druce ter deixado o grupo, eles seguiram viagem pela charneca aberta. Os cumes das colinas rochosas se recortavam contra o céu à distância. Passaram por um círculo de pedras verticais, claramente colocadas ali com grande cuidado e determinação. Enid, que se deslocava devagar, perdida em pensamentos, sentiu uma vaga e sutil sensação mágica.

Puxou as rédeas do cavalo e olhou para as pedras, lascadas e desgastadas pelo tempo e cobertas de musgo. Várias tinham caído, mas ainda formavam um círculo possível de ser usado.

E fora usado recentemente.

Ela procurou por Geraint e o avistou conduzindo a montaria junto à fila de soldados, mas com o olhar cravado nela. Fez um gesto, chamando-o, depois desmontou e foi postar-se perto do círculo de pedras, mas não entrou nele. Sentiu a presença do marido às suas costas.

— Enid?

— Alguém praticou magia aqui há pouco tempo.

— Pode dizer o que foi feito e para quê?

Ele nem mesmo hesitou diante da citação de magia, e Enid sentiu-se ligeiramente divertida. Logo, afastou os pensamentos sobre o marido, deu um passo para dentro do círculo e fechou os olhos, concentrando-se. Foi como passar por baixo de uma cascata invisível. Arquejou diante da sensação de magia a seu redor, que a banhava por inteiro; comprimiu-se contra sua pele, crepitou em seus ouvidos e subiu até suas narinas. Ela podia tatear o ar diante de si como se a magia fosse uma coisa viva.

Ouviu a voz de Geraint de muito longe, mas não conseguiu prestar atenção. A magia rastejava por sua pele, como um milhão de insetos agitados. Começou a golpeá-la,

tirando-a de seus cabelos, sentindo a maldade corrosiva que dela emanava como uma sensação de enjôo. Parecia não acabar...

Até que alguém a agarrou pelo braço e a puxou, e Enid livrou-se do fascínio do círculo de pedras. Caiu de joelhos, nauseada, mas pelo menos a sensação terrível de ser invadida desaparecera. Só o zumbido de poder ali perto persistia, uma vibração silenciosa vinda do interior da terra. Se não tivesse sido resgatada, ela teria permanecido ali até que o encanto se esvaísse, e isso poderia levar um longo tempo.

— Enid?

Ela sentiu as mãos de Geraint em seus braços. Afagou-lhe os dedos com um gesto exausto.

— Você está bem? — ele indagou. — Ainda resta magia a cercá-la que eu precise combater?

Passou os braços em torno dela, e Enid agarrou-se a ele, agradecida.

— Estou bem. Foi praticada muita magia naquele círculo, e não para o bem. — Conforme seus pensamentos clareavam, ela se esforçou para compreender as impressões fugidias que assaltavam sua mente. De repente, virou-se e fitou o rosto do marido, tão perto do seu. — Eles se envolveram em sombras para que não percebêssemos sua proximidade. Estão chegando!

Para alívio de Enid, Geraint correu até Ainsley e ordenou que as tropas assumissem uma posição defensiva. Graças aos deuses, ele acreditara nela. Só então, o marido retornou até onde ela estava e perguntou:

— Pode ver quem é?

— Não. Posso apenas sentir suas más intenções. Eles se escudaram de nossos batedores por meio da magia. Não são grandes praticantes por si mesmos, mas este círculo é antigo, e eles usaram o poder que existe aqui.

— Monte seu cavalo, Enid, e fique atrás da fila. Leve sua criada com você.

Ela mordeu o lábio, mas fez o que Geraint pediu, sabendo que era instintivo dele proteger uma mulher, em especial a própria esposa. Ele só desejara protegê-la desde o momento em que a encontrara, e Enid apreciava essa atitude, embora soubesse que aquilo não era nem um pouco prático. Ela poderia ser um dos melhores patrimônios daquela tropa. E seria, se precisassem dela.

Era difícil acreditar que Enid pudesse amá-lo tanto e, mesmo assim, não confiar nele.

O inimigo foi avistado quase de imediato a leste pela nuvem de poeira levantada pelos cavalos em galope. Os batedores poderiam ter soado o alarme muito antes, mas a magia usada contra eles os impedira de ver o perigo. Contudo, Enid sabia que ela possibilitara, com sua sensibilidade, que os soldados tivessem tempo de se preparar. Os elmos tinham sido colocados, e os escudos e as espadas haviam sido deixados de prontidão. Fryda encontrou um esconderijo atrás de um amontoamento de pedras, e Enid juntou-se à criada com relutância.

Nenhum estandarte identificava o adversário, nem eles usavam uma túnica de uniforme, apenas se vestiam como os mercenários que os tinham atacado duas vezes antes. Eram em maior número agora, e Enid percebeu que os vinte e quatro soldados de seu marido estavam inferiorizados em quantidade. Porém, com seus escudos erguidos à frente, eles esporearam os cavalos num galope para ir de encontro ao ataque. O ar encheu-se com o rumor de homens prestes a se chocar em combate, e ela não poderia

ficar ali sentada e esperar. Virou-se para Fryda.

— Voltarei para buscá-la. — Começou a descer o monte de pedras até o local em que seu cavalo esperava.

— Milady! — a garota gritou. — Temo pela senhora!

Enid acenou para ela, em um gesto de conforto, e montou seu cavalo. Seguiu atrás do marido, determinada a proteger-lhe a retaguarda. Lovell, pálido e cheio de coragem, esperava ali perto, e logo estava ao seu lado. Era óbvio que já a conhecia bem.

— Não precisa temer por mim também! — gritou para ele. — Tome conta de si mesmo.

O baque de escudos e armas era quase ensurdecedor. Cavalos caíam, esmagando alguns cavaleiros, obrigando outros a lutar a pé. Um dos inimigos atravessou a linha de defesa ileso, ainda montado. Quando Enid ia enfrentá-lo, Lovell soltou um grito, esporeou o cavalo e foi de encontro ao adversário. Enid teve medo por ele, mas ela o treinara bem, e tinha de deixá-lo crescer.

Com a espada em riste, relanceou os olhos entre Lovell e Geraint, esperando que nenhum dos dois precisasse dela. O marido lutava ao lado de seus homens, inspirando confiança e companheirismo, mas os soldados estavam inferiorizados em número. Enid viu vários deles caídos no chão.

Mais inimigos romperam a linha defensiva, e ela se viu forçada a deixar as preocupações de lado e entrar em combate. Nunca lutara no lombo de um cavalo, mas era aquilo que tinha dado início à sua missão: aprender a fazê-lo.

E, com a ajuda dos dons que recebera pelo caminho, foi bem-sucedida. Liquidou dois adversários sem ter de desmontar, e o segundo se mostrara bastante experiente. Porém, o poder que impregnava seu braço a tornava invencível, e Enid se viu galopando para o meio do confronto. Ao seu redor, homens gritavam, cavalos relinchavam e armas retiniam. O próprio ar parecia espesso com o calor da batalha, e era difícil até respirar.

Mas Enid estava em seu meio, usando cada habilidade para ajudar seu marido e os soldados e, quando Geraint ordenou que recuassem e se reagrupassem, ela obedeceu de imediato. Ambos os lados retrocederam pelo terreno, mantendo o antigo círculo de pedras entre os dois. O poder renovado estava se esvaindo depressa, e Enid não mais ouvia o zumbido de energia. Os feridos e os mortos, homens e cavalos, jaziam estendidos no campo de batalha. Ela contou rapidamente os soldados, e viu que quatro dos seus não mais estavam entre os combatentes. Estariam feridos, agonizantes ou mortos?

Os homens eram bem treinados, e reuniram-se em torno de seu príncipe para ouvir as instruções. Enid continuou à beira do grupo, observando o inimigo que tivera ainda mais baixas. Agora, o número se aproximava ao dos soldados da Cornualha.

— Milady!

Enid virou-se e se deparou com Lovell, que, com sangue escorrendo pelo lado da cabeça, aproximava-se dela.

— Você foi ferido! — ela gritou, correndo para examinar o corte.

Ele afastou-lhe as mãos, e Enid percebeu que se comportava mais como mãe do que como mestra dele.

— Precisamos de sua ajuda — disse Lovell, em voz baixa.

— Eu faria qualquer coisa por meu marido. Lovell meneou a cabeça.

— É para um dos rapazes, o mais jovem além de mim.

— Severin?

— Sim. Esta viagem é a primeira experiência dele em combate e, quando tínhamos número suficiente, ele se sentiu confiante em sua habilidade. Mas hoje... milady, receio que ele deixe que o medo o incapacite no próximo ataque, e que isso vá constrangê-lo além do que ele poderia suportar. O rei exigiria que ele não tivesse permissão para viajar com o príncipe outra vez. Vai ajudá-lo, como me ajudou?

Enid hesitou apenas por um momento. Se suas habilidades de guerreira pudessem ajudar, precisava lançar mão delas. Seguiu Lovell, passando pelos soldados que tomavam goles apressados de água, enquanto vasculhavam o chão em busca de armas abandonadas para substituir aquelas que haviam sido quebradas ou perdidas.

Encontraram Severin recostado a um dos menires, com os joelhos encolhidos e a cabeça afundada entre os braços. O sangue gotejava de vários pequenos ferimentos, e ele respirava rápido demais.

Enid ajoelhou-se ao lado do rapaz.

— Severin, pode me ouvir?

Ele não respondeu. Tremia tanto que seus dentes batiam. Quando Geraint os chamasse para entrar em forma, se Severin fosse incapaz de reagir, poderia se expor, assim como os outros, à morte.

Enid pousou a mão no ombro do rapaz, e ele se encolheu, como se ela pretendesse lhe fazer mal.

— Severin, tudo ficará bem — ela murmurou.

E apenas com seus pensamentos, Enid invocou suas habilidades de guerreira. Através de sua mão, a confiança impregnou-se em Severin e, com um arquejo, ele ergueu a cabeça, encarando-a, boquiaberto. O local onde o tocara tinha um brilho débil que, na ausência do sol, era bastante visível.

Com uma expressão de culpa, Enid olhou ao redor e constatou que ninguém os observava... a não ser Geraint.

Ele já aceitara seus dons mágicos, e esse era um dos menores: coragem, quando tudo parecia turvo. Enid virou-se e fitou os olhos agradecidos de Severin, cujo semblante se tornara calmo.

— Milady... o que fez comigo? — ele murmurou, admirado.

— Só lhe dei a força para acreditar em si mesmo.

Naquele momento, a exaustão a invadiu, e Enid percebeu que, embora tivesse prestado a um soldado uma ajuda que duraria pelo resto da vida dele, pela próxima hora tirara outra pessoa de combate... ela mesma.

Geraint observava Enid com uma sensação de resignação, em vez de raiva. Aproximou-se dos dois soldados e da esposa e, para sua surpresa, ela não conseguiu ficar de pé com a agilidade costumeira. Segurou-a pelo cotovelo, e Enid ergueu os olhos cheios de gratidão para fitá-lo.

— Enid?

Ansioso, Lovell explicou:

— Milorde, ela apenas ajudou Severin.

— E por que ele precisava de ajuda?

O olhar de Lovell toldou-se de preocupação, e ele vacilou.

— Não preciso saber. — Geraint suspirou e olhou para Enid. — Essa é a peculiaridade das mulheres guerreiras sobre a qual me falou?

— Sim. Faz parte de mim desde a infância.

— Compreendo.

Até mesmo falar a deixou mais pálida, e a preocupação de Geraint aumentou.

— Cansa tanto assim? — ele indagou, com a voz cheia de ternura.

— Ficarei bem dentro de uma ou duas horas — ela retrucou. — Mas receio que até lá eu possa ser inútil a você.

— Não é mais tão invencível em batalha no momento? — Geraint esperou que não tivesse soado sarcástico. Ela respondeu com seriedade.

— Não sei. Se obrigada, eu conseguiria me defender. Mas não confiaria em mim mesma para proteger sua retaguarda.

Quando Ainsley avisou que tudo estava pronto, Geraint ficou dividido. Enid estaria mesmo tão indefesa?

— Eu ficarei com ela, milorde — disse Lovell. — Iremos nos esconder com Fryda.

Embora Enid fosse uma tola por ter se exaurido, Geraint sabia que ela era uma pessoa altruísta, que faria qualquer coisa para ajudar os outros.

Até mesmo casar-se com o inimigo, sussurrou uma parte sombria de sua mente.

Geraint a observou se afastar até que Enid estivesse realmente escondida com a criada e Lovell, e só então ele e seus homens voltaram a montar para iniciar outro ataque.

Enfrentaram menos homens do que tinham imaginado, e Geraint se deu conta de que o inimigo começara a fugir furtivamente face à derrota. A batalha terminara quase antes de ter recomeçado.

Por fim, ele se postou vitorioso no campo de batalha, vendo a última meia dúzia de inimigos fugir, alguns a pé, outros a cavalo. Vários de seus soldados os perseguiram, e o restante começou a lidar com os mortos e feridos.

Wilton chegou correndo.

— Milorde, alguém cortou a garganta de cada um dos adversários feridos. Não sobrou ninguém para ser interrogado.

Geraint olhou para além dos gêmeos, que desciam a charneca à caça dos fugitivos.

— Eles querem continuar um mistério. Ou talvez a pessoa que os contratou insista nisso. — Virou-se para Wilton. — Reviste os corpos e não procure apenas por armas.

Ele saiu para verificar suas próprias baixas e olhou com tristeza para dois soldados mortos. Ambos tinham servido com ele durante muitos anos. A inutilidade de tudo aquilo o enfureceu, e ansiou por ter alguém a quem punir.

Enid aproximou-se do marido e olhou para os corpos sem vida enquanto Ainsley lhes fechava os olhos.

— Oh, Geraint — ela murmurou —, fiz meu desjejum esta manhã com Addis. Ele ia se casar quando voltasse para casa.

Geraint passou o braço em torno dela e ficou surpreso ao perceber que Enid tremia. Só podia ter sido o cansaço pela doação de energia que a deixara assim tão frágil.

— Milorde!

Geraint e Enid se viraram ao mesmo tempo, ao som da voz de Wilton.

— Milorde, encontramos ouro saxão com vários desses homens.

Enid ergueu os olhos para Geraint, e ele rilhou os dentes.

— Agora sabemos quem está contratando os mercenários para esses ataques. — Ele fitou Enid nos olhos. — Esses assaltos devem ser o prenúncio de uma invasão saxônica. Eles podem estar se infiltrando aqui pelo oeste para surpreender o rei supremo em duas frentes.

— Se o príncipe da Cornualha e seus companheiros forem mortos — disse Enid —, o rei da Cornualha não apenas será distraído em razão do sofrimento, mas terá perdido alguns de seus melhores cavaleiros, e poderia ser de pouca utilidade para o rei Arthur.

— Sim. Isso muda tudo, Enid. Não podemos mais nos permitir parar em vilas apenas para conhecer os súditos. Mandaremos avisar o rei Arthur e meu pai que se preparem para uma invasão. Em nosso caminho para nos reunirmos a meu pai, visitaremos sua tribo e tomaremos todas as precauções para que a fronteira da Cornualha fique em segurança.

A tensão entre ambos aumentou de novo, conforme cada um deles se lembrava da discussão anterior. Num tom muito sério, Enid declarou:

— Confie em mim quando digo que meu pai é aliado da Cornualha contra os saxões. Se tratá-lo com justiça, ele fará tudo o que puder para ajudar você.

Geraint esperava que ela estivesse certa.

Ele levou o resto da manhã para supervisionar o enterro dos cadáveres de homens e cavalos e para reorganizar a tropa. Um animal puxava a maça de um soldado ferido, mas ainda assim estavam com falta de montarias.

— Fryda é a mais leve entre nós — disse Enid ao parar ao lado de seu cavalo. — Eu a levarei comigo, atrás.

— Claro, milady — Fryda concordou, postando-se ao lado da patroa.

Lovell, sempre perto de Enid, como se ela pudesse desmaiar por causa do desgaste anterior, manifestou-se:

— Milady precisa se recobrar. A criada viajará em minha companhia.

Geraint percebeu o quanto Lovell amadurecera ao serviço de Enid durante as muitas semanas desde que o conhecera. E sabia que isso provavelmente começara quando ela o "ajudara" a enfrentar um brigão no pátio de treinos em Camelot. O rapaz com certeza fora o primeiro a se beneficiar do dom mágico daquela guerreira.

A expressão de Fryda beirou o cômico quando ela se esforçou para reprimir o protesto diante do oferecimento de Lovell. Vários dos soldados riram, e Geraint ficou contente com aquele momento de leveza.

Finalmente, a criada bateu o pé, nervosa.

— Milady, tenho certeza de que Manning deixará que eu viaje com ele.

Lovell revirou os olhos.

— Manning é muito velho para você.

— E você agora é meu irmão, por acaso?

— Você não deve ter um, e esse é o problema.

— Basta! — disse Geraint, sem disfarçar mais o riso. — Se lady Enid concordar, ela pode cavalgar em meus braços e dormir. Fryda, por enquanto você segue sozinha, porém mais tarde fará par com Lovell, com quem obviamente sua inocência ficará a salvo.

Os olhos de Enid se arregalaram e, naquele momento em suspenso entre os dois, ele imaginou que ela recusaria sua proposta. Rumavam para a tribo Donella, onde o destino de seu casamento seria decidido de uma vez por todas.

Contudo, com uma expressão cautelosa, ela simplesmente concordou.

— Aceito, meu marido.

Foi difícil para ela encontrar uma posição confortável, e Enid remexeu-se demais em seu colo para a sua própria paz de espírito. Por fim, ela se sentou em suas pernas, aconchegou-se ao seu peito e adormeceu quase que de imediato.

Depois da batalha e da marcha do dia anterior, Geraint sabia que seus homens precisavam de um dia para se recuperar. A viagem cansativa no lombo do cavalo dava a um homem muito tempo para pensar sobre a morte que tinham deixado para trás.

Montaram acampamento perto de um riacho, e a maioria aproveitou a oportunidade para lavar as roupas e deixá-las sobre as pedras para secar. A princípio, os homens cochilaram ao sol ou jogaram dados, mas, por fim, começaram a se espalhar.

Enid e Fryda passaram a manhã juntas, e sempre que o olhar de Geraint se desviava para aquele lado, via Fryda ensinando pacientemente à patroa a arte de bordar. Era divertido ver a delicada criada e a guerreira alta com as cabeças juntas sobre panos e fios.

Geraint passeou entre seus homens, conversando, encorajando e escutando, principalmente. O sol fizera um arco no céu e começava a declinar em seu caminho para o poente.

Manning, o soldado de quem Fryda se tornara amiga, era um homem grande e corpulento, mas, quando falava sobre mulheres, tirava o gorro da cabeça e o retorcia entre os dedos. Vendo os sinais denunciadores, Geraint imaginou o que o sujeito diria a respeito da criada.

— Milorde — Manning finalmente balbuciou —, foi generoso de sua parte deixar sua esposa nos abençoar.

Tomado de surpresa, Geraint franziu a testa.

— Abençoar com sua presença?

— Não, abençoar-nos com o dom de sua magia.

Geraint fechou os olhos por um momento, e depois olhou ao redor à procura de Enid. Ela ainda estava sentada ao lado de Fryda, mas agora dois jovens soldados tinham se agachado por perto e conversavam com ela. Geraint não pôde deixar de pensar se seu pai, tão temente a Deus, julgaria que aquele ritual pagão deveria ser condenado, principalmente vindo de uma futura rainha.

Lovell aproximou-se de Geraint e Manning, apontando para Enid.

— Ela é uma dama popular hoje, milorde.

— Assim Manning me disse.

Os olhos de Manning se arregalaram, e ele se afastou depressa.

— Eles a estão aborrecendo? — Geraint perguntou. — Aqueles homens têm coragem e ousadia suficientes para agir à sua própria maneira. Não precisam da ajuda de

Enid. Ela vai se exaurir!

— Ela sabe disso, milorde, e disse a eles também. Mas eles apenas... sentem-se melhor com uma simples bênção dada por ela. Devo levá-la para mais longe, para que não pareça que o senhor desaprova isso? Geraint sorriu para o escudeiro.

— Você fica mais inteligente a cada dia, Lovell. — Quando o rapaz ia se afastar, segurou-o pelo ombro. — E eu não desaprovo. Só me preocupo com minha esposa.

— Claro, milorde.

Geraint olhou para Enid, e sua voz soou cheia de ternura quando ele murmurou:

— Preciso protegê-la, rapaz, embora ela não precise disso de mim.

— Ela pode não precisar, milorde, mas talvez queira.

Geraint olhou para ele, surpreso, mas Lovell já caminhava até Enid. Ele não pôde ouvir o que foi dito, mas viu a esposa sorrir e levantar-se. Quando ela amarrou a bainha da espada na cintura, o sorriso de Geraint desapareceu. Treinar não era a maneira de levá-la para longe dos soldados. Eles só ficariam curiosos o bastante para...

— Treine com a gente, milady! — Wilton exclamou. — Agora que conhecemos seus talentos, não há razão para se esconder.

Geraint estreitou os olhos, mas não disse nada. Ela o fitou brevemente antes de se dirigir aos soldados reunidos:

— Muito bem. Parece que não há nenhuma pedra grande para esconder meu treino.

— E se houvesse — Wilton berrou —, poderia ter saxões escondidos atrás dela!

Vários dos homens bateram as espadas nos escudos, ameaçadoramente, e todos exibiram sorrisos malévolos.

— Deixe que experimentem chegar perto de nós — gritou Toland. — Temos nossa princesa para nos alertar.

Um brado de regozijo irrompeu, Enid corou e Geraint tentou relaxar. Como poderia seu pai não aprovar Enid, se ela conquistara a lealdade de soldados duros e cínicos? Talvez Geraint tivesse subestimado o papel das bênçãos que ela distribuía...

Ele seguiu por entre os soldados que se exercitavam, respondendo perguntas, dando conselhos. No entanto, cada vez mais homens se dedicavam a observar Enid em vez de treinar. Uma barreira de cerveja foi aberta, e tochas foram acesas para prolongar o espetáculo conforme o crepúsculo caía.

Ela era graciosa como uma dançarina, porém mortal; observá-la era como ver a beleza de uma tapeçaria de guerra ganhar vida. Contudo, em seus olhos faiscava a inteligência de um guerreiro e, mais de uma vez, Lovell se viu com o traseiro no chão. Logo, o rapaz estava com tanta falta de ar que cambaleou quando tentou ficar em pé.

Wilton se interpôs entre o escudeiro e sua mestra.

— Já chega, Lovell. Você será inútil para nós caso se machuque. Já lady Enid nem mesmo ficou ofegante.

Enid apontou a espada para o chão.

— Ah, não, estou acabada.

— Tolice, senhora. Entre nós, pobres soldados, há apenas um homem que pode desafiá-la... na cama e fora dela.

As gargalhadas explodiram ao redor conforme Enid enrubescia, mas quando ela procurou os olhos do marido, Geraint sentiu neles a costumeira fagulha de cautela e de poder entre os dois. Jamais imaginara erguer uma espada contra uma mulher, mesmo em treinamento. Porém, a ideia de medir forças com Enid, de investir contra ela... bem, isso evocava coisas que era melhor deixar para o quarto. E talvez ela não desejasse tais intimidades agora, não quando ainda não se decidira a confiar nele.

Enid ergueu o queixo.

— Com receio de um desafio, meu marido?

A frase foi recebida com gritos e aplausos, e Geraint sentiu-se aliviado com o jeito brincalhão de Enid. Poderia ser esse o início de um novo começo para os dois?

Com ar arrogante, ele a mediu da ponta dos pés aos cabelos, que reluziam como ouro fundido à luz das tochas. Então, desembainhou a espada e ergueu-a bem alto.

— Aceito seu desafio, minha esposa.

Enid viu o desafio nos olhos do marido e o modo como fazia um floreio com a espada, e sentiu uma emoção ávida, que evocava mais uma cama do que um campo de batalha. Em todos os seus anos treinando rapazes, nunca se sentira assim, ansiosa e emocionada, ciente de que aquele homem era seu semelhante em todos os aspectos. Assim que terminassem a reunião com seu pai, as coisas poderiam melhorar. Ela não esperava que Geraint pudesse provocá-la daquele jeito, logo após saber de cada detalhe de seu passado.

Pelos deuses, ela não imaginara que *queria* ser provocada assim de novo! Mesmo quando estava brava com ele, Geraint exercia um poder físico sobre ela que a atraía para perto dele. E Enid descobriu-se lembrando os momentos na cascata e na pedra e o modo como haviam se amado. Quando a ideia de uma batalha a levava a pensar em fazer amor?

Desde que Geraint a fizera sua. Enid ergueu a espada e o escudo. O escudo ainda era pouco familiar ao seu braço, mas ela estivera praticando com ele.

Os soldados começaram a fazer apostas, mas Geraint ergueu a mão, pedindo atenção.

— Este é um confronto amistoso, e não um objeto de apostas. Vocês fariam isso com sua princesa?

Os sacos de dinheiro foram guardados com gestos envergonhados, mas Enid teve de reprimir um sorriso quando os homens começaram a cochichar, como se ela não soubesse o que estava acontecendo.

Então, concentrou-se no marido, que começou lentamente a circundá-la. Ela fez o mesmo, mantendo-se longe dele. As tochas lançavam sombras disformes que bruxuleavam na noite conforme os dois se moviam.

— Alguma regra? — ela indagou com doçura.

— Só que você não me fira.

Os homens vaiaram enquanto Enid sorria.

— Tentarei não machucá-lo... mas não conheço minha própria força.

— Eu conheço — ele retrucou baixinho, a voz mais profunda e rouca.

Embora por dentro ela se arrepiasse, deliciada, quando Geraint deu um passo para mais perto, Enid ergueu a espada e a manteve entre os dois.

— Está tentando me distrair — murmurou.

— Está funcionando?

— Não.

Enid imaginou se ele não estaria distraído de outro jeito. Continuava a rodeá-la, como se procurasse por uma abertura, mas não investira contra ela. Embora conhecesse seus poderes e sua habilidade, talvez não fosse fácil para um homem dirigir um golpe contra a própria esposa.

Teria de modificar isso para Geraint. Ergueu a espada e desferiu uma cutilada, que ele aparou com facilidade. Ela sorriu.

— Melhor?

Geraint a fitou, mas não disse nada. Começou a avançar com golpes cautelosos, que ela rebateu todas as vezes. Quando se afastaram um do outro, Enid meneou a cabeça com uma expressão de pesar.

— Você não está se esforçando muito.

— Nem você.

Geraint investiu contra ela inesperadamente, girando a espada para baixo, em direção às pernas de Enid. Ela teve de saltar sobre a lâmina, e usou o ombro do marido como alavanca para pular sobre ele; fosse Geraint um inimigo, ela poderia tê-lo matado.

Em vez disso, deixou-se cair para que Geraint tivesse tempo de encará-la de novo. Naquele momento, percebeu que, embora pudesse derrotá-lo, não poderia fazê-lo diante dos soldados. Eles precisavam de um líder, não de um homem que fora superado pela própria esposa em combate.

Distraída, quase não se deu conta do escudo de Geraint, mirado contra sua face. Abaixou-se e se esquivou; quando caiu, passou-lhe uma rasteira. Retardou sua reação o suficiente para que ele caísse sobre ela, com a espada perto de seu pescoço.

— Está acabada.

— Estou?

Ele a ergueu e jogou-a sobre o ombro, sob os aplausos de seus homens.

— Se puderem nos dar licença, rapazes, o que precisa ser feito a seguir não é para seus olhos inocentes!

Enid riu junto com os soldados, apesar de não ter muita certeza de que os dois deveriam esquecer os problemas fazendo amor. Para fazer charme, começou a socá-lo nas costas e a chutá-lo no peito. Geraint deu um tapa de brincadeira em seu traseiro, pegou uma tocha e começou a andar para o arvoredo.

Quando as luzes das fogueiras desapareceram atrás deles, Geraint colocou-a no chão e enfiou a tocha entre as pedras, para que não iniciasse um incêndio no mato.

Debruçou-se sobre Enid e, de repente, pareceram ficar em suspenso, o anseio aumentando.

— Não deveríamos fazer isso — murmurou ela. O marido acabara de conhecer Druce, e ainda se adaptava à idéia dos homens com quem estivera antes dele. — E os soldados estão muito perto.

— Não vão ouvir. Ficarei bem quieto.

Arrastando-se nas mãos e joelhos, Geraint deslizou sobre ela, e Enid esperou, sem

respirar, incerta.

De repente, houve uma súbita rufada de ar e algo atingiu Geraint na cabeça com tanta força que ele foi jogado para longe. Antes que Enid conseguisse se mover, foi golpeada também, e sentiu uma dor cegante antes da súbita escuridão da inconsciência.

CAPÍTULO IV

Geraint despertou sobre um cavalo em movimento. Porém, não estava sentado, e sim atravessado no meio da sela, de barriga para baixo, com as pernas e os braços amarrados. Não podia se mexer e mal conseguia respirar por causa da dor nas costelas.

Arquejou e tentou erguer a cabeça, mas o mundo estava revirado de pernas para o ar. Era dia. Quantas horas fazia que fora feito prisioneiro?

Conforme a náusea amainou, ele virou a cabeça para a esquerda e para a direita, e conseguiu divisar outro cavalo galopando perto do seu. Havia uma pessoa amarrada, tal como ele, e sua mente confusa levou um instante para se dar conta de que aquelas pernas pertenciam à sua esposa. Estaria viva?

A dor provocou outra onda de enjôo, que fez fagulhas faiscar por trás de suas pálpebras fechadas. Percebeu que uma dor aguda subia de sua coxa. Fora ferido.

Qual seria a gravidade do ferimento de Enid? Tentou virar a cabeça para vê-la de novo, mas perdeu a batalha para a inconsciência.

Quando acordou outra vez, Geraint estava deitado no chão, ainda amarrado, mas graças aos deuses, imóvel. Cada músculo em seu corpo doía, e respirar fundo se mostrou impossível por causa do peito e do abdômen lesionados. Ofegou e obrigou os olhos a se abrirem devagar.

Anoitecera, uma fogueira queimava no centro de uma clareira. Além das árvores, ele podia ver a ondulação das colinas. Dois homens estavam sentados no chão ali perto, comendo ruidosamente. Eram sombras na noite, irreconhecíveis.

Onde estava Enid?

Sentiu o pânico dominá-lo ao erguer a cabeça. Mas então a avistou, a cerca de dez passos de distância, amarrada e deitada, como ele. Os olhos estavam fechados, mas ela respirava.

Geraint deixou a cabeça afundar no chão de alívio.

Seu movimento alertou os homens. Um deles jogou um osso dentro do fogo e ficou de pé, para depois vir se agachar a seu lado.

— Está acordado?

O fogo iluminou-lhe a face, e Geraint reconheceu-o de imediato: era o seqüestrador de Enid, aquele que ela dissera chamar-se Hartun. Quando o viu pela última vez, ele saltara de um penhasco para o mar trovejante.

— Você... sobreviveu — Geraint constatou, surpreso. Hartun sorriu.

Geraint esforçou-se para sentar-se, mas as cordas o prendiam com firmeza no lugar. Sua coxa direita queimava de dor, e ele rilhou os dentes, ficando parado até a tontura passar. O que acontecera com ele?

O segundo homem, menor e mais tímido, se aproximou. Enid dissera que ele se chamava Bureig. Hartun estendeu a mão na direção de Enid e cutucou-lhe as pernas.

— Acorde.

Ela gemeu e rolou de costas, com as mãos amarradas à frente do corpo. Hartun debruçou-se sobre ela e, quando abriu os olhos, Enid soltou um grito de susto.

— Você está bem? — Geraint perguntou. Enid relanceou os olhos para ele.

— Sim, mas eles usaram mais um pedaço da corda mágica do *troll*, e não consigo me mexer.

Geraint olhou para os dois mercenários.

— Por que nos pegaram?

— Não quer saber como saltamos de um penhasco e sobrevivemos? — indagou Hartun. Ao ver Bureig estremecer, endereçou ao parceiro um olhar impassível. — *Ele* quase não conseguiu. Eu disse para confiar em mim, que a corda não nos deixaria cair.

— Você tinha prendido a corda mágica sob o rochedo para descer? — perguntou Enid.

— Sim. Bureig entrou em pânico, e teria despencado para a morte, mas eu o segurei.

— Meus parabéns — disse Geraint, secamente, tentando ignorar a dor na perna. — Mas vou perguntar de novo: por que você nos pegou? Esta é outra tentativa de ganhar uma recompensa?

As feições de Hartun se tornaram sombrias, e os ombros de Bureig desabaram.

— Não podemos voltar — Bureig lamuriou-se.

— Não precisamos deles — Hartun falou e cuspiu no chão.

Geraint ergueu a cabeça.

— Vocês não precisam do ouro do saxão? Hartun olhou de soslaio para o parceiro.

— Eu disse a você que ele ia descobrir quem pagou.

— Você é esperto como eu, príncipe da Cornualha.

— Eles *não vão querer* vocês de volta — Enid afirmou, num tom misterioso.

— Disseram que a gente desertou, que se nos pegassem de novo... — começou Bureig.

— Cale a boca! — Hartun gritou, tremendo de raiva. — Tenho amigos no Norte. Não preciso daqueles que gostam dos saxões. — Seu olhar fulminante cravou-se em Geraint; — Mas não esqueço aqueles que se colocam no meu caminho. E agora você vai pagar.

Geraint encarou-o com um olhar gelado. Hartun de repente deu-lhe um chute na coxa, e a dor fez as luzes dançar por trás de seus olhos fechados conforme ele se encolhia.

— Sente isso?

Arquejante, Geraint espiou o seqüestrador com olhos semicerrados. Hartun ergueu o porrete e virou-o para o fogo. A ponta de metal estava coberta de sangue.

— Não lavei ainda! — exclamou, triunfante. — Queria que você visse o que eu fiz.

Geraint forçou um sorriso.

— Estou impressionado com sua habilidade de golpear um homem inconsciente.

Hartun fechou a carranca.

— Posso fazer de novo.

— Afinal, o que você pretende fazer conosco? — Enid os interrompeu.

— Ah, vocês vão servir de moeda de troca. O *troll* está atrás de nós, quer vingar-se porque roubei sua corda. Eu vi quando o mago saxão entrou no círculo de pedra e invocou o poder das trevas para esconder seu exército. E espiei o ritual. Depois, repeti... E não é que funcionou da primeira vez? Mas agora parece que não está dando certo. E eu me entendi com aquela criatura medonha. Ele vai nos deixar em paz em troca de uma boa caçada. Não é todo dia que ele pode devorar um belo casal de guerreiros...

— Então — Bureig murmurou —, não vá acabar com tudo estragando a isca. Deixe os dois aí quietos por enquanto.

Quando os homens se afastaram, e Geraint adormeceu, exausto, Enid pensou em tudo o que acontecera nas últimas horas. Não sabia se seu casamento poderia sobreviver ao cisma entre seus povos. Porém, ela queria tentar, e sabia que Geraint queria tentar. Será que finalmente reaprendera a confiar no marido, ali, onde poderiam morrer?

Seria muito fácil entrar em pânico, deixar seu amor e sua preocupação por ele levá-la a derramar lágrimas inúteis. Contudo, recusava-se a desistir. Seriam capazes de se salvar. Pensando nisso, adormeceu.

Hartun e Bureig foram até eles antes do amanhecer e os fizeram se levantar. Caminharam por algum tempo e, quando a perna de Geraint o fazia vacilar, um deles o empurrava.

Por fim, se detiveram. Tudo ao redor eram florestas escuras encravadas na encosta da montanha. O gelo salpicava o chão. Embora devesse haver pássaros cantando àquela hora da manhã, era como se o mundo inteiro se calasse de medo do *troll*.

Hartun apontou para um lugar no chão; ambos olharam e viram uma fenda escura.

— Ele está esperando ali! — avisou Hartun.

— Mas ele vive num buraco? — perguntou Geraint, duvidoso.

Enid percebeu a exaustão na voz do marido.

— O buraco é só o começo das cavernas dele — Bureig explicou. — Elas continuam para sempre, e a magia dele faz a pessoa se perder, em vez de encontrá-lo.

Enid trocou um olhar significativo com Geraint. Era um bom começo. Se houvesse uma série de cavernas, existiria outra saída.

— Isso quer dizer que vão nos desamarrar? Geraint quis saber.

— Não até estarem lá dentro — retrucou Hartun. — Estou oferecendo uma caçada ao *troll*. Que graça teria se ele não pudesse caçá-los?

— Aposto que ele iria preferir sua corda mágica — Geraint falou.

— Ele vai conseguir uns pedaços de volta... em torno de vocês. — Hartun olhou

para o parceiro. — Me ajude a atirá-los lá para dentro.

Enid não acreditava que eles seriam libertados. Tentou enfiar o pé num galho ou algo parecido, mas não havia nada. De novo, viu-se jogada dentro de um buraco e, dessa vez, a queda foi vários metros mais funda. Quando ela bateu no chão, a terra macia cedeu sob seu peso. Geraint aterrisou perto dela com um gemido e não se mexeu por um instante.

— Geraint? — ela chamou, aflita.

— Não vai ter graça se ele estiver morto — disse Hartun.

Geraint gemeu outra vez e abriu os olhos.

— Não estou morto. Então, e quanto à caçada? Você prometeu nos libertar.

Um punhal caiu pelo buraco e enterrou-se no chão entre os dois.

— Espero que consigam alcançar! — gritou Bureig. — Isso vai ajudar também. — Lançou várias tochas sobre eles.

— Bureig! — repreendeu Hartun. — Está desperdiçando nossa luz com eles!

— Mas pensei que fosse uma caçada! De que jeito eles enxergariam para fugir?

Enid mal os ouviu discutir. Concentrou-se em se retorcer até a posição certa para poder pegar o punhal. Quando conseguiu, colocou-o entre os pulsos e cortou a corda. O sangue escorreu em suas mãos, e sua carne parecia picada por agulhas. Porém, mais uma vez, a magia da corda desvaneceu. Depois de soltar os nós, ela passou a faca pelas amarras de Geraint. Ele esticou as mãos, mexeu os pés e, quando tentou se levantar, à perna direita dobrou-se sob ele. Enid o amparou.

— Oh, vocês não serão páreo para um *troll* — disse Hartun, com fingida simpatia. — E não fiquem tendo idéias de voltar por este caminho. Vamos esperar aqui por um bom tempo para ter certeza. E para ouvir uns gritos, é claro.

Enid o ignorou. Olhou em torno da caverna, que conduzia a uma pequena área de teto baixo com paredes úmidas e cobertas de musgo. Ossos estavam espalhados por toda parte, como se mais de um animal ou pessoa tivesse caído ali. De um lado, onde a penumbra parecia aumentar, ela divisava a abertura de um túnel.

— Feiticeira, tem um plano? — Geraint perguntou, apoiando-se a uma parede e esfregando a perna;

Enid esboçou um leve sorriso.

— Para evitar o *troll*, claro, o que pode ser difícil se ele conseguir mudar nossa percepção das cavernas. Ou devemos encontrá-lo e negociar nossa fuga?

— Temos pouco com que barganhar, a não ser alguns pedaços cortados de uma corda encantada.

— Não tenho mágicas para invocar que pudesse ser de ajuda para nós. Se chegarmos perto dele, eu poderia envolver-me em sombras, mas isso não o protegeria. Talvez você devesse esperar aqui.

— Não deixarei que você entre lá sozinha — Geraint afirmou, com veemência.

Um punhado de pedregulhos choveu em cima deles, vindo do alto. Hartun parou na beira do buraco, inclinando-se para vê-los.

— Vamos logo com isso!

— Alguém está ficando impaciente. — Geraint tirou a pederneira e o bastão de aço

do bolso do colete e acendeu uma tocha. Manquitolou para o fundo da caverna, abaixando-se por causa da altura do teto.

Quanto mais se aproximavam do túnel, mais Enid sentia-se inquieta. O próprio chão sob seus pés parecia formigar.

— Magia — ela murmurou.

— Pensou em algum modo de usá-la?

— Eu a sinto, muito distante. Bureig disse que o *troll* tem magia suficiente para impedir alguém de encontrá-lo, mas talvez isso também nos ajude a evitá-lo.

Ele ergueu a tocha, dirigindo-a para dentro do túnel. Nada, a não ser a escuridão até a distância que puderam ver.

— Você sentirá quando ele chegar mais perto? — Geraint perguntou.

— Eu creio que sim. Foi o que aconteceu quando nos encontramos com o mago.

Ele sorriu e estendeu-lhe o punhal.

— Com tais talentos, você deveria ir na frente.

— Espere. — Ela ergueu o gibão até as coxas para alcançar a camisa.

— Por mais que eu goste da vista... — Geraint começou.

Enid revirou os olhos. Com o punhal, cortou várias tiras da barra da camisa.

— Sente-se e tentarei estancar o sangue de sua perna. O ferimento na coxa de Geraint era um rasgo de três dedos de largura, provocado pelo porrete pontiagudo. Porém, havia uma mancha de um vermelho vivo ao redor, que a deixou assustada. Ela não disse nada porque certamente os olhos de Geraint revelavam a ele a mesma coisa. Com todo o cuidado, ela apertou a atadura com firmeza.

— Pronta? — ele indagou.

Enid inclinou-se e o beijou. Por um momento, deixou que o calor dos lábios de Geraint a acalmasse.

— Agora, estou pronta — murmurou.

Geraint afagou-lhe a face com um sorriso cheio de ternura, e Enid pensou no sangue vital que se esvaía dele, debilitando-o a cada instante. Tinham de escapar dali depressa.

Assumindo a liderança, pegou a tocha com uma das mãos e o punhal com a outra. Geraint seguiu-a, carregando as tochas não usadas. Enid só conseguia enxergar o chão a uma curta distância adiante; tudo o mais era escuridão. Teias de aranhas pendiam do teto baixo e se enroscavam em seus cabelos. Ela fez o melhor para queimá-las com a tocha sempre que possível, mas não poderia se permitir perder tempo: afinal, quanto tempo as tochas ainda durariam?

Ratos passavam correndo por ela ocasionalmente, porém, como não sentia magia conforme eles se aproximavam, ela os ignorou. Ao ouvir um bufo de desgosto do marido, olhou por sobre o ombro e viu que ele fazia uma careta.

— Correu em cima do meu pé. Detesto ratos. Mordendo o lábio para não sorrir, Enid virou-se e continuou caminhando, curvada. Chegaram a uma bifurcação no túnel, e ela hesitou apenas por um breve instante antes de seguir para a esquerda. No túnel da direita, a magia do *troll* a chamava, sombria, mesquinha e repugnante,

Enid não tinha idéia de quanto tempo se passara. Continuou a dar voltas,

afastando-se do *troll*, mas ele parecia sempre à sua frente. A tocha começou a faiscar, fumegando, e tiveram de acender outra antes que a primeira se apagasse. Aos poucos, o túnel começou a se inclinar para cima, dando a impressão de que subiam mais para dentro das colinas, o que não poderia ser boa coisa.

Enid fez uma volta e, de repente, o teto se ampliou, e as paredes do túnel se alargaram. Ela podia ouvir o som de água correndo, como se um rio subterrâneo fluísse em algum lugar ali perto. Endireitou o corpo, aliviada, e Geraint também, ao parar a seu lado. Ela o fitou, e não gostou do modo como ele transpirava; não estava tão quente ali.

— Ele está aqui? — Embora falasse baixinho, a voz de Geraint ecoou à distância.

— Não, ele não chegou perto, mas não o deixamos para trás. De que tamanho será esta câmara?

— E onde será o outro lado?

Começaram a caminhar para a esquerda, permanecendo perto da parede. Quando chegaram à margem do rio, perceberam que havia uma cascata acima deles, mas não conseguiram ver exatamente onde ela se originava, na caverna ao alto. Não poderiam atravessar o rio, pois era largo e veloz, de uma profundidade desconhecida. Então, acompanharam à margem e, em questão de uma hora, se viram no fundo da caverna, onde a água desaparecia sob uma fenda baixa com pouco espaço até mesmo para um barco passar. A parede levou-os de volta até onde tinham entrado no salão. Não havia nenhum outro túnel.

Geraint encostou-se à pedra úmida, respirando pesado.

— Vamos tentar atravessar o rio?

— E quem sabe morrer na tentativa. — Enid meneou a cabeça. — Embora seja o que ele quer que façamos, sinto que não é o caminho.

— E agora vamos procurar por ele?

— Que outra chance temos? Evitá-lo está nos levando para mais fundo nas colinas.

— Eu percebi.

— E nossas tochas não vão durar muito tempo. Acho que devemos procurar por ele e enfrentá-lo.

— É minha guerreira corajosa falando. Enid deu de ombros.

— Não quero lutar. Afinal, ele conhece a saída. — Enid olhou na direção da cascata, que estava oculta na escuridão. — Ele está lá em cima.

— Em cima?

— Vamos subir a margem do rio até onde ele entra na caverna. — Apreensiva, ela tocou-lhe a face e sentiu que Geraint estava quente.

Ele afastou-se.

— Perto da cascata?

— É uma queda d'água pequena. — Enid hesitou e baixou a voz. — Será que a subida será muito esforço para você?

— Não estou em minhas melhores condições, mas, até que comece a atrasá-la, continuarei a segui-la, minha querida.

O peito de Enid apertou-se de preocupação, mas tudo o que ela fez foi sorrir.

— Você gosta da vista por trás, hein?

A risada de Geraint soou cansada, mas ele a puxou para longe da parede.

— Vá em frente.

Voltaram à cabeceira do rio, e Enid olhou para cima, até onde as rochas desapareciam na escuridão. Sé por acidente caíssem na escalada, seriam arrastados para o fundo da caverna, onde o teto descia até o rio. Precisavam ser muito cuidadosos.

— Será difícil manter a tocha seca — Geraint ponderou, parando ao lado dela. — E se o *troll* esperar acima de nós? Estaremos vulneráveis naquelas pedras, incapazes de ajudarmos um ao outro.

— Ele ainda não está perto. Posso sentir sua magia. Ele sabe a nosso respeito e acha que pode nos derrotar. Vamos plantar uma pequena dúvida nele.

— Mas a dúvida poderia torná-lo ainda mais perigoso.

— Talvez. Porém, nossa única vantagem é o conhecimento antecipado. Temos de avançar depressa. Eu subirei primeiro, e tentarei achar o caminho mais fácil para sua perna.

— Você se preocupa demais, Enid.

Ela mordeu o lábio, mas não disse nada.

— Mas isso me reconforta — murmurou ele.

Enid observou-o arranjar as tochas na mão, tentando deixar um braço livre para ajudar na subida.

— Geraint, deixe que eu as carregue.

— Não, Você precisa segurar o punhal e a tocha. Eu me arranjo.

Contudo, à medida que subia o paredão rochoso, com o punhal preso na cintura, ela percebia como Geraint se movia lentamente atrás, o quanto as tochas e o ferimento impediam-lhe o progresso. Sempre que achava um apoio fácil, ela virava sua tocha para trás, tentando iluminar o caminho até que ele pudesse chegar mais perto. Logo, Enid não conseguia mais enxergar o chão atrás, e perdera a noção do tempo. Seu mundo se estreitara ao círculo difuso da luz da tocha, ao ressoar da água caindo, às pedras molhadas e escorregadias acima dela, e a Geraint, lutando para subir.

Ouviu o baque de algo caindo e virou-se para vê-lo se inclinar para a escuridão.

Geraint praguejou antes de dizer:

— Não está longe. Posso alcançá-la.

— Se for só uma, deixe-a aí.

— Não, precisamos de todas.

— Devo descer até onde você está?

— Apenas segure a tocha na minha direção.

Tudo eram trevas quando ele estendeu a mão para baixo, sob a pedra em que se postava. Enid viu as pernas de Geraint tremendo, e preocupou-se que, fraco como estava, pudesse cair de cabeça. Voltou vários lances, mas ele puxou a tocha perdida para o campo de visão e exibiu um sorriso satisfeito.

— Peguei.

— E o resto?

— Está amontoado sob meus pés. Vá em frente, Enid, continuo a segui-la.

Por intermináveis minutos, ela prosseguiu a escalada, segurando a tocha longe da bruma causada pela queda d'água. A chama oscilou várias vezes, e Enid rezou para que continuasse acesa, pois com um terreno tão precário, como ela encontraria a pederneira e o bastão na bolsa à cintura para acendê-la?

Olhou por sobre o ombro, mas não viu o marido.

— Geraint?

Não houve resposta. Em pânico, ela desceu, escorregando entre duas lajes, espetando o dedo dolorosamente e batendo o cotovelo. Pouco a pouco, a luz alcançou a face erguida de Geraint. Ele estava sentado, com as tochas entre os pés, arfando. Quando ela chegou a seu lado, ele a dispensou com um gesto.

— Vá — sussurrou. — Só preciso de um momento de descanso. Eu a alcançarei.

— Não vou, Geraint. Você está ferido, e isso está drenando suas forças. E tenho medo do veneno de uma infecção.

— Já estive muito pior do que isto.

— E foi tratado de imediato, em vez de ficar vagando pelas cavernas úmidas de um *troll*. Eu carregarei as tochas.

— Enid...

— Eu sou aquela abençoada com a força, meu marido. Use meu cinturão para prender as tochas às minhas costas.

Não foi preciso muito para convencê-lo, o que só aumentou o medo de Enid. Juntos, deram um jeito de prender as tochas extras às suas costas e, quando ela se levantou com facilidade, o ceticismo de Geraint desapareceu.

— Espero que não tenhamos de voltar por este caminho — disse, ao ficar de pé. Vacilou apenas por um instante, antes de controlar-se. Enid tentou não revelar sua preocupação crescente.

— O *troll* vai nos mostrar um caminho melhor.

— Que generosidade a dele!

Livre das tochas e com o punhal na cintura, Geraint conseguiu manter-se logo atrás dela, embora Enid soubesse que o desgaste do marido era severo. O musgo úmido crescia entre as rochas e se desfazia a seus pés, escorregadio. Várias vezes, Enid levou a mão para trás para ajudar Geraint a transpor uma passagem difícil, e ele aceitou seu auxílio sem reclamar. Por quanto tempo mais ele prosseguiria? Será que ela teria de carregá-lo... ou deixá-lo?

Na pressa para chegar ao topo, uma pedra soltou-se sob sua pressão, despencando atrás dela, cada baque ecoando em seqüência ao outro. Largou a tocha para não cair. A chama apagou-se, e ela se agarrou ao paredão, em meio às trevas. Gritou o nome de Geraint.

— Estou aqui! — ele respondeu, no mesmo instante. Era difícil ouvi-lo com o fragor da água jorrando.

Enid quase soluçou de alívio.

— A pedra não o atingiu?

— Não, mas a tocha, quase. Foi bom você ter gritado avisando.

Enid tentou não deixar que uma risada histérica lhe escapasse. Gritar avisando? Ela esperava que sua falta de jeito não o matasse mais à frente.

— Peguei a tocha quando a luz apagou! — ele gritou.

— Quer que eu a acenda de novo para você?

— Você pegou a tocha? — ela indagou, incrédula.

— Graças aos deuses! Precisa de minha pederneira e do bastão?

— Posso pegar os meus.

Enid esperou no escuro, agradecida pelo descanso. Abaixo de si, podia ver as fagulhas que Geraint arrancava, mas nenhuma chama pegava.

— Acho que esta tocha não vai mais acender. Espere aí e vou subir para ajudá-la a acender outra. Não estou muito atrás.

Não estava, mas a subida foi dolorosamente lenta. Se pelo menos ela pudesse enxergá-lo... Mais de uma vez, Enid quase insistiu para descer até ele, mas sabia que o orgulho de Geraint ainda o dominava. Por fim, ela o escutou arranhar a parede em busca de apoio logo abaixo.

Tateando até encontrar a mão dele no escuro, Enid o puxou para cima. A seu lado, ele se ajoelhou, respirando pesadamente por vários minutos.

— Estou sentada em um córrego de água — disse ela. — Deveríamos matar nossa sede.

Enid o ouviu resmungar, e percebeu que Geraint tentava rir, apesar do cansaço.

— Primeiro preciso de outra tocha para acender. — Ele arquejou.

Quando Enid virou as costas para ele, Geraint puxou uma tocha. Em minutos, as fagulhas atearam fogo na mecha, e uma chama quente ganhou vida. Enid começou a enxergar aos poucos o rosto cansado e pálido do marido, e ele lhe pareceu maravilhoso.

Geraint sorriu.

— Não precisa me olhar desse jeito. Não sou um fantasma.

— Mas está pálido como um.

— De fome, claro. Não é seu estômago que eu ouço roncando?

— Consegue ouvir com tanto barulho? — Aconchegou-se a ele, pousando a cabeça em seu ombro. Geraint estava vivo, quente e forte, e ela o manteria assim. — Beba primeiro, meu amor. Sinto que o *troll* começou a se mover.

— Ele sabe que estamos aqui? Ela deu de ombros.

— Talvez sinta que não fomos enganados por sua magia. Mas deve estar curioso agora. Beba, e vamos continuar.

A água era salobra, mas fresca e reconfortante. Enid pediu para examinar as ataduras, mas Geraint estava impaciente para continuar. Devia estar sangrando e quis esconder isso dela. Quando estivessem no próximo túnel, ela verificaria as bandagens. Ele precisava agüentar até lá.

Enid continuou a escalada, ignorando os protestos dos músculos cansados. Eles continuariam a obedecer ao seu comando por força da vontade e da magia. Conseguiria carregar Geraint, se chegassem a esse impasse?

Finalmente, sentiu algo diferente, uma amplidão ao alto, em vez de uma

interminável extensão de pedras. Ergueu a tocha e continuou a subida usando apenas uma das mãos, até que alcançou o solo plano. O rio corria veloz bem ao lado, rumando para a queda na caverna abaixo.

— Estamos no topo! — exclamou, e deitou-se para estender a mão ao marido.

Quando ele agarrou-lhe a mão, Enid conseguiu puxá-lo pelo resto do trecho. Geraint desabou de costas a seu lado, ofegante. Ela aproximou a tocha do ferimento e viu a mancha úmida de sangue nas bandagens.

— Não vamos a lugar nenhum até eu enfaixar isso de novo — disse, com firmeza.

Sem protestar, ele murmurou:

— Sim, capitã.

Conforme tirava a atadura encharcada, Enid tentou não pensar no sangue que se esvaía, nem em perder Geraint. Tinha de concentrar-se, pois pressentia que precisaria salvar a ambos.

Depois que terminou, levantaram-se e caminharam para o próximo túnel.

— Ele está perto? — perguntou Geraint.

— Ainda não. Mas há uma mudança significativa na sensação que vem dele, uma invocação de força... de magia.

Seguiram andando, o rio corria ao lado, quase em silêncio agora. Passaram várias vezes por pequenas grutas que levavam a lugar nenhum, embora com frequência houvesse pilhas de ossos empilhados lá dentro.

— Fizemos uma volta errada — disse Geraint, quando pararam para um gole de água.

Enid levou a água na mão em concha até a boca, e então franziu a testa.

— Não fizemos nenhuma volta neste túnel.

— Mas já estivemos aqui antes.

Ela levantou-se e o estudou, mas Geraint não parecia febril.

— Talvez a magia do *troll* esteja funcionando em você, Geraint. Confie em mim. Não passamos por este caminho antes. Veja, o rio está sempre à nossa direita, e não saímos de perto dele.

Geraint encarou-a, obviamente desorientado, e meneou a cabeça.

— Você deve ter razão, é claro. Mas eu *sinto* isso, com certeza.

Enid olhou adiante, para onde o túnel desaparecia na escuridão.

— Estamos mais perto agora. O *troll* pode estar se sentindo desesperado. Não creio que ele esteja mais no mesmo lugar.

— Então, vamos depressa.

Mas cada vez que passavam por uma caverna, sentiam que tinham de procurar lá dentro, o que os atrasava. Podia haver comida ou armas para ajudá-los na busca. Na quinta cova, quando Enid ergueu a tocha, vislumbraram um par de olhos injetados de sangue e ouviram o guincho sibilante de um animal furioso.

Ao som do guincho, Geraint recuou instintivamente, puxou Enid para trás de seu corpo e tirou-lhe a tocha da mão. Investiu com a chama outra vez, e agora que conseguia enxergar, pôde ver o que era aquilo: um morcego, incrivelmente grande, do tamanho de

um cachorro. Chiava e batia as asas para eles, mas não queria soltar o que tinha encontrado. Aquilo que estava devorando.

— Geraint! — Enid gritou. — Ele está enfeitiçado, foi mudado para um mau propósito.

— Ou para um bom. Quem sabe para derrotar um *troll*.

Porém, o propósito do morcego não importava; precisavam defender-se dele. Só a chama da tocha o continha. Geraint colocou a tocha dentro da gruta, e o morcego guinchou de novo. O teto era muito baixo para que o bicho saísse voando. Sobre a comida, o animal bateu as asas, sem ter para onde fugir. Quando avançou sobre eles, Enid saltou para o lado de Geraint, com o punhal na mão.

Ele queria protegê-la e derrotar o monstro, mas sentiu a própria fraqueza, e conhecia a força de Enid. Estava perdendo depressa toda capacidade de ser útil a ela. Em breve, teria de insistir para que a esposa o deixasse para trás. Mas não estava acabado ainda. Obrigou-se a sustentar bem alto a tocha, em vez de tentar impedi-la de agir.

O morcego guinchou novamente, as presas gotejando do que deveria ser sangue. Enid, cheia de infinita coragem, avançou sobre ele, e logo a criatura não tinha mais para onde recuar; só lhe restava atacar. Geraint quis gritar para avisá-la, mas ela era muito bem treinada para não saber o que fazer. Pisou nas pernas do bicho, que, furioso, atirou-se sobre ela. Com um golpe do punhal, ela o cortou ao meio. O animal caiu num monte úmido sobre o chão de terra.

Por um instante, Geraint recostou-se à parede rústica, banhado de alívio. Enid estava de pé olhando para o morcego. Com uma expressão de nojo, ela murmurou:

— Por que o *troll* permitiu que uma criatura dessas perambulasse por suas cavernas?

— Talvez ajudasse mais do que atrapalhasse. Ele poderia usá-lo para buscar comida. Estava se alimentando de alguma coisa ali.

Geraint ergueu a tocha e viu o corpo de um homem, ainda reconhecível, embora o animal já tivesse devorado uma das pernas. Enid fez uma careta.

— Não está morto há muito tempo.

— E encontrou o caminho até aqui, perto do *troll*, sem sucumbir à magia enganadora. Será que também tinha as suas próprias artes mágicas?

Enid fechou os olhos, e Geraint viu a intensidade da concentração espalhar-se por sua face. Algum homem tivera um dia uma parceira melhor, em batalha ou na cama?

— Não sei o que é, mas há alguma coisa... Traga a luz para mais perto.

Juntos, olharam em silêncio para o homem morto, vestido com cota de malha e túnica, com um escudo e uma espada, agora inúteis, ao lado dele.

— Olhe as botas! — ela exclamou, de repente. Geraint ergueu a tocha bem sobre elas. Não eram feitas de couro; do que eram feitas, então?

— Vê o jeito como a luz brinca sobre o material... vê os padrões e as formas? — ela indagou, a voz se elevando de excitação. — Geraint, eu ouvi dizer que elas estavam perdidas para o homem. Agora sabemos por quê.

— Ouviu falar dessas botas?

— Eram dos famosos *Wind Walkers*, os Andarilhos do Vento. Faziam quem as

usava sentir-se leve por magia, capaz de caminhar grandes distâncias num piscar de olhos. Elas poderiam nos ajudar.

— Talvez por isso o morcego estivesse mastigando a perna do homem. Será que o dono queria as botas?

— Se tivermos sorte, sim. Agora temos com o que barganhar. Vou tirá-las dos pés dele.

Geraint abaixou-se para ajudá-la, mas a caverna começou a girar ao seu redor, e ele se endireitou depressa. Detestou a fraqueza das pernas trêmulas e a forma como o ferimento agora queimava sem parar.

— Eu posso fazer isso — Enid murmurou, endereçando-lhe outro de seus olhares preocupados.

Tirar as botas dos pés do morto foi mais difícil do que era de se supor, como se elas não quisessem deixar o dono. Enid puxou-as com força até, por fim, tê-las nas mãos. Examinou-as com admiração respeitosa.

— Não se parecem com nada que eu tenha tocado antes.

Geraint deslizou a mão por elas; o material era escorregadio e muito macio.

— Vamos experimentá-las.

— Acha que é seguro dentro das cavernas? — ela indagou. — Andar numa velocidade impossível poderia nos fazer ir de encontro às paredes.

— Não foi isso que matou o último dono. E, além disso, se suas preocupações são verdadeiras, uma pessoa não iria correr de encontro às árvores e colinas lá fora? Talvez a magia das botas guie quem as usa. Vou calçá-las.

Quando foi tirá-las de Enid, ela empurrou-lhe a mão.

— Geraint, não. E se você as usar e viajar para tão longe de mim que eu não possa mais ajudá-lo?

— Eu voltarei — ele insistiu.

Enid cravou os olhos em sua perna ferida.

— E se você não puder? *Eu* devo usar as botas. Segurarei sua mão, e a magia deve funcionar para nós dois.

Embora quisesse protestar, Geraint sabia que o raciocínio dela era o mais lógico. Abraçou-a, sentindo a maciez de seus cabelos contra a face.

— Estou preocupado com você — sussurrou. — Assumi uma responsabilidade muito grande. E tudo por minha causa.

Ela o apertou com carinho antes de soltá-lo.

— Não só por sua causa. E eu faria tudo de novo. Seus olhares se encontraram, a paz instalou-se na alma de Geraint. Juntos, eles sobreviveriam.

Enid inclinou-se e calçou as botas. Endireitou-se, e ele a encarou.

— Como se sente?

— Como se tivessem sido feitas para serem usadas por mim.

Falou com uma reverência que o deixou incomodado. Mas parecia ela mesma quando estendeu a mão para pegar a sua, segurando a tocha ao alto com a outra.

— Segure firme, Geraint. Vou dar apenas um passo. Ele usou uma das mãos para

apertar a dela, e a outra para segurar as botas que Enid tirara. No entanto, quando ela deu um passo à frente, foi lançada com força para longe, e Geraint ficou sozinho no escuro.

— Enid? — Ele não gritou, com receio de atrair a atenção do *troll*. E se ela não conseguisse voltar? Talvez as botas a levassem para fora da própria colina. Ou de volta ao dono delas.

De repente, a luz da tocha o cegou, e Enid estava ali, sorrindo. O alívio foi tão grande que Geraint sentiu-se exausto. Ou talvez a fraqueza não o abandonasse mais.

— Perdoe-me, Geraint, mas não consegui segurá-lo. A força que me empurrou era muito grande.

— Então, você deveria tirar as botas.

— Não, elas agem como eu pensei. Com apenas um passo, eu percorri o caminho todo até o fim do túnel do rio, e não muito longe do próprio *troll*. A magia delas é poderosa a seu modo.

— Mas se eu não puder segurar sua mão...

— Vai subir nas minhas costas. Afinal, minhas roupas foram junto, assim como a tocha. Mas precisamos nos apressar, pois o *troll* sabe que estamos perto.

Ela se virou de costas, e Geraint olhou-a com ceticismo. Ele ainda não conseguira expulsar a sensação de que machucaria uma mulher com seu peso. Mas Enid não era uma mulher comum. Geraint tirou as tochas das costas dela e amarrou-as às suas.

— Não posso segurá-lo, porque preciso de minhas mãos livres para me defender. Você terá de grudar-se a mim com toda a força, mas isso não vai me machucar.

Com um menear de cabeça, ele pegou a espada do homem morto, enfiou-a no cinturão e depois, com cuidado, passou os braços em torno do pescoço de Enid. Embora largos para uma mulher, seus ombros pareceram de repente muito frágeis.

— Enid, quando eu erguer minhas pernas, vá em frente.

Reuniu forças e, com um salto que fez a dor disparar por sua perna, ele apertou-lhe os quadris com as coxas.

Num instante, o mundo rodopiava, e Enid era a sua única âncora. A luz da tocha parecia deixar um rastro atrás deles naquela realidade incrível. Porém, um momento depois, estavam parados, e ele deslizou as pernas para o chão. Viu-se ainda agarrado a ela, e obrigou-se a recuar um passo.

— Está vendo onde estamos? — ela indicou, revelando empolgação na voz. — Mais perto da fonte do rio. — Apontou o caminho que haviam percorrido. — Quem sabe qual é o comprimento do túnel? O rio é mais estreito e mais raso aqui também, como se muitos riachos se juntassem ao seu leito até a caverna da cascata.

— Talvez devêssemos nos preocupar com o *troll* — Geraint disse, secamente, embora não pudesse deixar de se divertir com o deslumbramento infantil da esposa.

— Claro — ela disse, e sorriu.

— Vamos arriscar outro passo, ou ele está por perto?

— Por perto — ressoou uma voz mais grave e rouca. Só poderia ser o *troll*, ainda escondido nas sombras da caverna. Geraint quis puxar Enid para o seu lado, mas não podia arriscar-se a empurrá-la para longe enquanto ela estivesse usando as botas. Ela ficou tensa e inclinou a cabeça, como se procurasse sentir onde o *troll* estava.

Um som lento de pés se arrastando ecoou estranhamente ao lado do murmúrio suave do rio.

— Não chegue mais perto! — Geraint exclamou, indo postar-se ao lado dela.

Enid relanceou os olhos para ele.

— Se pelo menos eu tivesse tido tempo para tirá-las... A voz do *troll* os interrompeu.

— São bonitas, as suas botas. — Ele estava no limiar da luz da tocha, uma figura agachada, tenebrosa, com olhos faiscantes.

Geraint sabia que, sem tirar as botas, Enid não poderia lutar direito. E, mesmo que ele brandisse a espada do morto, estava fraco demais para proteger a ambos.

— Sinto a minha corda — o *troll* falou, ameaçadoramente.

— Eu estava amarrada com ela — retrucou Enid. — Eu a darei de volta a você de bom grado... em troca de nos mostrar o caminho para sair de seu reino. Mas serei honesta, a mágica sumiu.

— Eu poderia forçá-la a retornar.

— Os homens que a roubaram de você esperam do lado de fora do buraco, no terreno que conduz à suas cavernas — disse Geraint. O *troll* chiou.

— Agradeço a informação.

Ele se arrastou para mais perto e, com a luz, Geraint pôde ver seu corpo acorado, curvado com uma corcunda. Sua altura mal chegava ao peito de um homem, mas seus braços peludos pareciam bastante fortes. Os cabelos eram compridos, e uma barba desmazelada mascarava as feições. Porém, os olhos espertos na face enrugada continuavam a correr de Enid para Geraint... e para as botas.

— Você derrotou a magia das minhas cavernas — o *troll* afirmou, num tom reprovador.

— Tenho a minha própria magia — Enid respondeu.

— Isso é para ser um duelo entre nós?

Não enquanto ela estivesse usando aquelas botas, Geraint pensou.

— Não tem de ser — respondeu ela.

— E se eu ficar com as botas e deixar vocês irem embora?

— Por que você faria isso? — Geraint franziu a testa. — Certamente somos outra refeição para você.

O *troll* deixou escapar um som sibilante, e seus ombros balançaram. Geraint achou que ele estava rindo.

— Refeições são fáceis de arranjar! — a criatura exclamou. — Humanos são tão crédulos... Mas essas botas são raras. Poderiam me ajudar. Uma noiva *troll* quer ouro e, com essas botas...

— Então você está de olho numa companheira — Geraint disse. Queria manter o *troll* falando, mas sua mente estava confusa.

— É solitário aqui. Você não me negaria uma noiva, não é? — ele perguntou, num tom choroso. — Tenho uma em mente, e ela é encantadora.

Geraint imaginou o que um *troll* consideraria "encantadora".

— Estamos muito longe de nossa terra. Se lhe dermos as botas, como chegaremos em casa?

— Sua terra fica a sudoeste daqui?

— Sim.

— Podem deixar o rio levá-los para casa. Passa sob as colinas, e os manterá a salvo de intrusos.

— Mas não de outros *trolls* — contestou Geraint.

— Viajarão através da minha terra e da terra de minha futura noiva. Ninguém lhes fará mal. Irão em minha jangada. Mas preciso das botas.

Enid relanceou os olhos para Geraint e depois de novo para o *troll*.

— É uma troca justa. Vou tirar as botas, mas não as darei a você até termos visto a jangada.

— E precisaremos de provisões — emendou Geraint.

— Não tenho nada que sirva para humanos, além da água em que vão navegar. Embora a carne de um padre particularmente gordo possa ser macia o bastante para tentá-los — o *troll* disse, num tom malicioso. — Eu a reservei para uma ocasião especial.

Geraint viu Enid empalidecer antes de retrucar:

— Não, mas agradeço sua oferta. Afaste-se enquanto eu tiro as botas.

O *troll* arrastou os pés, recuando, obediente, saindo do halo de luz, e Geraint sentiu que não enxergá-lo era bem pior. Porém, pegou a tocha da mão de Enid e montou guarda enquanto ela se sentava para tirar as botas. Até mesmo o peso da tocha fazia seu braço doer, e ele mal conseguiu controlar o tremor. Tinham de livrar-se depressa do *troll*, antes que a criatura percebesse que só teria de se preocupar em enfrentar sua mulher. Geraint nunca se sentira tão desesperado e inútil. Olhando para baixo, viu que Enid alisava as botas com carinho.

— Enid?

— São tão lindas... — ela sussurrou.

O som de pés arrastados fez Geraint erguer os olhos, mas a criatura continuava fora do círculo de luz.

— Enid, tire as botas.

Ele se inclinou e ergueu a cabeça da esposa. Ela o fitou, com ar deslumbrado, os olhos faiscando sob a chama da tocha.

O *troll* soltou uma risada sibilante.

— Objetos mágicos não gostam de deixar o dono. Seria uma pena ter de matá-la por causa dessas botas.

— Enid, tire-as! — ordenou Geraint, em tom mais autoritário.

Ela correu a língua pelos lábios e concordou com a cabeça. Puxou com força por vários momentos e, finalmente, a primeira delas saiu. Colocando-a de lado, lutou com a segunda bota. Quando estavam ambas descalçadas, Geraint lhe entregou as botas que segurava e começou a se sentir melhor.

Enid ficou de pé, endereçando ao marido um olhar constrangido. Pegou as botas numa das mãos, enquanto a outra pousava no cabo do punhal.

— Mostre-nos a jangada — disse ao *troll*.

— Força de vontade suficiente para derrotar o apelo da magia! — a criatura exclamou. — Estou impressionado.

Geraint viu o *troll* inclinar a cabeça numa mesura, com ar zombeteiro, antes de recuar.

Caminharam por várias centenas de metros, sempre seguindo o rio. Quando chegaram a um riacho afluente, o *troll* seguiu por ele, entrando numa caverna mais funda. Em lugar algum naquele pequeno trecho Geraint vira tochas; a criatura devia ser capaz de enxergar no escuro. Se a tocha que tinham se apagasse, o *troll* estaria em vantagem.

A caverna se estreitava ao longo do riacho, e o *troll* parou. Enid ergueu a tocha, e ambos viram uma jangada feita de troncos.

— Isso parece bastante reforçado — disse Geraint —, mas não sobreviveremos à queda d'água.

O *troll* concordou.

— Do outro lado do rio, pouco antes da cascata, o rio se bifurca. Um pequeno braço segue através de uma série de cavernas e se junta de novo ao rio principal num ponto mais adiante. Eu navego por esse rio para visitar minha futura esposa. Pode ser feito.

— Mas estamos levando embora sua jangada — Enid ponderou.

— Agora eu terei as botas — retrucou ele, revelando os dentes escuros num sorriso. — Provarei minha lealdade dizendo a vocês que devem continuar nesse rio até a segunda aparição do céu. Se forem mais longe, a jangada despencará em outra cachoeira. Devem deixá-la à margem do rio e continuar para o sul a pé, que logo chegarão a um rio. É estreito e tem uma ponte. Sua terra deve ficar em algum lugar além, porque vocês não são das colinas. — Estendeu a mão cobiçosa. — Agora, as botas.

Geraint abaixou-se e desamarrou a jangada.

— Não até termos embarcado.

— Mas você vai levá-las de mim! — o *troll* exclamou, com o começo de um choramingo na voz.

— Por nossa honra, não faremos isso. — Enid jogou uma das botas aos pés da criatura. — Isso é para mostrar nossa lealdade. São inúteis para nós dois, neste instante.

Pisou na jangada, e a embarcação balançou sob ela. Quando estava sentada, segurando o remo no colo, Geraint testou a jangada cautelosamente com seu próprio peso. Embora balançasse outra vez, pareceu bastante segura.

— Não tente nos seguir, *troll* — avisou. — Como sabe, podemos sentir sua magia. E minha senhora é capaz de destruí-lo... sem precisar de magia alguma.

O *troll* inclinou-se numa mesura para Enid.

— A bota — repetiu, um pouco mais aflito.

Geraint afastou a embarcação da margem do rio e ajoelhou-se no meio da jangada. Enid jogou a segunda bota para o *troll* e, conforme o riacho fazia uma curva para juntar-se ao rio principal, vislumbraram a criatura afagando as botas.

— Acho que ele não se arriscará a nos seguir — ela murmurou.

Geraint entregou-lhe a tocha, pegou o remo e usou-o para manter a jangada no meio do rio.

— Espero que não. E espero que tenha nos dado as orientações corretas. Agora, preste atenção à queda d'água e veja onde o rio se separa.

Navegaram pelo que pareceram horas. Geraint continuou com a impressão de que veria o *troll* surgir de repente atrás deles, mas isso não aconteceu. Estava tenso e alerta, usando toda a energia para impedir a mente de se concentrar na dor latejante que parecia se espalhar pela coxa direita até o quadril.

Por fim, ouviram o rugido crescente da cachoeira. E, por causa do pequeno círculo de luz da tocha, o riacho afluente apareceu tão subitamente ao lado que Geraint foi forçado a remar com toda a força para empurrá-los para sua corrente. Mesmo assim, a força do rio principal ameaçava arrastá-los. Por fim, deslizaram para dentro de um novo túnel e começaram a lenta descida, que os levou em círculos para mais fundo na colina. Geraint limpou o suor da testa e manteve o remo pronto para corrigir a posição.

— Deixe-me assumir um turno — Enid insistiu.

Ele não recusou. Sentou-se, agradecido, nos troncos rústicos e desejou poder dormir. Mas não se atreveu, não até que estivessem bem longe do *troll*.

A caverna estreita gradualmente abriu-se ao alto, e o riachinho uniu-se de novo ao rio principal. A jangada girou várias vezes com a força da correnteza veloz, mas Enid usou o remo com uma eficiência que logo os posicionou de novo para a frente. O estrondo da queda d'água ficou para trás, sumindo aos poucos. Conforme a mente de Geraint devaneava, ele esperou que o resto da viagem transcorresse sem incidentes. Pensou em seus homens, imaginando como se sairiam em sua ausência. Teriam ido à procura de seu pai? Será que um exército se reunia naquele instante para enfrentar os saxões?

— Geraint! — Enid gritou de repente. — Quando exploramos aquela caverna, vimos o rio correr para dentro do túnel seguinte por baixo da parede. Acho que vamos emborcar!

Ela olhou para o rosto do marido, pálido e sujo sob a luz da tocha. Os olhos de Geraint pareciam circundados de vermelho. A pele brilhava com a transpiração, embora o ar dentro da montanha fosse frio. Ele virou a cabeça para olhar rio abaixo, como se pudesse ver o fim traiçoeiro da caverna além do fecho de claridade.

— O *troll* mentiu — ele disse, numa voz sem emoção.

— Talvez a jangada possa deslizar por baixo, se nos deitarmos.

— E quanto às tochas? Se pelo menos tivéssemos pensado em pedir um oleado para enrolá-las...

— Meu gibão é de couro. Terá de servir. Segure o remo.

Enid tirou o gibão depressa pela cabeça, ficando apenas com uma camisa longa, rasgada nas coxas, de onde ela tirara as ataduras. Trocaram o remo e o gibão entre si. Geraint prendeu a tocha acesa entre as coxas e, inclinando-se de lado, enrolou as tochas ainda não usadas no gibão da mulher.

— Enid, deite-se de barriga para baixo no último instante. Segure no remo e na jangada. Eu cuidarei das tochas.

— Talvez eu devesse...

— Ainda sou bastante capaz — ele resmungou, nervoso.

Sem comida ou remédio adequado, quanto tempo mais a energia do marido duraria? Então, ela teria de segurar a tocha e remar a jangada.

E Geraint poderia morrer.

Com o peito apertado e os olhos cheios de lágrimas, Enid virou a cabeça e, com raiva, impulsionou a jangada para a frente. Tinha de ser forte o bastante para ambos.

A parede da caverna assomou de repente acima deles. Com um último empurrão na margem para manter a jangada centrada, ela se deitou de bruços ao lado de Geraint. A jangada bateu contra a parede e um canto deslizou por baixo da fresta; ficaram entalados.

Os dois se entreolharam.

— Devemos nadar para a praia? — ela perguntou.

— E andar o caminho todo até em casa? Isso levaria semanas, e você teria de me deixar para trás. Devemos confiar em nosso trato com o *troll*. Mas, se a sua respiração começar a faltar, abandone a jangada e salve-se.

— Não vai acontecer. Não senti nenhuma maldade real no *troll*. Vamos nos soltar.

Enid tirou o remo de sob o corpo, e Geraint fez o mesmo com as tochas enroladas. Ambos firmaram as mãos na parede e empurraram, forçando a jangada para baixo. A água subiu pelos troncos, ensopando-os. Conforme escorregavam sob o túnel, a água subiu mais ainda. Por fim, Enid foi forçada a prender a respiração conforme o rio os engolfava e a tocha se extinguia.

Com os dedos cravados na jangada e as costas raspando sem cessar contra o teto do túnel, eles seguiram sacudidos pela correnteza forte. Os pulmões de Enid ardiavam. Em pânico, ela imaginou quanto tempo conseguiria agüentar. Então, sentiu Geraint deslizar para longe de seu corpo. Com gestos aflitos, buscou por ele e agarrou-o, com o remo ainda preso sob seu peso.

De repente, a água escorreu de seus ouvidos, e ela pôde erguer a cabeça. À medida que o ar entrava por suas narinas, ela respirava, agradecida.

— Enid?

Tateando, ela encontrou a mão de Geraint e segurou-a.

— Sim, estou aqui, meu amor. Sobrevivemos.

Porém, estavam numa escuridão absoluta. Ela remexeu-se para virar de costas, e depois levantou a mão bem alto, mas não tocou o teto.

— Precisamos chegar à margem e tentar acender uma tocha — disse Geraint. — Ainda tem o remo?

— Sim. Vou tentar atracar.

Quando se ajoelhou e endireitou o corpo devagar, Enid sentiu-se terrivelmente vulnerável em meio àquelas trevas. Continuava curvada, como se o teto fosse chocar-se contra ela, mas conseguiu remar, e logo o leito do rio raspou o fundo da jangada. Com um último impulso forte, ela lançou a embarcação contra a margem.

Geraint rolou em sua direção com o impacto, e Enid o agarrou. Ele estava tremendo.

— Você poderia me avisar da próxima vez, antes de usar essa sua força incrível — ele reclamou.

Ela afagou-lhe a cabeça e beijou-lhe os cabelos molhados.

— Perdoe-me.

— Você nos trouxe para terra. Acho que posso lhe conceder meu perdão. Vou tentar acender uma tocha. Segure a jangada.

De joelhos, ela o seguiu até a margem lamacenta e ficou ali, com os dedos cheios de farpas de madeira agarrados à jangada. Ouvia a respiração pesada de Geraint enquanto ele desenrolava as tochas.

— Finalmente, temos sorte — ele murmurou. — Uma está úmida, mas as outras duas parecem secas. E minha pederneira e o bastão ainda estão na bolsa.

Várias fagulhas surgiram brevemente no escuro e morreram. Então, fez-se uma chama, e a tocha acendeu-se. Enid correspondeu ao sorriso do marido com outro, radiante.

Os estômagos de ambos roncaram em uníssono, e eles caíram numa risada trêmula.

— Talvez quando virmos o céu pela primeira vez, possamos parar e caçar uma refeição — Geraint disse, entregando-lhe o gibão.

— Mantenha as tochas embrulhadas. Não podemos nos arriscar a perdê-las.

— Mas você vai pegar um resfriado.

— Nunca fiquei doente, Geraint. Você verá. Quando os narizes de nossos filhos escorrerem, e eles acordarem à noite com tosse, poderei cuidar deles sem cair gripada.

A risada de Geraint terminou num sorriso ligeiro, cheio de ternura.

— Você será uma mãe maravilhosa.

— E você um ótimo pai.

— Está dizendo...

— Não, não estou grávida. Mas o futuro ainda nos espera, Geraint, e chegaremos lá.

Ela segurou a mão do marido a tempo de sentir um calafrio sacudi-lo. Levantou-se e disse:

— Temos de levá-lo para o ar livre, onde poderemos fazer uma fogueira para nos aquecer. Está pronto para ir?

Ele olhou ao redor.

— Nunca mais quero ver uma caverna de novo. Vamos para a jangada.

Assim que embarcaram e começaram a se mover, a correnteza tornou-se ainda mais veloz, à medida que mais riachos se juntavam ao rio. Enid observou Geraint dormir, com a tocha enfiada entre o braço e o corpo. Ficou contente que ele pudesse descansar, mesmo naquelas condições. Quando o marido despertou, horas mais tarde, achou que ele parecia febril, mas ele não deixou que o tocasse. Insistiu que poderia manear o remo enquanto ela descansava.

Para sua surpresa, Enid caiu no sono no mesmo instante e, em seus sonhos, seus filhos riam, correndo em torno de suas saias.

Acordou sobressaltada quando a jangada arrastou-se no chão. Ao abrir os olhos, esperou encontrar Geraint caído, exausto, e a embarcação presa contra a parede da caverna. Mas, em vez disso, as estrelas cintilavam ao alto, e a lua crescente brilhava sobre ela. O influxo de poder ferveu em seu âmago, mas Enid o ignorou. Embora Geraint ainda segurasse o remo com cuidado, o último esforço devia ter cobrado seu preço, pois ele começou a desabar lentamente de lado.

Enid estendeu a mão e o firmou, ainda mantendo a tocha acesa na outra.

— Você conseguiu, meu marido. Desfrute de seu merecido descanso.

Geraint balançou a cabeça contra seu ombro e mergulhou na inconsciência. Ela arquejou ao sentir o calor que irradiava da pele dele através das roupas molhadas e sujas.

Murmurou-lhe o nome, sacudiu-o, mas Geraint não respondeu. Enid arrastou-o para fora da jangada, enfiou a tocha na lama e, depois, rapidamente, puxou a embarcação para terra, antes que flutuasse para longe.

Por um instante apenas, ela pôs as mãos nos quadris e olhou ao redor. Ao luar, podia enxergar o terreno que se estendia, com as colinas a cercá-los de todos os lados. A quietude da noite só era quebrada pelo som de um animal em algum lugar à distância. Certamente não haveria nenhum habitante humano com que se preocupar. Ela iria arriscar-se a acender uma fogueira, de qualquer forma. Precisava aquecer Geraint e examinar-lhe o ferimento.

Depois que o fogo estava alto e forte, Enid estendeu seu gibão para secar. Quando tirou a calça rasgada de Geraint, viu que o ferimento na coxa, após vários dias sem tratamento, estava infeccionado. Ela vira mais de um homem perder a perna por causa de uma condição assim. Usando outro pedaço da camisa, limpou a ferida profundamente, arrancando restos da calça que tinham se alojado dentro dela. Geraint se debatia o tempo todo. Embora isso tornasse seu trabalho mais difícil, ela ficou feliz ao ter de segurá-lo, nem que fosse para provar a si mesma que ele ainda lutava para viver.

Porém, o pior de tudo foi usar o punhal em brasa para cauterizar o ferimento. Geraint acordou com um grito de dor antes de desmaiar de novo. Enid ficou tremendo, desesperada. Seria tarde demais para salvá-lo?

Embora a lua chamasse incessantemente por ela, Enid continuou a velar pelo marido, molhando-lhe os lábios e banhando-o com a camisa molhada na água do rio. Ocupou-se dele até a pele de Geraint finalmente parecer fria ao toque, e o sono se tornar mais calmo. Ele começou até a risonar de leve, e Enid soltou uma risadinha enquanto as lágrimas escorriam por sua face.

Ao erguer os olhos mais uma vez para a lua, viu-a baixa no horizonte, mais fraca agora, porém ainda disponível para ela. Tinha de renovar seus poderes naquele instante, ou arriscar-se a perdê-los para sempre.

Pela primeira vez, ela se questionou sobre aquilo que de fato queria.

Quando olhou para o semblante de Geraint, soube que o amava além de toda a razão. Queria ser sua esposa de todas as maneiras, continuar a seu lado, dar-lhe filhos. E, embora ele parecesse aceitar tudo o que Enid trouxera com ela na busca para ajudar o povo de Donella, ela sabia que o pai dele, o povo *dele*, nunca entenderia ou aceitaria. Se continuasse como era, uma discípula da Dama do Lago, ela seria para sempre uma forasteira.

Enid queria o amor de Geraint; queria a confiança do marido. Era hora de desistir da magia que a tornava diferente. Não precisava mais disso. Por meio da própria inteligência e da força de vontade, haveria de assegurar que a tribo de Donella e o povo da Cornualha jamais se enfrentassem em um campo de batalha. E ela confiava no marido para se comprometer com o mesmo ideal.

Quando a lua desceu pela linha do horizonte, Enid observou-a sumir, sentiu sua apreensão no calafrio que a percorreu e, então, percebeu que sumia, por fim. Aliviada e confiante, aconchegou-se ao lado do marido e adormeceu.

Quando Geraint acordou, sentiu-se como se tivesse lutado em uma batalha... e perdido. Seus músculos doíam, extenuados, porém sua coxa não mais queimava. Ao mexê-la, uma onda de dor o fez pestanejar e se encolher, mas era suportável.

Tinham navegado pelo rio durante toda a noite anterior? Ele perdera a noção de tempo. O sol estava alto e as colinas assomavam sobre ele de todos os lados, dando a impressão de isolá-lo do mundo.

Ele se ergueu nos cotovelos e olhou ao redor. Embora não visse Enid, a evidência da presença dela estava por toda parte. As roupas haviam sido estendidas nas moitas para secar. Uma grande fogueira queimava, e a carne de um coelho assava no espeto. De olhos fechados, ele aspirou o cheiro delicioso, e sua boca encheu-se de água. Percebeu que estava nu, mas o calor do sol e do fogo fazia-o sentir-se quente e confortável. Podia ver a cicatriz enegrecida na coxa, mas não havia sangue nem pus. Estava sarando.

Então avistou Enid, e sua respiração pareceu parar. Ela estava nua, a não ser pelas ceroulas abaixo dos quadris. Caminhava em silêncio pelo mato alto, cada passo cauteloso e cheio de determinação, atenta, com os ouvidos em alerta. Carregava o remo, que ergueu devagar como uma lança. Geraint viu a ponta aguçada que ela desbastara nele apenas um momento antes que ela o jogasse com força. O corpo elegante arqueou-se de triunfo, os punhos se agitaram no ar, os seios balançaram em compasso com os movimentos dos músculos.

Ela se tornara seu mundo inteiro. Como podia não ter percebido isso antes? Deixara-se preocupar tolamente com lealdade, como se tal mulher alguma vez pudesse expressar emoções falsas. Uma mulher desleal já o teria deixado para trás muito tempo antes. Enid não precisava dele para sobreviver, como comprovava durante a jornada. Encontrara o *troll*, conseguira tirá-los de dentro das cavernas, cuidara dele e estava prestes a alimentá-lo. Para que precisaria dele, a não ser como marido?

Não o abandonara porque o amava, porque era fiel a ele. Suas próprias dúvidas o fizeram sentir-se um homem mesquinho, indigno de Enid. Porém, ela devia ter achado algo bom nele. Jamais duvidaria dela outra vez.

Achou ter deixado escapar um arquejo porque Enid ficou imóvel e o encarou, o pânico e a preocupação evidentes na face. Geraint sentou-se, mudou a careta para um sorriso e acenou para a esposa. O sorriso dela reluziu mais brilhante que o sol, e ela correu em sua direção. Mais uma vez, ficou boquiaberto diante de sua graça e beleza.

— Geraint! — Ela caiu de joelhos ao lado do marido e lhe empalmou a face com ambas as mãos. — Sua febre se foi. Como se sente?

— Cansado, mas bem. Você me curou, minha esposa adorada.

Ela sorriu.

— Posso ter ajudado, mas o tempo, o descanso e a água fizeram a maior parte do trabalho. Já é nosso segundo dia aqui.

— Não é de admirar que eu esteja morrendo de fome. — Geraint desviou um olhar cobiçoso para o coelho no espeto.

— Claro! Consegui fazê-lo engolir uns bocados hoje de manhã, e acabei de matar outro coelho. Nós dois juntos estamos com fome suficiente para comer uma dúzia deles. Mas vamos começar com esse, enquanto eu preparo o próximo.

Geraint segurou-lhe a mão quando Enid ia se levantar. Ela o fitou com um olhar interrogativo.

— Você comeu? — ele indagou, com doçura, acariciando-a no braço.

— Claro. E prometo comer mais. O coelho que acabei de caçar é bem gordo. Haverá bastante comida. Se tudo estiver bem com você, creio que poderemos ficar aqui mais outra noite, comer, descansar e recuperar as forças. Sei que nosso povo deve acreditar que estamos mortos... — ela acrescentou com preocupação, o olhar desviando-se para o sul.

Nosso povo. Geraint adorou ouvir aquilo.

— Sim, mas não de compreender que tivemos de nos manter vivos para voltar para eles. Tenho certeza de que meu pai em breve se reunirá à tropa, já que mandei avisar sobre a incursão dos saxões.

— Devem estar guardando luto por você.

— Não por muito tempo. Estaremos de volta amanhã à noite. Os cavalos não poderiam ter nos levado para muito longe. — Bateu no chão a seu lado. — Volte logo, Enid, e descanse.

Ela lhe deu um beijo rápido e depois relanceou os olhos para a ereção que ele ostentava. Arqueando a sobrancelha, disse:

— Se um simples beijo faz isso...

— E sua encantadora nudez.

— Então, é melhor eu me apressar.

Embora estivesse cansado, Geraint não conseguiu dormir e ficou observando-a trabalhar. Haveria tempo mais tarde para um cochilo... e para outras coisas.

Quando o sol declinou no horizonte, e as roupas estavam secas, Geraint viu com pesar que Enid vestia a camisa. Ele desfrutara de cada momento do dia com ela, mesmo observando-a comer. Porém, quando o céu da noite começou a mostrar-se, ele finalmente permitiu à mente entregar-se a necessidades mais básicas. E queria que a esposa soubesse que ele aceitava *tudo* o que ela era.

Enid sentou-se perto dele, aquecendo as mãos no fogo, e depois lambeu os dedos da gordura da carne.

Geraint hesitou, imaginando como ela iria encarar suas perguntas, porém decidiu fazê-las do mesmo jeito.

— Enid, não fique com receio de que eu pretenda censurá-la, mas estou curioso.

Ela franziu a testa, com o dedo ainda na boca.

— Conte-me como você treinava os homens.

O dedo saltou de seus lábios com um som suave e úmido, que fez o sangue de Geraint pulsar nas veias. Ela respirou fundo.

— Treinava em... técnicas de combate? Ele meneou a cabeça.

Enid afastou-se do fogo e enlaçou as mãos no colo, demonstrando «m nervosismo que ele lamentou. Geraint pegou-as e levou-as aos lábios; depois as virou e beijou-lhe as palmas. Ela arquejou.

— Quero saber tudo sobre você, até mesmo essa parte de seu passado — ele murmurou suave. — Quero passar por essa experiência e fazer dela algo que compartilhemos também, torná-la só nossa de agora em diante.

Ela o encarou, muito séria.

— Você sabe que eu jamais entregaria meu corpo a outro homem.

— Confio em você. Mas me mostre... ensine-me. Finja que sou um homem que ainda não sabe como agradar uma mulher.

Geraint sentou-se e esperou. Por um momento, julgou que ela iria recusar. Sem fitá-lo nos olhos, Enid disse:

— Nenhum homem jamais me deu o prazer que você me dá.

— Eu sei.

Ela o encarou, surpresa, e compartilharam um sorriso. O de Enid desapareceu devagar, conforme ela o estudava. Então, levou a mão para trás da cabeça e soltou os cabelos. Lavara-os no rio, e estavam limpos e macios.

— Há coisas mais importantes para uma mulher do que o que existe entre suas pernas — ela começou.

— Sim. — Ele pousou a mão em seu seio e o apertou de leve.

Enid afastou-o, tentando não sorrir.

— Não, você trai a sua juventude, rapaz. Uma mulher quer ser valorizada por algo mais do que a necessidade de um homem de possuí-la. Pense nela como uma gatinha, a ser mimada e elogiada. Espero que você a conquiste com a mesma gentileza antes mesmo da brincadeira noturna.

— Preciso?

— Sim, precisa. Fale comigo, escute-me, importe-se com aquilo que digo. Não precisa concordar com tudo, mas deve estar disposto a se comprometer. Respeito significa tudo para uma mulher. Quando tem seu respeito, você tem o início da verdadeira intimidade.

Geraint cometera muitos erros com ela. Achava que a respeitava, mas no fim não demonstrara sua confiança. Passaria uma vida inteira compensando-a por isso. Porém, agora, continuaria a representar seu papel.

— Agora, posso tocá-la?

— Não. Vamos começar com os cabelos de uma mulher.

— Os cabelos entre...

Enid cobriu-lhe a boca com a mão e tentou parecer muito séria.

— Como todos os homens, você é muito apressado. Paciência é a chave, rapaz. Escute apenas, e não fale. Passe suas mãos por meus cabelos, delicie-se com a suavidade dos fios enquanto dá à sua parceira o presente de sua gentileza.

Ela se inclinou, e Geraint enterrou as duas mãos na massa dourada dos cabelos revoltos, correndo os dedos pelos fios macios. Deslizou os polegares sobre sua testa, e depois atrás, pela cabeça.

Ela ronronou em resposta.

— Ah, você aprende rápido, rapaz.

— Ensine-me mais — ele murmurou, já não confiando na própria voz.

— Um beijo não deveria ser um assalto, ou um encontro súbito e indesejado das línguas.

— Não posso beijá-la? — ele indagou, deixando o desespero à mostra.

— Eu não disse isso. Apenas comece com suavidade, pois a pele de uma mulher é mais delicada que a sua, e deve ser tratada como tal. Depois, se você for bem-sucedido, ela irá de encontro aos seus esforços com mais entusiasmo. E você pode corresponder da mesma forma.

Estavam próximos, encarando um ao outro, e tudo o que Enid fez foi erguer o rosto. Geraint pousou os lábios sobre os dela, gentilmente, mais de uma vez, explorando cada curva úmida e macia. Sua respiração se acelerou.

— Posso beijar mais pontos da face?

— Claro. Mas continue gentil.

Enid, porém, agarrou-lhe a túnica com uma pressão que traía as próprias necessidades.

Geraint beijou-a em cada parte do rosto, do nariz à testa e às pálpebras. Mordiscou-lhe o queixo, apertou suavemente o lóbulo da orelha entre os dentes, e depois ficou a milímetros dos lábios dela mais uma vez.

Enid tinha a boca entreaberta e estava arfante. Eles se fitaram nos olhos.

— Ouvi dizer — ele começou — que um homem pode usar a língua.

Enid lambeu os lábios.

— Sim, más não de um modo intrusivo, molhado. Lambidas suaves, cadeias lentas que levam a uma exploração mais paciente. Isso funciona melhor para acalmar as preocupações de uma donzela inocente.

— E depois? Posso beijá-la com todo o ardor mais tarde?

Enid gemeu.

— Ah, sim, claro...

Ele correu a língua pelos lábios rosados antes de afundá-la lentamente para dentro.

— Ela deve corresponder da mesma forma?

— Dê-lhe uma chance — ela falou, com um toque de excitação na voz.

Geraint invadiu-lhe a boca com mais ousadia, e Enid encontrou a língua dele com a sua, acariciando-a, provando-a.

— Eu deveria gostar disso tanto assim? — ele murmurou ofegante contra os lábios dela.

A voz de Enid era apenas um sussurro rouco.

— Sim...

Beijaram-se por longos muitos, até que Geraint interrompeu o contato.

— Agora, posso tocar as partes femininas?

— Não, você ainda quer ir muito depressa!

— Os beijos não foram apressados!

— Suas carícias também não devem ser. Cada parte da pele de uma mulher é sensível, da curva do ombro à ponta dos pés.

— Mas ela já não está nua?

— Não. Você deveria fazer isso, pois ajuda a aumentar a excitação de uma mulher.

— E ela vai me despir?

Enid mordeu o lábio, e Geraint adorou aquele sorriso que o provocava.

— Talvez não nas primeiras vezes — ela admitiu. — Como virgem, ela não saberá o que fazer até que você a ensine. Se conseguir deixá-la tranqüila, ela vai querer tirar suas roupas para lhe dar prazer... e dar prazer a si mesma.

Geraint tateou a linha do decote da camisa de Enid, deixando os dedos escorregar por baixo para tocar-lhe a pele. A tensão que sentiu nos músculos o alvoroçou, como se ela não pudesse mais se conter.

— Por onde eu deveria começar? Não quero assaltar as partes femininas mais sensíveis tão cedo.

A risada de Enid soou rouca e baixa.

— Mais tarde, quando se conhecerem melhor, ela pode gostar disso. Mas, por enquanto, acaricie-a com gentileza sobre as roupas, começando pelos braços e seguindo para os seios.

Ele deslizou um dedo pela elevação do seio rijo e foi recompensado com um arquejo.

— Não posso começar daqui?

Enid agarrou-lhe a mão antes que ele pudesse avançar mais e colocou-a sobre o ombro.

— Sinta a pele de uma mulher, perceba como ela é diferente de você. Comece a soltar suas roupas enquanto a acaricia.

— Você não está usando muito coisa.

— Sua parceira poderia não estar também.

Ele explorou a linha da clavícula como se fossem os ossos delicados das asas de um passarinho. Acariciou os músculos flexíveis dos braços, circundou os pulsos e examinou os dedos longos. Quando Enid arqueou-se para ele, oferecendo voluntariamente os seios, Geraint controlou-se e correu as mãos pelos quadris e pelas pernas. As coxas estavam nuas debaixo da camisa, flexíveis e fortes ao toque. Sentiu a ondulação de arranhões e ferimentos nos joelhos e inclinou-se sobre eles, cheio de um respeito reverente por tudo o que ela havia superado.

— Posso beijar os ferimentos de uma mulher? — perguntou, hesitante.

— Sim, por favor — ela sussurrou.

— Posso beijar suas pernas, e não apenas acariciá-las?

A resposta foi um gemido. Enid estendeu-se de costas no chão, arqueando os quadris, como se precisando que o amante se debruçasse sobre ela. Porém, não ainda. Não tinham acabado as aulas.

Geraint beijou os arranhões e as cicatrizes, correu a língua pela trilha atrás dos joelhos e pelas panturrilhas até os tornozelos. Beijou o caminho de volta e parou na barra da camisa.

— Posso beijar mais acima?

As coxas de Enid se entreabriram, num ato de rendição, mas, de repente, ela as fechou e sentou-se.

— Não, não da primeira vez. Vai assustar uma donzela, que não entenderá o

prazer de um ato de amor assim.

— Então, há prazer usando-se a boca? — Geraint perguntou, com ar de riso. — Ouvi rumores...

Enid fechou os olhos e comprimiu o peito com a mão. Depois de um momento, foi capaz de fazer uma carranca para ele.

— Mas você esqueceu o que vem a seguir, depois que acariciou os membros de uma mulher.

Geraint deixou o olhar correr preguiçosamente pelo corpo de Enid.

— Os seios?

Com sinceridade, ela explicou:

— São muito sensíveis. Não os trato com grosseria ou aperte com muita força. Você sabe como os genitais do homem são sensíveis, os seios de uma mulher são do mesmo jeito.

— Vai mostrar como são sensíveis os genitais de um homem?

— Mais tarde.

Ela apoiou as mãos no chão atrás de si, e os seios forçaram o pano fino e gasto da camisa. Geraint podia ver o halo cor de areia dos mamilos. Traçou o contorno com a ponta do dedo, e Enid gemeu. Ele contornou um mamilo e, com delicadeza, apertou-o entre os dedos.

— Ah, rapaz, você aprende depressa.

Ele se ajoelhou diante da esposa, sem nem mais perceber os próprios ferimentos. Empalmou os seios e os acariciou. Cada arquejo que arrancava de Enid era um prazer em si mesmo.

Puxou o cordão do decote, e o laço se desfez. Ela inclinou a cabeça para trás, e os longos cabelos escorregaram por seus ombros. A camisa abria-se a cada puxão. Primeiro foram revelados os ombros que, desnudos, brilhavam à luz do fogo; depois, as curvas superiores dos seios, em seguida, a peça escorregou para a cintura e os punhos. As pálpebras de Enid se entrefecharam, e ela correu a língua pelos lábios.

— Quando uma mulher se despe para você, ela está lhe entregando toda a sua confiança. Você nunca deve maltratá-la ou traí-la.

Geraint a encarou, pesaroso com as próprias ações, que deviam ter magoado muito a esposa. Enid arregalou os olhos.

— Eu não quis dizer que você... estou apenas falando o que digo aos meus alunos...

— Shhh... Eu sei.

Ele a beijou com suavidade e amor. Tomou, mais uma vez seus seios nas mãos e os ergueu na direção da boca. No último instante, fitou-a com um olhar interrogativo.

— Posso beijá-los agora? Ela gemeu.

— Pode usar a língua... suavemente no começo, é claro.

— Sem permissão?

Enid puxou-lhe a cabeça para baixo, e Geraint sugou o mamilo, provocando-a. Deitou-a de costas, para poder alcançar cada parte dela. Tratou-a como um território inexplorado, agora seu.

— Ah, isso é bom... Sua parceira vai gostar.

— Posso tirar o resto das roupas dela agora?

— Ela deixaria, contanto que você tenha cuidado bem dessas preliminares.

Enid tirou as mangas da camisa e ergueu os quadris, para que Geraint puxasse o resto das roupas. Ele hesitou, admirando-lhe a nudez.

— Posso tirar minhas roupas agora? — perguntou.

— Às vezes, uma mulher pode ficar tão envergonhada da primeira vez que não irá querer ver muito de você.

Afinal, os homens são muito diferentes das mulheres. Ele olhou para os pelos na junção das coxas de Enid.

— Estou vendo...

— Em algum momento, ela irá querer vê-lo por inteiro, tocá-lo e beijá-lo como você fez com ela, talvez até mesmo despi-lo. Você lhe ensinará isso à medida que lhe der prazer. Mas observe o ânimo em que ela se encontra da primeira vez, e dê o que ela precisa para se sentir à vontade com você.

— Posso fingir que você é uma mulher que não se importará de ver meu corpo?

— Claro. — Ela observou-o se despir.

Enid mal conseguia raciocinar, tão consumida estava pelo desejo de senti-lo sobre seu corpo, dentro de si. Brincar daquela forma era agradável. Porém, o mais importante era que não teria mais de se preocupar que Geraint se comparasse aos três homens que tinham se deitado com ela, por uma noite cada um. Ele precisava saber que aquelas atos entre professora e aluno nada continham das sensações gloriosas que compartilhava apenas com ele.

Ainda assim, o brilho malicioso nos olhos do marido a encantou, e Enid ficou feliz de representar seu papel. Ele se pôs de joelhos diante dela, e a ereção que exibia provava que estava mais que pronto. Quando estendeu a mão para acariciá-lo, Geraint recuou.

— Ela pode me tocar, mesmo na primeira vez? — perguntou, incrédulo.

Apoiando-se nos cotovelos, Enid sorriu.

— É provável que não da primeira vez, mas em algum momento ela vai perceber que tais coisas lhe dão um prazer muito grande.

Geraint pousou as mãos nos joelhos da esposa.

— Mas eu não consigo mais esperar. Como eu... como ela... — Parou como se não soubesse o que fazer a seguir. — Isso não vai machucá-la?

— Possivelmente da primeira vez. Quando um homem acaricia uma mulher, o corpo dela se prepara para o acasalamento. Porém, mesmo assim, o hímen precisa ser rompido. Depois disso, se a mulher compreender que a dor será breve, ela vai relaxar de novo em seus braços. Deite-se com ela primeiro. Deixe-a sentir sua pele contra a dela. Continue a beijá-la, a acariciá-la, enquanto ela se acostuma com o peso de seu corpo sobre o dela.

— Não vou esmagá-la?

— Não, se você segurar-se acima dela apoiado nos cotovelos ou nas mãos. E pode acariciar até as partes mais íntimas, embora, sendo tímida, a mulher talvez não fique muito à vontade da primeira vez.

Geraint entreabriu suas pernas e olhou entre as coxas.

— Como saberei o que fazer?

— Seja gentil. — A voz de Enid tremia. — Vai saber, pelos movimentos dela e pela respiração, pelos gemidos, do que ela gosta.

Geraint deitou-se na grama ao lado dela, deixando que suas pernas se enroscassem. Enid mal conseguia pensar, quanto mais ensiná-lo, mas prosseguiria com o jogo e encerraria seu passado. Ele correu a mão entre suas coxas, empalmando-lhe a virilha a princípio, e depois deslizando os dedos mais para o fundo, a explorá-la.

Ela fechou os olhos e tentou falar:

— Uma mulher... merece chegar ao seu próprio prazer, tal como um... homem, embora vocês possam ter de ensinar um ao... outro o que funciona melhor para ela. Ela poderia vivenciar isso antes ou mesmo enquanto você está... dentro dela.

Sentiu a ereção contra suas coxas, mas os dedos de Geraint ainda faziam mágica, circundando seu botão sensível até fazê-la gritar. Quando ele parou, Enid não conseguiu reprimir um gemido de aflição.

— Parei muito cedo? — ele indagou, contra seus lábios.

Ela arquejou, concordando. Dessa vez, Geraint deslizou os dedos para dentro de seu corpo.

— Aqui está — murmurou, como se estivesse orgulhoso de suas realizações.

Enid virou o rosto de lado e tentou não dar uma risadinha. Mas Geraint começou a beijá-la de novo, e ela o envolveu com os braços. Os dedos continuaram provocando-a, a boca buscou-lhe os seios e logo ela se contorcia contra ele, atingindo o clímax, dominada por uma paixão que compartilhara apenas com o marido. Quando ele deslizou sobre seu corpo, Enid entreabriu as pernas para recebê-lo, e Geraint acomodou-se, o sexo rijo tocando-a intimamente.

— Lembre à mulher para dobrar os joelhos — ela balbuciou. — Ajuda da primeira vez. Então você pode se comprimir suavemente contra ela até...

Com uma única estocada, ele a penetrou, e Enid foi tomada por uma onda de prazer.

— Sim, assim mesmo...

— Agora, o que devo fazer? — A voz dele estava rouca de tensão.

— Oh, Geraint...

Enid arqueou-se contra ele, desesperada, mas ele não reagiu, embora seus músculos tremessem e sua respiração fosse pesada.

— Não quero me enterrar dentro dela e machucá-la — ele disse, por entre os dentes cerrados.

— Não, não da primeira vez, embora depois ela vá gostar de mais entusiasmo. — Os detalhes começavam a lhe escapar. — Mas ela pode ficar dolorida da primeira vez e, portanto, você precisa entrar e sair devagar, e ensinar a ela o ritmo do ato de amor.

Mordiscando-lhe o lábio inferior, ele murmurou:

— Ensine-me o ritmo.

Ela se moveu, os quadris subindo e descendo, abarcando toda a extensão do membro rijo e depois o soltando. Investiu com mais força, e Geraint foi ao seu encontro de

um jeito cada vez mais ousado. De repente, ele estremeceu e ficou imóvel para, em seguida, ser sacudido por espasmos violentos. Enid o abraçou e prendeu-o com as pernas, desejando jamais soltá-lo.

Geraint apoiou-se nos braços para se erguer, mantendo-se unido a ela, e fitou-a.

— Perdi a cabeça, professora. Eu a machuquei?

Enid fez que não, tentando controlar o choro ante as emoções que o marido despertava nela. Tornara-se uma torrente de lágrimas desde o casamento; ela, que um dia tivera a feroz impassibilidade de um guerreiro.

Ele inclinou-se e mordiscou-lhe o lábio.

— Tenho permissão para fazer isso de novo?

— Não da primeira vez, é provável — ela respondeu, rindo. — E você nunca deve deixar sua parceira imediatamente. Abrace-a, fale com ela, mesmo enquanto você vai adormecendo. Mostre que ela significa mais para você do que um alívio físico.

Geraint rolou para o lado e aconchegou as costas de Enid contra o corpo. Puxou a camisa sobre os dois, como uma manta. Acariciando-lhe os cabelos com ternura, perguntou:

— Passei?

— Você superou todas as minhas expectativas. — Enid rolou de costas e o encarou. — Geraint, saiba que, quando fiz isso de verdade, nunca troquei comentários desse tipo com meus alunos. Eles não falavam, a não ser para fazer perguntas sérias de vez em quando. Ouviam e faziam o que eu pedia. E nunca... nunca permiti que me proporcionassem prazer verdadeiro. Ensinava-lhes isso, mas não demonstrava.

— Uma relação assim não deve ser confortável.

— Existem certos óleos — ela murmurou, sorrindo. Depois, fitou-o, esperando revelar na expressão o amor que sentia por ele. — Só com você eu me entrego por inteiro aos sentimentos que compartilhamos.

Ele a beijou suavemente.

— Obrigado.

Na tarde seguinte, navegaram com a jangada através da próxima colina, felizmente menor que a última, e atracaram antes da queda d'água, como o *troll* os instruíra. Foi um trajeto curto descer a última encosta até a beira do rio, onde encontraram a ponte de pedra que o atravessava. Geraint mancava por causa da perna direita, mas continuou assegurando a Enid que estava bem. Por dentro, ele se sentia ao mesmo tempo aliviado, ansioso e preocupado. Os saxões já teriam invadido a Cornualha? Será que seu pai se encontrava naquele momento em combate? Apontou para sudoeste.

— A Cornualha fica lá, apenas a alguns quilômetros de distância.

Enid o fitou.

— E você sabe que a tribo Donella fica entre nós e a Cornualha.

— Está preparada para me apresentar a seu pai?

Enid arregalou os olhos.

— Temos tempo? Não deveríamos ir ao encontro de seu pai? Os saxões...

— Mas eu preciso de um dos meus mais importantes aliados. Ele certamente nos arranjará cavalos para terminar nossa viagem.

— Claro.

A empolgação de Enid era contagiante, e Geraint forçou-se a pôr de lado as preocupações. Seu pai estava bem preparado, e a reunião poderia esperar mais um dia. Fazia muito tempo que Enid não via a família.

Pelo resto da manhã, ela caminhou e ele mancou, afastando-se do rio e penetrando na floresta. Enid, por fim, parou e inclinou a cabeça. Olhou para trás e sorriu no momento em que dois homens saltaram das árvores e aterrissaram diante dela. Estavam vestidos com túnicas de couro, e ambos traziam arcos nas mãos.

Geraint e os homens estacaram, hesitantes e tensos, mas Enid caiu na risada.

— Quin e Teague, não olhem como se não se lembrassem de quem eu sou.

Ambos se inclinaram numa mesura para ela. Enid sorriu e lhes deu um tapinha nos ombros. Quin olhou para Geraint outra vez.

— Enid, você veio com um estranho. Ficamos preocupados que fosse sua prisioneira.

Geraint revirou os olhos.

— Como se ela fosse me deixar fazer isso. Enid tomou-lhe o braço.

— Permitam-me apresentar meu marido, o príncipe Geraint, da Cornualha.

Teague fez um ar cético.

— Druce nos contou que você tomou um parceiro que não é da nossa tribo. Seu pai achou difícil de acreditar.

— Isso é porque ele não conhece meu marido — retrucou ela, empertigada. — Prossigam, e os seguiremos para a vila.

O otimismo de Geraint desapareceu conforme ele seguia a esposa pela floresta. E se o pai dela não aprovasse aquele casamento? Seria o motivo final para que a tribo Donella se voltasse contra a Cornualha?

Enid, porém, parecia confiante e sem medo. Assim que a floresta expandiu-se em pequenas campinas, onde casas de teto de palha se esparramavam, ela começou a cumprimentar a todos. Crianças corriam para abraçá-la, mulheres deixavam o trabalho nas hortas para sorrir e acenar.

Enquanto prosseguiram pelo caminho, ela explicou:

— Esta é uma das muitas vilazinhas que compõem nossa tribo. Cultivamos a terra, mas principalmente caçamos nossa comida. A casa de meu pai fica logo além do próximo monte. — Ela sorriu. — Não é tão impressionante quanto um castelo, mas serve para nós.

Ao subirem a colina e olharem para baixo, Geraint viu o orgulho de Enid quando ele avistou a casa do chefe tribal. Construída de madeira, esparramava-se por entre as árvores, tornando a floresta parte da própria casa. Enfileirados diante dela estavam dezenas de guerreiros, armados de espadas e, mesmo assim, usando arcos às costas. No centro, havia um grupo de pessoas vestidas em túnicas drapeadas.

Quando várias mulheres começaram a se adiantar, um homem ergueu a mão para detê-las, e depois caminhou na direção dos dois, seguido por um garoto quase de sua altura. O chefe tribal era alto, loiro e sem barba, e seus cabelos começavam a se tingir de branco. No entanto, exibia o porte orgulhoso de Enid, e até mesmo o nariz parecido.

Enid correu para abraçá-lo.

— Papai, é tão bom ver o senhor!

— Você foi embora faz muitos meses, filha. Sentimos saudades.

A voz do homem era terna e cheia de amor, mas seu olhar dirigiu-se, firme, para o novo genro. E aqueles olhos avaliaram Geraint profundamente. Ele esperou pelo julgamento, não de todo tranqüilo. Mesmo o rapaz, talvez irmão de Enid, o observava com suspeita.

Ela se virou para ele e, com um sorriso nervoso, puxou-o para a frente.

— Papai, este é meu marido, o príncipe Geraint da Cornualha. Geraint, conheça meu pai, o chefe tribal Calder, da tribo Donella.

O rapaz encarou-a com um ar carrancudo.

— E meu irmão, Dermot — ela emendou depressa. Geraint inclinou-se numa mesura.

— Meu pai, o rei Erbin da Cornualha, manda seus cumprimentos.

— E o envia como seu embaixador? — o chefe perguntou, com a sobrancelha arqueada. — A pé e sozinho, a não ser por minha filha? E você parece que andou através dos charcos mais profundos para chegar aqui.

— Meu pai, de fato, me mandou, senhor, embora a razão de estarmos sem uma comitiva e cavalos, e vestidos tão pobremente, seja uma longa história. Na verdade, meu pai deve acreditar que estamos mortos, portanto não podemos atrasar nossa viagem por mais tempo. Neste momento, os saxões podem estar atracando no litoral da Cornualha.

— Druce nos informou. Venha até minha casa e explique-se, enquanto Enid conforta a mãe e as irmãs.

Geraint virou-se para a esposa. Ela o beijou rapidamente na face e correu para jogar-se nos braços das três mulheres, que riram e gritaram, abraçando-a.

De um lado do salão nobre, Enid espiou entre as árvores, que apontavam acima do teto de palha. Seu marido e seu pai conversavam, um diante do outro à mesa. Os semblantes continuavam muito sérios, e ela não sabia dizer se conversavam à vontade nem se poderiam gostar um do outro. Seu irmão, Dermot, sentara-se perto dos homens. Era óbvio que, embora ele ouvisse com interesse, às vezes sua mente devaneava, como de costume.

Sua irmã, Olwen, cutucou-a no braço.

— Deixe-os em paz, Enid. Para eles, existem perigos no mundo mais importantes que seu casamento. Mas não para nós!

Enid riu e voltou-se para a família, sentando-se numa almofada no círculo que formavam. Sua mãe, Moira, ainda não conseguira conter uma lágrima ocasional que lhe rolava pela face. Enid sabia que ela estava contente com sua felicidade. Porém, daquele momento em diante, a separação de ambas seria de meses, não de horas ou dias.

Olwen parecia a mesma, meiga e rechonchuda, grávida outra vez. Nos olhos dela, assim como nos da mãe, havia a sabedoria das mulheres, dons de cura e compreensão. Cinnia, a beldade da família, parecia mais adulta, como se ostentasse um novo conhecimento, agora que era uma mulher crescida.

E todas elas a fitavam com cautela, não se dando o trabalho de ocultar a preocupação.

Enid tomou as mãos da mãe nas suas.

— Não se preocupe assim, mamãe. Geraint é um homem maravilhoso, que me

ama tanto quanto eu o amo. Nós nos casamos apressadamente, é verdade, mas compreendemos e confiamos um no outro agora.

— E ele sabe de tudo? — Cinnia perguntou.

— Sim, sabe. Olwen suspirou.

— Então, ele é a razão de você ter desistido dos dons concedidos pela Dama do Lago.

Enid enviou-lhe um olhar admirado.

— A ausência deles é assim tão evidente?

— Claro, principalmente para nós, suas irmãs. A mãe suspirou.

— Por que você se arriscaria a uma coisa dessas, minha filha, quando sua missão ainda não está completa?

— Mas está, mamãe. Minha missão era aprender as técnicas de combate dos cavaleiros ingleses. Eu aprendi. Depois que os saxões forem derrotados, voltarei para ensinar nossos guerreiros. Geraint entende isso e, embora a princípio esse fato se interpusesse entre nós, ele confia em mim agora.

— Mas por que renegar os poderes que a tornavam forte, que a mantinham em segurança? — indagou a mãe.

— Porque eu não tinha mais necessidade deles. Quero ser uma, com Geraint e nosso povo, e não posso fazer isso quando sou diferente. A Dama me concedeu os dons como uma coisa temporária, não foi?

Olwen fitou-a com ar compreensivo.

— Ele é parte de sua família agora.

— Sim, ele é, e eu não desejo mais ser uma preocupação para Geraint, alguém cujo comportamento ele teria constantemente de explicar ao pai. Por favor, não se preocupe. Eu estou muito feliz.

Enquanto Cinnia consolava sua mãe, Olwen disse a Enid baixinho:

— Você não contou ao seu marido de sua decisão de abrir mão dos poderes.

Enid ficou tensa.

— Só aconteceu recentemente. Mas ele ficará aliviado.

— Então, por que não lhe conta agora mesmo? — perguntou Olwen, estreitando os olhos.

Não ocorrera a Enid que ela estivesse guardando algo do marido de novo. Porém, claro que, quando lhe contasse, Geraint concordaria que aquela notícia era boa.

— Vou encontrar o momento certo, eu prometo.

Dermot veio correndo levá-las para dentro do grande salão, e Enid viu Geraint e seu pai com canecas de cerveja nas mãos, mais à vontade do que quando conversavam um com o outro. Geraint sorriu quando a avistou. Cinnia apertou-lhe o braço e murmurou:

— Nossa, como você encontrou um homem tão bonito?

— Tudo começou por causa da minha perícia com a espada.

No salão, o chefe Calder parecia solene, e Enid podia afirmar que seu pai estava contente.

— Renovamos os laços de amizade entre nós e o povo da Cornualha — ele disse para os súditos e os membros da família reunidos ao redor. — Os mal-entendidos ficaram no passado. Devemos nos apoiar, se quisermos ter um futuro. Neste momento, um inimigo se aproxima.

Enid passou o braço pelo de Geraint e murmurou:

— É verdade? Os saxões chegaram?

— Sim. Seu pai tem notícias de seus batedores. Os saxões desembarcaram de seus navios na própria Cornualha. O rei Arthur está liderando um exército, mas pode não chegar a tempo. Meu pai, porém, resistirá com todas as forças, e seu pai está enviando soldados.

— Nós iremos também, naturalmente.

— Claro. Vamos partir pela manhã. Sua mãe foi postar-se ao lado do chefe.

— Calder, poderia nossa filha, Enid, ficar conosco, longe de tanto perigo?

Enid encarou-a, surpresa, enquanto o pai tomava a mão da esposa.

— Enid é uma guerreira, querida. Ela se equipara a qualquer homem nesse campo.

Olwen olhou com dureza para a irmã, que percebeu que o momento chegara.

— Papai — Enid falou —, mamãe só está preocupada porque soube que desisti dos poderes que a Dama me concedeu.

Geraint virou-se para ela, e Enid o encarou, em parte esperançosa, em parte receosa.

— Estávamos nas cavernas — ele disse, a face toldada de preocupação. — E você não pôde ir ao encontro da lua. Eu sinto tanto, Enid!

— Não. Foi antes de ontem, quando você se recuperava de seus ferimentos.

— Antes de ontem? — ele indagou com uma ruga na testa. — Você desistiu deles voluntariamente?

— Não tenho mais necessidade deles, Geraint. Só os utilizava para completar minha missão, e isso agora está garantido pela aliança da Cornualha com Donella.

Ele perscrutou-lhe a face, e a ternura nos olhos do marido falava de sua compreensão.

— Você continuaria sendo minha esposa, não importa o que houvesse — ele sussurrou em seu ouvido. — Meu pai teria aceitado o fato.

— Talvez. Mas eu *sou* sua esposa, Geraint, a princesa da Cornualha. Esse é o meu presente e o meu futuro. Aqueles dons mágicos são o meu passado, e eram apenas temporários. — Hesitou. — Ainda continuo sendo uma guerreira. Posso acompanhá-lo e lhe dar minha espada, meu braço.

Geraint sustentou seu olhar.

— E eu dou um valor imenso a isso. Não poderia separar-me de você, não agora.

Ela sorriu, aconchegou-se aos braços do marido, e viu Olwen inclinando a cabeça em aprovação.

Geraint e Enid partiram na manhã seguinte com cavalos descansados, trinta arqueiros montados e a promessa de mais reforços. Geraint sabia que Donella não contava ainda com a perícia de guerreiros montados, equipados com armaduras leves, mas se Enid servia como um indicativo, eles aprenderiam depressa.

Pensou de novo na habilidade daquela mulher e não pôde deixar de se preocupar com ela. Agora que sabia que Enid era vulnerável como qualquer outro soldado, descobrira-se temendo o combate que viria. Não poderia proibi-la, pois isso prejudicaria seu casamento outra vez.

Ela desistira de tudo pelo que tanto se empenhara por amor a ele. Embora fizesse pouco-caso, afirmando não ser sacrifício nenhum, ele sabia que não era bem assim.

Os batedores de Donella tinham estado atentos à confrontação iminente nas charnecas da Cornualha, e o chefe tribal afirmara a Geraint que sua pequena tropa já se reunira ao exército do rei Erbin. Não estavam muito longe de onde Geraint os deixara. Ele sabia que os patrulheiros de seu pai perceberiam a chegada de guerreiros montados, e assegurou-se de se postar, junto com Enid, visivelmente na vanguarda.

Foram saudados com grande alegria a alguns quilômetros de distância do acampamento, e Geraint foi informado da tristeza depressiva que recaía sobre o rei Erbin e seu exército diante da idéia da morte de seu herdeiro.

Conforme cavalgavam, na aproximação final, centenas de homens os receberam com uma aclamação de regozijo.

Geraint viu a incredulidade e a alegria no semblante do pai e, quando desmontou, foi cumprimentado com um abraço tão forte que mal conseguiu respirar.

— Pai... — arquejou.

O rei o soltou do abraço, só para estender os braços e fitá-lo, admirado.

— Quando os batedores me contaram sobre sua aparição milagrosa... Geraint, você não sabe como isso me fez sentir.

O rei clareou a garganta e relanceou os olhos para Enid. Embora parecesse constrangido pela exibição emocional, havia algo que ele escondia. A alegria de Geraint perdeu o brilho.

Enid foi arrastada para dentro de um abraço de seu escudeiro, Lovell, e os soldados de Geraint, um por um, esperaram a vez para celebrar com ela. Quando, por fim, se lembraram de se congratular com ele pela fuga, pareceram se desculpar pela exuberância com que tinham tratado Enid. Geraint apenas meneou a cabeça.

— Venha comer ao lado de minha fogueira e me contar tudo o que aconteceu — o rei disse, conduzindo Geraint e Enid pelos pavilhões coloridos espalhados pela charneca. Ao ver o filho mancar, Erbin franziu a testa, mas Geraint garantiu que estava se recuperando.

Após várias horas de boa comida, explicações e gratidão pela renovação das antigas alianças. Geraint viu Enid recolher-se ao pavilhão destinado a eles, e virou-se para se deparar com o pai a observá-lo, com uma expressão imperscrutável.

— O senhor conversou pouco com minha esposa, pai — disse, ao parar diante da fogueira. — Quando nos encontramos pela última vez, o senhor parecia disposto a aceitá-la.

— Eu estava... por você. — O rei Erbin enrugou a testa. — Porém, tenho ouvido coisas desde então, revelações que talvez você devesse ter conhecido antes de seu casamento.

— Admito a pressa — Geraint afirmou, com calma —, mas foi tudo para o melhor. Não me separarei dela.

O pai abriu a boca para contestar, quando de repente um soldado correu na direção dos dois. O rapaz arquejava, tentando falar.

— Acalme-se, rapaz — disse o rei.

— Perdoe-me... meu soberano — o soldado balbuciou. — Vim informar que vimos as fogueiras de nosso inimigo à distância. Estão concentrados numa longa fila a não muitos quilômetros daqui.

— Volte a seu posto, rapaz — o rei orientou. — Duvido que eles se movam esta noite. Informarei o capitão. Ao amanhecer, estaremos em guerra, sustentando a Cornualha na batalha pela Grã-Bretanha.

— O rei Arthur chegará a tempo? — indagou Geraint.

— Seu exército ainda está a alguns dias de distância. Espero que, quando chegar, possamos dar a ele a notícia da vitória.

Sonolenta, Enid virou-se no leito quando Geraint entrou no pavilhão. Sorriu quando ele começou a se despir. Às vezes, ainda não conseguia acreditar que, todas as noites, Geraint voltaria para ela, e que poderiam compartilhar até mesmo conversas simples.

— Procurei minha criada, Fryda, mas ela voltou ao castelo da Cornualha com Wilton. Parece que, apesar de seu breve tempo comigo, ela ficou abalada com a idéia da minha morte.

— Ouvi dizer que Lovell se derramou em lágrimas.

— Não provoque o meu escudeiro — ela disse, atirando uma almofada nele, de brincadeira.

Geraint sorriu de um jeito distraído. Quando se sentou ao lado dela, Enid pousou a mão em seu joelho e indagou, simplesmente:

— Os saxões estão perto?

— Sim. Nossos batedores viram o acampamento, embora não tão bem para estimar o número deles. Imagino que, pelo menos, irá se equiparar ao nosso.

— Tenho grande confiança em seu pai. Ele irá nos liderar para a vitória.

Geraint fitou-a de soslaio e depois desviou os olhos.

— Já que não é possível que duvide da capacidade de seu pai em batalha, devo imaginar que haja algo mais — Enid falou.

— Ele não foi tão caloroso com você hoje como um sogro deveria ser.

Enid mordeu o lábio, tensa, mas não surpresa.

— Ele teve tempo para ouvir as histórias de nossa viagem. Deve recluir por sua felicidade comigo. Provaremos que os temores dele são injustificados, eu prometo.

Geraint esboçou um sorriso.

— Você é destemida, mesmo diante da raiva de um rei. Ela inclinou-se para beijá-lo.

— Espere só até você me ver contra os saxões.

Não foi a coisa mais sábia a dizer, pois o sorriso de Geraint sumiu. Ele a encarou com uma expressão tão intensa de preocupação que Enid imaginou se ele tentaria proibi-la de participar da batalha. Em vez disso, ele a beijou, e começou a acariciá-la com

gestos febris. Fez amor com ela com uma avidez tão grande que a deixou saciada, exausta e grata por ter encontrado seu parceiro de verdade.

Bem antes da alvorada, Enid estava vestida para o combate. Concordara em usar uma cota de malha, mas tinha pouca familiaridade com armaduras para lutar de forma adequada usando mais do que isso. Por esse motivo, Geraint não quis sair do lado dela.

Em meio às tochas que expulsavam a noite, ela o fitou de cenho fechado, com as mãos nos quadris.

— Seu lugar é ao lado de seu pai. Ficarei com Toland e Tyler bem atrás de você.

Ele olhou feio para os gêmeos, que o encararam solenemente.

— Vocês não deixarão que nenhum mal aconteça a ela.

— Será como se ela fosse à missão, milorde — Toland garantiu.

Enid revirou os olhos, mas não disse nada. Não queria que o marido se preocupasse.

Geraint virou o olhar feroz para ela.

— E você ficará com eles o tempo todo.

— Sim, meu príncipe. — Enid manteve o semblante inexpressivo, sabendo como aquilo era importante para ele, mas que seria difícil quando a batalha começasse.

Ela mesma não entendia a própria confiança, principalmente agora que sua força sobrenatural se fora. Porém, sempre se mostrara a melhor lutadora, e essa habilidade a acompanharia durante o embate. E, além de tudo, o espanto de enfrentar uma mulher com uma espada num campo de batalha sempre fazia o inimigo hesitar um segundo... o que era o suficiente.

Conforme Enid se colocava em posição atrás de Geraint, ela correu os olhos pelas duas fileiras do Exército da Cornualha, a maioria deles de soldados de infantaria. Nunca vira tantos homens em um único lugar. Estandartes esvoaçavam, e trombetas anunciavam uma marcha gloriosa. Atrás das fileiras, estavam os arqueiros de Donella, prontos para derrubar tantos saxões quanto possível antes que os dois exércitos se chocassem.

Geraint e seus companheiros cavaleiros eram uma visão, com suas armaduras de um prata cegante. Seus cavalos estavam igualmente protegidos, e Enid não conseguiu imaginar nada mais mortal de se enfrentar numa batalha.

Por fim, pela charneca aberta, o Exército saxão desceu para a planície. Eram milhares de homens fortes, e suas vozes se ergueram em gritos desafiadores de vitória e a promessa de um banho de sangue.

O rei Erbin deu o sinal, e os cavalos foram liberados por seus cavaleiros. Milhares de homens cavalgaram para o confronto; sobre suas cabeças, os arqueiros dispararam flechas mortíferas. Dezenas de homens do inimigo caíram mortos no ímpeto inicial. Isso não pareceu ajudar, diante da ferocidade dos saxões barbudos e de cabelos compridos, protegidos por armaduras de couro estofado, em vez dos trajes brilhantes dos cavaleiros britânicos.

A última vez que Enid viu Geraint foi quando ele estava na liderança com o rei Erbin. Em seguida, os dois exércitos caíram um sobre o outro com um clamor de armas e os berros de homens morrendo. As boas intenções de Toland e Tyler de protegê-la transformaram-se bem depressa numa batalha feroz pelas próprias vidas. E Enid enfrentou seu primeiro guerreiro saxão. Ele a viu de lado, sorriu e virou o cavalo para

investir contra ela.

E, então, estava morto, a cabeça pendurada com o golpe de sua espada. Ela fez a montaria virar e olhou para o próximo oponente.

Tinha se preocupado por um instante que a força da qual abdicara pudesse prejudicar sua habilidade. No entanto, sua perícia a dominou, e Enid partiu para a luta com a fluidez proporcionada por uma longa experiência.

O sol estava alto antes que os dois exércitos recuassem para se reagrupar. Por longos minutos, ela cavalgou entre os homens, os feridos e os simplesmente arranhados, enquanto bebiam de seus odres de cerveja e avaliavam os danos.

Avistou Geraint à distância, com o elmo debaixo do braço, percorrendo seu batalhão. Seu alívio a fez acenar furiosamente. Geraint sorriu e correspondeu ao gesto, mas logo se compôs e olhou ao redor com frieza. Enid teve vontade de rir. Foram ao encontro um do outro, apertaram-se as mãos e, apesar dos cavalos, inclinaram-se de lado para um beijo rápido.

— Você foi magnífica — ele elogiou, estendendo-lhe o cantil.

Enid bebeu avidamente.

— Você também. Como seu pai vê o andamento do combate?

Geraint deu de ombros.

— Eles devem ter perdido mais que nós, graças aos arqueiros.

— Sempre o diplomata — disse, balançando a cabeça. Ele sorriu.

— Não fomos forçados a recuar. É um bom sinal. E já existem saxões se retirando rumo aos navios. Papai mandou um batalhão destruir as embarcações, encurralando o exército inteiro. Para derrotar ambas as frentes, eles terão de dividir as forças.

— E, conseqüentemente, se enfraquecerem.

— O que poderia acontecer conosco também. — Geraint estreitou os olhos ao examiná-la. — Por falar em fraqueza...

— Não estou fraca, meu marido, Você, de todas as pessoas, conhece minha força e meus talentos. — Ela mexeu as sobrancelhas, com ar malicioso.

— Este não é lugar para brincadeiras, Enid.

— É, quando alguém precisa parar de se preocupar tanto. Eu percebi que você não está mais montando o mesmo cavalo com que começou o dia. E está me vendo em pânico por você? — perguntou, com doçura. Porém, por dentro, estava nervosa.

Ele apenas revirou os olhos.

A trombeta do rei Erbin soou, chamando-os de volta ao combate. Enid despediu-se de Geraint com um aceno e manejou o cavalo para que ficasse atrás dele.

A segunda batalha durou até o crepúsculo. A fileira saxônia enfraqueceu-se e se dobrou, e o Exército córnico começou a rodear o inimigo. Centenas de saxões fugiram para a retaguarda, para os navios que não mais poderiam levá-los para casa.

Numa pausa entre os combates, Enid deixou seu cavalo seguir caminho entre os homens e cavalos caídos, rumo às fileiras do sul, onde alguns poucos saxões ainda lutavam. Por toda parte, homens e animais gemiam e gritavam em agonia.

— Enid!

Ela ouviu a voz do marido, e ergueu a cabeça para procurá-lo. Sua montaria vinha

galopando pelo campo de batalha pela esquerda, saltando quaisquer obstáculos que encontrasse pelo caminho,

Enid esperou, mas ele começou a apontar furiosamente.

— Atrás de você! — berrou.

Enid fez o cavalo dar meia-volta e deparou-se com dois guerreiros saxões, ainda montados, investindo contra ela. Uma calma mortal a invadiu, e cada instinto de combate despertou para substituir a exaustão e o medo. Ela ergueu o escudo no braço esquerdo, a espada na mão direita, e preparou-se para fazer o que fosse necessário para garantir que sobrevivesse.

Porém, esquecera-se de Geraint. No último momento, ele veio galopando entre eles, e Enid se viu forçada a desviar-se de lado para não atingi-lo. Ao manobrar o cavalo e virar-se, viu que o marido enfrentava, furioso, os dois homens de uma vez. Apavorada, gritou de horror quando ele foi derrubado da sela, caindo com um baque surdo. Mesmo assim, ficou em pé e matou o cavalo em que estava montado um dos inimigos. O cavaleiro caiu, e Enid deixou-o aos cuidados de Geraint, incitando seu cavalo num galope para enfrentar o saxão ainda montado.

Seu braço estremeceu quando as espadas se chocaram e se travaram. Os cavalos continuaram galopando, e eles foram obrigados a desvencilhar as armas. Viraram de novo para se encarar, e no último instante da investida, Enid viu Geraint chegar correndo para acertar também o cavalo de seu oponente. O saxão tombou para a frente, mas, antes que chegasse ao chão, enfiou a espada em Geraint, acertando-o no ponto mais vulnerável, sob a axila, onde só o couro o protegia.

Enid soltou um grito de horror, e mal se lembrava de ter desferido o golpe mortal contra o saxão que ousara ferir Geraint antes de saltar do cavalo e cair de joelhos ao lado do marido, que jazia imóvel. O sol completou sua descida final naquele momento, e um feixe de luz que iluminava a face de Geraint sumiu como um sinal premonitório.

Até que ponto a espada penetrara? Ele estaria respirando? Enid arrancou-lhe o elmo com gestos aflitos. Seus olhos preciosos estavam fechados, o rosto pálido e abatido. E, mesmo quando ela ergueu seu braço para verificar o ferimento sangrento, ele não se mexeu.

Oh, deuses! Enid temera um dia que Geraint pudesse ter de escolher entre ela e seu reino... e ele escolhera. Ele a salvara, pondo em risco a própria vida.

Desesperada, começou a puxar as fivelas que prendiam as couraças da armadura, mas estavam empapadas de sangue. Seria todo dele? Enid se ajoelhou num lamaçal de lama e sangue, rodeada pelos mortos e agonizantes, e jurou que seu marido não seria um deles.

— Milady!

Era Lovell, galopando pelo campo de batalha. Um corte fazia o sangue escorrer de uma sobancelha, mas ele parecia bem. A retaguarda, vinham vários cavaleiros montados e, por um momento, ela não reconheceu o rei.

— Ajude-me, Lovell! — Enid puxou outra vez as tiras da armadura. Conforme o crepúsculo caía, tudo se tornava ainda mais cinzento. — Deuses meus, por favor, me ajudem — ela murmurou.

Lovell ajoelhou-se a seu lado, e teve de usar o punhal para soltar as tiras. Então, de repente, estavam rodeados de homens.

— Tirem-na de perto de meu filho! — o rei Erbin vociferou.

Enid foi arrastada para longe de Geraint, e começou a gritar em desespero. Ninguém a escutou. Dois cavaleiros, estranhos a ela, a contiveram. Lovell foi empurrado de lado.

— Senhor, deixe-me ir com ele! — ela implorou, debatendo-se em vão. — Sei exatamente onde ele foi ferido.

— Eu também! — o rei exclamou, avançando sobre ela com uma fúria tamanha que Enid recuou. — Eu vi tudo. Ele recebeu um golpe destinado a você.

Ela abriu a boca mas não poderia refutar a afirmação.

— Um campo de batalha não é lugar para uma mulher, e o fato de meu filho ter permitido isso comprova que você o enfeitiçou!

Como poderia ela explicar que estava preparada para defender-se contra os saxões? Então, Geraint surgira correndo, atrapalhando tudo, enfrentando a fúria dos dois guerreiros por sua causa.

Ela se debateu na mão de seus captores, observando, impotente, quando o rei Erbin soltou as últimas fivelas que prendiam a armadura do filho. As placas caíram, e ele usou o punhal para cortar a túnica acolchoada.

— Por todos os santos, há muito sangue! — ele gritou. O olhar de desprezo que lançou para Enid a fez encolher-se. As lágrimas escorriam sem parar por suas faces.

— Ele não está morto! Não pode estar morto!

— Tragam-no para o pavilhão e mande buscar os curandeiros — o rei ordenou.

Quatro homens ergueram Geraint.

— Devagar — ele instruiu. Então, virou-se para Enid. — Mantenha essa mulher segura. Não quero nenhuma feitiçaria perto do meu filho.

Quando Enid tentou seguir o cortejo, os dois cavaleiros a impediram, e ela lutou violentamente para se libertar.

— Ele disse para me segurarem, não para me levarem embora! Preciso ficar com meu marido. — Ela acrescentou: — Eu posso estar carregando no ventre o herdeiro da Cornualha! — Embora fosse mentira, Enid sabia que uma declaração dessas chamaria a atenção.

O rei parou e virou-se devagar. Enfrentar a fúria saxônia era mais fácil do que encarar o ódio daquele homem. O que ele ouvira que o voltara contra Enid daquele jeito? Ela não fizera nada além de proteger seus homens.

— Ela pode vir, mas não a solte — o rei disse, numa voz baixa impregnada de fúria e desprezo.

No acampamento, as tochas estavam acesas e as fogueiras se erguiam, afastando a noite que chegava. Os gritos e a alegria da vitória deram lugar a um silêncio constrangido diante da gravidade do ferimento do príncipe.

Enid viu olhares de conforto conforme passava, mas ninguém ousou contradizer o rei. Lovell caminhava perto dela, com os ombros caídos, a face manchada de branco e vermelho.

— Lovell, acompanhe meu marido — ela ordenou. — Diga-me o que estão fazendo com ele, como ele está.

O rapaz concordou e saiu correndo rumo ao amontoado de gente que rodeava o corpo imóvel de Geraint. Os soldados o tinham deitado no chão ao lado da fogueira.

Tiravam o resto da armadura, a túnica acolchoada e as calças justas. Enid não podia ver se o peito do marido arfava cora a respiração, pois os homens estavam reunidos sobre ele, talvez estancando o sangue sob o ombro, ou procurando por sinais de vida. Ela não sabia, e isso a estava matando.

Lovell voltou, por fim, e sob os olhos, as sombras escuras da preocupação se destacavam.

— Dizem que ele não está respirando, milady. Dizem que ele...

— Não!

Enid enterrou um cotovelo na lateral de um dos cavaleiros, sob a armadura, e usou o joelho para acertar as partes íntimas do outro. Livrando-se das mãos que a retinham, atirou-se para a multidão em torno de Geraint. Muitos recuaram, espantados, e ela enfim pôde pousar as mãos no peito do marido. Fechou os olhos e concentrou-se. Naquele momento em suspenso, ouviu o lento bater de seu coração.

Foi arrastada para trás outra vez.

— Amarrem-na! — o rei ordenou.

— Ele está vivo! — ela gritou, esquivando-se do primeiro homem, e depois do outro. — O coração está batendo.

— Você se assegurou de que meu filho fosse tirado de mim para sempre, e agora zomba de meu sofrimento!

— Senhor, não há motivo para sofrimento ainda. Por que não me ouve?

Ainda reunidos em torno de Geraint, os homens em longas túnicas menearam a cabeça com tristeza. Deixaram de lado as bandagens e as poções e se afastaram do príncipe. Geraint estava imóvel e pálido e, se Enid não se apressasse, as alegações dos curandeiros seriam um fato.

— Sua bruxa! — o rei Erbin exclamou. — Ouvi as histórias de sua magia negra pela boca de meus cavaleiros mais leais: sua concessão de bênçãos como se fosse Deus, seus poderes para enganar a morte.

— Nunca enganei a morte. Mas Geraint poderia! Ele está vivo! — Ela soluçou as últimas palavras, de pé, sozinha, rodeada pelos homens que a fitavam como se ela fosse a serva do demônio.

Lágrimas de dor escorreram pelas faces do rei.

— Você o enfeitiçou desde o princípio, forçando um casamento apressado. Era esse o seu plano o tempo todo, tirar meu filho de mim?

— Eu o quero vivo! Se ele quiser me manter como esposa, será decisão dele. O poder de dar coragem a um guerreiro corre em minhas veias. Sei que posso ajudá-lo a voltar a ter vontade de viver. O senhor prefere deixar seu único filho morrer a dar uma chance ao meu amor por ele? O que poderia ser pior que a morte de Geraint?

À luz das tochas, o semblante do rei era uma máscara de sofrimento e indecisão.

Em meio à multidão, uma voz jovem exclamou:

— Ela me ajudou, senhor! Faltava-me coragem para a batalha, e ela dividiu a dela comigo.

Bendito Severin! Ao redor, um coro de murmúrios se ergueu. O rei virou-se de um lado para outro, sem saber que rumo tomar.

Lovell postou-se ao lado de Enid.

— Ela me ajudou também, senhor. E não ouviu falar de como ela curou seu filho quando ele foi ferido na perna pelos mercenários?

Enid passou pelo rei e ajoelhou-se ao lado de Geraint. Tinha medo de invocar suas habilidades de guerreira, por receio de que, sem a magia, pudesse exaurir suas forças justamente quando Geraint mais necessitava dela. Precisava da magia outra vez, precisava da força de dez homens para que sua potencialidade fosse ampliada.

— Podemos cauterizar o ferimento, dando tempo a ele até que eu esteja pronta — disse, virando-se para encarar o rei. — Vai me deixar ajudá-lo?

O rei fitou apenas por um momento as feições pálidas do filho. Então, concordou. Enid ficou em pé.

— Preparem seus instrumentos — falou para os curandeiros. — Espero poder dar a ele a força para agüentar. — Virou-se para Lovell. — Onde é a fonte de água de que o exército se serve?

— É uma lagoa na base de um riacho, milady. Do outro lado desse pavilhão.

— Leve-me até lá.

Enid sabia que era acompanhada por dezenas de homens, mas não se importou. Era de Donella, e tinha acesso à magia independentemente de si mesma.

Porém, seria tarde demais para conclamar seus poderes? Rejeitara o chamado da lua, rejeitara os dons da Dama do Lago.

Conforme caminhava, ela arrancou a cota de malha, o gibão e a camisa, as botas e as ceroulas. Era uma só com a natureza, com o céu noturno e as estrelas.

— Dê-me seu punhal — pediu a Lovell, que andava a seu lado, boquiaberto. Enid perdera sua arma na batalha.

Sem uma palavra, ele obedeceu. Quando Enid chegou à lagoa, fitou-a, em desespero. Fora quase esvaziada para aplacar a sede de um exército. No fundo da depressão, centímetros de água se empoçavam na terra lamacenta.

Teria de bastar. Com o punhal, ela cortou o dedo e deixou o sangue pingar na poça. Esperou pela resposta da lua, mas não houve nenhuma. Era apenas uma face branca distante, adormecida. Nenhuma energia ganhou vida dentro de Enid, nenhum zumbido correu por sua pele. A lua não se dignou a responder. Onde o vento se escondera?

— Eu invoco os poderes da Dama! — ela gritou, erguendo os braços para a lua. — Sou de Donella! Eu a abandonei por orgulho, e peço desculpas. Não me abandone, eu imploro. — A última frase foi dita quase num sussurro.

Ela pisou na lagoa e afundou apenas até os tornozelos. Seria suficiente aquela água? Estaria sendo punida?

De repente, a charneca ganhou vida, com uma lufada de vento frio, e Enid ondulou com ele, sua alegria crescendo. Atrás, os homens gritaram, preocupados, mas ela os ignorou. O poder da Dama despertou nela, e Enid saudou a lua, que acordava como uma velha amiga. Seu corpo assumiu o brilho perolado e, por fim, a energia dentro dela fez um arco de força, lançando um raio até a lua. Quando sumiu, ela já fazia uma prece silenciosa, saindo da lagoa e voltando para perto de Geraint. Mal sentiu o manto que Lovell passou em torno de seus ombros.

Durante todo o caminho, os homens recuavam, de admiração e temor. Mas o rei, não. Era o último a se postar entre ela e Geraint. Não parecia receoso, apenas abatido

pelo sofrimento e resignado ao desespero.

— É tarde demais — ele murmurou.

Porém, não tentou impedi-la. Enid passou por ele e caiu de joelhos. Geraint continuava imóvel, profundamente adormecido, e sua força vital se esvaía. Alguém já cauterizara o ferimento, e ele não mais perdia sangue. Enid pousou as mãos no peito do marido, fechou os olhos e conclamou os poderes de uma guerreira. E, a eles, acrescentou uma súplica à Dama do Lago.

Em volta, os homens se mostravam boquiabertos, e ela percebeu que era porque a pele de Geraint brilhava onde ela a tocara. Então, infundiu-lhe sua coragem, sua energia, o desejo de lutar contra a atração das trevas e da morte, a vontade de viver.

Caiu para trás, dominada pela exaustão mais profunda que já sentira, como se nunca tivesse doado tanto de si mesma. Não podia saber ainda se fora bem-sucedida, mas viu o peito de Geraint subir com um hausto de ar que sorvera.

O rei viu também. Com um grito, jogou-se de joelhos do outro lado de Geraint.

— Ele está vivo? — indagou.

— Eu lhe disse que sim — ela respondeu, cansada. Teve de obrigar os olhos a continuarem abertos. — Eu não o trouxe de volta da morte. Não conheço tais poderes. Mas dei a ele a força para esta última batalha. Só peço que seja suficiente.

Quando os curandeiros o removeram para um pavilhão aquecido, Lovell ajudou-a a caminhar até lá. Através da noite, Geraint lutou contra a febre, e reabriu o ferimento ao se debater em meio às dores. Conversando com ele nos momentos tranquilos, Enid o encorajou a lutar. Os curandeiros a observavam, revelando nos olhos suspeita e temor, mas ela não podia negar o que era, o que fora criada para ser.

Pela manhã, Geraint abriu os olhos com lucidez e sorriu para o pai. O rei virou-se para esconder as lágrimas. Enid aproximou-se do marido, cambaleando de exaustão, mas feliz por descansar a cabeça no travesseiro ao lado dele. E viu, com aprovação, quando ele tomou várias colheradas de caldo.

Geraint fitou-a com um sorriso e disse, com voz rouca:

— Estou comprovando ser tamanho fracote que logo você irá me abandonar.

— Nunca — ela murmurou. — Agora, durma. Estarei aqui quando acordar.

Ele relanceou os olhos para baixo, e Enid percebeu que o manto revelava um vislumbre de seus seios nus. Apenas com o olhar ele fez a pergunta, e ela riu.

— Entrei numa lagoa na frente de todos, até mesmo de seu pai.

Geraint sorriu de novo e fechou os olhos.

— Parece uma história que vale a pena ouvir. Ela o beijou de leve.

— Eu lhe contarei quando você acordar.

Até o entardecer, Enid dormiu um sono reparador, sem se afastar de Geraint. Quando saiu para caminhar um pouco pelo acampamento, olhou à distância, onde os soldados enterravam os mortos, e pensou, com alívio, que seu marido não seria um deles, muito embora lamentasse com tristeza a perda de tantos guerreiros valentes.

Seus olhos ardiam com as lágrimas represadas, e chocou-se contra o rei Erbin. Ele a segurou antes que ela perdesse o equilíbrio. Enid ergueu os olhos.

— Obrigada. O rei a soltou.

— Sou eu que devo lhe agradecer. Minha esposa me falou da bondade de sua alma. Mas não acreditei nela, não depois de ouvir aquelas histórias estranhas a seu respeito, e de ver como meu filho não conseguia afastar os olhos de você.

— O amor não é razão suficiente para duas pessoas não tirarem os olhos um do outro? — ela perguntou, com doçura.

— Sim, pode ser. Mas como pode culpar meus temores, depois do que vi ontem à noite?

— Existe magia no mundo, senhor, inclusive a magia de um laço de amor entre duas pessoas, que resulta no milagre do nascimento. Nunca pensei em mim mesma como tendo tais habilidades. Eu era a guerreira de minha família, destinada a treinar os homens. E os homens nunca me olharam e viram uma mulher, não até o momento em que conheci seu filho. Apaixonei-me por ele. E, conhecendo um ao outro, descobrimos que nosso amor não diminuirá nem há de morrer. Sinto muito se não sou o tipo de mulher que o senhor julgou que ele merecia.

Ele meneou a cabeça.

— Nunca me coube o papel de julgar as escolhas de Geraint, ou as suas. Pode me perdoar por acreditar que você pretendia fazer-lhe mal?

Enid inclinou a cabeça num gesto de assentimento.

— Vai confiar nas escolhas de seu filho agora? Ele é adulto, e sua dúvida constante só o magoa.

— Jamais pretendi isso — Erbin murmurou. — Ele é meu filho. Não pude acreditar que ele terminara seu aprendizado comigo.

— Nunca deixaremos de aprender com a experiência de nossos pais — Enid disse, tocando-lhe o braço.

Ele assentiu.

— Geraint está perguntando por você.

— Irei vê-lo. Obrigada pela dádiva de sua compreensão, senhor.

O rei esboçou um leve sorriso.

Enid entrou no pavilhão e, para seu alívio, viu Geraint recostado aos travesseiros. As bandagens cobriam-lhe o peito e o ombro, e nenhuma estava manchada de sangue. Embora as feições adoradas mostrassem as linhas de fadiga e tensão, o sorriso era caloroso quando ele a avistou.

Os curandeiros inclinaram-se diante de Enid e os deixaram a sós.

Ela meneou a cabeça.

— Eu gostaria de pensar que eles fizeram isso por respeito, mas não tenho certeza.

Geraint deu de ombros.

— Não me importo se eles têm medo de você, contanto que se mostrem respeitosos. Creio que não foi como se comportaram ontem à noite.

Ergueu o braço são, e Enid, feliz, aconchegou-se a ele,

— Sou diferente, Geraint. Não posso culpar seu pai por questionar minhas habilidades, não com todos os boatos que ele ouviu.

— Eu costumava culpá-lo por não confiar em mim — disse Geraint, com secura. — Só que não posso mais fazer isso porque ele se desculpou por duvidar de mim.

— Pegou a mão da esposa e entrelaçou os dedos nos dela.

— Desculpou-se pelo comportamento de ontem à noite.

— E desculpou-se comigo também. O sofrimento e o medo dominaram a mente de seu pai. Por um momento, eu também pensei que você estivesse morto.

— Mas você não desistiu de mim. Ela o fitou dentro dos olhos.

— Nunca desistiria do homem que sabia tudo o que eu era e que me aceitou assim mesmo.

Ele pestanejou.

— Mas não imediatamente. Fui teimoso, como meu pai.

— Mas me apoiou quando importava. Você acredita em mim, Geraint.

Ele fechou os olhos e deixou a cabeça pender para trás.

— Acredito em você? Como pode dizer isso depois de como a tratei? Eu a julguei desleal. Achei que tinha de provar o contrário a mim.

— Todos temos de nos pôr à prova para aqueles que amamos. Nós apenas fizemos isso depois do casamento, em vez de antes. Como você *poderia* confiar em mim, Geraint? Eu menti para você muitas vezes. Compartilhamos a mesma culpa; porque eu também não conseguia lhe conferir minha confiança.

— Foi o pecado do orgulho que fez com que nos preocupássemos mais com nossas famílias do que com o nosso casamento, com essa nova família que criamos?

— Não sei. — Enid suspirou e aconchegou-se mais ao calor do marido. — Acho que ficamos presos aos nossos deveres e tivemos de superá-los para entender o que era mais importante: um para o outro. Eu não seria bem-sucedida sem você, nem minha missão, nem minha transformação de guerreira em mulher. — Enid acariciou-lhe a face. — Eu te amo, Geraint. Disse isso desde o começo, e não estava enganada.

Ele inclinou-se para beijá-la com ternura.

— Eu também te amo, Enid. Creio que expulsei todas as minhas dúvidas e temores pela última vez. Eu amo você pela mulher que é, guerreira e feiticeira também.

Ela riu.

— Não sou mais uma feiticeira, meu marido. O poder fugiu de mim bem depressa, e me deixou tão exausta que eu percebi que fora o último dom da Dama. Meu vexame vai se tornar apenas uma lenda, porque nunca mais os soldados me verão nua, banhada pelo luar.

Geraint riu e abraçou-a.

— Reservo esse privilégio apenas para mim.

Geraint encontrara sua igual, sua parceira de vida, e uma paz que nunca conhecera verdadeiramente antes. Não mais duvidava de si mesmo ou de sua capacidade de tornar-se um rei.

Após a derrota do Exército saxão e da recuperação de Geraint, ele e a esposa voltaram à tribo Donella para completar a missão de Enid. Como aliados próximos, Geraint transmitiu ao povo de Donella todo o treinamento necessário para que assumisse

uma posição de igualdade perante a Cornualha.

O rei Arthur nomeou os dois embaixadores da Cornualha, embora eles ainda partissem para o campo de batalha quando necessário.

E a saga do cavaleiro e da mulher guerreira se espalhou, transmitindo-se como uma lenda na voz dos menestréis.